

VOLUME II

O Vidro Romano no Noroeste Peninsular.
Um olhar a partir de *Bracara Augusta*.

Mário Rui Mendes Dias da Cruz

UMinho | 2009



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

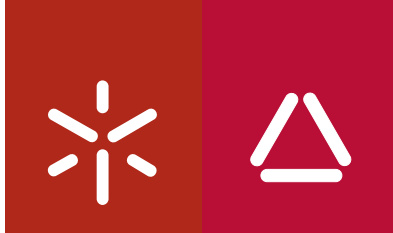
Mário Rui Mendes Dias da Cruz

O Vidro Romano no Noroeste Peninsular.
Um olhar a partir de *Bracara Augusta*

Volume II

Manual de formas
Vidros Romanos do Noroeste Peninsular

Junho de 2009



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Mário Rui Mendes Dias da Cruz

**O Vidro Romano no Noroeste Peninsular.
Um olhar a partir de *Bracara Augusta***

Volume II

**Manual de formas
Vidros Romanos do Noroeste Peninsular**

Tese de Doutoramento em Arqueologia,
área de conhecimento de Materiais e Tecnologias.

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins
Professor Doutor Ángel Fuentes Dominguez

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE
DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO QUE A TAL SE COMPROMETE

Mário Rui Mendes Dias da Cruz

**O Vidro Romano no Noroeste Peninsular.
Um olhar a partir de *Bracara Augusta***

Volume II

**Manual de formas
Vidros Romanos do Noroeste Peninsular**

Tese de Doutoramento em Arqueologia,
área de conhecimento de Materiais e Tecnologias.

Orientadores:

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins
Professor Doutor Ángel Fuentes Dominguez

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Braga 2009

Índice volume II

Vol. I: O Vidro Romano no Noroeste Peninsular

Vol. II: Manual de formas.

Introdução.....	7
Abreviaturas usadas:.....	12
1. Formas abertas: copos, taças e pratos.....	13
1.1. Vidro moldado	13
Taça monocromática de tradição helenística.....	15
Taça convexa policroma.....	17
Taça canelada	19
LMPC: Louça moldada de perfil cerâmico	23
LMPC: Taça carenada (Drag. 27).....	25
LMPC: Prato carenado (Drag. 16/Ritt. 3).....	27
LMPC: Taça cilíndrica/Prato cilíndrico	29
LMPC: Taça hemisférica (Ritt. 8.....	31
LMPC: Taça tronco-cónica.....	33
LMI: Louça moldada incolor.....	35
LMI: Taça de bordo em aba oblíqua.....	37
LMI: Taça ampla de bordo em aba oblíqua	39
LMI: Prato de bordo em aba oblíqua.....	41
LMI: Taça de bordo em aba e lábio pendente.....	43
LMI: Prato fundo de bordo em aba e lábio pendente.....	45
LMI: Pequeno prato de bordo em aba e lábio pendente.....	47
LMI: Travessa de bordo em aba canelada.....	49
LMI: Taça de bordo simples.....	51
LMI: Prato de bordo simples.....	53
LMI: Taça tronco-cónica de bordo simples e canelura lapidada interna.....	55
1.2. Vidro soprado em molde.....	57
Taça canelada soprada em molde	59
Copo tronco-cónico soprado em molde	61
1.3. Vidro soprado livremente.....	63
1.3.1. Bordos em aresta.....	63
Taça nervurada.....	65
Taça ápode tipo “Hofheim”	67
CIL: Copos incolores lapidados.....	69
CIL: Copo incolor com lapidação em alto-relevo.....	71
CIL: Cálice incolor com lapidação em alto-relevo	73
CIL: Copo cónico incolor de pé apostado.....	75
CIL: Copo bicónico incolor de pé apostado	77
CPF: Copos e taças de paredes finas.....	79

CPF: Taça de paredes finas e base em cúpula	81
CPF: Copo de paredes finas e base em cúpula.....	83
CPF: Copo de paredes finas e pé anelar tubular.....	85
CPF: Copo de paredes finas e pé anelar maciço aplicado.....	87
CPF: Copo de paredes finas ápode	88
CPF: Copo de paredes finas e base maciça	90
CPF: Copo de paredes finas e base facetada.....	93
Taça tronco-cônica com caneluras lapidadas (lâmpada?).....	97
TA: Taças arqueadas.....	99
TA: Taça tronco-cônica lisa.....	101
TA: Taça tronco-cônica com cabuchões.....	103
TA: Taça/copo cilíndrica de bordo em aresta.....	105
TA: Taça arqueada funda lisa	107
TA: Taça arqueada hemisférica lisa.....	109
TA: Taças arqueadas com facetas lapidadas.....	111
TA: Taças arqueadas com fios aplicados.....	113
TA: Taça arqueada ampla lisa.....	115
TA: Taça arqueada canelada	117
TA: Taça arqueada com depressões verticais.....	119
TA: Taça arqueada baixa lisa	122
TA: Taças com decoração por gravação e abrasão (Paleocristãs	123
TA: Pratos arqueados de perfil em C, lisos.....	125
TA: Prato com decoração lapidada geométrica.....	127
TA: Taças/Pratos de perfil em C com decoração figurativa.....	129
1.3.2. Bordos polidos/engrossados ao fogo.....	131
Cálice com asas e bordo em degrau (<i>cantharus</i>).....	133
Caneca (<i>modiolus</i>)	135
Pratos de pé tubular e bordo engrossado externamente.....	137
Travessa de pé tubular.....	139
Taça de bordo em aba e pé tubular.....	141
LSI: Louça soprada incolor.....	143
LSI: Cálice com asas e pé com esfera.....	145
LSI: Cálice com asas e pé campanular	147
LSI: Cálice de fios aplicados e pé com esfera.....	149
LSI: Taça globular amolgada.....	151
LSI: Taça convexa com fios aplicados.....	153
LSI: Taça cilíndrica lisa.....	155
LSI: Taça cilíndrica de bordo engrossado ao fogo e fios aplicados.....	157
TC: Taças campanuladas	159
TC: Taça campanulada alta	163
TC: Taça campanulada funda	165
TC: Taça campanulada ampla.....	169
TC: Taça campanulada baixa	173
1.3.3. Bordos tubulares.....	177
Prato de bordo tubular e paredes verticais.....	179
Taça de bordo tubular e paredes curvas	181

Taça de bordo tubular em aba.....	183
2. Vasos para guardar alimentos	185
Boião (urna) de bordo em aba de dobra horizontal.....	187
Boião (urna) com asas	189
Frasco quadrangular de bordo em gola.....	191
Frasco ovóide de bordo dobrado.....	193
Frasco cilíndrico de bordo em aba.....	195
Frasco quadrangular de bordo em aba.....	197
Boião de bordo em aba.....	199
Boião piriforme com decoração soprada em molde	201
Boião ovóide de bordo simples envasado.....	203
3. Recipientes para unguentos, óleos, cosméticos ou perfumes	205
Unguentário tubular.....	207
Unguentário tronco-cónico.....	209
Unguentário piriforme.....	211
Unguentário candelabro	213
Unguentário quadrangular (ou de Mercúrio.....	215
Aribalo.....	217
Cânula.....	219
4. Vasos para guardar e servir bebidas	221
Garrafa quadrangular	223
Jarras de bocal afunilado e bordo em aresta.....	225
Galheta de bico repuxado.....	227
Jarro ovóide ápode de bocal afunilado.....	229
Jarro piriforme ápode de bocal afunilado.....	231
Garrafa cilíndrica de bocal afunilado.....	233
Jarro ovóide de pé anelar e bocal afunilado.....	235
Jarro de bocal afunilado e fios aplicados.....	237
Garrafa piriforme.....	239
Garrafa cilíndrica de bordo espessado	241
5. Lâmpadas.....	243
Lâmpadas de pegas	245
Lâmpadas cónicas de base protuberante.....	247
6. Fichas de jogo	249
Fichas de jogo em forma de botão.....	251
Fichas de jogo improvisadas.....	253
7. Vidro arquitectónico	257
Vidraça quadrangular plana.....	259
Vidraça circular redonda.....	261
Tesselas de mosaico.....	263
8. Adornos de vidro negro.....	265
AVN: Adornos de vidro negro bracarense.....	267
AVN: braceletes.....	269
AVN: contas quadrangulares de dois furos.....	271
AVN: anéis.....	273
AVN: pendentes.....	275
AVN: contas de colar.....	277

AVN: pedras de anel imitando Nícolo	279
9. Exemplares únicos ou muito raros.....	281
10. Corpus de marcas.....	307
11. Quadro cronológico.....	325
12. Quadro sinóptico	341
 Vol. III: Dados arqueométricos e catálogo de vidros.	

Introdução

O manual de formas agora apresentado constitui o coração deste trabalho e o principal legado de todo este esforço de levantamento e estudo dos vidros romanos do noroeste peninsular (NOP). Tem potencial e ambição para se tornar numa obra de referência, mas não pretende ser uma obra fechada e sacralizada. Muitas revisões e acrescentos serão necessários até chegarmos a um resultado satisfatório que reflecta toda a realidade do vidro no NOP. Se há uma forte impressão que nos fica, depois de todos estes anos de investigação, é a de que apenas aflorámos a realidade. Existem muitas mais formas à espera de serem identificadas e dadas a conhecer, tal como existem certamente mais centros produtores e produções vidreiras à espera de verem a luz do dia. São inúmeros os casos em que pusemos de lado uma forma completamente nova por não possuímos um exemplar completo dessa forma ou mesmo fragmentos suficientemente esclarecedores para permitirem a sua restituição em desenho. Este é tão só o ponto de partida para esse manual de formas mais próximo da realidade. É o manual possível nesta fase da investigação.

A estrutura do manual inspira-se na excelente obra de Jennifer Price e Sally Cottan: “Romano-british glass vessels: a handbook”. Trata-se de uma obra muito prática, objectiva e fácil de consultar. Somos dos que defendem que não há necessidade de estar constantemente a “inventar a roda”, há apenas que aperfeiçoá-la, adaptando-a aos novos desafios e realidades. Neste caso, o aperfeiçoamento do manual consistiu na arrumação dada às formas, que passou a integrar mais categorias que as apresentadas por Jennifer Price e pelo complemento da informação prestada na ficha de forma.

No que respeita à arrumação das formas, esta resultou do cruzamento de critérios funcionais, morfológicos, tecnológicos e cronológicos, dando prioridade à relação forma/função, seguida do critério tecnológico e terminando na cronologia. Esta é para nós a opção mais natural e a mais

seguida actualmente, tendo sido alvo de particular atenção por parte de Esperança Ortiz Palomar (2001b e c). Foram estes os passos dados:

1. Arrumação das formas em 8 grandes grupos morfo-funcionais (pontos 1 a 8), ordenando-as das abertas para as fechadas.
2. O grupo das formas abertas (ponto 1), sendo o maior e o mais heterogéneo, obrigou a uma subdivisão com base em critérios tecnológicos de fácil reconhecimento. Começamos pelas formas moldadas, por regra as mais antigas, passamos para as formas sopradas em molde e terminamos nas formas sopradas livremente, de longe o mais extenso. No caso dos restantes grupos (pontos 2 a 8), a subdivisão segundo a técnica de fabrico é negligenciável dado que são excepcionais as formas fechadas sopradas em molde e praticamente inexistentes as formas moldadas.
3. Dentro do subgrupo de formas abertas sopradas livremente (ponto 1.3), foi ainda possível distinguir entre bordos em aresta (deixada “viva” ou polida ao torno) e bordos polidos ou engrossados ao fogo. Este não foi um mero recurso metodológico para facilitar a catalogação. De facto, o acabamento dos bordos, sendo um aspecto de rápido reconhecimento, não se confina ao próprio bordo. O acto de segurar uma peça pela base para posterior reaquecimento ao fogo e acabamento do bordo, implica quase sempre uma modificação na estrutura da própria peça, o que a torna reconhecível mesmo a partir de pequenos fragmentos. Por exemplo, o que separa uma taça arqueada duma taça campanular é mais do que a diferença ao nível dos bordos. Podemos mesmo imaginar uma taça arqueada a transformar-se numa taça campanulada durante o processo de acabamento do bordo ao fogo (a base que é amolgada pelo pontel, a boca que se expande, etc.)
4. Dentro de cada grupo os critérios de ordenação foram menos rígidos. De um modo geral procurou-se uma apresentação por ordem de antiguidade.
5. Sempre que nos deparámos com um grupo de formas que revelavam um determinado número de características comuns, reveladoras de uma origem ou tradição vidreira comum, optámos por as agrupar em “famílias” de formas. Este procedimento facilitou, por um lado, a arrumação das formas e,

por outro, permitiu caracterizar a respectiva família, apresentando de uma vez só todas as características comuns, evitando assim as repetições. As formas pertencentes a determinada família vêm identificadas pelas iniciais de família (LMI, TA, etc.) e precedidas da ficha colectiva onde se encontram reunidas todas as informações comuns.

6. Por último, reservou-se um capítulo para os exemplares únicos ou muito raros, apresentados de forma concisa. Sendo excepções não seria correcto apresentá-las como formas do NOP. Outra coisa bem diferente são alguns exemplares únicos ou raros mas que claramente pertencem a uma família de formas, ou a uma produção existente no NOP. É por exemplo o caso da taça arqueada canelada (ponto 1.3.1) que, sendo exemplar único, não está isolado.

A tradicional organização das formas com base em períodos históricos, sejam eles reinados, séculos ou outras periodizações, embora faça todo o sentido do ponto de vista histórico e arqueológico, representa, na realidade, uma dificuldade acrescida no estudo dos materiais, obrigando a uma repetição de informação ou mesmo a uma indefinição cronológica. Nos casos em que o período de vida das formas se enquadra dentro dos períodos históricos definidos não há grande dificuldade, mas o que fazer com as formas que transitam de período para período ou com as formas de longa sobrevivência? Referenciam-se no período em que surgiram, com a indicação da sua continuação no período seguinte, esperando que o leitor tenha o bom senso de consultar todos os períodos, não vá deixar escapar uma forma típica do período que lhe interessa só porque esta teve início no anterior? Repete-se toda a informação a cada novo período? Fazem-se repetidas referências à forma, reportando o leitor para o período em que esta surgiu? Achámos preferível não cortar a integridade do tempo de vida das formas, mesmo que para isso se extravasem as balizas cronológicas impostas pelo estudo. Estas sim, são uma limitação necessária e compreensível, ditada pelo tempo de execução do

trabalho, pelos meios disponíveis ou pela especialização académica de quem procede ao estudo.

Por último, uma palavra para a principal dificuldade sentida durante todo o processo de elaboração deste manual e que acabou sendo a sua maior fragilidade, as datações. Embora fosse expectável que a cronologia dos vidros do NOP resultasse, em primeiro lugar, dos dados das escavações, a escassez de vidros referenciados a contextos estratigráficos datados, isto é, com a possibilidade de serem datados a partir da própria escavação, é de tal modo sentida que tivemos de lançar mão de todas as datações credíveis e actuais, referentes a paralelos extra NOP e sobretudo extra peninsulares. Obviamente que o problema se coloca sobretudo para as formas de produção local, originais, uma vez que as formas “internacionais” não oferecem, por norma, grandes dificuldades.

As escavações sem interpretação estratigráfica, ou por publicar, são infelizmente a regra. Publicações que, à partida, poderiam ser decisivas para a datação dos vidros do NOP, como seria, por exemplo, a recente publicação da importante colecção de vidros das necrópoles de La Olmeda, Palencia (Abásolo, Cortes e Marcos 2004) tornam-se inúteis simplesmente porque os vidros encontram-se datados a partir da tipologia Isings e de paralelos, não existindo uma proposta de cronologia para as respectivas sepulturas, nem sequer uma precisão das cronologias das três fases de ocupação identificadas. O panorama é de tal maneira negro que já Esperança Ortiz Palomar (Ortiz 2001: 31) ao fazer o inventário dos sítios Tardo-Romanos com vidros referenciados a contextos estratigráficos, dentro da Península Ibérica, de um total de 41 apenas indica 2 para o NOP.

Mas não pensemos que as tipologias existentes são absolutamente seguras e isentas de erros. Ainda hoje, volvido mais de meio século sobre a sua publicação, a tipologia mais completa, mais credível e a mais citada é a tipologia de Casina Isings (Isings 1957) que havia passado completamente ao lado dos vidros da Península Ibérica, como a própria autora reconhece, e que é completamente inaplicável a vidros posteriores ao séc. IV. As duas outras

tipologias usadas, AR e Trier, não são verdadeiras tipologias, mas antes estudos monográficos, bastante bem elaborados e completos, é certo, de duas importantes estações do *limes* germânico (Augst/Kaiseraugst no norte da Suíça e Trier no Leste da Alemanha). Não raro, vamos encontrar como justificação para a cronologia de uma determinada forma AR a datação de exemplares de Conimbriga (veja-se AR 18). Mais parece estarmos dentro de um circuito fechado, um ciclo vicioso assente em poucos pilares instáveis. Se a esta fragilidade somarmos as revisões e afinações de datas que as cerâmicas, sobretudo as tardias, vêm sofrendo nos últimos tempos, e que não estão ainda reflectidas nas datações das escavações mais antigas e mais citadas, constatamos o quão frágil é toda esta construção cronológica. Nitidamente, os séculos mais prejudicados por este ciclo vicioso têm sido os séculos III e V. Séculos que parecem ter estado ausentes do registo arqueológico e que só agora se começam a fazer notar, com uma pujança por vezes surpreendente para quem estava acostumado a associar as palavras estagnação ao séc. III e crise e destruição ao séc. V. Inversamente favoreceu-se o século IV, o século do primeiro renascimento clássico, ao qual se colaram muitas formas e produções para as quais é agora difícil propôr novas cronologias.

As datas que agora se sugerem, para cada forma, são necessariamente um compromisso, precário e “datado”, entre os pouquíssimos exemplares com cronologias fornecidas pelas escavações no NOP, as tipologias Isings, AR e Trier e outras publicações de referência. Seria fastidioso enumerar todas as datas tidas em consideração e justificar todas as opções feitas. No entanto, esse exercício pode ser feito com facilidade por qualquer interessado, recorrendo para tal à lista de exemplares (ilustrados e não ilustrados), às indicações tipológicas e à bibliografia consultada e citada em cada ficha individual.

Abreviaturas usadas:

Tipologias adoptadas:

AR - *Augusta Rauricorum* (Rütti 1991)

Is - Isings (Isings 1957)

T - Trier (Goethert-Polaschek 1980)

mm - milímetros

MDDS - Museu D. Diogo de Sousa

NOP - Noroeste peninsular

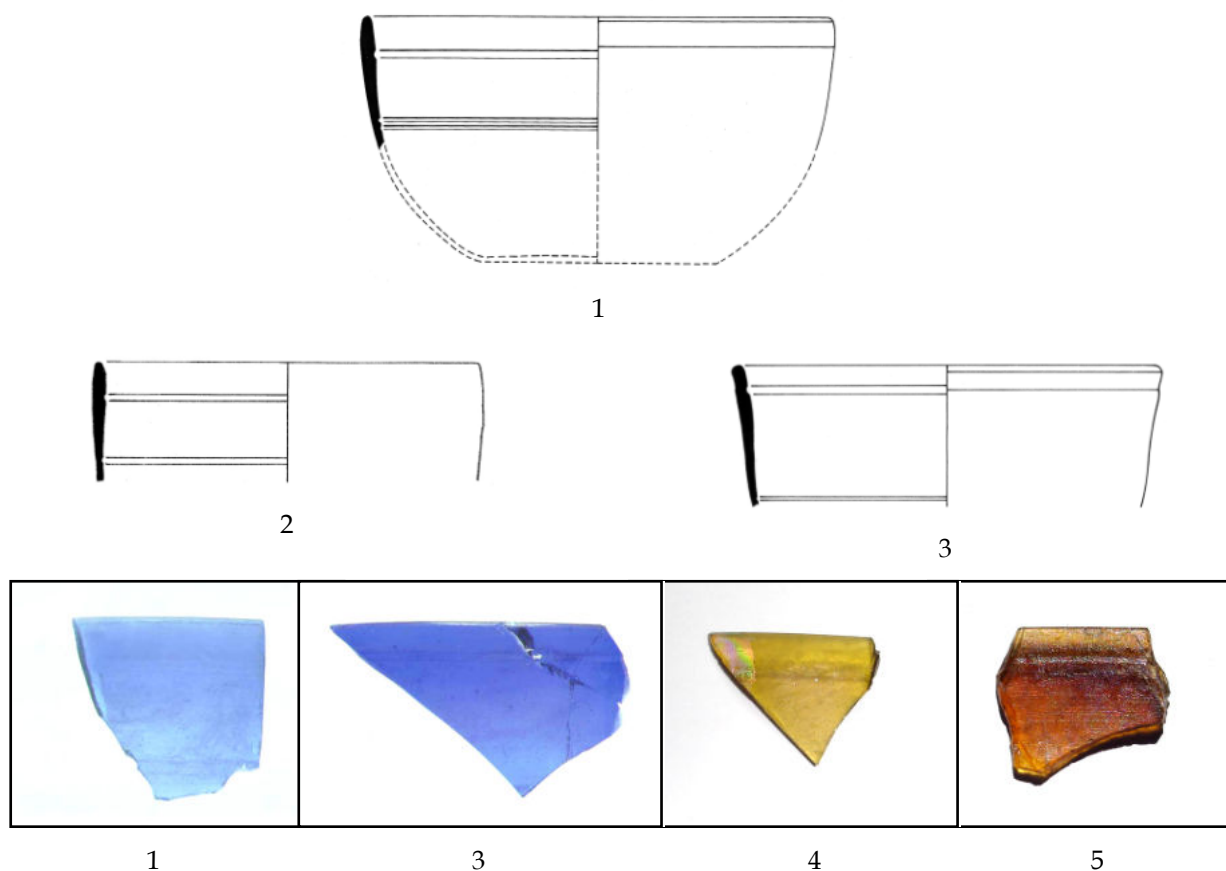
Séc. - Século

V - Variante tipológica

1. Formas abertas: copos, taças e pratos

1.1. Vidro moldado

Taça monocromática de tradição helenística



Características

Forma

Taça moldada ao torno, tendencialmente hemisférica, de bordo biselado, vertical ou ligeiramente esvasado, mais grosso que o resto da peça. Ranhuras horizontais internas lapidadas. Base ápole plana ou ligeiramente côncava.

Variantes

Taça de tendência tronco-cônica (3).

Cores

Monocromáticas translúcidas: azul-escuro, amarelo esverdeado, castanho amarelado, incolor.

Decoração

Lisas no exterior, ranhuras lapidadas no interior.

Dimensões

Diâmetros entre 100 e 180mm, altura entre o raio e o diâmetro.

Observações

Todos os exemplares se inserem na segunda geração de taças moldadas monocromáticas helenísticas e augustanas (Foy *et alii* 2008), também designadas *Linear cut bowls*. Correspondem ao grupo 6 de Jennings (Jennings 2001) e ao grupo D de Grose (Grose 1982).

Datação

Augusto (27 a.C. - 14 d.C.)

Distribuição

Rara. Sítios com ocupação romana precoce: castros romanizados (Vigo, Monte Mozinho, Santa Tecla, Santomé), acampamentos militares (*Petavonium*, Astorga, Leon), cidades de fundação augustana (Braga, Astorga).

Origem

Região Sírio-Palestiniana (nomeadamente Beirute) e Itália.

Bibliografia

Foy *et alii* 2008; Grose 1982; Jennings 2001

Tipologias: Is. 1, AR3.

Outras designações: linear cut bowls, bols moulés monochromes hellénistiques et augustéens, Cuenco helenístico

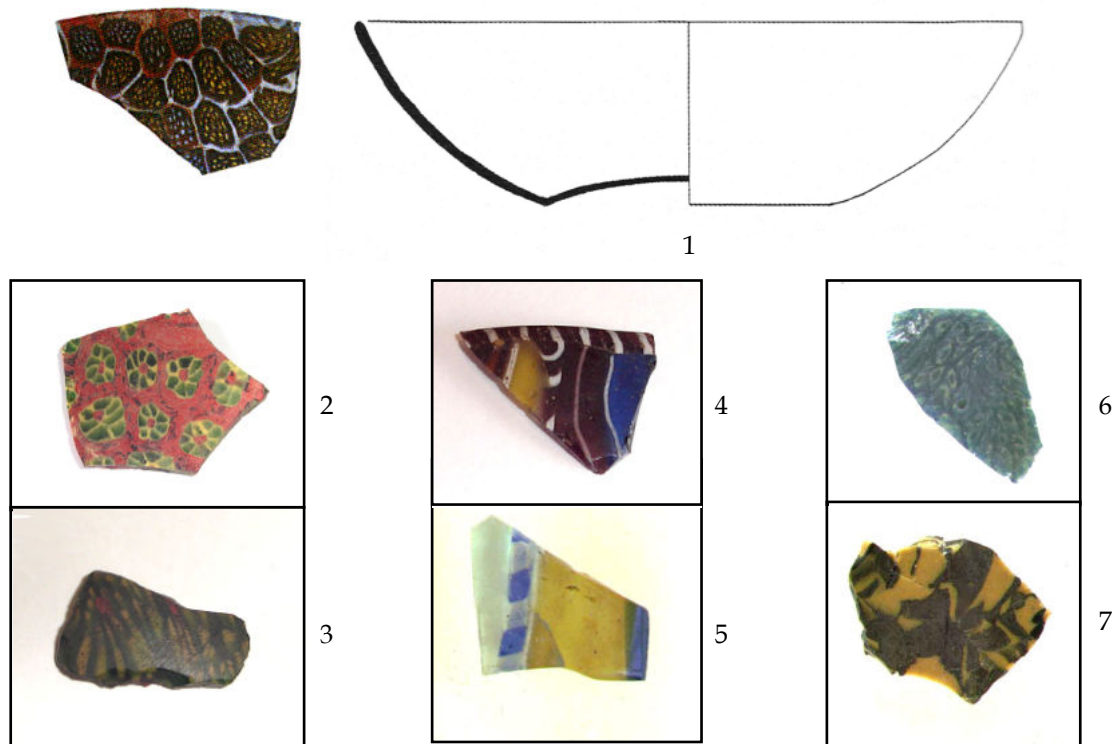
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - BraMIS08, Braga. Bordo e corpo convexo com 3 ranhuras internas. Azul-escuro translúcido. Desenho e foto MDDS (Cruz 2001: nº2). **2** - Ros14, Rosinos de Vidriales (*Petavonium*). Bordo e corpo convexo com 2 ranhuras internas. Azul-escuro translúcido. Desenho do autor (inérita). **3** - BraT156, Braga. Bordo de secção quadrangular com 2 ranhuras internas, corpo tronco-cónico. Azul-escuro translúcido. Desenho e foto MDDS (Cruz 2001: nº 1). **4** - AstAH24, Astorga. Bordo e corpo convexo com 1 ranhura lapidada interna. Amarelo esverdeado. Foto do autor (inérita) **5** - Ros15, Rosinos de Vidriales (*Petavonium*). Bordo e corpo convexo com 1 ranhura lapidada interna junto do bordo. Amarelo acastanhado. Foto do autor (inérita).

Exemplares não ilustrados

Vigo: VigMV04; Santomé, Ourense: San01, San02; Castro de Sta Tecla: Tre03; Castro de Monte Mozinho, Penafiel: Moz12; Citânia de Briteiros: Brit19.

Taça convexa policroma



Características

Forma

Taça moldada, tendencialmente hemisférica, ampla e baixa. Bordo boleado, simples, na continuação da parede. Ranhuras horizontais internas lapidadas. Usualmente lisa, podendo apresentar ranhuras lapidadas horizontais internas, na junção da base com a parede. Base ápode plana ou ligeiramente côncava.

Cores

Polícromas: azul, verde e violeta translúcido; amarelo, vermelho, branco e preto opaco.

Decoração

Vidro mosaico *millefiore*, listrado (*striped, ribbon*) e marmóreo (*marbled*). Existem igualmente taças em vidro mosaico enredado (*laced*) ainda não detectadas no NOP.

Dimensões

Diâmetro entre 130 – 200mm.

Observações

Estas taças partilham características morfológicas e decorativas com as taças de tradição helenística, taças caneladas e taças de perfil cerâmico o que torna difícil a identificação de fragmentos de parede de tamanho reduzido.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. I a.C – 1ª metade do séc. I d.C.

Distribuição

Rara. Sítios com ocupação romana precoce: castros romanizados (Monte Mozinho, Santa Tecla, Santomé), acampamentos militares (*Petavonium*), cidades de fundação augustana (Braga).

Origem

Região Sírio-Palestiniana, Egipto e possivelmente Itália.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 47;

Tipologias: Is1, AR

Outras designações: Cuenco hemisférico policromo. Convex bowl, Laced/ribbon/marbled mosaic glass bowl. Streifenmosaikglas, Reticellafadengläser, Millefioriglas, Marmorierte gläser. Coupelle en verre mosaïque.

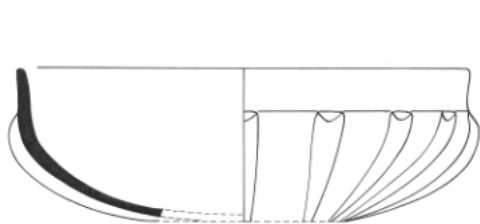
Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – Tre01, Castro de Stª Tecla. Taça de corpo convexo amplo e baixo, base côncava, fracturada e incompleta. Vidro mosaico *millefiori*: flores em castanho amarelado, preto, branco e amarelo. Desenho e foto de António de la Peña (Xusto 2001: 172, Caamaño, Carballo, Vázquez 2007: nº1) **2** – ChaLA01, Chaves. Base convexa com fina canelura lapidada externa. Vidro mosaico *millefiori*: flores de corola vermelho opaco com 7 pétalas verde escuro translúcido, contornadas a amarelo opaco e inscritas em anel vermelho opaco com filamentos negros. Foto do autor (inérito). **3** – Brit02, Citânia de Briteiros. Parede convexa lisa. Vidro mosaico *millefiori*: matriz verde escuro translúcido, flores de pequenas pétalas amarelas e corola vermelha. Foto do autor (Alarcão 1963b: nº 7; Moreira 1997: nº 53). **4** – Ros11, Rosinos de Vidriales (*Petavonium*). Bordo boleado, ligeiramente esvasado. Vidro mosaico listrado: listras violeta, alternadas com listra azul-escuro translúcida, listra dupla incolor com amarelo opaco, separadas por filamentos brancos opacos. Bordo constituído por listra espiralada violeta e branco opaco, repetida na parede. Foto do autor (inérito). **5** – BraT124, Braga. Parede dupla. Vidro mosaico listrado: listras incolor, azul, branco, e amarelo opaco. Foto MDDS (Cruz 2001, nº4). **6** – BraCARV14, Braga. Bordo boleado e corpo convexo. Vidro mosaico marmóreo; matriz verde esmeralda translúcido com palhetas amarelo opaco. Foto MDDS (Cruz 2001: nº5). **7** – BraMAX32, Braga. Corpo convexo. Vidro mosaico marmóreo; matriz verde-escuro opaco, com manchas amarelas opacas. Foto MDDS (Cruz 2001: nº6).

Exemplares não ilustrados

Exemplares em vidro mosaico *millefiore*: Moz19, Ros16. Exemplares em vidro mosaico listrado: BraCVL141, BraCVL142, Ros11, Ros28. Exemplares em vidro mosaico marmóreo: Tre02.

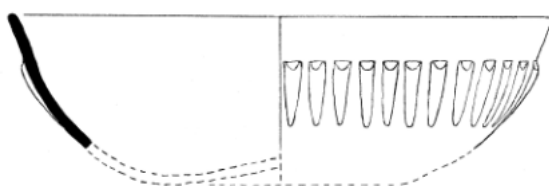
Taça canelada



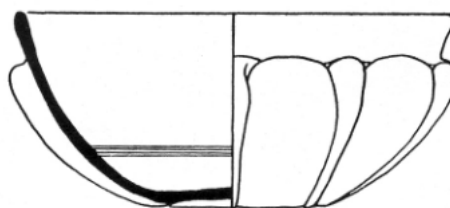
1



2



3



4



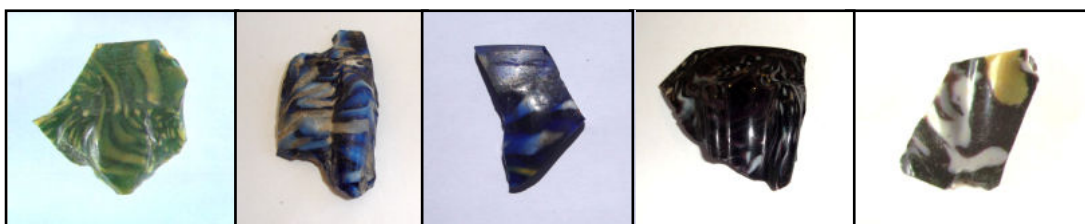
2



5

6

7



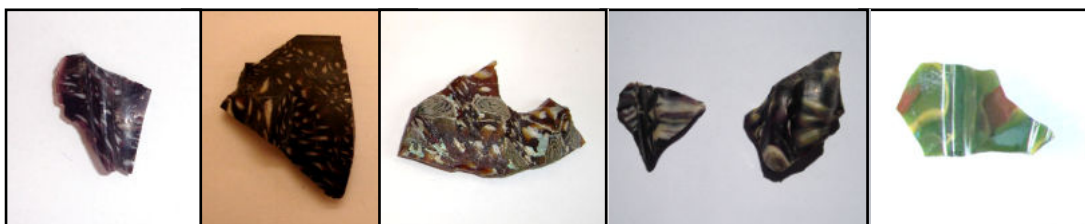
8

9

10

11

12



13

14

15

16

17

Características

Forma

Taça moldada ao torno, de tendência hemisférica, bordo vertical ou ligeiramente esvasado, boleado. Corpo com gomos verticais iniciando junto ao bordo e esbatendo-se na base. Base plana ou ligeiramente reentrante.

Variantes

Existem taças em versões baixas (1 – Is 3a) e fundas (2 – Is 3b), ainda que a maioria seja difícil de classificar numa destas categorias, sobretudo tratando-se de fragmentos. Uma terceira variante, de fácil identificação, é a de gomos curtos e cerrados (3 – Is 3c). Outras taças apresentam, no interior, finas caneluras horizontais lapidadas (4) na parte inferior do corpo, na maior parte dos casos, e ocasionalmente na base ou junto ao bordo.

Cores

Nas monocromáticas a cor predominante é o verde azulado, apresentando-se igualmente em cores fortes translúcidas, como o azul-escuro, o castanho amarelado (âmbar) e o amarelo esverdeado (5 - 7). Nas Polícromas, em vidro mosaico, predominam os vidros marmóreos (8 - 13), numa combinação de duas a três cores em que é usada uma cor base translúcida (verde, azul ou violeta) e uma a duas cores opacas (branco e/ou amarelo) em palhetas. Nos mosaicos *millefiori* (13 - 16) as combinações de cores são muito variadas, embora com predomínio de uma das cores.

Decoração

Gomos verticais, mais pronunciados junto ao bordo e esbatidos na base. Algumas taças são executadas segundo a técnica do vidro mosaico, dando origem a padrões de mármore ou de flores, conhecidos por *millefiori*.

Dimensões

Diâmetro do bordo entre 100 e 200mm, média de 120mm. Altura entre 40 e 85mm ou acima.

Observações

Os característicos gomos ou costelas verticais permitem a sua fácil identificação e estão na origem da designação mais corrente em inglês, francês e espanhol, a de “taça de costelas” ou “costelada”. Em português optámos por manter a designação “taça canelada”, difundida por Jorge Alarcão, apesar de esta não ser inteiramente adequada. Embora o efeito geral seja o de uma superfície canelada, na verdade o que se destaca são as molduras ou gomos (os altos-relevos), não chegando a criar verdadeiras caneluras (os baixos-relevos). Em alguns exemplares os gomos são de tal maneira espaçados (4) que dificilmente sugerem caneluras. Estas taças são uma evolução das taças de tradição helenística, diferenciando-se destas pela existência de gomos.

Datação

Augusto a Trajano (último quartel do séc. I a.C. – inícios do II d.C.).

Sinais de maior antiguidade são: os gomos curtos, as caneluras lapidadas internas, os vidros em cores fortes e os polícromos. Enquanto que os gomos curtos e as caneluras internas não deverão ter ultrapassado o período Flávio, as de cores fortes e as Polícromas são características dos finais do séc. I a.C. –

primeira metade do séc. I d.C. O final da produção é quase exclusivamente representado por taças verdes azuladas simples, por vezes mal executadas.

Sendo uma forma relativamente bem conhecida e datada, seguimos aqui a datação proposta pela tipologia mais recente, a AR (Rütti 1991). Como forma robusta e apreciada que foi é natural que permaneça em uso muito para além do término da sua produção, aparecendo de forma residual em contextos tão tardios como o séc. IV.

Distribuição

Esta é, de longe, a vasilha de mesa mais comum em todos os contextos Alto-Imperiais, a par com a garrafa quadrangular, sendo um excelente fóssil directo para o séc. I d.C. Surge em todos os tipos de aglomerados, desde os castros romanizados às cidades.

Origem

NOP e importação.

Esta é a forma “internacional” Alto-Imperial por excelência. Os centros produtores mais importantes seriam o Mediterrâneo Oriental e a Itália. Destes centros provêm seguramente os exemplares mais antigos, sobretudo os monocromáticos de cores fortes translúcidas e os policromos. Relativamente aos exemplares em vidro verde azulado, de época flávia a inícios do séc. II, terá existido certamente uma produção peninsular, nomeadamente no NOP. Estas taças são de tal forma abundantes e possuem uma tal variação nos tamanhos, formas e decoração que só a existência de várias oficinas regionais poderia explicar tal facto. Essas oficinas começaram logicamente por se instalar nos acampamentos militares e nas principais cidades. Existem evidências arqueológicas e arqueométricas que nos permitem falar de produções em *Asturica Augusta*, *Bracara Augusta* e *Lucus Augusti*.

A técnica de fabrico destas taças tem sido longamente discutida por diversos autores (Alarcão 2001; Cool *et al* 1995; Grose 1984a; Lierke 1998; Xusto 2001, 189), sem que se tenha chegado a uma conclusão definitiva. No que toca às taças caneladas verde azuladas do NOP pensamos que é mais correcto falar de moldagem ao torno (ver vol. I, 4.3.2.1). Este processo deixa estrias no interior e por vezes faz com que os gomos se curvem sobre um dos lados, em função do movimento giratório do torno. Também faz com que o vidro seja mais espesso nos bordos que na base, em função da gravidade e da rotação.

Bibliografia

Alarcão 1965, 33; Cool *et al* 1995, 15-26; Price *et al* 1998, 44.

Tipologias: Is 3, AR 2, T 3

Outras designações: Pillar-moulded bowl, ribbed bowl, coupe côtelée, phiale côtelée, rippenshale, cuenco de costillas, cunco de costelas, taça gomada.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraT118, Braga. Perfil quase completo de taça baixa, verde azulada. Desenho MDDS (inérita). **2** – BraDG11, Braga. Taça canelada funda, verde azulada, quase completa, reconstruída. Desenho e foto MDDS (inérita) **3** – LeoGF02, Leon. Parede e corpo com 8 gomos curtos e cerrados, verde azulado. Desenho do autor (inérita) **4** – Brit07, Citânia de Briteiros. Taça canelada funda com ranhuras lapidadas internas, fragmentada e incompleta. Desenho a partir Alarcão 1963b (Alarcão 1963b: nº 12; Moreira 1997: XIII, nº 55). Exemplares em vidro monocromático translúcido: **5** – BraALB05. **6** – Brit10. **7** – AstAH18. Exemplares em vidro mosaico policromo: **8** – BraCARV161. **9** – LeoPR01. **10** – Jou07. **11** – Brit04. **12** – BraMAX44. **13** – Moz18. **14** – BraT246. **15** – Leo05. **16** – Ros27. **17** – BraAlB74.

Exemplares não ilustrados

Exemplares verde azulados, variantes baixas e/ou fundas: Braga 82, Restantes sítios do NOP 86. Variante com gomos curtos: BraCCN07, BraCS18, BraTR016, VigCV06, LugRE03, Ros38 e 39. Exemplares em vidro mosaico policromo: BraCARV507, BraMAX48, BraFUJ136, BraCVL140, AstCS09, Coa01, Lla01, Moz17, Ros01 e 40.

LMPC: Louça moldada de perfil cerâmico

Características

Formas

Louça de serviço de mesa feita em molde, imitando, ou inspirando-se, em formas cerâmicas, sobretudo de *Terra sigillata* itálica. É admissível que algumas das formas se inspirem directamente em formas metálicas.

Cores

Maioritariamente em vidro monocromático translúcido (verde e azul). Frequente em vidro monocromático opaco (verde, azul claro, vermelho, branco e preto) e em vidro mosaico policromo. Raro em vidro verde azulado ou vidro incolor.

Decoração

Tal como acontece com a *sigillata*, podemos dizer que existe uma produção lisa monocromática e uma produção decorada em vidro mosaico policromo, quase sempre segundo a técnica *millefiore*.

Observações

O primeiro autor a identificar e apresentar esta família de vidros foi Berger em 1960, tendo-a designado de “Gläser mit keramikähnlichen profilen” (Berger 1960: 24-30). Outros autores se têm dedicado ao seu estudo (Grose 1991) o que tem permitido caracterizar com mais precisão esta produção, nomeadamente identificar subgrupos, como é o caso da louça monocromática translúcida.

Datação

Augusto – Nero (27 a.C. – 68 d.C.). A louça monocromática translúcida é típica do segundo quartel do séc. I d.C.. Algumas formas, como os pratos, poderão ter chegado aos Flávios.

Distribuição

Relativamente comum. Ocorre em sítios com ocupação romana precoce, como os castros romanizados (Briteiros, Santomé), acampamentos militares (*Petavonium*, Astorga, Leon), cidades de fundação augustana (Braga, Astorga, Lugo) e esporadicamente em aglomerados populacionais secundários de ocupação augustana ou flávia (Chaves, Lância, Caldas de Reis).

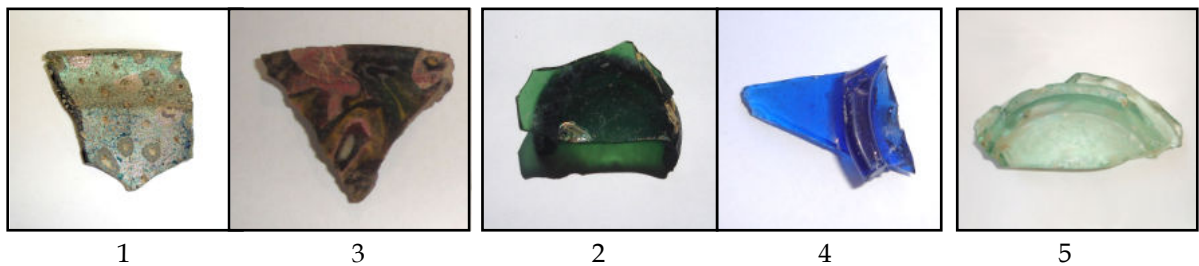
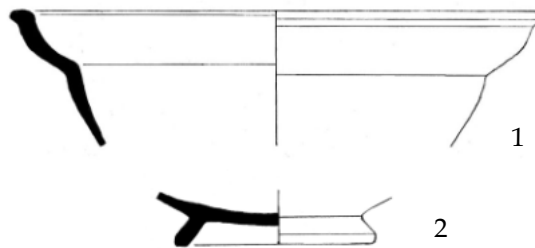
Origem

Itália (Roma e Campânia).

Bibliografia

Berger 1960; Grose 1991; Price e Cottam 1998, 49; Harden 1987, nºs 19 – 21.

LMPC: Taça carenada (Drag. 27)



Características

Forma

Taça moldada biconvexa com constrição ou carena, interna, a meio corpo. Bordo boleado, por vezes com lábio externo. Pé anelar em bisel, oblíquo.

Cores

Maioritariamente em vidro monocromático translúcido (verde e azul) ou em vidro mosaico polícromo. Também frequente em vidro monocromático opaco (verde, azul claro, vermelho, branco e preto). Rara em vidro verde azulado.

Decoração

Existe uma produção lisa monocromática e uma produção decorada em vidro mosaico polícromo segundo a técnica *millefiore*.

Dimensões

Diâmetros entre 100 e 140mm. Pratos: diâmetros entre 160 e 230mm.

Observações

Pertence ao grupo da louça moldada de perfil cerâmico, sendo uma clara imitação da forma de *sigillata*, tipo Draggendorff 27. Existe alguma variabilidade de tamanhos, com pequenas diferenças ao nível do bordo, base e altura da carena.

Bibliografia

Berger 1960; Grose 1991; Price e Cottam 1998, 49; Harden 1987, nºs 19 – 21.

Tipologias: Is 2, AR 6.2, T 17, Haltern 12, Draggendorff 27.

Outras designações: Constricted convex cup, Carinated bowl.

Datação

Augusto – Nero (27 a. C. – 68 d. C.). A louça monocromática translúcida é típica do segundo quartel do séc. I d. C..

Distribuição

Relativamente comum. Ocorre em sítios com ocupação romana precoce, como castros romanizados (Briteiros, Santomé), acampamentos militares (*Petavonium*, Astorga, Leon) e cidades de fundação augustana (Braga, Astorga, Lugo).

Origem

Itália (Roma e Campânia).

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

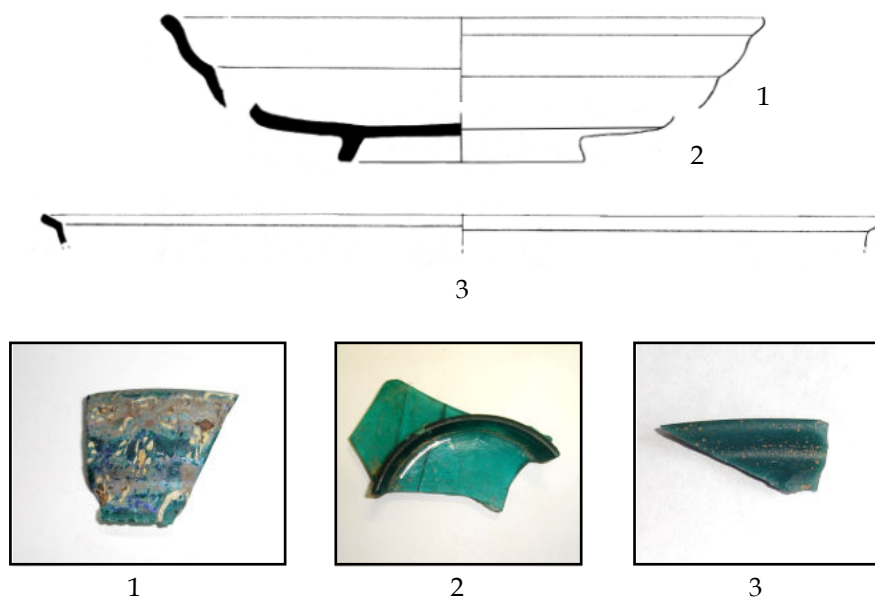
1 – LugRE01, Lugo: Bordo de lábio externo e carena a meio corpo. Vidro mosaico *millefiore*: flores verde-escuro translúcido ponteadas a branco opaco; amarelo esverdeado com espiral branco opaco; pétalas verde amarelado translúcido, contorno e corola amarelo opaco. Desenho e foto do autor (inérito). **2** – Ros25, Rosinos de Vidriales (*Petavonium*): Base convexa com pé anelar inclinado para fora biselado. Verde-escuro translúcido (Pantone 340-A). Desenho e foto do autor (inérito). **3** – Brit01, Citânia de Briteiros: Bordo e parede de taça carenada. Vidro mosaico *millefiore*: flores de três ovas concêntricas, sendo a interior amarela ou branca, a seguinte vermelha escura translúcida e as exteriores amarelo ou vermelho rosado opacas. Foto do autor (Alarcão1963b: nº 6; Moreira 1997, XIII, nº 52). **4** – ChaCT06: Base convexa com pé anelar de secção rectangular direccionado para fora. Azul-escuro. Foto autor (inérito). **5** – LeoGF09, Leon: Base grossa convexa com pé anelar de secção em bisel, duas finas caneluras lapidadas internas e uma externa no arranque da copa. Verde azulado. Foto do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Exemplares em vidro mosaico policromo: BraFUJ275, AstGP17, Brit01, Lug01.

Exemplares monocromáticos: verde azulado: BraCARV119; Verde -escuro translúcido: BraCVL040, Ros26; azul-escuro: LugPL17; vermelho opaco: BraT154; branco opaco: San04.

LMPC: Prato carenado (Drag. 16/Ritt. 3)



Características

Forma

Prato moldado biconvexo com constrição ou carena interna a meio corpo. Bordo boleado e esvasado ou em aba. Pé anelar em bisel, oblíquo.

Cores

À semelhança das taças carenadas, podem ser em vidro monocromático translúcido, em vidro monocromático opaco ou em vidro mosaico polícromo.

Decoração

Existe uma produção lisa monocromática e uma produção decorada em vidro mosaico polícromo segundo a técnica *millefiore*.

Dimensões

Diâmetros entre 160 e 230mm.

Observações

Pertence ao grupo da louça moldada de perfil cerâmico, sendo uma clara imitação da forma de *terra sigillata*, tipo Draggendorff 16 ou Ritterling 3. Existe alguma variabilidade de tamanhos, com pequenas diferenças ao nível do bordo, base e altura da carena.

Bibliografia

Berger 1960; Grose 1991; Price e Cottam 1998, 49; Harden 1987, nºs 19 – 21.

Tipologias: AR 6.1, T 7, Draggendorff 16, Ritterling 3

Outras designações: Constricted convex dish/plate, Carinated dish/plate.

Datação

Augusto – Flávios (27 a. C. – 96 d. C.).

Distribuição

Menos comum que as taças. Ocorre em sítios com ocupação romana precoce (*Petavonium*, Astorga, Lugo).

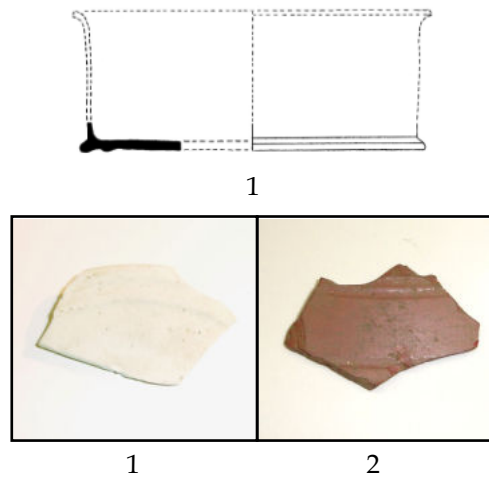
Origem

Itália (Roma e Campânia).

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - AstEA05, Astorga: Bordo boleado e engrossado externamente, carena interna a meio corpo. Vidro mosaico *millefiore*: matriz verde translúcido, flores de pétalas redondas branco opaco e corola amarelo opaco; flores circulares com as mesmas cores. Desenho e foto do autor (inérito). **2** - LugPL13, Lugo: Base larga e plana com pé anelar. Verde escuro translúcido (Pantone 341-A). Desenho e foto do autor (inérito). **3** - Ros08, Rosinos de Vidriales (*Petavonium*). Bordo de aba oblíqua, carena na junção com a parede. Verde opaco (Pantone 341-A). Desenho e foto do autor (inérito).

LMPC: Taça cilíndrica/Prato cilíndrico



Características

Forma

Taça moldada de parede vertical ou ligeiramente esvasada. Bordo de secção quadrangular e esvasado formando pequena aba oblíqua. Base plana com pequeno pé anelar oblíquo esboçado no ângulo do corpo com a base. Apresenta largas caneluras circulares na base, tanto na face interna como externa.

Variantes

Existem taças e pratos de formato cilíndrico, difíceis de diferenciar a partir de fragmentos de base, como são os dois casos aqui ilustrados. As taças distinguem-se sobretudo pelo menor diâmetro de base e pelo corpo mais profundo.

Cores

Vidro monocromático opaco (vermelho e branco). Fora do NOP registam-se igualmente em vidro monocromático translúcido.

Decoração

Até ao presente não se conhece nenhum exemplar em vidro mosaico polícromo.

Dimensões

Diâmetros entre 80 e 180mm.

Observações

Pertence ao grupo da louça moldada de perfil cerâmico, tendo como modelo a forma de *terra sigillata* itálica Conspectus 20.4. Tal como as formas anteriores existe alguma variabilidade de tamanhos, com pequenas diferenças ao nível do bordo, base e altura do corpo.

Bibliografia

Price e Cottam 1998, 50

Tipologias: Pratos: Is 22, AR 9.1. Taças: AR 9.2 e T9.2.

Outras designações: Cylindrical bowl/plate.

Datação

Augusto – Nero/inícios dos Flávios.

Distribuição

Pouco comum. Ocorre em sítios com ocupação romana precoce (Lância, Caldas de Reis).

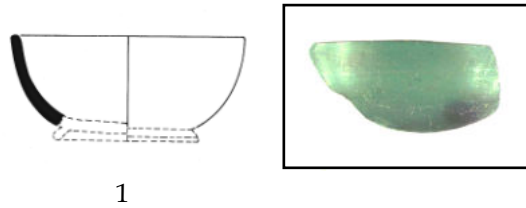
Origem

Itália (?).

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – Lan01, Lância: Base plana e rectilínea com pé se secção biselada saindo obliquamente na junção da parede com a base. Branco opaco. Desenho e foto do autor (inérito). **2** – Cal19, Caldas de Reis: Dois fragmentos (UEs diferentes) de base plana, discóide, com caneluras em ambas as faces. Vermelho opaco. Foto do autor (inérito).

LMPC: Taça hemisférica (Ritt. 8)



Características

Forma

Taça moldada hemisférica. Bordo boleado na continuidade do corpo, podendo possuir um bordo em aba horizontal. Pé anelar em bisel, oblíquo.

Cores

Maioritariamente em vidro monocromático translúcido (verde). Existe o registo, fora NOP, de vidro monocromático opaco (vermelho e preto).

Dimensões

Diâmetros entre 60 e 120mm.

Observações

Pertence ao grupo da louça moldada de perfil cerâmico, tendo como modelo a forma de *terra sigillata* Ritterling 8. Existe alguma variabilidade ao nível das dimensões e do bordo.

Bibliografia

Grose 1991

Tipologias: Is 20, T 18, Ritt. 8.

Outras designações: Hemisferical bowl.

Datação

Augusto – Nero (27 a.C. – 68 d.C.).

Distribuição

Pouco comum. Ocorre em sítios com ocupação romana precoce.

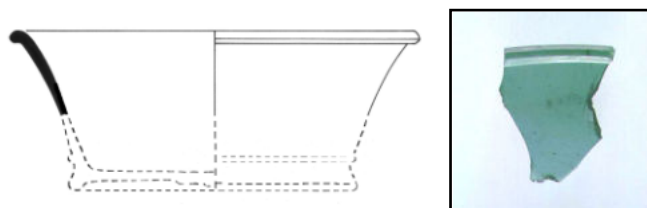
Origem

Itália (Roma e Campânia).

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – BraALB071, Braga: Bordo e corpo hemisférico. Verde translúcido. Desenho e foto MDDS (Cruz 2001, nº 85).

LMPC: Taça tronco-cônica



1

Características

Forma

Taça moldada tronco-cônica. Bordo de lábio ou moldura externa. Pé anelar em bisel, oblíquo.

Cores

Maioritariamente em vidro monocromático translúcido (verde). Existe o registo de vidro monocromático opaco.

Dimensões

Diâmetros entre 60 e 120mm.

Observações

Pertence ao grupo da louça moldada de perfil cerâmico, tendo como modelo a forma de *terra sigillata* itálica Conspectus 14.1.

Bibliografia

Grose 1991

Datação

Augusto – Nero (27 a. C. – 68 d. C.).

Distribuição

Pouco comum. Ocorre em sítios com ocupação romana precoce.

Origem

Itália (Roma e Campânia).

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – BraMAX42, Braga: Bordo com pequeno lábio externo biselado e corpo tronco-cônico. Verde translúcido. Desenho e foto MDDS (Cruz 2001, nº 84).

LMI: Louça moldada incolor

Características

Formas

Louça de serviço de mesa feita em molde: taças, pratos e travessas de pé anelar.

Cores

Incolor ou incolor esverdeado. Fora do NOP foram identificados alguns exemplares coloridos mas que serão exceções à regra.

Decoração

Maioritariamente lisa ou com simples caneluras horizontais lapidadas. Alguns exemplares apresentam complexas composições de facetas lapidadas.

Observações

Esta é indiscutivelmente a primeira família de vidros moldados de estilo “internacional”, fácil de encontrar, tanto no Oriente como no Ocidente, tendo sido também o último grupo de vidros moldados a serem produzidos em larga escala, antes da hegemonia do vidro soprado. A nível morfológico e tecnológico pertence à mesma tradição da louça de perfil cerâmico colorida mas não parece existir um elo claro entre as duas produções, até porque se verifica um lapso temporal de cerca de 30 anos entre as duas. Ainda que seja possível detectar influências das formas cerâmicas e metálicas esta é uma produção original, com formas próprias, sendo relativamente fácil de identificar mesmo a partir de pequenos fragmentos. As análises químicas revelam que é produzido com vidro bruto do grupo 4, descorado a antimónio, com origem provável no Egipto e cronologia dos séculos II e III.

Datação

Finais do séc. I d. C – meados do séc. III. Existem alguns exemplares tardios que podem ter chegado ao séc. IV.

Distribuição

Ocorre em quase todos os sítios com ocupação posterior ao período flávio, com preponderância para as principais cidades.

Origem

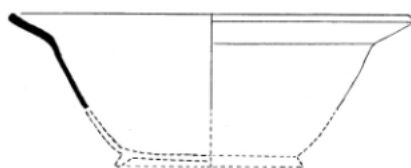
Maioritariamente de produção local, podendo ter existido alguma importação sobretudo de exemplares lapidados. A nível do NOP os estudos arqueológicos e arqueométricos apontam para a existência de, pelo menos, dois centros produtores: Astorga e Braga, sendo Astorga o mais importante e influente.

Bibliografia

Grose 1991; Price e Cottam 1998, 55.

Outras designações: Cast, colourless fine wares.

LMI: Taça de bordo em aba oblíqua



1

Características

Forma

Pequena taça tronco-cônica com bordo em aba oblíqua simples. Base plana com pé anelar.

Decoração

Lisas.

Dimensões

Diâmetro próximo aos 100mm.

Datação

Incerta: finais do séc. I d. C. – inícios do III

Bibliografia

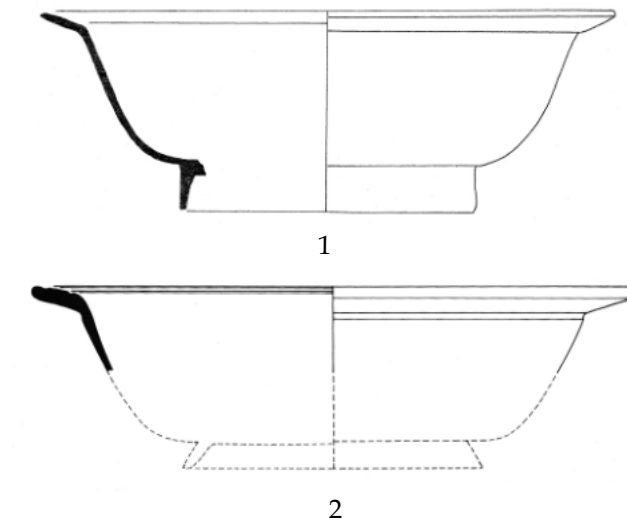
Price e Cottam 1998: fig. 13 d

Tipologias: AR15, T 25

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – *Lancia*, Leon: Lan03: Bordo em aba oblíqua, corpo tronco-cônico. Contexto arqueológico de finais do séc. I – inícios do II. Desenho do autor (inédito).

LMI: Taça ampla de bordo em aba oblíqua



Características

Forma

Taça ampla de tendência tronco-cônica, base plana com pé anelar alto e vertical. Bordo em aba oblíqua, simples ou com duas suaves caneluras internas.

Decoração

Lisas ou com suaves caneluras lapidadas no bordo.

Dimensões

Diâmetro entre 150 e 160mm.

Datação

Incerto: finais do séc. I d.C. – meados do séc. III, possivelmente ainda séc. IV.

Bibliografia

Tipologias: AR14

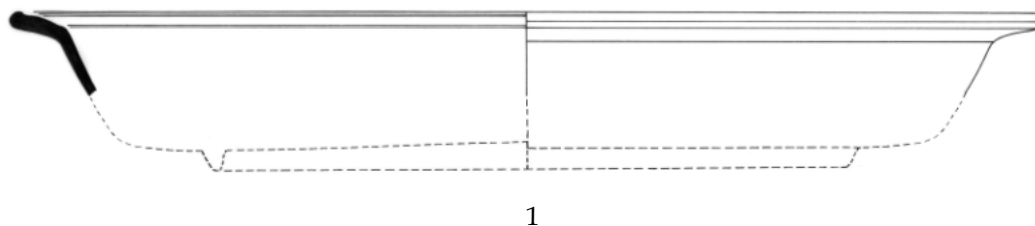
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – Lugo, LugPM01: Perfil quase completo de taça de bordo em aba oblíqua e base de pé anelar vertical. Desenho X. M. Vazquez Osório, Ayuntamiento de Lugo, cedido por Enrique González Fernández (nédito). **2** – Braga, BraCVL061: Bordo em aba oblíqua e corpo tronco-cônico. Desenho MDDS (Cruz 2001, nº 86).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraALB084

LMI: Prato de bordo em aba oblíqua



Características

Forma

Prato tronco-cónico, base plana com pé anelar e bordo em aba oblíqua, simples, ou com duas suaves caneluras lapidadas, internas.

Decoração

Bordo liso ou com suaves caneluras lapidadas.

Dimensões

Diâmetro entre 260 e 280mm.

Observações

Perfil do bordo igual à taça ampla de bordo em aba oblíqua, distinguindo-se pelas dimensões.

Datação

Incerto: finais do séc. I d.C. – meados do séc. III, possivelmente ainda séc. IV.

Bibliografia

Tipologias: AR13/14

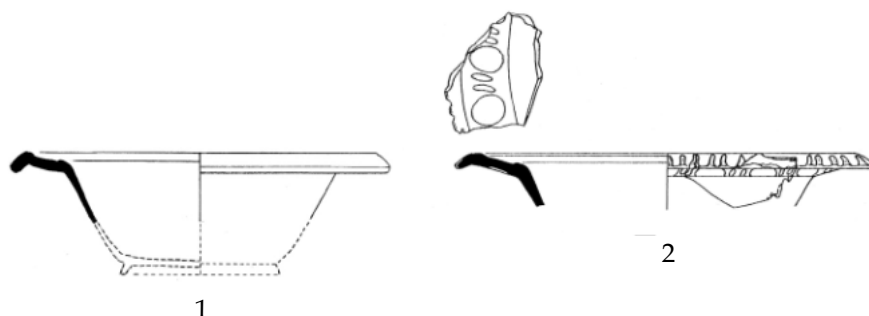
Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – Braga, BraT082: Bordo em aba oblíqua lisa, corpo tronco-cónico. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 88).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraT227, BraALB011.

LMI: Taça de bordo em aba e lábio pendente



Características

Forma

Taça tronco-cônica de base plana com pé anelar, bordo em aba oblíqua e lábio pendente.

Decoração

Lisos ou com larga canelura na face interna do bordo. Alguns exemplares apresentam complexas composições geométricas de facetas lapidadas (2).

Dimensões

Diâmetros entre 100 e 160mm.

Datação

Incerta: finais do séc. I d.C. – meados do séc. III

Bibliografia

Tipologias: AR16.2, T 23

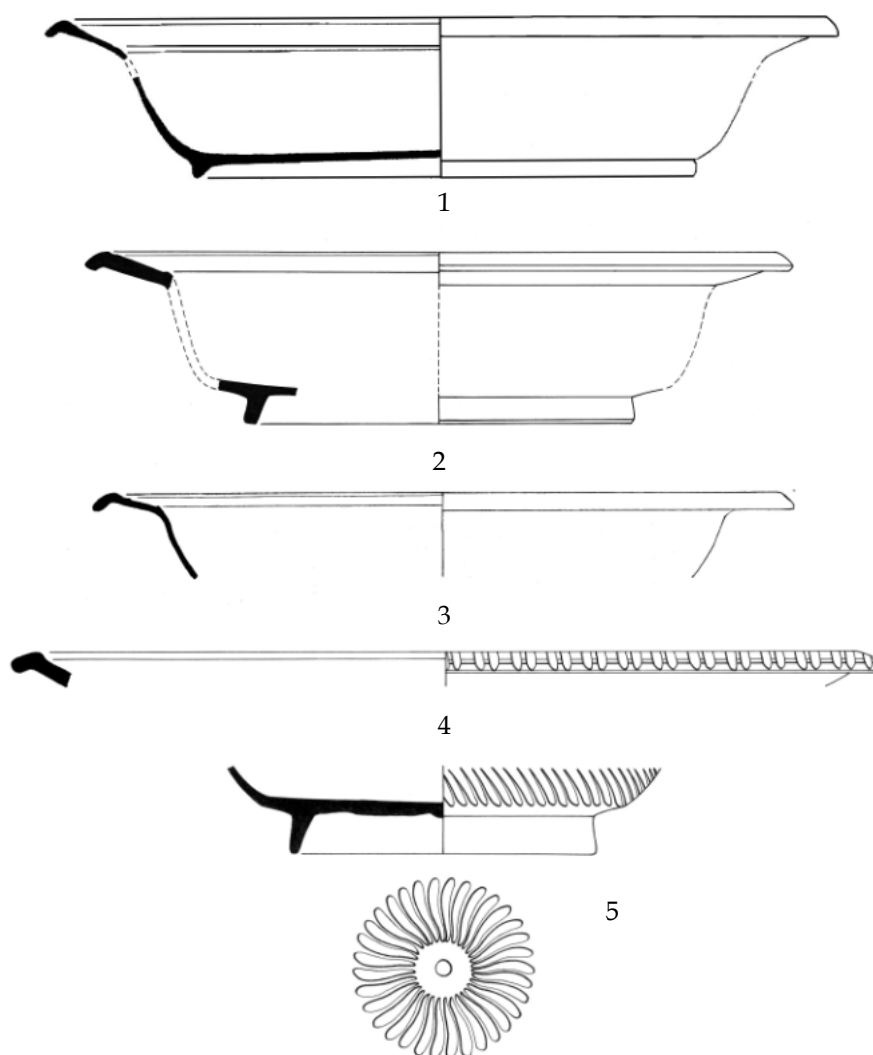
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – Lan07, *Lancia*: Bordo em aba oblíqua e lábio pendente, larga moldura interna, corpo tronco-cônico. Desenho do autor (inédito). **2** – San16, Santomé, Ourense: Bordo em aba oblíqua e lábio pendente com decoração lapidada: friso de facetas lentóides na cara inferior do lábio; friso de facetas circulares alternando com duas facetas lentóides na cara superior da aba. Contexto arqueológico datado da época flávia – 1º terço do séc. II. Desenho a partir da publicação (Xusto 1996: nº 19, Xusto 2001: 201).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraALB050, BraCCC39; Astorga: AstLC8.01; A Corunha: CorT11.

LMI: Prato fundo de bordo em aba e lábio pendente



Características

Forma

Prato fundo tronco-cónico de base plana com pé anelar, bordo em aba oblíqua e lábio pendente.

Decoração

Lisos ou com larga canelura na face interna do bordo. Alguns exemplares apresentam complexas composições geométricas de facetas lapidadas (4).

Dimensões

Diâmetro entre 180 e 250mm.

Datação

Incerto: finais séc. I d.C. – meados do III, possivelmente ainda séc. IV

Bibliografia

Tipologias: AR16.1

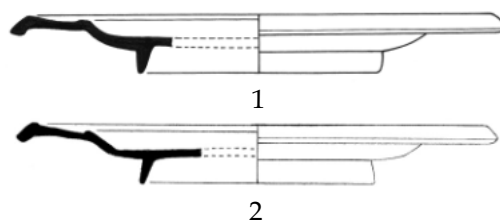
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – LugXT01, Lugo: Perfil quase completo de prato fundo com pé anelar e bordo em aba oblíqua e lábio pendente. Contexto arqueológico do séc. I. Desenho a partir da memória de escavação cedida por Henrique Gonzalez Fernández (inérito). **2** – BraALB049, Braga: Bordo em aba oblíqua com lábio pendente e base de pé anelar oblíquo. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 90). **3** – AstAH08, Astorga: Bordo em aba oblíqua e lábio grosso pendente, larga canelura quase imperceptível, corpo de tendência tronco-cónica. Desenho do autor (inérito). **4** – BraALB093, Braga: Bordo em aba oblíqua com lábio pendente e facetas lapidadas. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 94). **5** – BraALB091, Braga: Base plana com pé anelar e decoração em facetas lapidadas alongadas: roseta na base e caneluras no corpo. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 93).

Exemplares não ilustrados

A Corunha: CorCM01, CorMP01; Astorga: AstGP13, AstAH16; Lugo: LugVR10.

LMI: Pequeno prato de bordo em aba e lábio pendente



Características

Forma

Pequeno prato raso de base plana, pé anelar biselado ligeiramente esvasado, bordo em aba oblíqua com larga canelura e lábio pendente.

Decoração

Lisos.

Dimensões

Diâmetro entre 120 e 130mm, altura 15mm

Datação

Incerta: finais do séc. I d.C. – séc. II

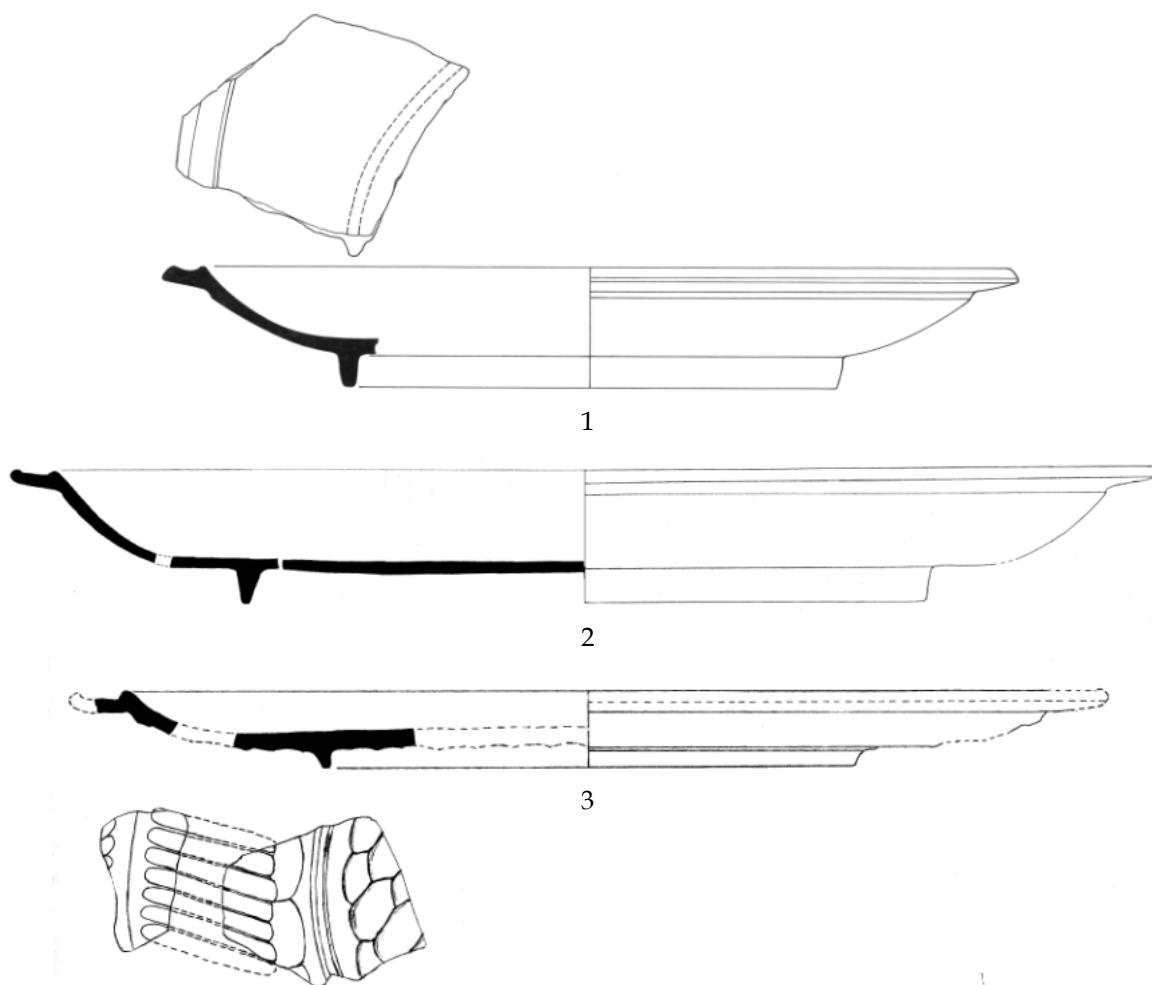
Bibliografia

Price e Cottam 2001: fig. 13 a.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraTR138, Braga: Perfil quase completo. Desenho MDDS (inédito). **2** – Lan12, Lancia: Perfil quase completo. Desenho do autor (inédito).

LMI: Travessa de bordo em aba canelada



Características

Forma

Travessa ovalada de corpo baixo e convexo, base plana com pé anelar vertical, bordo em aba horizontal com larga e vincada canelura na face interna.

Decoração

Lisas ou com decoração em facetas lapidas (3).

Dimensões

Incerto: diâmetro entre 180 e 380mm, altura 20 e 50 mm.

Observações

O fragmento de Braga (1) vem demonstrar que se trata de uma travessa ovalada e não um prato circular, facto que distorce o cálculo do diâmetro em fragmentos pequenos. As grandes dimensões do exemplar de Veranes (2) poderão ser devidas ao facto do cálculo do diâmetro ter sido feito a partir de um fragmento de bordo pertencente ao lado mais longo.

Datação

Incerto: finais séc. I d.C. – meados do III, possivelmente ainda séc. IV.

Bibliografia

Tipologias: AR24.1, T 12

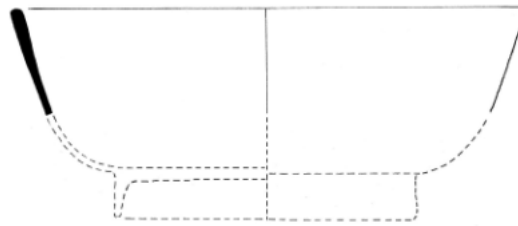
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraT078, Braga: Perfil quase completo. Contexto arqueológico de finais do séc. I - 3º quartel do II. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 96). **2** – Ver23, Villa de Veranes, Gijón: Perfil quase completo. Desenho do autor (inédito). **3** – Ver25, Villa de Veranes, Gijón: m fragmento de bordo/copa e outro de base com pé anelar biselado, decoração lapidada em grão de arroz e caneluras.

Exemplares não ilustrados

Braga: BraSAT02; Astorga: AstGP01; Lugo: LugVR26.

LMI: Taça de bordo simples



1

Características

Forma

Taça de tendência tronco-cônica, base plana com pé anelar vertical e alto, bordo simples e boleado na continuidade da parede.

Decoração

Lisa.

Dimensões

Diâmetro de 180mm.

Datação

Incerta: finais do séc. I – inícios do III

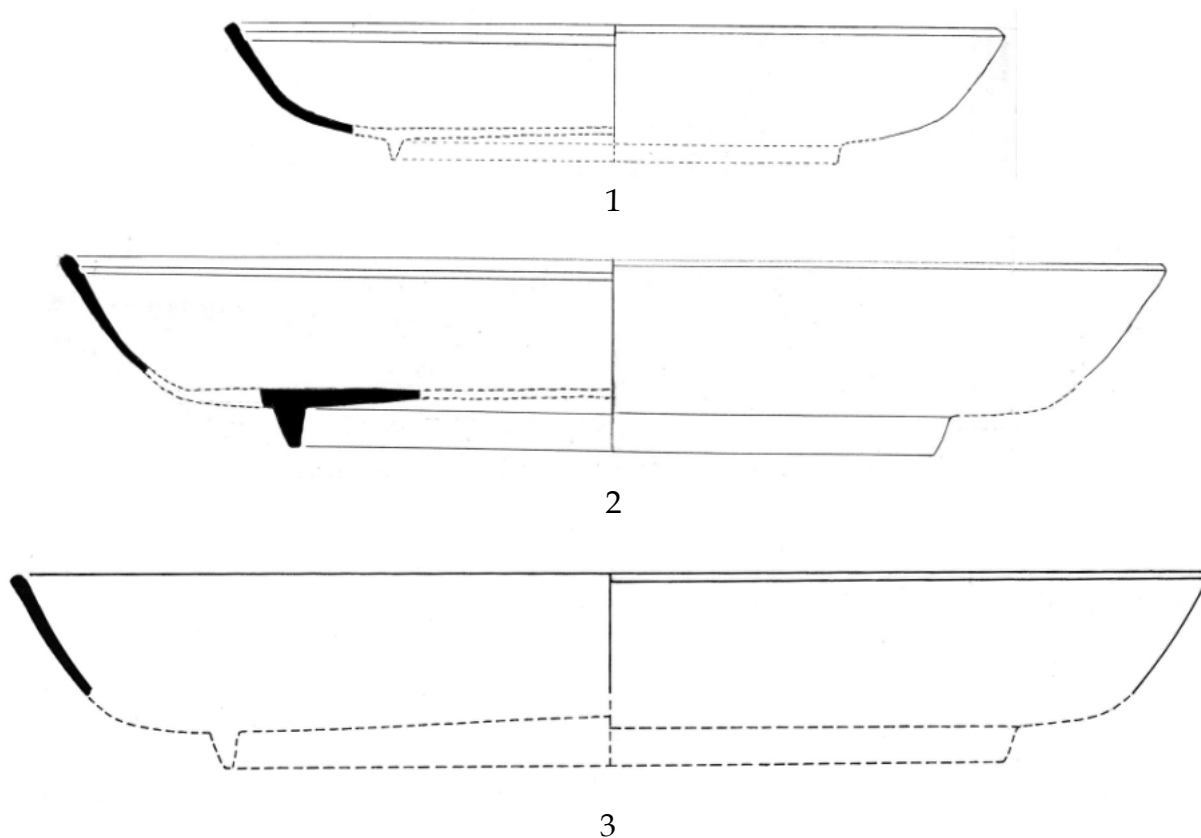
Bibliografia

Tipologias: AR19

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – Ver33, Villa de Veranes, Gijón: Bordo simples boleado e ligeiramente esvasado. Desenho do autor (inédito).

LMI: Prato de bordo simples



Características

Forma

Prato de tendência tronco-cônica, base plana com pé anelar, bordo simples e boleado, na continuidade da parede.

Decoração

Liso (3) ou com fina canelura lapidada internamente, junto ao bordo (1 e 2).

Dimensões

Diâmetros entre 200 e 360mm.

Observações

Os fragmentos não permitem confirmar mas alguns destes exemplares poderão ser verdadeiras travessas ovaladas.

Datação

Incerta: finais do séc. I – inícios do III

Bibliografia

Tipologias: Is 47, AR 18

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

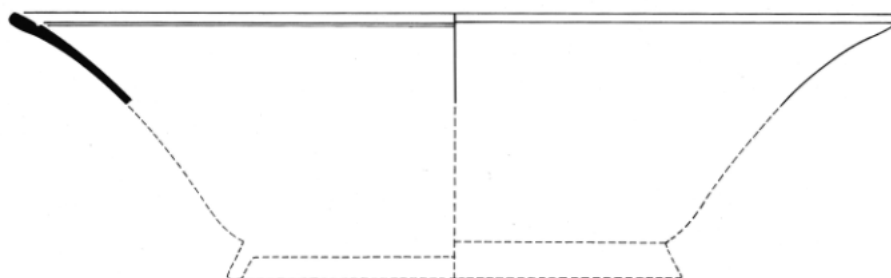
1 – Ver32, Villa de Veranes, Gijón: Bordo e copa de prato de bordo simples, ligeiramente esvasado e com canelura lapidada interna junto ao bordo. Desenho

do autor (inédito). **2** – AstLC19, Astorga: Bordo boleado com fina canelura lapidada interna, corpo baixo e amplo, base plana com pé anelar em bisel. Desenho do autor (inédito). **3** – BraCARV339, Braga: Bordo boleado esvasado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 95).

Exemplares não ilustrados

Villa de Veranes, Gijón: Ver17; A Lanzada, Pontevedra: Lanz11; Astorga: AstLC11.

LMI: Taça tronco-cônica de bordo simples e canelura lapidada interna



1

Características

Forma

Taça tronco-cônica de base plana e pé anelar, bordo simples boleado com fina canelura lapidada interna.

Decoração

Lisa.

Dimensões

Diâmetro entre 120 a 250mm.

Datação

Incerta: finais do séc. I d.C. – inícios do III

Bibliografia

Tipologias: Is 80, AR 20.2

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

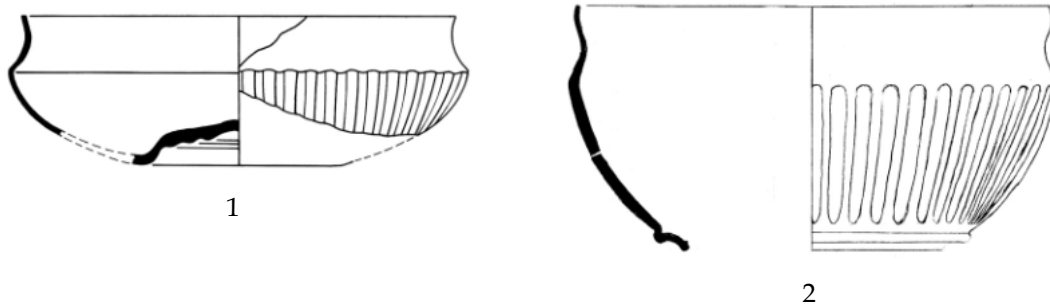
1 – BraSAT05, Braga: Bordo boleado com canelura interna, corpo tronco-cônico. Desenho do autor (inédito).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraSAT04, BraMISA13.

1.2. Vidro soprado em molde

Taça canelada soprada em molde



Características

Forma

Taça soprada em molde de corpo hemisférico, base ápode côncava, bordo de aresta polida formando uma gola de perfil em C invertido. Carenas na junção do bordo com o corpo e deste com a base. As taças fundas apresentam ainda uma a duas molduras junto à base.

Variantes

À imagem da sua congénere moldada, existem taças caneladas baixas (1) e taças caneladas fundas (2). São conhecidas outras variantes, não documentadas no NOP, nomeadamente um copo canelado (AR 30.2).

Cores

Monocromáticas translúcidas em tons suaves (ex. verde amarelado) ou mais frequentemente verde azulado.

Decoração

Caneluras verticais cerradas no corpo e círculos concêntricos na base. Existem variantes decorativas com motivos geométricos ou vegetalistas.

Dimensões

Diâmetro entre 100 e 120mm, altura variante baixa aproximadamente 40mm, variante funda aproximadamente 60mm.

Observações

Por vezes é possível observar as marcas das juntas dos moldes, normalmente constituído por três partes, um para a base e dois para o corpo.

Datação

Décadas de 40 a 80 do séc. I d.C.

Distribuição

Relativamente comum em sítios com ocupação Cláudio-Flávia, quer seja nas capitais de conventos (Braga, Lugo, Astorga) quer secundárias (Chaves), castros (Llagú, Astúrias) ou *villae* (Veranes). É indiscutivelmente a forma executada pela técnica do sopro em molde mais comum em todo o NOP (exceptuando o caso específico das garrafas quadrangulares).

Origem

Atendendo aos dados das análises químicas, é de admitir uma produção local, nomeadamente de Lugo. Esta impressão é reforçada pelo facto desta ser uma forma relativamente comum no NOP em contraste com a quase absoluta ausência de outras formas sopradas em molde, tão comuns noutras províncias do Império.

Bibliografia

Price 1991; Price e Cottam 1998: 60.

Tipologias: AR30.1

Outras designações: Mold-blown hemispherical ribbed bowl

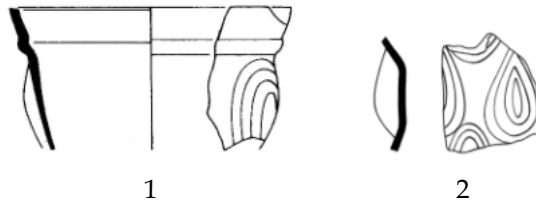
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - BraFCB10, Braga: Bordo em aresta polida formando uma gola de C retrovertido seguido de carena na junção com o corpo hemisférico canelado, base reentrante de círculos concêntricos relevados. Verde amarelado suave. Desenho MDDS (inérito). **2** - LugCP10, Lugo: Perfil quase completo de taça soprada em molde, bordo em arestas polidas, envasado, carena na junção com o corpo de finas caneluras verticais. Verde azulado. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Astorga: AstAH06; Lugo: LugPL11, LugXT10; Chaves: ChaCT05; Castro de Llagú, Asturias: Lla02.

Copo tronco-cônico soprado em molde



Características

Forma

Copo tronco-cônico soprado em molde de corpo alto, bordo em aresta polida e corpo decorado em altos-relevos. Poderá ou não apresentar molduras horizontais junto ao bordo e à base. Base plana ou ligeiramente côncava, por vezes com marca.

Cores

São conhecidos em cores monocromáticas translúcidas, como azul-escuro, amarelo acastanhado e amarelo esverdeado pálido, porém a maioria é verde azulada.

Decoração

Fora do NOP estão documentados copos decorados com diversos motivos, desde figurativos a vegetalistas, mas no NOP só foi ainda possível identificar a versão de altos-relevos amendoados.

Dimensões

Diâmetro entre 65-70mm, altura entre 120-150mm.

Observações

Apesar de os altos-relevos nos remeterem para uma inspiração vegetalista este copo inspira-se na maça de Hércules.

Datação

65/70 – 75/80

Distribuição

Pouco comum, pode ocorrer em sítios com ocupação Flávia.

Origem

Síria ou Itália.

Bibliografia

Price 1991; Price e Cottam 1998: 65

Tipologias: Is 31, AR 33.1

Outras designações: Mould-blown conical beaker. Goblet a amendes.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraSG03, Braga: Bordo em aresta com uma moldura horizontal e parte de um alto-relevo amendoado. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 101).

2 – BraCARV, Braga: Corpo com parte de quatro altos-relevos amendoados. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 102).

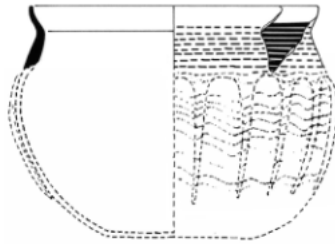
Exemplares não ilustrados

Braga: BraT243; A Lanzada, Pontevedra: Lanz10.

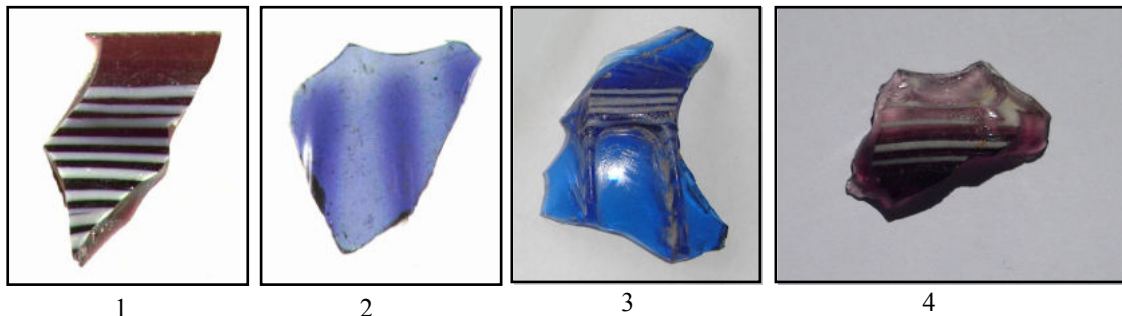
1.3. Vidro soprado livremente

1.3.1. Bordos em aresta

Taça nervurada



1



1

2

3

4

Características

Forma

Taça em forma de saco com estrangulamento no bordo. Bordo em aresta polida, de perfil em C, base ápode plana.

Cores

Cores fortes translúcidas: azul-escuro translúcido, violeta translúcido, verde amarelado, com fios brancos opacos. Também referenciados extra NOP em verde azulado e incolor esverdeado.

Decoração

Nervuras verticais, iniciando junto ao estrangulamento do bordo e terminando na base. Fios de vidro branco opaco, aplicados em espiral numa fase inicial da execução de forma a fundirem-se completamente na parede.

Dimensões

Diâmetro do bordo entre 60 e 100mm.

Observações

Cores fortes translúcidas, fios brancos e nervuras verticais são traços que permitem facilmente a sua identificação. No entanto, aparentemente, existem exemplares que não possuem decoração de fios brancos, como parece ser o caso do 2 (AR 29?).

Datação

Augusto a Nero (finais do séc. I a.C. – 3º quartel do séc. I d.C.)

Distribuição

Sítios de romanização precoce: castros romanizados, como Briteiros, acampamentos militares, como *Petavonium* e cidades de fundação augustana, como Braga.

Origem

Seguramente com origem na zona que engloba o norte de Itália, Adriático, norte e sul da Suíça, onde existe a maior concentração de vidros de cores fortes translúcidas, soprados (Cool *et al* 1995, 56).

Bibliografia

Cool *et al* 1995, 56-61; Price *et al* 1998, 67.

Tipologias: Is 17, AR 28, T 4

Outras designações: Trailed ribbed cup, Zarte rippenschale

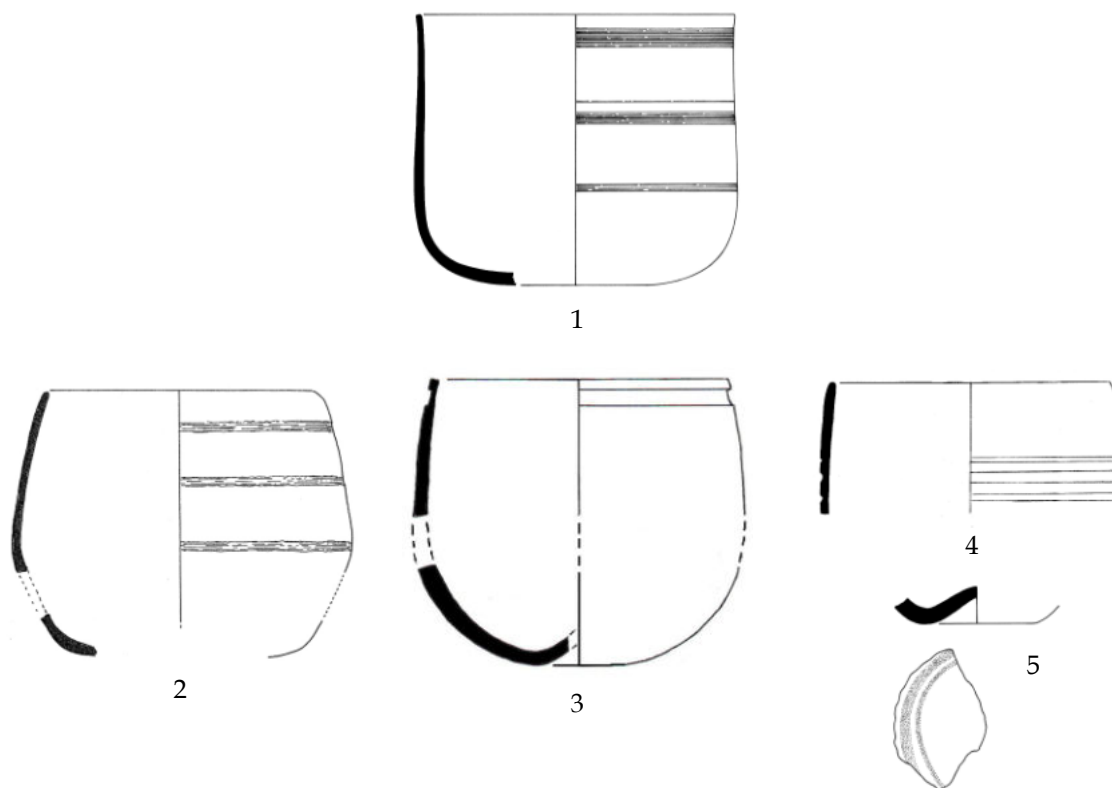
Exemplares ilustrados

1 - BraMAX49, Braga, bordo em aresta polida, violeta translúcido com fios brancos opacos. Desenho e foto MDDS. (Inédita); **2** - BraSS01, Rua de S. Sebastião, lote 9, Braga, corpo convexo, azul escuro translúcido, com nervuras verticais. Desenho e foto MDDS. (Inédita); **3** - LugCP13, Conde Pallares 9-11, Lugo, corpo curvo, azul escuro, com arcadas ou nervuras verticais e fios branco opacos fundidos em espiral. Foto autor. (Inédita); **4** - Ros22, Rosinos de Vidriales, Zamora, corpo violeta translúcido com fios brancos aplicados em espiral. Foto autor. (Inédita).

Exemplares não ilustrados

Citânia de Briteiros: Brit11, 12; Astorga: AstAH01.

Taça ápode tipo “Hofheim”



Características

Forma

Taça em forma de saco com paredes verticais ou inclinadas para dentro, bordo em aresta polida na continuidade da parede, base ápode plana ou com reentrância acentuada provocada pelo pontel.

Cores

Maioritariamente verdes azuladas ou azuis esverdeadas, também monocromáticas translúcidas, como castanho amarelado e azul escuro, ou monocromáticas opacas, como preto opaco (BraFb25AB20). Raros os exemplares policromos.

Decoração

Riscos em bandas horizontais em todo o corpo (1 e 2) ou caneluras lapidadas externas (3 e 4). Existem raros exemplares com fios brancos marmados (5), pingos marmados (vidro mosqueado, Ros24), vidro “cameo” (Harden 1987: nº 35) e vidro pintado (Idem nº 147).

Dimensões

Diâmetro entre 65 – 130mm, altura entre 65 – 80mm.

Observações

Conhecida por taça “Hofheim” por ter sido neste acampamento militar da Renânia que primeiramente foram identificadas. É uma forma arcaica, de linhas

simples, fácil de executar e que se tornou no primeiro caso de popularidade entre as formas sopradas livremente.

Datação

Inícios de Augusto - 75

Distribuição

Bastante comum em sítios com ocupação do séc. I d. C., desde as principais cidades a castros romanizados.

Origem

A maioria é seguramente de importação mas não é de excluir uma produção local, com base em Lugo ou Braga.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 71.

Tipologias: Is 12, AR 34, T 30

Outras designações: Convex cup with wheel-cutting and abrasion, Hofheim cup.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraALB021, Braga: Perfil quase completo com bordo em arestas polidas ao torno, corpo rectilíneo com riscos em bandas horizontais. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 119). **2** – LugSD08, Braga: Bordo envasado, parede rectilínea com 3 bandas de riscos e base plana. Desenho cedido por Enrique González Fernández, Ayuntamiento de Lugo (inérito). **3** – LugXT05, Lugo: Bordo ligeiramente envasado com canelura lapidada externa, base espessa côncava. Verde azulado. Desenho do autor (inérito). **4** – LugPL09, Lugo: Bordo rectilíneo ligeiramente envasado com 3 finas caneluras horizontais externas. Azul esverdeado suave. Desenho adaptado de original do Ayuntamiento de Lugo (inérito). **5** – BraSG11, Braga: Base reentrante com espiral de fios brancos marmados. Verde escuro translúcido com fios brancos opacos. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 126).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraT081, BraALB076, BraCVL59, BraCVL064, BraCVL096, BraCVL137, BraF25AB20, BraTR003; Astorga: AstEA04; Lancia, Leon: Lan30; Santomé, Ourense: San16 – 21; Lugo: LugCP09, LugPL01, LugPL31; Monte Mozinho, Penafiel: Moz15, 16; Sosinos de Vidriales, Zamora: Ros24.

CIL: Copos incolores lapidados

Características

Forma

Copos tendencialmente tronco-cónicos de bordo em aresta polida, base plana com pé anelar oblíquo, direccionado para fora, por vezes aposto, e decoração lapidada.

Cores

Incolor/incolor esverdeado.

Decoração

Ranhuras horizontais gravadas, facetas lapidadas e altos-relevos lapidados.

Observações

Esta é uma produção de copos que se distingue facilmente dos restantes copos pela cor, pela grossura das paredes, pela decoração lapidada e por possuírem sempre pé anelar direccionado para fora, aposto ou talhado.

Datação

2ª metade do séc. I d.C. – séc. II

Distribuição

Relativamente raros.

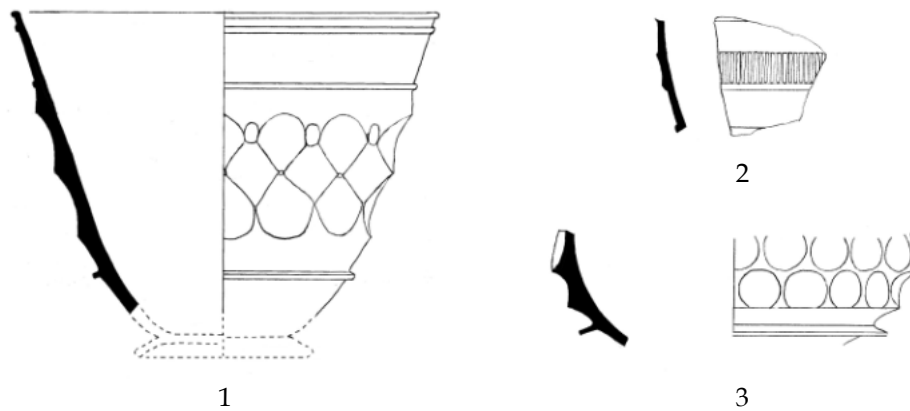
Origem

Maioritariamente de importação, não se excluindo completamente uma produção local, nomeadamente de Astorga.

Bibliografia

Tipologias: AR41-47, T35.

CIL: Copo incolor com lapidação em alto-relevo



Características

Forma

Copos tronco-cônicos de base plana e pé anelar oblíquo, bordo em aresta polida na continuidade da parede ou ligeiramente esvasado. Paredes grossas.

Variantes

Existem copos baixos e amplos, ou taças (1), e copos altos e mais estreitos.

Cores

Incolor.

Decoração

Lapidação em alto-relevo, sejam simples molduras horizontais sejam facetas lapidadas formando padrão em favo de mel (1) ou circulares encaixadas (3). São ainda conhecidos exemplares com outros padrões de facetas lapidadas, bandas caneladas (2) e motivos vegetalistas em alto-relevo.

Dimensões

Diâmetro entre 80 – 110mm, altura entre 70 – 180mm.

Observações

Fácil de identificar, mesmo em fragmentos pequenos, pela cor e pela decoração lapidada em alto-relevo.

Datação

Flávios – 1º terço do séc. II

Distribuição

Relativamente raro. Apesar de ser uma produção de luxo é possível encontrar destes copos em meios rurais, tanto no litoral como no interior.

Origem

Importação, provavelmente do norte da Europa.

Bibliografia

Harden 1987: nº 100, 102, 104, 105; Price e Cottam 1998: 80

Tipologias: Is 21, Ar 45, T 35.

Outras designações: Conical beaker with ground exterior surfaces and facet-cut/relief decoration.

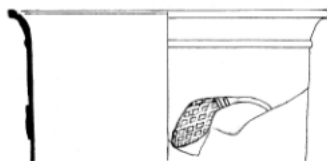
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Cid06, Cidadela, A Corunha: Perfil quase completo de copo tronco-cónico de bordo em aresta polida e decoração lapidada: duas molduras junto ao bordo e uma na parte inferior, facetas formando malha hexagonal com remates arredondados. Incolor. Desenho do autor (inérito). **2** – Ver16, Villa de Veranes, Astúrias: Corpo com banda lapidada em alto-relevo, larga e horizontal, com caneluras finas verticais. Incolor. Desenho do autor (inérito). **3** – Cid08, Cidadela, A Corunha: Corpo convexo com facetas circulares imbricadas e profundas, emolduradas por moldura lapidada. Incolor. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Ver15, Ast02.

CIL: Cálice incolor com lapidação em alto-relevo



1

Características

Forma

Cálice cilíndrico de base convexa com pé campanular apostado. Bordo em aresta polida e esvasado.

Cores

Incolor.

Decoração

Duas molduras horizontais lapidadas junto ao bordo e outra junto à base. Motivo vegetalista (folha de água?) em alto-relevo lapidado no corpo.

Dimensões

Diâmetro 85mm, altura aproximada 120mm.

Observações

Forma única, não são conhecidos paralelos exactos.

Datação

Incerto: 2ª metade do séc. I d.C.

Distribuição

Muito raro.

Origem

Importação.

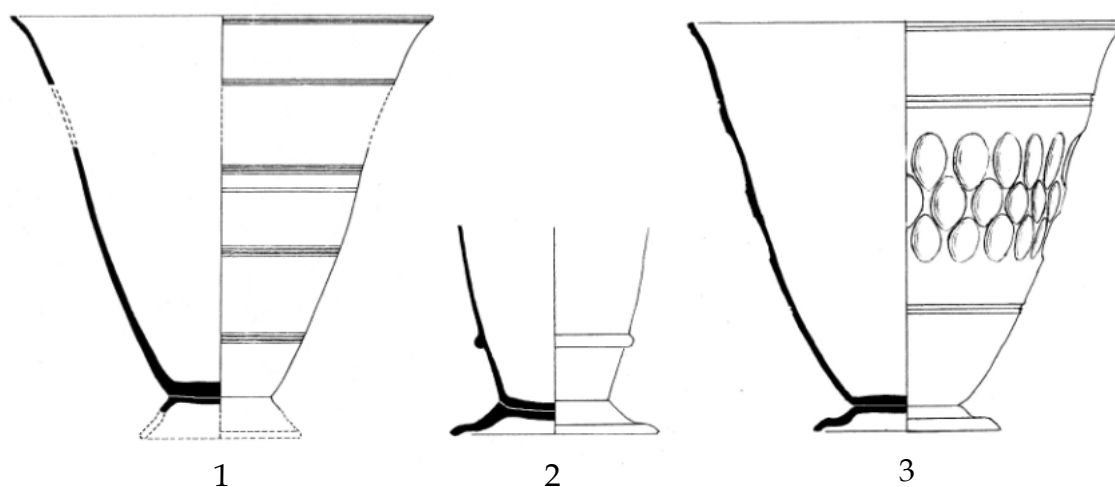
Bibliografia

Tipologias: Is 36.

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 - LugVR15, Lugo: Bordo e base com decoração em alto-relevo lapidado. Incolor. Desenho do autor (inérito).

CIL: Copo cónico incolor de pé aposto



Características

Forma

Copo tronco-cónico de base plana com pé aposto em forma de taça invertida com suave degrau. Bordo em aresta polida ligeiramente esvasado.

Cores

Incolor/incolor esverdeado.

Decoração

Linhas ou finas caneluras horizontais lapidadas, tanto junto ao bordo como no corpo (1), fios horizontais aplicados (2), facetas lapidadas justapostas (2) pouco profundas e em baixo-relevo.

Dimensões

Diâmetro entre 100 - 110mm, altura 100 - 110mm.

Observações

Distingue-se facilmente dos restantes copos tronco-cónicos lapidados por possuir paredes mais finas com lapidação pouco profunda e em baixo-relevo.

Datação

Finais do séc. I d. C. - inícios/meados do II

Distribuição

Raro. Sítios com ocupação do séc. I d. C.

Origem

Local ou mais provavelmente importado.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 89.

Tipologias: Is 21

Outras designações: Goblet on pad-base, Beaker with shallow facet-cutting

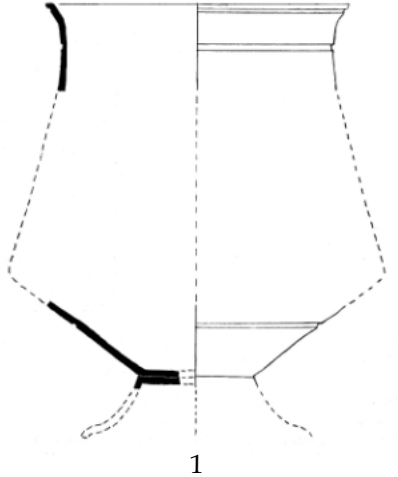
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – San24, Santomé, Ourense: Perfil quase completo de copo tronco-cónico com base aposta e decoração em linhas gravadas em todo o corpo; bordo em aresta polida e esvasado; paredes finas. Incolor. Desenho adaptado da publicação (Xusto 1996: nº 66, Xusto 2001: 288a). **2** – Cac01, Cacabelos, Ponferrada: Parte inferior de copo tronco-cónico com base aposta e moldura horizontal no corpo. Incolor. Desenho do autor (inérito). **3** – Lan26, *Lancia*, Leon: Forma quase completa de copo tronco-cónico, lapidado; bordo em aresta polida, base aposta, em degrau, finas caneluras lapidadas junto à aresta, na parte superior e inferior da copa, facetas lapidadas no centro. Incolor. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

CorF01, Cid07, BraCVL003.

CIL: Copo bicónico incolor de pé aposto



Características

Forma

Copo de corpo bicónico com carena baixa, bordo em aresta polida, esvasado, com base plana de pé aposto em forma de taça campanulada invertida.

Cores

Incolor.

Decoração

Ranhuras horizontais lapidadas, tanto no bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro 80mm, altura aproximada 100mm.

Observações

Difícil de identificar a partir de fragmentos pequenos e isolados, pelo que poderá estar sub-representado.

Datação

Séc. II

Distribuição

Muito raro.

Origem

Importado.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 91.

Tipologias: AR 39.

Outras designações: Biconical wheel-cut cup with separately blown foot.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala $\frac{1}{2}$)

1 - LugVR07, Lugo: Um fragmento de bordo envasado com duas finas caneluras externas e um fragmento de base com pé apostó. Incolor esverdeado. Diâmetro 80mm. Desenho do autor (inérito).

CPF: Copos e taças de paredes finas

Características

Forma

Copos e taças de paredes finas, corpo cilíndrico ou tronco-cônico, estreitando na base. Bordos rectilíneos, esvasados ou de perfil em S alongado. São sobretudo as bases que definem as diferentes formas uma vez que o bordo e o corpo são praticamente indistintos.

Cores

Maioritariamente incolor/incolor esverdeado, ocasionalmente verde azulado ou verde amarelado mas sempre em cores muito esbatidas.

Decoração

As formas Alto-Imperiais apresentam quase sempre linhas horizontais gravadas, enquanto que as formas tardias são maioritariamente lisas ou com linhas de riscos em bandas horizontais.

Observações

Formas de longa duração sendo difíceis de diferenciar a partir de fragmentos de bordo ou de corpo, quando isolados, o que dificulta a sua catalogação e, por conseguinte, a análise estatística, além de distorcer a importância e proporcionalidade de cada exemplar.

Datação

Com excepção do copo de base facetada, quase todos os copos possuem uma variante Alto-Imperial (finais do séc. I d.C. – séc. II) e uma variante Baixo-Imperial (finais do séc. III – séc. IV).

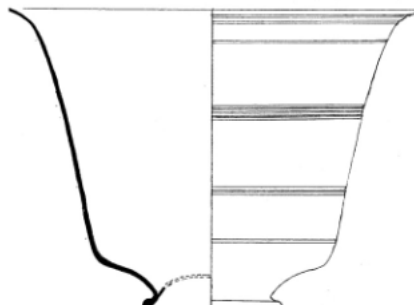
Distribuição

Relativamente comuns em todos os sítios com ocupação romana, com destaque para as cidades.

Origem

Os exemplares mais antigos deverão ser importados, certamente de outras províncias hispânicas, enquanto que os exemplares tardios, nomeadamente de base maciça e facetada, são seguramente de produção local.

CPF: Taça de paredes finas e base em cúpula



1

Características

Forma

Taça funda tronco-cônica de base reentrante, formando cúpula regular e de paredes muito finas, pé anelar repuxado para baixo e para fora, sem chegar a formar um “tubo”. Suave carena na junção do corpo com a base. Bordo em aresta polida esvasado.

Cores

Incolor ou incolor esverdeado.

Decoração

Ranhuras horizontais gravadas, no bordo e no corpo.

Dimensões

Diâmetros entre 80 e 110mm, altura entre 70 e 100mm.

Observações

Para além da altura é a carena que melhor distingue as taças dos copos de paredes finas e base em cúpula.

Datação

Finais do séc. I d.C. – meados do II

Distribuição

Relativamente comum. Poderá estar sub-representada pelas dificuldades na identificação de exemplares incompletos.

Origem

Importadas, provavelmente da Lusitânia (Price 1987).

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 88.

Tipologias: Is 34.

Outras designações: Thin-walled Wheel-cut cup with domed base.

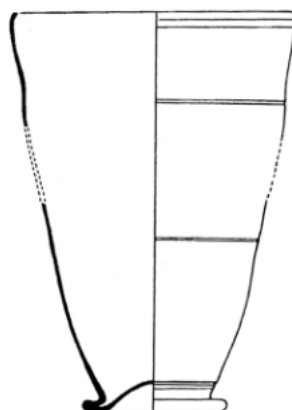
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – Ver28, Villa de Veranes, Gijón: Perfil quase completo de taça tronco-cónica, base com pé anelar repuxado e bordo em aresta polida e esvasada. Paredes finas e linhas horizontais lapidadas. Incolor. Diâmetro 108mm, altura 78mm. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraCVL067.

CPF: Copo de paredes finas e base em cúpula



1

Características

Forma

Copo alto, tendencialmente tronco-cónico. Bordo em aresta polida, de perfil em S alongado, base reentrante, formando cúpula regular e de paredes muito finas, pé anelar repuxado para baixo e para fora.

Cores

Incolor/incolor esverdeado.

Decoração

Ricos em banda ou ranhuras gravadas horizontalmente junto ao bordo e no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 70 – 80, altura entre 80 – 120mm.

Observações

Distingue-se do seu congénere tardio pela decoração de linhas gravadas ao torno e pela característica base em cúpula e pé de paredes dobradas e repuxadas para fora, não chegando a constituir um “tubo”.

Datação

Último terço do séc. I d.C.

Distribuição

Raro. Sítios com ocupação do séc. I d.C.

Origem

Importado, provavelmente da Lusitânia, seguramente hispânico.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 75.

Tipologias: Is 34, AR 37.2

Outras designações: Conical ou ovoid beaker with pushed-in base

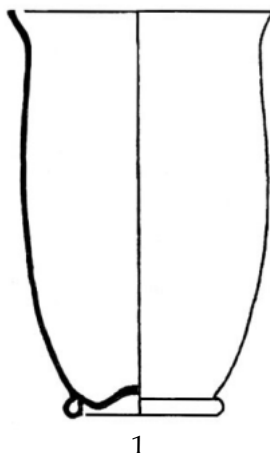
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – Brit17, Citânia de Briteiros, Guimarães: Perfil quase completo de copo tronco-cónico com arestas polidas, base côncava com pé anelar repuxado e linhas horizontais gravadas. Verde amarelado. Sítio abandonado nos inícios do séc. I d. C. Desenho da publicação (Alarcão 1963b: nº 23).

Exemplares não ilustrados

AQ11

CPF: Copo de paredes finas e pé anelar tubular



Características

Forma

Copo alto tendencialmente cilíndrico, estreitando na base. Bordo em aresta viva ou polida, de perfil em S alongado, base ligeiramente reentrante com pé anelar tubular repuxado.

Cores

Maioritariamente incolor/incolor esverdeado, ocasionalmente verde azulado ou verde amarelado.

Decoração

Lisos ou com riscos em bandas horizontais, junto do bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 70 a 90mm, altura entre 100 a 120mm

Observações

Apenas a base os diferencia dos outros copos de paredes finas tardios.

Datação

Incerta: séc. IV.

Distribuição

Devido à dificuldade na identificação e catalogação da forma, pouco se sabe acerca da sua distribuição.

Origem

Provavelmente do NOP.

Bibliografia

Tipologias: Is 109a, AR 71

Outras designações: Conical beaker on foot.

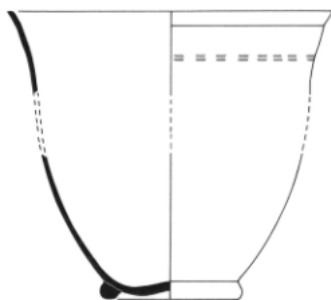
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 - Lanz01, A Lanzada, Pontevedra: Copo de paredes finas fracturado mas completo. Incolor esverdeado. Necrópole da 2ª metade do séc. IV. Desenho da publicação (Blanco 1961: T5.1).

Exemplares não ilustrados

Lanz04.

CPF: Copo de paredes finas e pé anelar maciço aplicado



1

Características

Forma

Taça tronco-cônica de bordo em aresta polida e ligeiramente esvasada, base ligeiramente reentrante com pé anelar maciço aplicado (cordão aplicado).

Cores

Tingido de verde-claro.

Decoração

Banda de riscos interrompidos junto ao bordo (tracejado).

Dimensões

Diâmetro 70mm

Observações

Tal como outras taças e copos de paredes finas esta variante poderá estar sub-representada simplesmente devido à dificuldade de identificação a partir de exemplares fragmentados.

Datação

Incerto: finais do séc. III - IV

Distribuição

Devido à dificuldade na identificação e catalogação da forma, pouco se sabe acerca da sua distribuição.

Origem

Do NOP ou de importação.

Bibliografia

Perin 1995 (Tipe Feyeux 40)

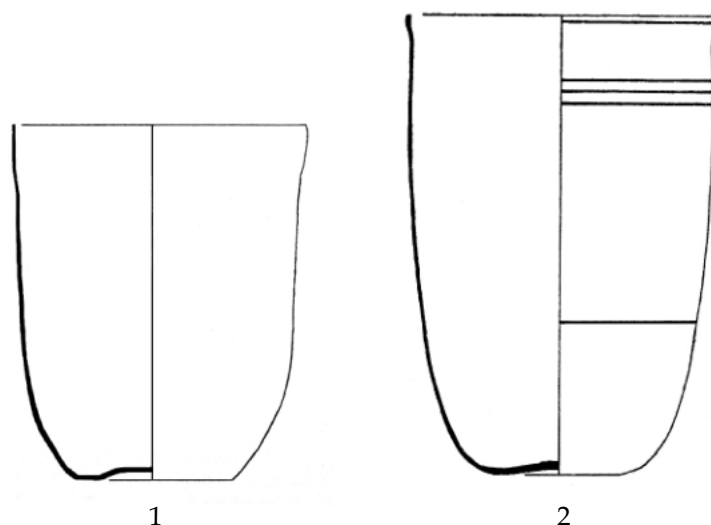
Tipologias: Is 109c, AR72, T 58

Outras designações: Conical beaker on foot.

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/2)

1 – BraSST22, Braga: Perfil quase completo. Tingido de verde-claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 155).

CPF: Copo de paredes finas ápole



Características

Forma

Copo alto de tendência cilíndrica, estreitando na base. Bordo em aresta viva ou polida, rectilíneo ou de perfil em S muito alongado, base ápole simples, ligeiramente reentrante.

Cores

Maioritariamente incolor/incolor esverdeado ou ligeiramente tingido de verde amarelado e ocasionalmente verde amarelado.

Decoração

Lisos ou com riscos em bandas horizontais, junto do bordo como no corpo (2).

Dimensões

Diâmetro entre 65 e 95mm, altura entre 80 a 130mm.

Observações

Praticamente impossível de identificar a partir de fragmentos isolados.

Datação

Finais do séc. III - IV

Distribuição

Relativamente comum em sítios com ocupação Baixo-Imperial, particularmente em meios rurais (A Lanzada, Banhos de Riocaldo, Monte Mozinho).

Origem

A singeleza e fragilidade da forma leva-nos a propor uma produção do NOP, à semelhança dos copos com base maciça e facetada.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 121.

Tipologias: Is 106, AR 64/66, T 53

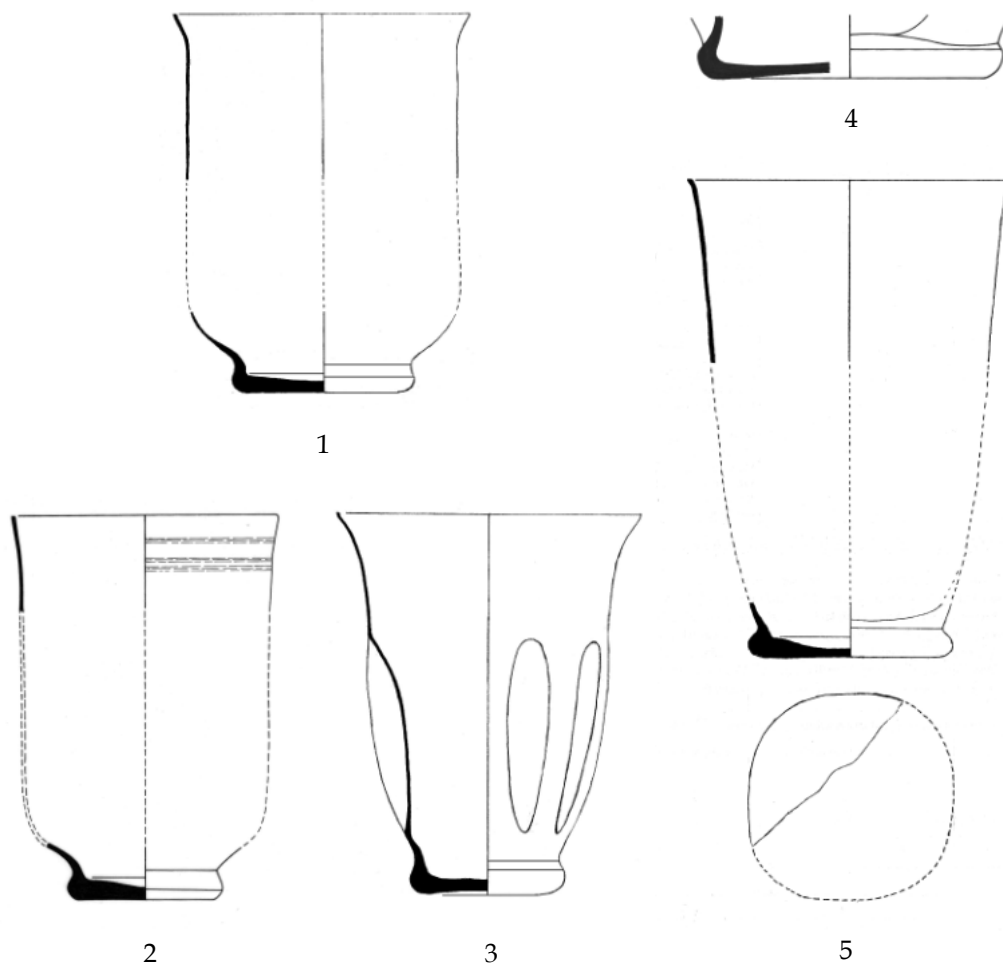
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Lanz05, A Lanzada, Pontevedra: Copo reconstituído, bordo em aresta, esvasado, corpo tronco-cónico, base simples reentrante. Cor desconhecida. Desenho da publicação (Blanco 1967, T17). **2** – Moz08, Monte Mozinho, Penafiel: Perfil completo de copo alto, de bordo em aresta e base ligeiramente reentrante com riscos em bandas: uma junto à aresta, 3 abaixo do bordo e outra na parte inferior. Incolor esverdeado. Desenho corrigido a partir da publicação (Soeiro 1984: CXLI nº6).

Exemplares não ilustrados

Moz10, Ban26-29.

CPF: Copo de paredes finas e base maciça



Características

Forma

Bordo em aresta viva, ocasionalmente polida, ligeiramente esvasado; corpo alto, cilíndrico, por vezes tendendo para o cónico; base plana maciça (em “pé de bolacha”), com moldura externa, mais espessa na borda que no meio. Paredes muito finas em contraste com a base espessa.

Variantes

Com estreitas depressões verticais (3), com largas depressões (4), com base tendendo para o quadrangular, acompanhadas por quatro largas depressões que conferem à parte inferior do corpo um formato igualmente tendendo para o quadrangular (5).

Cores

Tons suaves, com predomínio do verde azulado, incolor e incolor esverdeado, podendo também apresentar-se em verde claro e verde amarelado.

Decoração

Geralmente lisos, podendo ostentar riscos em bandas junto ao bordo (2). Variantes com depressões verticais estreitas ou largas (3 a 5).

Dimensões

Diâmetro entre 70 a 90mm, altura entre 100 a 120mm

Observações

Distingue-se claramente dos copos de base sólida e cúpula interna, de meados do séc. I d.C., pela ausência da característica cúpula na parte interna da base e pelas paredes muito mais finas. Poderá tratar-se de uma evolução regional desta forma ou da variante com pé anelar repuxado, ambas incluídas na tipologia Is 34. A base maciça serve sobretudo para dar estabilidade ao corpo, cujas paredes chegam a ser extremamente finas (caso do nº 3 em que a espessura média é de apenas 0,5mm).

Datação

Incerta: séc. III – IV

Embora a forma Is 34 tenha origem na segunda metade do séc. I d.C e perdurado até ao séc. IV, esta variante regional é nitidamente tardia, surgindo maioritariamente em contextos de finais do séc. III e séc. IV. Também as análises químicas indicam que alguns exemplares foram produzidos com vidro do grupo 4 (séculos II e III). Não terá chegado ao séc. V.

Distribuição

Bastante comum em todos os sítios com ocupação Baixo-Imperial, com maior incidência nas cidades, sobretudo nas capitais de conventos: Braga, Astorga e Lugo.

Origem

Os dados das análises químicas confirmam tratar-se de uma produção regional com, pelo menos, dois centros produtores no NOP; um em *Bracara Augusta*, outro em *Asturica Augusta*, sendo que no primeiro há um predomínio dos tons verde azulados e no segundo do incolor e incolor esverdeado. A sua abundância no NOP contrasta com a quase ausência de paralelos no resto do Império Romano, o que corrobora a sua origem regional.

Bibliografia

Ortiz 2001a, 251; Xusto 2001, 291.

Tipologias: Variante Is 34/109

Outras designações: Vaso cónico com pe macizo.

Exemplares ilustrados

1 – AstSC04, Astorga: Bordo e base de copo de paredes finas e base maciça circular. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inédito). **2** – BraFUJ168, Braga: Bordo em aresta viva, rectilíneo e quase vertical, com riscos em banda, base em "pé de bolacha". Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inédito). **3** – AstSC03, Astorga: Copo de paredes extremamente finas e base maciça com depressões verticais, bordo em aresta viva esvasado. Fracturado mas quase

completo. Incolor. Desenho do autor (inédito). **4** – BraTR04, Braga: Base espessa em pé de bolacha com arranque de parede fina com 4 depressões o que empresta ao corpo um formato quadrangular. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inédito). **5** – AstLC01, Astorga: Bordo em aresta viva ligeiramente esvasado, parede ligeiramente inclinada para fora, base maciça quadrangular de cantos arredondados. Incolor. Desenho do autor (inédito).

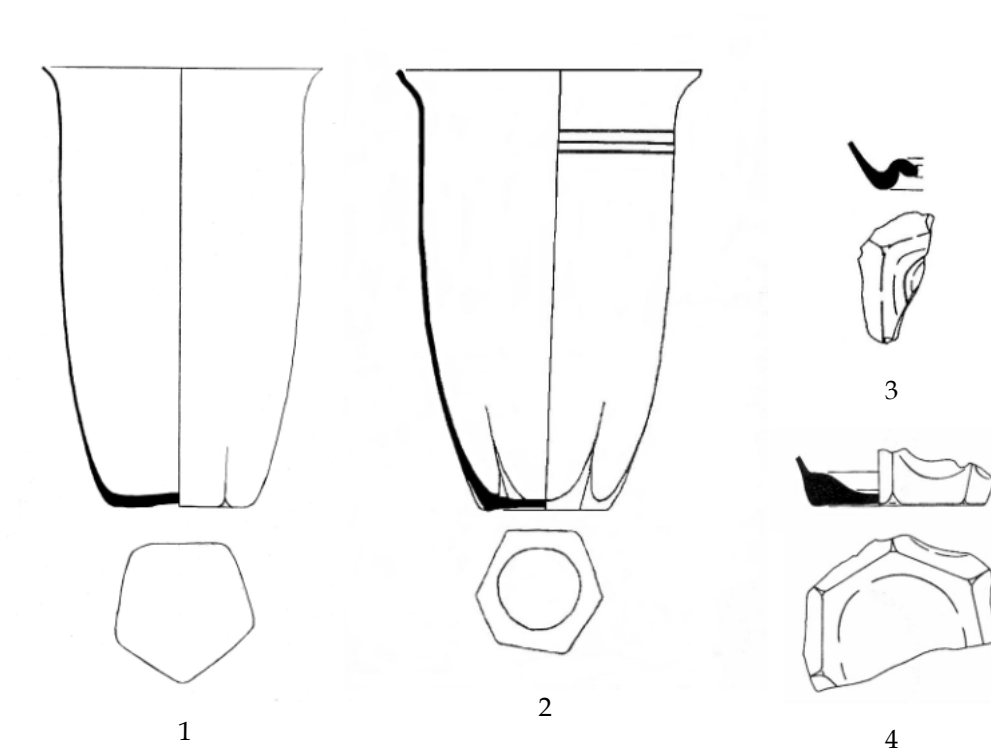
Exemplares não ilustrados

Exemplares lisos de base circular: Braga: BraCARV076, 208, 368, BraMAX43, BraFUJ056, 060, 082, 083, 085, 086, 186, 251, 286, BraSST20, BraTR163, 201, BraDAH20. Astorga: AstSC06, 07, AstJS02, AstLC08, AstGP12, 15, . Necrópole de Montes Novos, Penafiel: Cro02, 06. Lanci, Leon: Lan20. Caldas de Reis, Pontevedra: Cal09, 11, 16. Vigo: VigRCe22. Santomé, Ourense: San28, 29. Banhos de Riocaldo, Ourense: Ban08-10. Povoado do Cramanchão, Macedo de Cavaleiros: Cra02. Lugo: LugSD10, LugVR11, 23, LugCC01.

Exemplares lisos de base quadrangular: BraTR205.

Exemplares com depressões verticais: AstLC05, 07, AstSC08; BraFUJ139.

CPF: Copo de paredes finas e base facetada



Características

Forma

Copo alto e cilíndrico estreitando na base, bordo em aresta viva esvasado, base facetada, normalmente hexagonal, completamente plana ou mais vulgarmente com uma suave canelura externa coincidindo com uma moldura interna na junção da base com o corpo.

Variantes

O número de facetas é de 6 na esmagadora maioria dos casos, daí a designação frequente de copo de base hexagonal, no entanto, como se trata de um copo executado a sopro livre e não em molde, é de admitir que essas facetas possam ser em maior ou menor número, como no caso da base pentagonal (1). O perfil das bases varia muito, desde as planas (1) às enrugadas (3). Este enrugamento da base pode dar origem a uma moldura interna a que corresponde uma suave canelura externa (4).

Cores

Maioritariamente incolor/incolor esverdeado, ocasionalmente verde-azulado e verde amarelado.

Decoração

Lisos ou com riscos em bandas junto ao bordo.

Dimensões

Diâmetros entre 70 – 100mm, altura 90 – 120mm, diâmetro da base 30 – 50mm.

Observações

Sendo fáceis de identificar a partir de fragmentos de base, quando perante fragmentos de bordo ou de corpo são virtualmente impossíveis de distinguir dos restantes copos de paredes finas tardios. A moldura interna na base e a irregularidade das facetas demonstra que estes copos não foram soprados em molde mas antes espalmados, faceta a faceta, com uma tábua de vidro ou na marma.

Datação

Incerto: séc. III - IV

À imagem do copo de paredes finas e base maciça, com quem partilha outras afinidades, este copo é nitidamente tardio, aparecendo sobretudo em contextos do séc. IV, no entanto, o facto das análises químicas revelarem que existem exemplares pertencentes ao grupo de composição química 4 (séculos II e III), leva-nos a fazer recuar a datação pelo menos até ao séc. III. Não terá porém chegado ao séc. V.

Distribuição

Comum em sítios com ocupação Baixo-Imperial, com maior incidência nas cidades, sobretudo nas capitais de conventos: Braga, Astorga e Lugo.

Origem

Tal como no caso dos seus congéneres de base maciça circular, também os copos de base facetada têm origem no NOP. As análises químicas revelam que foi produzido em Astorga e possivelmente também em Braga, parecendo estar ausente de Lugo.

Bibliografia

(Sem paralelos conhecidos)

Outras designações: Copo de base hexagonal,

Exemplares ilustrados

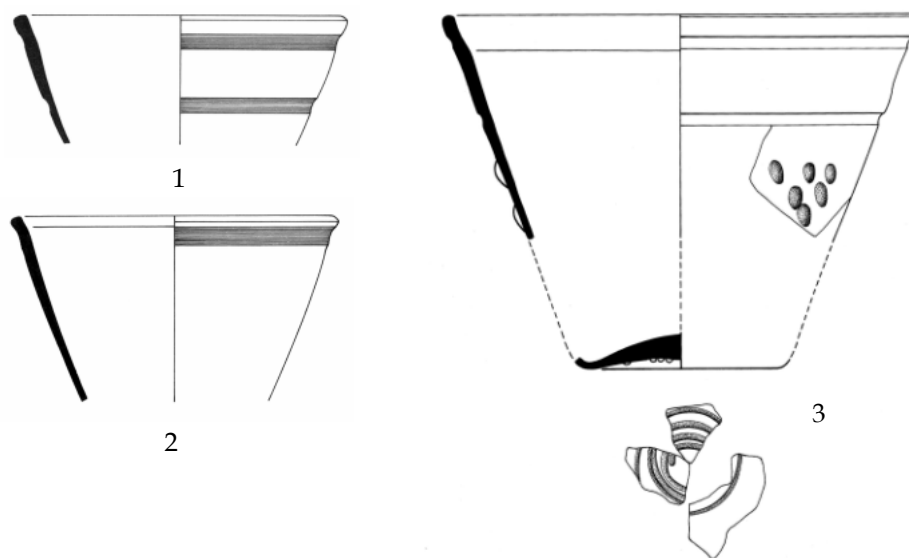
1 – Lanz03, A Lanzada, Pontevedra: Copo quase completo, bordo em aresta viva, esvasado, corpo alto cilíndrico estreitando junto à base pentagonal. Incolor esverdeado. Desenho do autor (Blanco 1961, T8). **12** – Cro01, Montes Novos, Penafiel: Copo de paredes finas, corpo tronco-cónico, bordo ligeiramente esvasado em aresta, 3 linhas incisadas junto ao bordo e base maciça hexagonal. Tingido de verde amarelado. Desenho adaptado de Pinto 1996. (Pinto 1996, S35.1). **3** – BraT162, Braga: Base com dois lados e canelura interna. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (inédito). **4** – BraT076, Braga: Base hexagonal com moldura interna e depressão circular na parte inferior. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inédito).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraCARV023, 093, 214, 226, BraFUJ146, 245, 250, BraMISB03, BraNSL04, BraSE15, BraEVS14. Astorga: AstJS04, AstCS03, AstSC05, 09, 10, 13, AstAH15. A

Corunha: CorCM02, CorT10. Castro de Chão Samartín, Astúrias: Sam09. Caldas de Reis, Pontevedra: Cal08, 21. Vigo: VigMV20, Banhos de Riocaldo: Ban30-32. Santomé, Ourense: San55.

Taça tronco-cônica com caneluras lapidadas (lâmpada?)



Características

Forma

Taça tronco-cônica, paredes grossas rectilíneas, bordo em aresta na continuidade da parede, base ápode plana ou ligeiramente reentrante com ângulo vincado.

Variantes

Embora os fragmentos não sejam conclusivos deveremos estar perante uma variante decorada unicamente com caneluras horizontais lapidadas (1 e 2) e outra que junta as caneluras lapidadas aos fios e cabuchões aplicados (3). Os primeiros poderão ser na realidade copos cónicos de pé estreito, tipo AR 69.

Cores

Tons suaves: incolor esverdeado a tingido de verde amarelado. Fios e cabuchões azuis escuros.

Decoração

Todas as taças apresentam caneluras horizontais lapidadas, bem vincadas, quer junto ao bordo quer no corpo. Alguns exemplares possuem fios e cabuchões azuis aplicados.

Dimensões

Diâmetros entre 80-130mm, altura aproximada de 90mm.

Observações

Estes copos poderão ter a função de lâmpadas/lamparinas para suspensão em candelabros de teto. Se no caso dos copos cónicos de base protuberante não há dúvidas quanto à sua função como lâmpadas, no caso dos copos tronco-cónicos de base plana (3) permanece a dúvida quanta a sua função.

Distingue-se claramente do grupo de taças arqueadas (TA) pela excelente qualidade do vidro, em cores suaves e límpidas, pela grossura das paredes, pelas linhas direitas e sobretudo pelas caneluras lapidadas e acabamento dos bordos ao torno.

Datação

Finais do séc. IV – séc. V

Distribuição

Pouco comum, exclusivamente detectadas em Braga.

Origem

A abundância de exemplares em Braga sugere uma produção bracarense de luxo. Não se descarta a sua importação do Mediterrâneo Oriental, nomeadamente das oficinas secundárias de Jalame (Sazanov1995: 333).

Bibliografia

Sazanov 1995.

Tipologias: Is 106a/c, AR 68/69, T 53/54

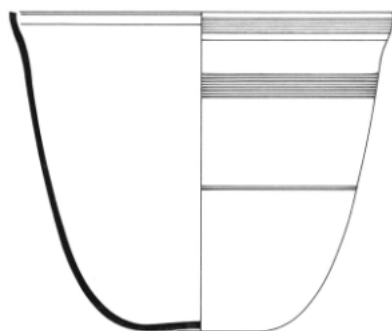
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraCARV338, Braga: Bordo em aresta polida, duas caneluras junto ao bordo. Tingido de verde. Desenho MDDS (Cruz 2001: 204). **2** – BraCARV400, Braga: Bordo em aresta polida, uma canelura lapidada junto ao bordo. Tingido de verde claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 203). **3** – BraCARV330/340, Braga: Bordo em aresta polida, duas caneluras lapidadas junto ao bordo, 6 pingos de vidro azul escuro dispostos em cacho no bojo; base grossa ligeiramente reentrante com espiral de fios azuis aplicada. Tingido de verde. Desenho MDDS (Cruz 2001: 205/206).

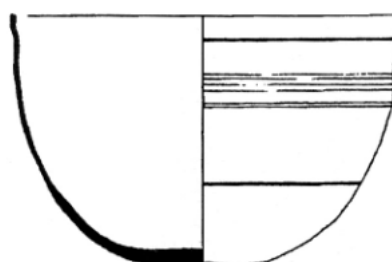
Exemplares não ilustrados

Braga: BraCARV334, 363, 386, 394, BraT091, BraCCC26.

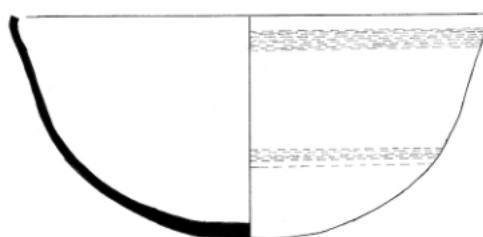
TA: Taças arqueadas



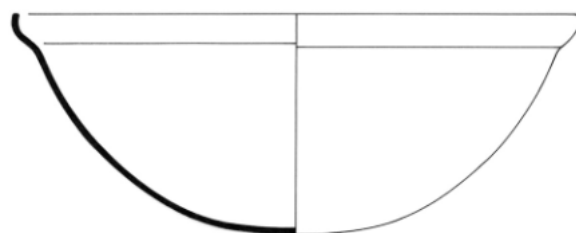
Taça tronco-cônica
(altura próxima ao diâmetro)



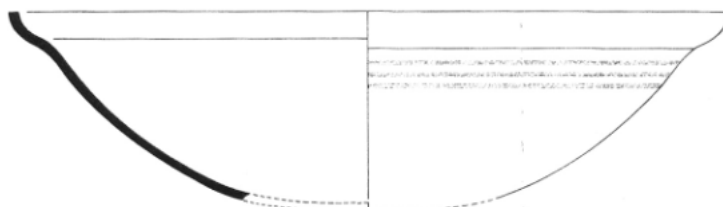
Taça funda
(altura superior ao raio)



Taça hemisférica
(altura igual ou próxima ao raio)



Taça ampla
(altura inferior ao raio)



Taça baixa
(altura próxima a $\frac{1}{2}$ raio)



Prato
(altura inferior a $\frac{1}{2}$ raio)

Características

Forma

Taças e pratos em forma de arco invertido, ápodes, de base convexa ou ligeiramente aplanada, bordo em aresta de perfil em S, excepcionalmente em C.

Cores

Maioritariamente em cores carregadas, tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado, mas também em tons suaves como verde-claro ou ligeiramente tingido de verde amarelado. Ocasionalmente incolor/incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Maioritariamente lisas ou com riscos em bandas horizontais. Entre as decoradas vamos encontrar decoração executada a quente (fios e cabuchões aplicados, depressões verticais e caneluras) e a frio (lapidação, gravação e abrasão).

Observações

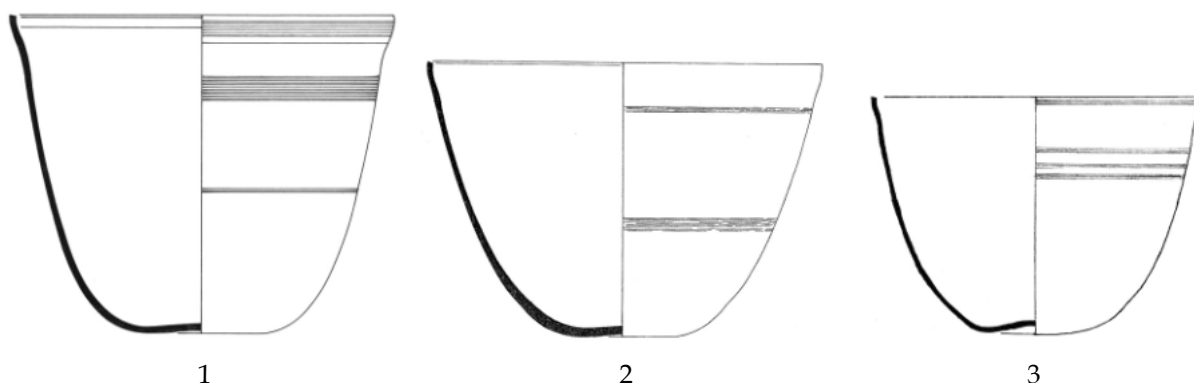
Este é o grupo, ou família, de formas mais simples e primitivo de todos os vidros soprados livremente. Pouco mais é que um balão de vidro cortado ao meio, a frio. Possui nítidas afinidades entre si, como a ausência de pé e o bordo em aresta, o que, se por um lado permite a sua rápida identificação, por outro dificulta a destrição entre variantes, o que não é por acaso. Como se constata pela figura acima, trata-se no fundo de uma mesma forma em diversos tamanhos e profundidades. Quanto mais estreita mais alta e funda, quanto mais aberta mais ampla e baixa. Sendo uma forma executada a sopro livre e não obedecendo a moldes ou calibres rígidos, é normal encontrarmos exemplares intermédios, por vezes impossíveis de encaixar numa ou noutra variante. Esta proposta de sistematização e arrumação é um mero recurso metodológico, não esgotando toda a variabilidade formal. Dito isto, é perceptível que as variantes não foram completamente um fruto do acaso, elas pressupõem uma intencionalidade. Certamente que as taças tronco-cónicas não tiveram o mesmo destino que as taças arqueadas amplas.

Embora não seja ainda pacífico entre os estudiosos, estamos em crer que, na maior parte dos casos, estamos perante verdadeiras lâmpadas e não apenas perante taças de serviço de mesa. As bases convexas, instáveis em superfícies planas, e o bordo em S de aresta viva, são algumas das características que as tornam improváveis para uso quotidiano na mesa ou na cozinha mas que as tornam ideais para a suspensão em candelabros.

Origem

Seguramente local, na esmagadora maioria dos casos. Sendo uma das formas mais simples e de fácil execução, é de supor que todas as oficinas Tardo-Romanas do NOP estivessem habilitadas à sua produção. Alguns exemplares raros e com decoração poderão ser de importação.

TA: Taça tronco-cônica lisa



Características

Forma

Taça tronco-cônica de paredes ligeiramente arqueadas, bordo em aresta viva ou polida, de perfil em S alongado, por vezes quase imperceptível, base ápode plana ou ligeiramente reentrante.

Variantes

Dimensões variáveis, umas mais altas e cónicas (1), outras mais baixas e arqueadas (2 e 3).

Cores

Maioritariamente em cores carregadas tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado, mas também em cores suaves como verde-claro e tingido de verde amarelado. Ocasionalmente incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Lisas ou com bandas de riscos tanto no bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 80-120mm, altura entre a medida do diâmetro e do raio.

Observações

As variantes baixas e arqueadas confundem-se com as taças arqueadas fundas, existindo muitos exemplares intermédios entre estas duas formas difíceis de catalogar.

Datação

Incerta: séc. IV

Distribuição

Relativamente comum, com incidência em meios rurais com ocupação Tardo-Romana.

Origem

NOP. Os dados das análises químicas revelam que Braga produziu esta forma. Apesar desta variante parecer bastante simples e internacional, ela não possui muitos paralelos exactos fora do NOP. O que vamos encontrar noutras partes do Império são copos altos e cónicos, Is 106, ou taças arqueadas, Is 96.

Bibliografia

Tipologias: Is 96a, T 53a

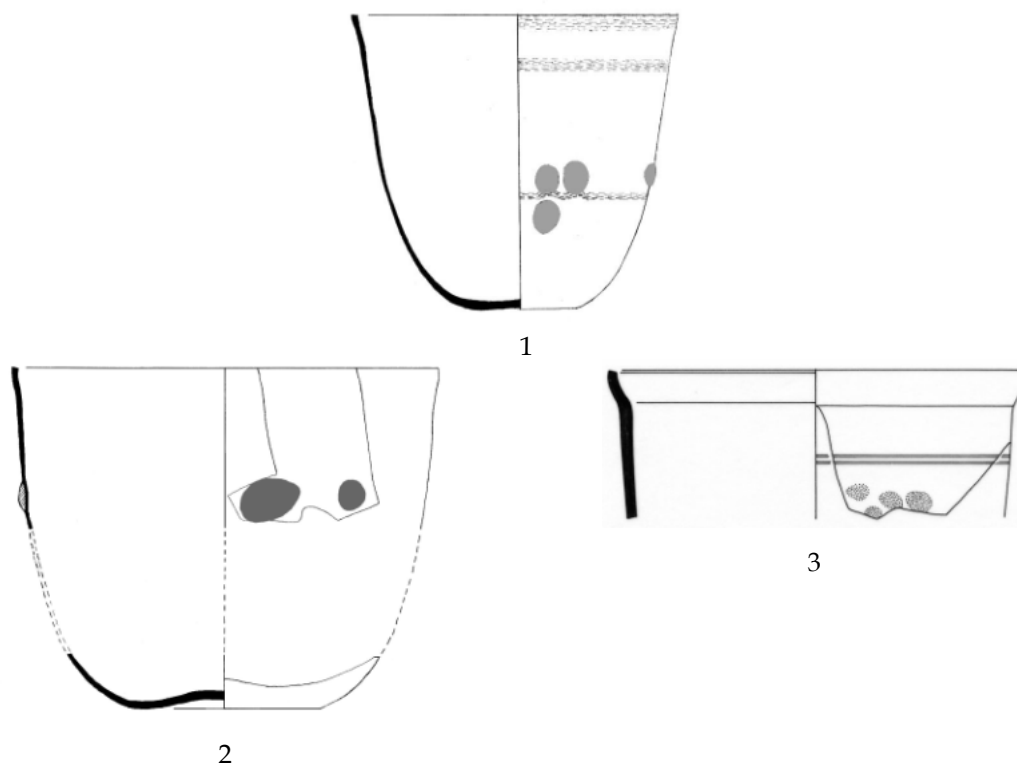
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraFUJ48, Braga: Perfil completo tronco-cónico, bordo em arestas vivas envasado e base plana. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 174). **2** – LugAF07, Lugo: Perfil completo de taça tronco-cónica de bordo em aresta e base reentrante. Tingido de verde amarelado. Desenho cedido por Enrique González Fernández, Ayuntamiento de Lugo (inérito). **3** – Jou04, Castro de Joubreia, Amares: Perfil completo de taça tendendo para o tronco-cónico, bordo de perfil em S, base côncava, riscos horizontais em banda na parte superior. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraT043, 060, 107, 108, 134 BraFUJ034, 036, 039, 040, 055, 179, 242, BraSAP55, BraCARV131, 207, 225, 253, 366, 415, 496, BraCVL009, 023, BraMISA08, BraSG18, BraTR053, 055, 064, 153, 183, 186, 241-243, 272, 276, BraSE02, BraMISB02, BraCSF31, BraDAH02, BraCTT15, 16; Castro de Viladonga, Lugo: Vdg09, 10. A Lanzada, Pontevedra: Lanz02; Vigo: VigMV18; Santomé, Ourense: San38-40; Banhos de Riocaldo: Ban20-22; Castro de Joubreia, Amares: Jou05, 08.

TA: Taça tronco-cônica com cabuchões



Características

Forma

Taça de tendência tronco-cônica, paredes ligeiramente arqueadas, bordo em aresta viva de perfil em S alongado, por vezes quase imperceptível, base ápole plana ou ligeiramente reentrante.

Cores

Maioritariamente em cores carregadas tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado, mas também em cores suaves como verde-claro e tingido de verde amarelado. Cabuchões em cores fortes contrastantes: azul-escuro ou azul esverdeado escuro.

Decoração

Bandas de riscos e cabuchões ou pingos de cor contrastante aplicados no corpo. Um padrão recorrente é o de um cabuchão grande alternando com cacho de 6 pequenos cabuchões (2), também existe a sequência 3, 1, 3, 1 (1).

Dimensões

Diâmetro entre 80-120mm, altura entre 70 – 100mm

Observações

Em termos de forma nada distingue estas taças das congêneres lisas, sendo uma variante decorativa.

Datação

Finais do séc. IV – séc. V

Distribuição

Relativamente comum, tanto em contextos de habitat como em necrópoles. Destaque para Braga e Lugo.

Origem

Do NOP ou de importação.

Bibliografia

Sazanov 1995.

Tipologias: AR66.2

Outras designações: Verres à decor de pastilles bleues.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

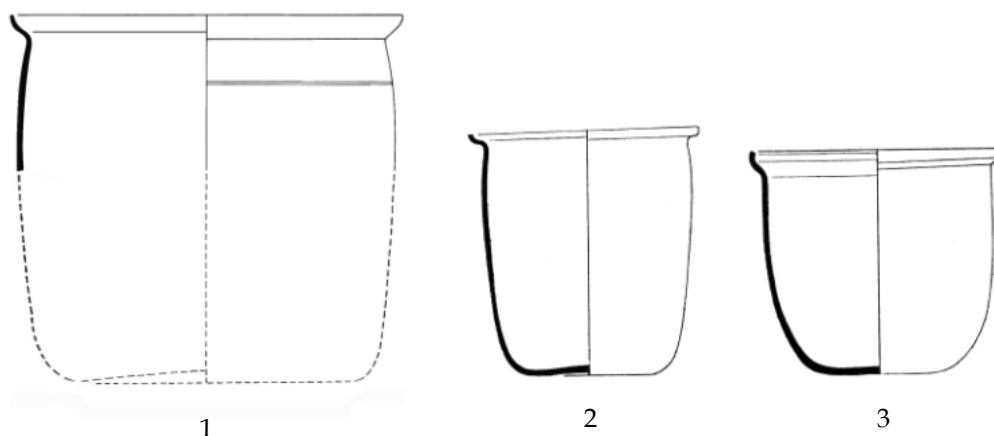
1 – Par08, Necrópole de Paredes, Astúrias: Taça tronco-cónica completa: bordo em aresta viva, decoração de riscos em bandas e 9 pingos verde azulado escuro aplicados na parte inferior da copa numa sequência de 3, 1, 3, 1. Verde amarelado escuro, pingos azuis esverdeados escuros. Desenho do autor (Requejo Pagés 1999: 319). **2** – Vdg11, Castro de Viladonga, Lugo: Bordo em aresta viva, quase rectilíneo, dois pingos ou cabuchões na copa, base reentrante. Verde amarelado escuro. Desenho do autor (Cruz 2007). **3** – BraCARV219, Braga: Bordo em aresta viva, perfil em S, pingos azuis escuros opacos formando um cacho de uvas. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 214).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraMAX27, BraCARV129, 442, BraDG01, BraTR070, 080, 114, 137.

Necrópole de Paredes, Astúrias: Par11. Lugo: LugAF06, 08.

TA: Taça/copo cilíndrica de bordo em aresta



Características

Forma

Taças ou copos de tendência cilíndrica, paredes ligeiramente arqueadas, bordo em aresta viva de perfil em S com constrição acentuada, formando quase uma aba, base ápode plana ou ligeiramente reentrante.

Variantes

Parece ter existido uma variante de pequeno copo cilíndrico (2 e 3).

Cores

Cores tardias carregadas: verde amarelado, verde amarelado, verde acastanhado.

Decoração

Lisas ou com bandas de riscos tanto no bordo como no corpo.

Dimensões

As maiores de diâmetro entre 100-120mm, as pequenas entre 60-65mm de diâmetro e altura.

Observações

Poderá ser uma variante ou evolução tardia das taças tronco-cónicas lisas, como se adivinha pelo exemplar 3, cuja forma fica a meio caminho entre as taças tronco-cónicas e as cilíndricas.

Datação

Incerta: finais do séc. IV – V.

Distribuição

Relativamente rara.

Origem

NOP

Bibliografia

Com poucos paralelos exactos.

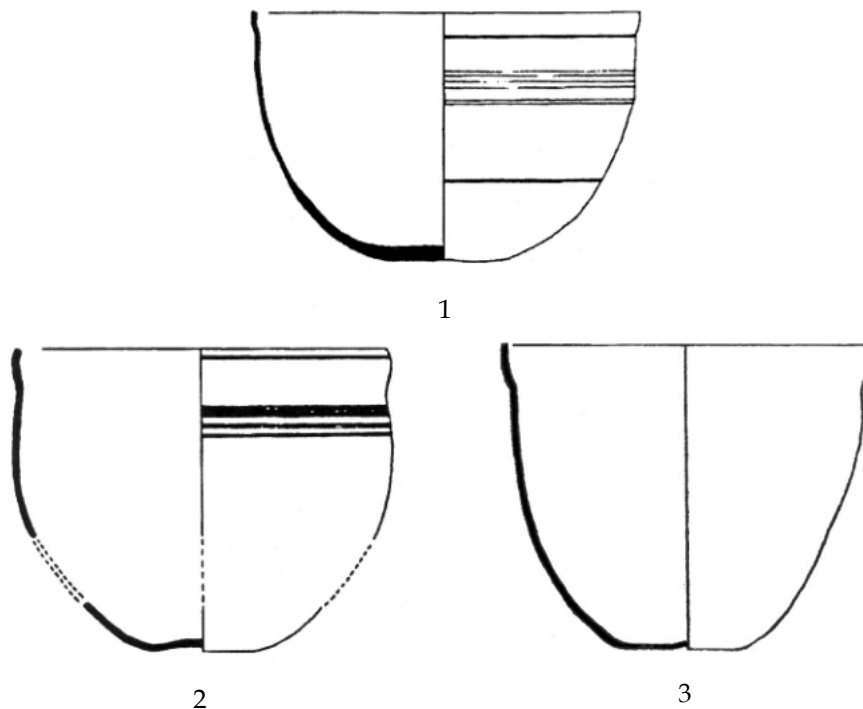
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraSG05, Braga: Bordo em aresta polida muito esvasado, corpo vertical. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001 173). **2** – Bei04, Necrópole de Beiral do Lima (Eido da Renda), Ponte de Lima: Exemplar inteiro. Bordo muito esvasado e com ressaltado do corte. Verde amarelado. Desenho MDDS (Sousa 1979: 293-304). **3** – Bei03, Necrópole de Beiral do Lima (Eido da Renda), Ponte de Lima: Exemplar inteiro. Bordo de perfil em S acentuado e ligeiramente lascado. Verde amarelado. Desenho MDDS (Sousa 1979: 293-304).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraT164, BraCARV043, BraALB020. NOP: GijTR11, San56-58, Moz13.

TA: Taça arqueada funda lisa



Características

Forma

Taça em forma de arco invertido, base ápolede cônica na continuidade da copa ou ligeiramente aplanada, bordo em aresta viva de perfil em S suave.

Variantes

Existem exemplares de base convexa ou ligeiramente aplanada, mais espessa que o resto do corpo (1) e exemplares de base aplanada ou ligeiramente reentrante, sem que a espessura das paredes varie (2).

Cores

Maioritariamente em cores suaves: incolor esverdeado e tingido de verde amarelado. Ocasionalmente em verde amarelado.

Decoração

Lisas ou com riscos em bandas horizontais, tanto junto ao bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 80-120mm, altura igual ou superior ao raio.

Observações

Para além da inclinação e curvatura da parede também o diâmetro do bordo pode ser um bom indicador para a identificação desta variante de taça arqueada, porém existem exemplares “híbridos”, difíceis de catalogar, como é o caso do nº 3 (taça arqueada funda ou tronco-cônica?).

Datação

Incerta: meados do séc. III – inícios do V

Distribuição

Relativamente comum, sobretudo em contexto funerário. A dificuldade na sua identificação, a partir de fragmentos pequenos, distorce a análise estatística.

Origem

NOP

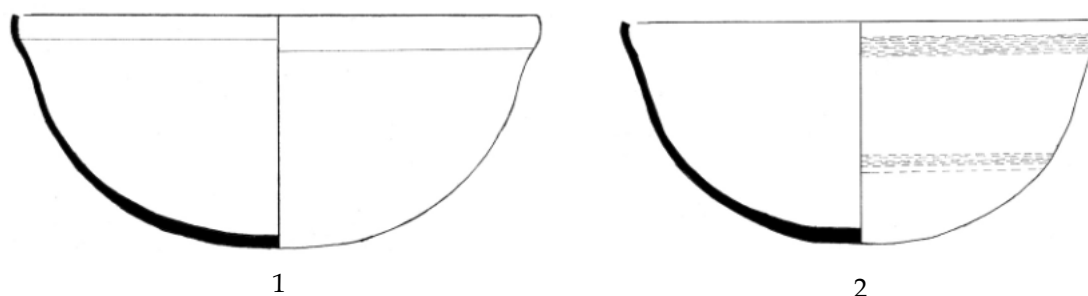
Bibliografia

Tipologias: Is 96a, AR 60, T 49a

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Par15, Necrópole de Paredes, Astúrias: Exemplar completo, bordo em aresta viva de perfil em S alongado, base convexa ligeiramente aplanada, riscos em banda. Tingido de verde amarelado. Desenho do Gabinete Arqueológico de Siero (inédito). **2** – Par14, Necrópole de Paredes, Astúrias: Perfil quase completo, bordo em aresta vida de perfil em S, base aplanada, riscos de pinça em bandas. Tingido de verde amarelado. Desenho do Gabinete Arqueológico de Siero (Requejo 1999: 319). **3** – Lanz02, A Lanzada, Pontevedra: Taça fracturada mas completa, bordo em aresta de perfil em S alongado, corpo convexo tendendo para o tronco-cónico, base convexa com ligeira reentrância. Tingido de verde amarelado. Desenho da publicação (Blanco 1961: fig3).

TA: Taça arqueada hemisférica lisa



Características

Forma

Taça em forma de arco de meio ponto invertido, base ápode convexa na continuidade da copa, bordo em aresta viva de perfil em S suave.

Cores

Maioritariamente em cores carregadas tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, mas também em cores suaves como verde-claro e tingido de verde amarelado.

Decoração

Lisas ou com riscos em bandas horizontais, tanto junto ao bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 100-140mm, altura igual ou próxima ao raio (50-70mm).

Observações

Na ausência do perfil completo, as características que nos podem servir de indícios para a distinção entre taças arqueadas hemisféricas das restantes taças são: as dimensões, a inclinação da parede, o bordo de perfil em S muito suave e a menor espessura do bordo relativamente à base.

Datação

Incerta: 2º quartel do séc. IV – inícios do V

Distribuição

Relativamente comum, sobretudo em contexto funerário. Tal como a forma de taça arqueada funda, também neste caso a dificuldade de catalogação, a partir de fragmentos pequenos, distorce a análise estatística.

Origem

NOP

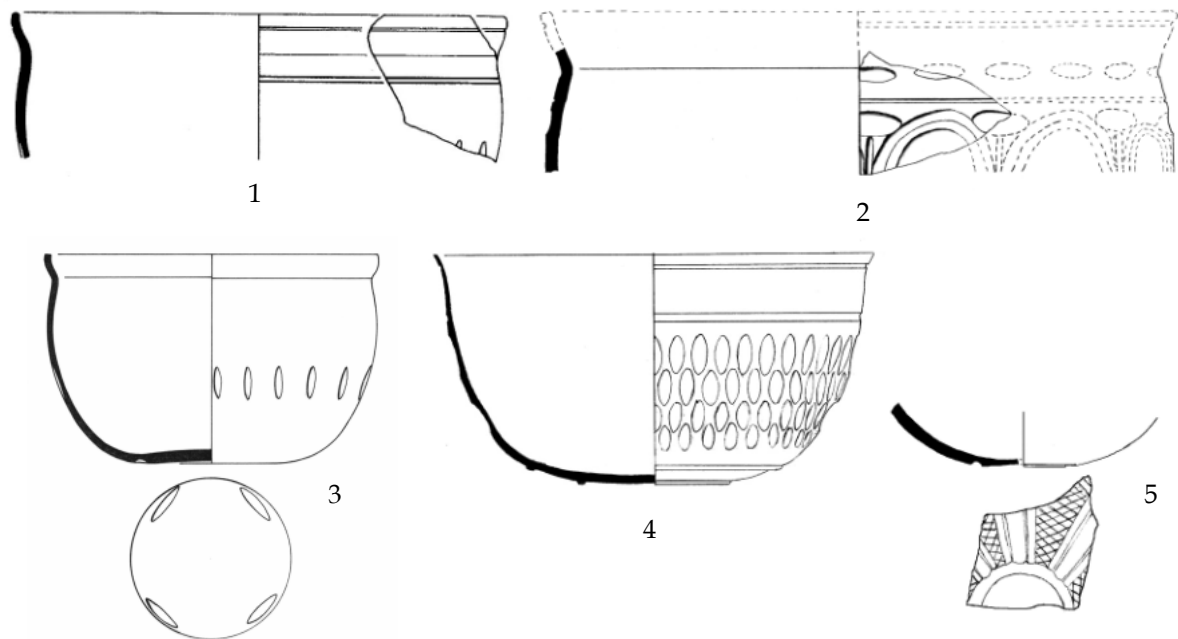
Bibliografia

Tipologias: AR59.1, T 27a

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – Sen01, Castro de Sendim, Penafiel: Perfil completo de taça arqueada, sem sinais de riscos. Verde. Desenho do autor (ALARCÃO, 1963b, nº 31) **2** – Par10, Necrópole de Paredes, Astúrias: Taça de bordo em aresta viva de perfil em S alongado, base convexa indistinta da copa. Verde-escuro. Desenho do autor (inérito).

TA: Taças arqueadas com facetas lapidadas



Características

Forma

Taças em forma de arco invertido, maioritariamente hemisféricas, de bordo em aresta polida ao torno, de perfil em S suave ou ligeiramente esvasado, base ápole convexa ou ligeiramente aplanada.

Cores

Incolor, incolor esverdeado.

Decoração

Facetas lapidas lentóides (em “grão de arroz”) ou circulares, por vezes associadas a outros motivos geométricos lapidados, ou emolduradas por caneluras ou molduras horizontais. As variantes decorativas vão desde simples renques de facetas em forma de grão de arroz (1 e 3) a composições mais elaboradas (2, 4 e 5).

Dimensões

Há pelo menos 3 dimensões: a primeira de diâmetro em torno de 90mm, a segunda de 120-130mm e a terceira em torno a 160-170mm. Altura próxima ao raio.

Datação

Finais do séc. II – séc. III

Mais que a forma é a decoração e a qualidade/cor do vidro que nos permite propor esta datação.

Distribuição

Relativamente comum, com incidência nas capitais de conventos, *Bracara Augusta*, *Asturica Augusta* e *Lucus Augusti*.

Origem

NOP ou importação.

É bastante provável que as taças com simples renques de facetas lapidadas na copa e na base (1 e 3) pertençam a uma produção bracarense, enquanto que as taças com composições mais elaboradas e cuidadas pertençam à produção de Astorga (2, 4 e 5). Note-se que as primeiras surgem quase exclusivamente em Braga enquanto que as segundas possuem padrões de desenho idênticos aos padrões das taças e pratos de louça moldada incolor (LMI) de Astorga.

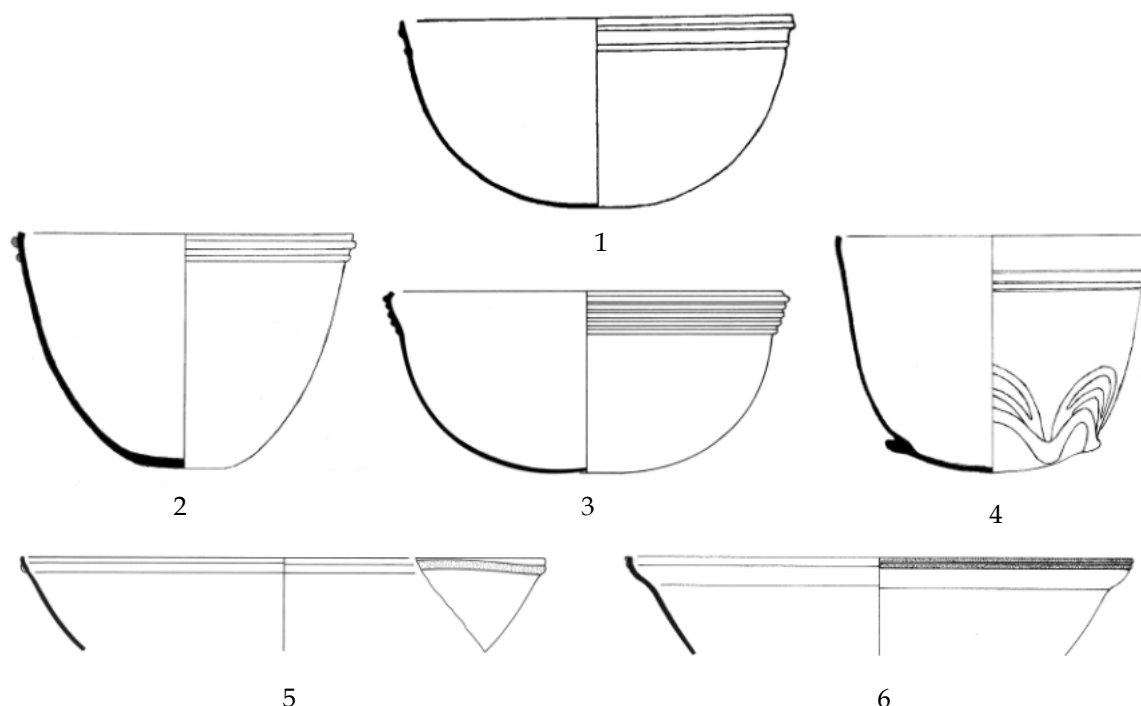
Bibliografia

Paolucci 1997: 99-104; Price e Cottam 1998: 115.
Tipologias: Is 96b, AR 60.1

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraT067, Braga: Bordo em aresta polida, perfil em S e corpo convexo com renque de facetas lapidadas. Incolor. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 226). **2** – Vdg08, Castro de Viladonga, Lugo: Corpo e base (não desenhado) com decoração lapidada constituída por linhas horizontais, facetas em "grão de arroz" e círculos secantes. Incolor. Museu do autor (Cruz 2007, Vdg08). **3** – BraT016, Braga: Perfil completo, bordo de arestas polidas e perfil em S, corpo convexo com renque de facetas lapidadas em "grão de arroz", base plana com 4 facetas lapidadas. **4** – AstAH09, Astorga: Perfil completo de taça hemisférica de bordo em aresta polida com decoração de facetas lapidadas em grão de arroz, em 4 renques sobrepostos, emoldurados por molduras horizontais. Incolor. Desenho do autor (inérito). **5** – AstGP11, Astorga: Base convexa com decoração lapidada no corpo constituída por largas caneluras verticais intercalando com malha de rede gravada. Incolor. Desenho do autor (inérito).

TA: Taças arqueadas com fios aplicados



Características

Forma

Taças em forma de arco invertido, maioritariamente hemisféricas (1 e 3), de bordo em aresta viva ou polida ao torno, de perfil em S suave, por vezes quase imperceptível, e base ápode convexa ou ligeiramente aplanada.

Variantes

Para além das taças hemisféricas, largamente maioritárias, podemos encontrar taças de tendência tronco-cónica (2), taças arqueadas fundas (4) e taças arqueadas amplas (5 e 6)

Cores

Maioritariamente em cores suaves: incolor esverdeado, tingido de verde amarelado; ocasionalmente verde amarelado.

Decoração

Fios aplicados em espiral, permanecendo quase sempre em alto-relevo, bem vincados, podendo em alguns casos dar lugar a um efeito de suaves ondulações horizontais, quando os fios são aplicados em grande número numa fase inicial do processo. Na esmagadora maioria dos casos são fios da mesma cor da parede (1 a 4), excepcionalmente fios de cor contrastante, nomeadamente azul escuro translúcido ou opaco e branco opaco (5 e 6). Quanto ao número e localização dos fios, a regra é a de dois fios paralelos aplicados junto à aresta (1, 2 e 6) embora o número possa variar muito, desde um único fio (5) a múltiplos fios (3). Fios aplicados na copa e repuxados de forma a formar festões são casos excecionais (4).

Dimensões

Idênticas às respectivas variantes lisas.

Observações

Esta técnica decorativa é comum às taças campanuladas de fios aplicados, podendo a forma de bordo em aresta ter estado na origem da forma de bordo engrossado ao fogo. O facto dos fios destas últimas taças serem mais esbatidos que as primeiras deve-se ao acabamento ao fogo dos bordos.

Datação

Incerto: 2^a metade do séc. IV – inícios do V

Dentro destas balizas temporais, as variantes deverão acompanhar as datações das suas congéneres lisas, sendo provável que as taças fundas sejam as mais antigas e as amplas as mais recentes.

Distribuição

Comum em todo o litoral do *Conventus Bracaraugustano*, com grande expressividade em Braga, praticamente ausente do interior do NOP, apesar de surgirem com relativa frequência em necrópoles tardias da Meseta Norte espanhola, extra NOP.

Origem

NOP, seguramente da oficina dos CTT, Braga.

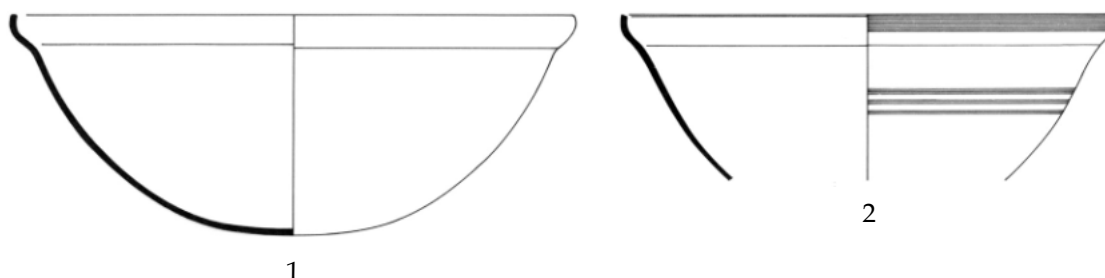
Bibliografia

Fuentes 1990: tipo IIIA2; Abásolo, Cortes e Marcos 2004: 49-52.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Cod01, Codes, Penafiel: Perfil completo de taça hemisférica com dois fios aplicados junto ao bordo. Verde amarelado. Desenho da publicação (Soeiro 1984: XIX, nº 2). **2** – Par01, Necrópole de Paredes, Astúrias: Taça tronco-cónica inteira, bordo em aresta polida, base aplanada, dois fios aplicados paralelamente ao bordo. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inérito). **3** – BraT039, Braga: Perfil completo de taça hemisférica de bordo em aresta viva de perfil em S com 5 fios aplicados, base convexa na continuação do corpo. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 286). **4** – Stor01, S. Torcato, Guimarães: 4 fragmentos, sendo um de perfil completo, de taça de bordo em aresta viva e perfil em S, corpo hemisférico com fios aplicados em festões. Verde amarelado. Desenho do autor (inérito). **5** – BraALB098, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S com fio azul esverdeado translúcido. Tingido de verde claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 261). **6** – BraALB086, Braga: Bordo em aresta polida de perfil em S com dois fios azuis opacos paralelos. Tingido de verde. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 264).

TA: Taça arqueada ampla lisa



Características

Forma

Taça em forma de arco invertido, base ápole convexa na continuidade da copa, bordo em aresta viva de perfil em S.

Cores

Maioritariamente em cores tardias; verde amarelado, verde amarelado escuro, ocasionalmente em cores suaves: incolor esverdeado e tingido de verde amarelado.

Decoração

Lisas ou com riscos em bandas horizontais, tanto junto ao bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 120-150mm, altura inferior ao raio (60-75mm).

Observações

Na ausência do perfil completo, as características que nos podem servir de indícios para a distinção entre taças arqueadas hemisféricas das restantes taças são: as dimensões, a inclinação da parede e o bordo de perfil em S bem marcado.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. IV - séc. V

Os exemplares de tons suaves poderão ser ainda do séc. IV

Distribuição

Bastante comum, sendo particularmente abundante em Braga.

Origem

NOP, seguramente de Braga.

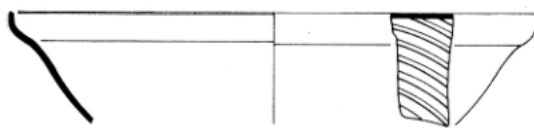
Bibliografia

Foy 1995: tipo 15

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 - BraT170, Braga: Perfil completo, bordo em arestas vivas, perfil em S alongado, base convexa na continuação da copa. Tingido de verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 362). **2** - BraFUJ108, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S, com riscos em bandas, tanto junto ao bordo como na copa. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 356).

TA: Taça arqueada canelada



1

Características

Forma

Taça em forma de arco invertido, base ápole convexa ou ligeiramente aplanada, bordo em aresta viva de perfil em S.

Cores

Verde amarelado

Decoração

Soprada em molde (a decoração, não a forma). Caneluras oblíquas dilatadas abrangendo todo o corpo.

Dimensões

Diâmetro 140mm.

Observações

Embora este seja exemplar único deverão existir outros casos não identificados, uma vez que a técnica das caneluras dilatadas surge em abundância em exemplares de taças campanuladas, suas contemporâneas. Poderá tratar-se igualmente de um protótipo da oficina de Maximinos, de onde provém este exemplar.

Datação

Incerta: séc. IV - V

Distribuição

Rara, um único exemplar de Braga.

Origem

NOP, provavelmente de Braga.

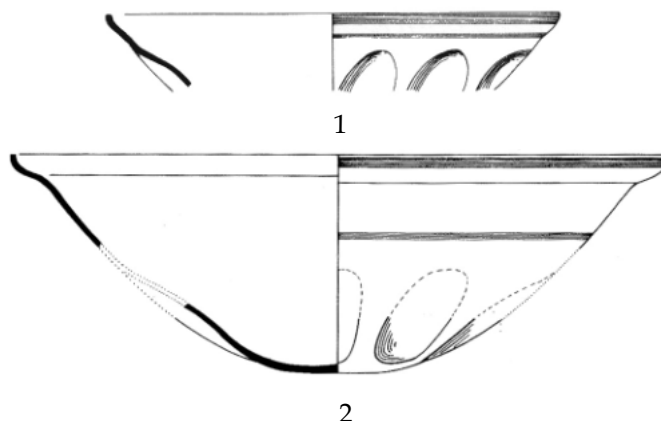
Bibliografia

Depraetere-Dargery e Sennequier 1994: nº 189

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - BraMAX02, Braga: Bordo em aresta viva, de perfil em S, ondulações oblíquas na copa. Verde amarelado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 413)

TA: Taça arqueada com depressões verticais



Características

Forma

Taça em forma de arco invertido, aberto, tendendo para o tronco-cónico em função das depressões verticais, bordo em aresta viva de perfil em S e base ápode ligeiramente aplanada.

Cores

Maioritariamente em cores fortes tardias, verde amarelado e verde amarelado escuro, mas também em cores suaves, como tingido de verde amarelado.

Decoração

Riscos em bandas junto ao bordo e depressões verticais ovaladas na copa.

Dimensões

As mesmas das congéneres lisas.

Observações

As depressões verticais detectadas em exemplares do NOP ocorrem maioritariamente em taças arqueadas amplas mas podem ser igualmente encontradas noutras variantes de taças arqueadas, incluindo as formas mais altas e fundas.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. IV – séc. V

Distribuição

Relativamente comum, com incidência em Braga.

Origem

NOP, seguramente Braga.

Bibliografia

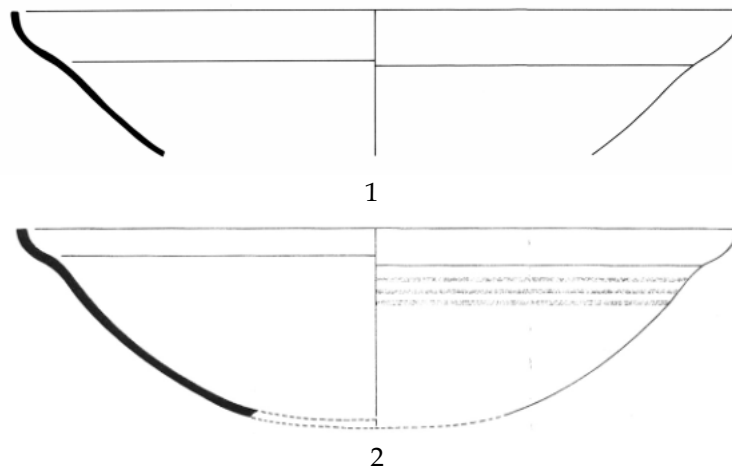
Tipologias: Is 117, AR 59.2

Outras designações: Convex bowl with indents

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraFUJ015, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S e corpo com depressões verticais. Verde amarelado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 450). **2** – BraCCC16, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S, base convexa ligeiramente aplanada e arranque de depressões. Tingido de verde claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 449).

TA: Taça arqueada baixa lisa



Características

Forma

Taça em forma de arco invertido, aberto e baixo, base ápolede convexa, na continuidade da copa ou ligeiramente aplanada, bordo em aresta viva de perfil em S.

Cores

Maioritariamente em cores tardias; verde amarelado, verde amarelado escuro, ocasionalmente em cores suaves: incolor esverdeado e tingido de verde amarelado.

Decoração

Lisas ou com riscos em bandas horizontais, tanto junto ao bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 160 e 200mm, altura próxima a $\frac{1}{2}$ raio (40-50mm).

Observações

Esta é uma variante de fácil distinção devido ao diâmetro, superior a todas as outras taças arqueadas, à grande inclinação das paredes e ao bordo de perfil em S, que a distingue dos pratos de perfil em C.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. IV - séc. V

Os exemplares de tons suaves poderão ser ainda do séc. IV

Distribuição

Bastante comum, sendo particularmente abundante em Braga.

Origem

NOP, seguramente de Braga.

Bibliografia

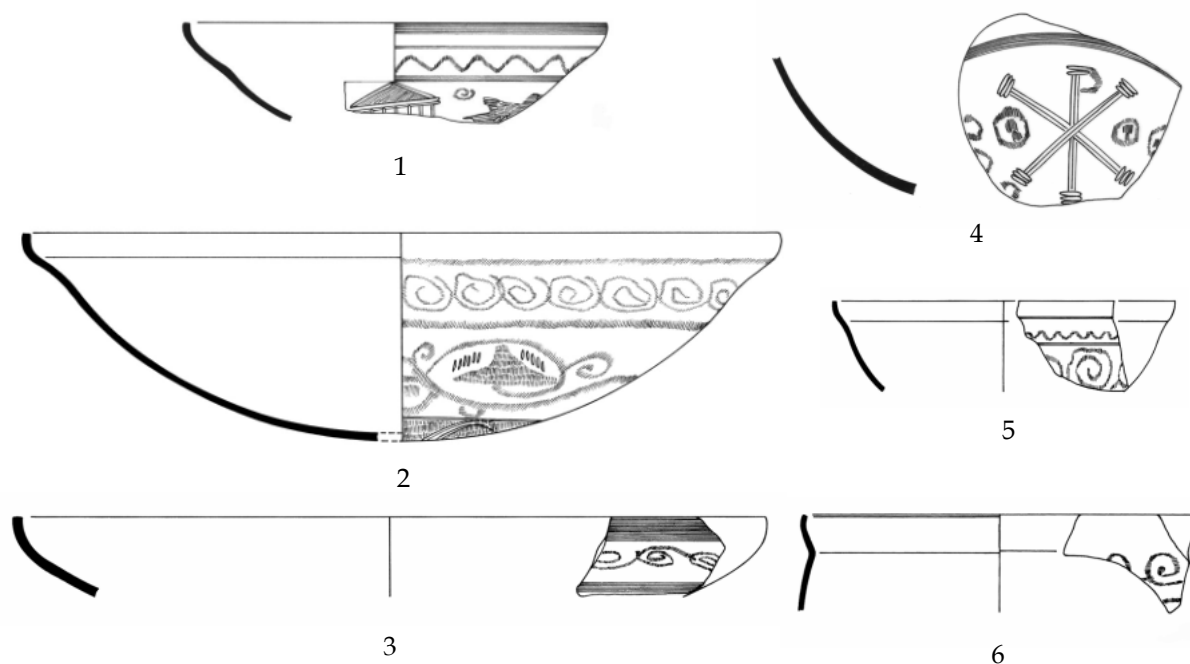
Foy 1995: tipo 15

Tipologias: Is 116, T 15

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraSAP59, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S, liso. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº415) **2** – BraT011, Braga: Perfil quase completo, bordo de perfil em S, riscos em 3 bandas abaixo do bordo. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 422).

TA: Taças com decoração por gravação e abrasão (Paleocristãos)



Características

Forma

Maioritariamente taças arqueadas amplas (1) e taças arqueadas baixas (2), de bordo em aresta viva de perfil em S, base ápole convexa ou ligeiramente aplanada.

Variantes

Minoritárias são as pequenas taças de tendência hemisférica (5), as taças cilíndricas (6) e os pratos de perfil em C (3). Esta variante decorativa parece incluir todas as variantes formais das taças arqueadas, talvez com excepção das taças tronco-cónicas.

Cores

Exclusivamente em cores fortes tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado.

Decoração

Por gravação e abrasão, juntando motivos vegetalistas estilizados com cenas figurativas e símbolos paleocristãos, como cruces, crísmos e letras apocalípticas (alfa e ómega). Por regra, a abrasão é usada no desenho de linhas curvas ou para preencher cheios, enquanto que a gravação é usada em linhas direitas ou para delinear contornos. A decoração estabelece-se em 3 campos correspondentes ao bordo, copa e base: o bordo apresenta quase sempre um friso de volutas entre linhas de abrasão ou bandas de riscos, a copa é destinada às grandes composições cénicas, enquanto que a base, o centro da peça, contém o elemento simbólico paleocristão.

Dimensões

Idênticas às congéneres lisas.

Observações

Esta é uma produção extremamente homogénea do ponto de vista técnico e estilístico, homogeneidade só possível numa produção saída de uma mesma oficina ou mesmo das mãos de um único artesão.

Datação

Décadas de 40 a 80 do séc. IV

Distribuição

Quase exclusivamente encontradas em Braga. Dois exemplares provenientes da *villa* de Toralla, Pontevedra (Tor06 e 13), um de Lugo (LugDC05) e outro de Clunia (Palol 1994:135).

Origem

Oficina do Fujacal, Braga. É no Fujacal que vamos encontrar o maior nº de fragmentos e os exemplares mais mal executados, nitidamente refugo de produção.

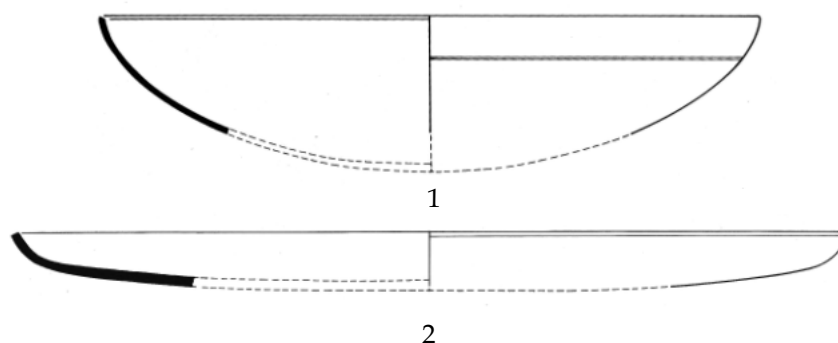
Bibliografia

CRUZ, Mário, (no prelo) "Vidros Paleocristãos de *Bracara Augusta*. Decoração por gravação e abrasão", *Jornadas sobre el Vidrio de la Alta Edad Media y Andalusí*, Fundación Centro Nacional del Vidrio, La Granja.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraT051, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S, friso de ondas ladeado por duas bandas de riscos, cena composta por frontão triangular de templo octástilo, um sol e um pássaro. Verde amarelado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 473). **2** – BraPACO30, Braga: Perfil completo de taça arqueada de perfil em S e bordo em aresta viva com decoração por gravação e abrasão: friso de volutas e linha; banda central de grandes volutas alternando com cachos de 10 uvas com parras; coroa na base. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (inédito). **3** – BraFUJ024, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em C, com riscos de pinça em bandas e um friso de volutas ou gavinhas interligadas. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 474). **4** – BraX01, Braga: Corpo em arco com banda de riscos de pinça, círculos e volutas por abrasão e um crísmo gravado. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 478). **5** – BraCARV178, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em S, com linhas rectas e onduladas e gavinhas interligadas. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 469). **6** – BraCARV153, Braga: Bordo em aresta viva, vertical, de perfil em S, com linhas rectas e gavinhas interligadas. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 468).

TA: Pratos arqueados de perfil em C, lisos



Características

Forma

Prato em forma de arco abatido muito aberto, bordo em aresta viva de perfil em C, base ápode convexa ou aplanada.

Variantes

Pratos fundos (1 e 2) e pratos rasos (3).

Cores

Maioritariamente em cores tardias; verde amarelado, verde amarelado escuro, ocasionalmente em cores suaves: incolor esverdeado e tingido de verde amarelado.

Decoração

Lisos ou com riscos em bandas horizontais, tanto junto ao bordo como no corpo.

Dimensões

Diâmetro entre 160 e 200mm, altura inferior a ½ raio.

Observações

Fácil de identificar pelo perfil do bordo, dimensões e inclinação da parede.

Datação

Incerta: séc. IV – meados séc. V

Distribuição

Pouco comum, apenas identificado em Braga.

Origem

NOP, seguramente de Braga.

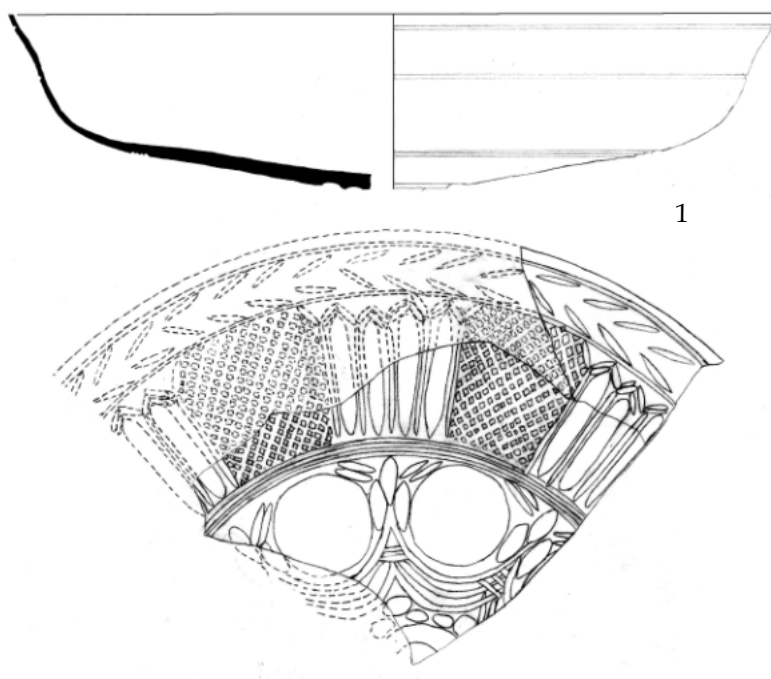
Bibliografia

Tipologias: Is 116, AR 55, T 14

Exemplares ilustrados (desenhos à escala $\frac{1}{2}$)

1 – BraMISA28, Braga: Bordo em aresta viva de perfil em C, 1 banda de riscos. Verde amarelado. Desenho MDDS (inérito). **2** – BraEVS08, Braga: Bordo em aresta viva, perfil em C, muito aberto e baixo. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inérito).

TA: Prato com decoração lapidada geométrica



Características

Forma

Prato fundo em forma de arco abatido, bordo em aresta polida de perfil em S muito esbatido, base convexa aplanada.

Cores

Incolor, incolor esverdeado.

Decoração

Composições elaboradas contendo facetas lapidadas lentóides e circulares, em 3 frisos: no bordo facetas em forma de grão de arroz dispostas em espinha, na copa alternância de painel em rede com 4 facetas alongadas, na base grandes círculos alternando com espécie de festões.

Dimensões

Diâmetro 200mm

Observações

Embora este seja até ao momento exemplar único não deve ser um caso isolado, até porque partilha o mesmo padrão decorativo com as taças arqueadas hemisféricas, também de Astorga (AstGP11)

Datação

Incerta: 2º quartel do séc. II – meados do III.

Distribuição

Raro.

Origem

NOP ou importação. Pelo estilo e padrão decorativo é provável que pertença à produção de Astorga que inclui as taças arqueadas fundas e as taças e pratos moldados (LMI).

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 97

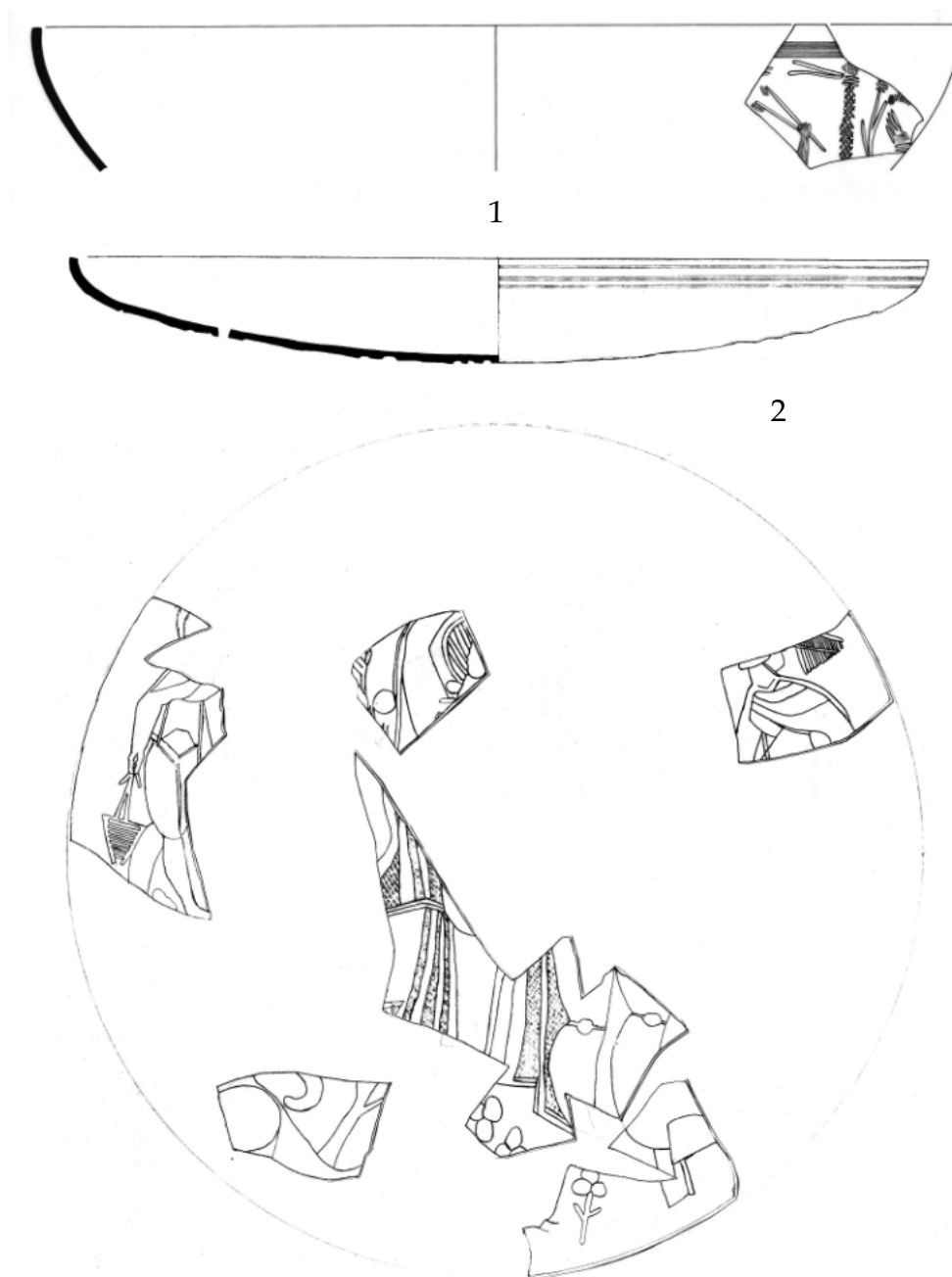
Tipologias: Is 116b, AR 58

Outras designações: Convex bowl with linear and facet-cutting

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – AstPB02, Astorga: Perfil completo de prato arqueado fundo de bordo em aresta polida e decoração lapidada geométrica disposta em 3 frisos. Incolor. Desenho do autor (inédito).

TA: Taças/Pratos de perfil em C com decoração figurativa



Características

Forma

Prato em forma de arco abatido muito aberto, bordo em aresta viva de perfil em C, base ápode convexa ou aplanada.

Variantes

Pratos fundos (1) e pratos rasos (2).

Cores

Incolor, incolor esverdeado

Decoração

Cenas figurativas gravadas, por vezes com recurso à abrasão ou à lapidação em baixo relevo. São frequentes cenas mitológicas pagãs e cenas cristãs, por vezes saídas das mesmas oficinas e dos mesmos artífices.

Dimensões

Diâmetro acima de 200mm, altura inferior a ½ raio.

Observações

As taças e pratos com decoração figurativa de origem renana e itálica influenciaram certamente a produção de taças arqueadas paleocristãs de Braga.

Datação

Séc. IV.

Distribuição

Pouco comum, com incidência em Braga.

Origem

Importação: da Renânia (o nº 1) ou de Itália.

Bibliografia

Harden 1987; Paolucci 1997.

Tipologias: Is 116b

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraCARV372, Braga: Bordo em aresta polida de perfil em C com banda de riscos junto ao bordo e cena gravada na copa: fragmento de uma cena báquica em que é visível, da esquerda para a direita, uma mão empunhando um instrumento musical (espécie de castanholas com cabo); um *thyrsus* (tirso, espécie de estandarte com fitas na ponta, que acompanhava as festividades a Baco); flores altas e esguias e por fim uma asa de pássaro. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 235). **2** – Tor23, Toralla, Pontevedra: 6 fragmentos de grande prato de perfil em C, bordo polido ao torno com duas finas caneluras horizontais, cena figurativa gravada. Provável representação de Vesta, ao centro da composição, em fundo campestre e ladeada de dois deuses Lares, um masculino à esquerda, outro feminino à direita, em segundo plano. Incolor esverdeado. Desenho do autor (Vasquez e Caamaño 2004: nº 96-108).

1.3.2. Bordos polidos/engrossados ao fogo

Cálice com asas e bordo em degrau (*cantharus*)



Características

Forma

Cálice de corpo arqueado tendendo para o cónico, bordo polido ao fogo com carena externa e ressalto interno (degrau), base convexa com pé campanular aplicado. Duas grandes asas verticais que apoiam directamente no bordo, desenvolvem-se em arco que ultrapassa a altura do bordo e vem apoiar na parte inferior, junto à base.

Cores

Monocromáticos: verde azulado, azul-escuro translúcido e violeta translúcido; mas também comuns em duas cores (parede dupla, salpicado ou efeito mármoreo): azul-escuro ou violeta combinados com branco opaco.

Decoração

Para além da asa, normalmente de cor diferente do resto da peça, é frequente encontrarmos vidros duplos (1 e 5) o que cria um efeito mármoreo, ou pingos

aplicados, por vezes grandes fragmentos de vidro branco opaco que permanecem parcialmente fundidos na parede (4).

Dimensões

Diâmetro entre 100-180mm, altura desconhecida, seguramente mais altos que largos.

Observações

Terão existido muitas variantes de cálices com asas do séc. I d. C. (por exemplo AR95, 96). No entanto no NOP a variante de bordo em degrau, de fácil identificação, parece ter sido a mais difundida

Datação

Décadas de 40 a 60 do séc. I d. C.

Distribuição

Relativamente raro. Aparece sobretudo em acampamentos militares, com destaque para Rosinos de Vidriales (*Petavonium*) e Leon.

Origem

Norte de Itália.

Dada a forte concentração de exemplares em *Petavonium* e a uniformidade de cores, formas e padrões decorativos, não é de todo descabido pensar-se numa produção local relacionada com a estadia da *Legio X Gemina*.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 68; Harden 1987: nº 42.

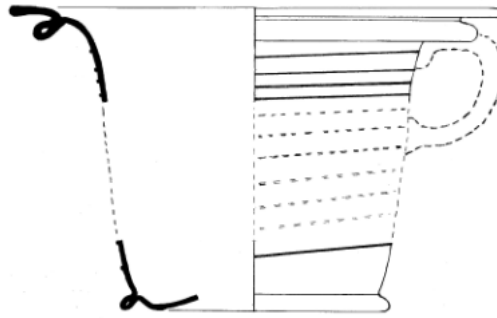
Tipologias: Is 38a, AR 91, 92

Outras designações: Two-Handeled Cup, Cup with stepped rim and stemmed base.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – San22, Santomé, Ourense: Fragmento de bordo engrossado ao fogo, em degrau, e outro de corpo arqueado. Bicromático: castanho violáceo translúcido e branco opaco. Desenho da publicação (Xusto 1996: nº 62, Xusto 2001: 254). **2** – LeoGF08, Leon: Bordo engrossado ao fogo, vertical, parece de tendência tronco-cónica, asa de fita aplicada sobre o bordo e repuxada para cima. Matriz violeta translúcido com pingos brancos. Desenho do autor (inédito). **3** – Ros18: Rosinos de Vidriales (*Petavonium*), Zamora: Bordo esvasado, em degrau. Verde azulado. Desenho e foto do autor (inédito). **4** – Ros19: Rosinos de Vidriales (*Petavonium*), Zamora: Bordo esvasado, em degrau. Violeta translúcido. Desenho e foto do autor (inédito). **5** – Ros20: Rosinos de Vidriales (*Petavonium*), Zamora: Parede com um pingo branco opaco e restos de um segundo. Azul-escuro translúcido e pingos brancos opacos. Foto do autor (inédito). **6** – Ros21: Rosinos de Vidriales (*Petavonium*), Zamora: Parede em vidro duplo: parede interna azul escura translúcida e externa em vidro marmóreo de base azul escura translúcida com filamentos brancos opacos. Arranque de pé maciço. Azul-escuro translúcido e branco opaco. Foto do autor (inédito).

Caneca (*modiolus*)



1

Características

Forma

Taça funda tronco-cônica ou cilíndrica, bordo engrossado ao fogo, esvasado e dobrado, base ligeiramente reentrante com pé anelar tubular repuxado, na junção da copa com a base.

Cores

Verde azulados, por vezes em cores fortes.

Decoração

Normalmente lisa, por vezes com fios aplicados em espiral (1).

Dimensões

Diâmetro entre 120-140mm, altura superior ao diâmetro.

Observações

Forma difícil de identificar a partir de fragmentos pequenos, podendo haver confusão com bordos de taças ou de boiões. O perfil dos bordos pode variar muito, mais ou menos dobrados, mais ou menos revirados para fora, raramente direitos, sempre esvasados.

Datação

Incerta: décadas de 40 a 60 do séc. I d. C.

Distribuição

Muito raro.

Origem

Importação ou de Lugo. As análises químicas feitas ao exemplar ilustrado (1) sugere pertencer à produção de Lugo (2.1.2.1, subgrupo G3.4). Esta impressão é reforçada pela originalidade da forma, nomeadamente da dobra do bordo, e pela decoração de fios aplicados, sem paralelos.

Bibliografia

Price e Cottam: 70.

Tipologias: Is 37, AR 90

Outras designações: Deep cup with stepped rim and handle

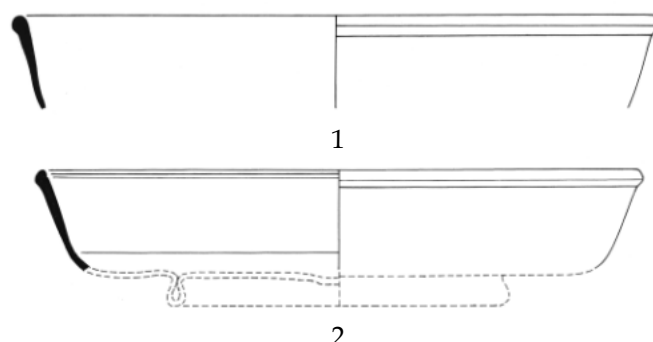
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - LugCP08, Lugo: Bordo repuxado para fora, dobrado sobre si e novamente repuxado para fora formando uma aba quase horizontal com uma dobra exterior. Base reentrante com pé anelar tubular e corpo quase cilíndrico com fios de vidro aplicados em espiral a partir da base. Verde azulado. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Jou06.

Prato de pé tubular e bordo engrossado externamente



Características

Forma

Pratos pouco profundos de paredes verticais ou ligeiramente inclinadas para fora, bordo engrossado ao fogo externamente dando origem a uma suave moldura, base plana com pé anelar tubular repuxado, por vezes no ângulo entre a copa e a base.

Cores

Verde azulado.

Decoração

Lisos ou com uma ranhura na parte inferior do bordo (2).

Dimensões

Diâmetro entre 160-180mm, altura inferior a ½ raio.

Observações

A forma Is 47 inclui pratos soprados e moldados. Estes são inequivocamente soprados. Relativamente aos moldados já aqui nos referimos, a propósito da louça moldada incolor (LMI).

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. I – séc. III

Distribuição

Raro, apenas identificado em Braga.

Origem

NOP ou importação hispânica. A sua presença exclusiva em Braga poderá indicar pertencer à produção desta cidade.

Bibliografia

Tipologias: Is 47

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

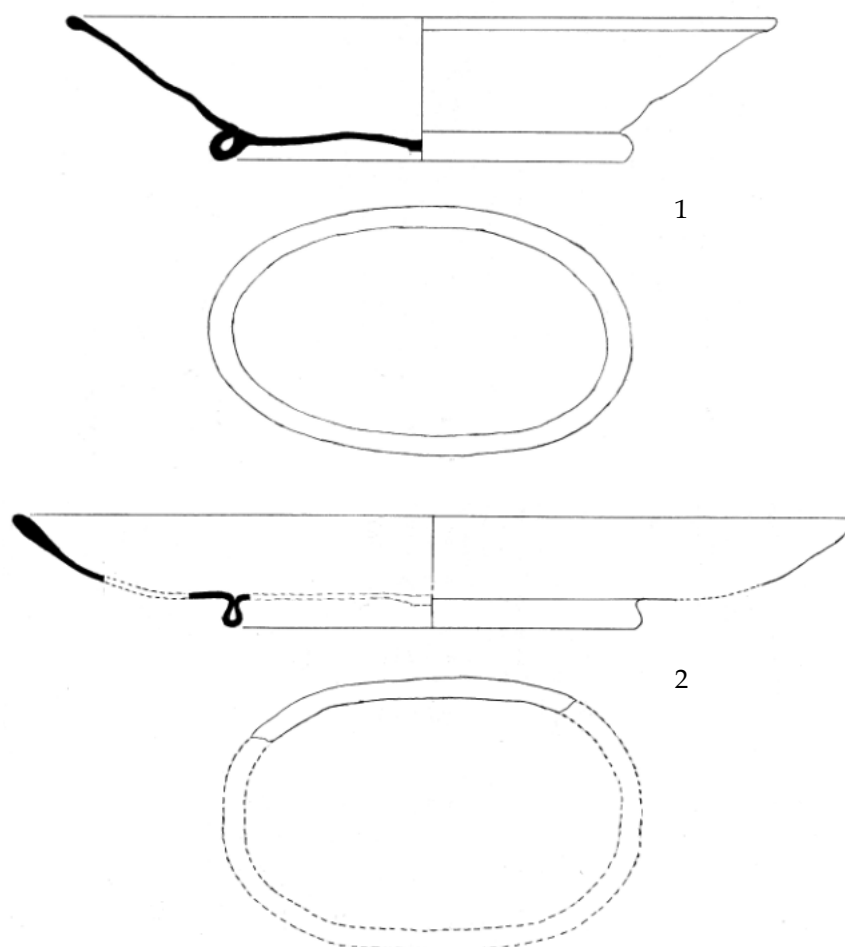
1 – BraCVL038, Braga: Bordo engrossado ao fogo externamente, quase vertical. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 501). **2** – BraCP02, Braga: Bordo

engrossado ao fogo externamente, parede esvasada e curta com inflexão. Verde azulado. Desenho MDDS (inérito).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraFUJA16, BraMax40

Travessa de pé tubular



Características

Forma

Pequena travessa (prato ovalado) de bordo engrossado ao fogo, corpo tronco-cônico ou arqueado e base plana com pé anelar tubular repuxado.

Variantes

Travessas fundas tronco-cônicas (1) e travessas rasas arqueadas (2).

Cores

Verde azulado ou incolor.

Dimensões

Diâmetro máximo entre 180 e 200mm, altura entre 30 e 40mm.

Observações

Sendo uma forma muito aberta, executada por sopro livre (o que dificulta a execução) a variabilidade entre exemplares poderá ser muito grande. São difíceis de identificar a partir de fragmentos pequenos devido à forma assimétrica.

Datação

Incerta: meados do séc. II – séc. III

Distribuição

Raras.

Origem

Astorga. A impressão deixada pela origem comum dos dois exemplares ilustrados é reforçada pelas análises químicas (ponto 2.1.2.1, subgrupo G3.R2)

Bibliografia

Stern 2001: nº 115

Tipologias: Is 97b

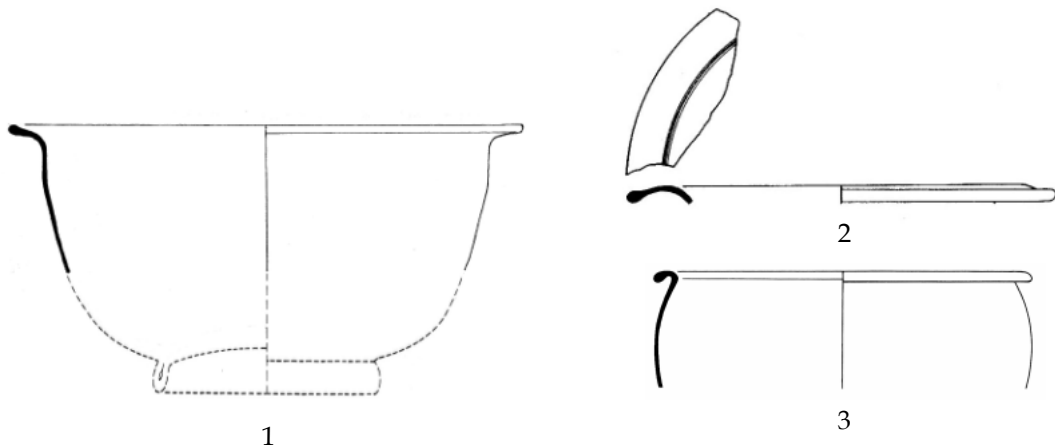
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – AstLC16, Astorga: Perfil completo de travessa de bordo engrossado ao fogo, parede esvasada rectilínea, pé tubular anelar repuxado, cicatriz de pontel. Verde azulado. Desenho do autor (inérito). **2** – AstLC04, Astorga: Bordo engrossado ao fogo e muito esvasado, corpo baixo e amplo, base plana com pé anelar tubular repuxado. Incolor. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

BraFI02.

Taça de bordo em aba e pé tubular



Características

Forma

Taça funda de tendência hemisférica, bordo engrossado ao fogo e esvasado formando uma aba, mais ou menos desenvolvida, oblíqua ou horizontal, base ligeiramente reentrante com pé anelar tubular repuxado.

Cores

Verde azulado ou incolor.

Decoração

Alguns exemplares apresentam riscos horizontais na cara superior do bordo (2).

Dimensões

Diâmetro entre 100-150mm, altura inferior à largura.

Observações

As variações poderão ser ao nível da inclinação do bordo, da profundidade e curvatura das paredes.

Datação

Incerta: finais do séc. II – séc. III.

Distribuição

Pouco comum, apenas registadas em Braga e Astorga.

Origem

NOP, talvez Astorga. A má execução do exemplar ilustrado (2), proveniente de Astorga, aliada às semelhanças com as travessas de pé tubular são sugestivas de uma origem em Astorga.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 106.

Tipologias: Is 42a, AR 80

Outras designações: Bowl with out-turned fire-rounded rim

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – AstLC02, Astorga: Bordo engrossado ao fogo e esvasado formando aba oblíqua, parede ligeiramente curva. Verde azulado. Desenho do autor (inérito). **2** – BraCARV211, Braga: Bordo engrossado ao fogo em aba horizontal. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 506). **3** – BraFCB08, Braga: Bordo engrossado ao fogo e revirado para fora formando uma aba ligeiramente arqueada; corpo convexo. Verde azulado. Desenho MDDS (inérito).

Exemplares não ilustrados

Braga: BraT074, 184, 198, 244, BraFCB08; Astorga: AstGP1.02

LSI: Louça soprada incolor

Características

Forma

Louça de serviço de mesa executada a sopro livre: cálices e taças para beber. Bordos engrossados ao fogo, bases convexas ou planas com pé aplicado, corpo cilíndrico ou ovalado.

Cores

Quase exclusivamente em vidro incolor ou incolor esverdeado. Excepcionalmente em vidro verde azulado.

Decoração

Lisas ou com fios aplicados, usualmente com um único fio aplicado horizontalmente junto ao bordo, ocasionalmente fios serpentiformes no corpo. Também podem apresentar depressões verticais ou facetas lapidadas.

Observações

Esta é uma família de formas fácil de identificar, em primeiro lugar pela cor, depois pela verticalidade das paredes e pela presença de pés aplicados que poderão ser simples cordões anelares ou verdadeiros pés altos.

Datação

Com origem em finais do séc. I d.C e apogeu na segunda metade do séc. II - primeira do séc. III.

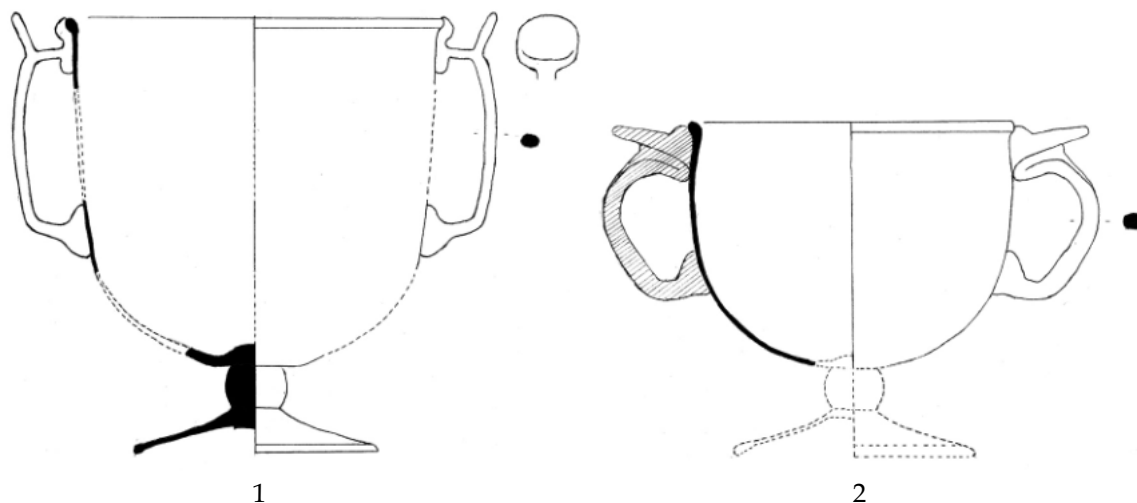
Distribuição

Comum em todos os sítios com ocupação romana dos séculos II e III, sobretudo no caso das taças cilíndricas, com destaque para as capitais de conventos: Braga, Lugo e Astorga. É indiscutivelmente a forma de serviço de mesa, nomeadamente para beber, mas comum neste período.

Origem

NOP. Braga, Astorga, e possivelmente Lugo, tiveram produções próprias como as análises químicas confirmam. Algum exemplar mais elaborado, como os cálices com decoração serpentiforme poderão ser de importação.

LSI: Cálice com asas e pé com esfera



Características

Forma

Cálice de corpo hemisférico fundo ou tendendo para o cilíndrico, bordo engrossado ao fogo externamente e vertical, base convexa com pé aplicado constituído por duas partes: um largo pé tronco-cónico aberto, de bordo engrossado ao fogo, e uma pequena esfera maciça unindo o pé com a base. Asas verticais, de rolo, com pequenas “orelhas” na parte superior, achatadas horizontalmente.

Variantes

Terá existido uma variante alta, quase cilíndrica, de asas finas e longas (1) e uma variante hemisférica funda (arco ultrapassado), de asas mais grossas e curtas com orelha quase horizontal.

Cores

Incolor, incolor esverdeado

Dimensões

Diâmetro entre 80-100mm.

Observações

Esta é uma forma que conjuga características de *cantharus* e de *scyphus* (Is 38 e 39). Na ausência de asas ou de bases os bordos poderão ser confundidos com bordos de taças incolores lisas.

Datação

Incerta: 2^a metade do séc. I – séc. II

Apesar da forma ter origem no séc. I esta variante local de vidro incolor deverá pertencer ao séc. II.

Distribuição

Raro, unicamente identificado em Astorga, no mesmo estrato arqueológico.

Origem

NOP, provavelmente Astorga. Apesar de serem formas raras inscrevem-se perfeitamente nas características gerais da produção de Astorga de louça soprada incolor (LSI) de bordo engrossado ao fogo.

Bibliografia

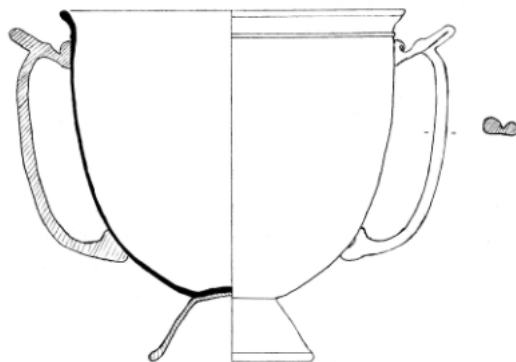
Arveiller-Dulong e Nenna 2005: nº 545.

Tipologias: Is 38/39, AR 97, T 29b

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - AstLC8.03, Astorga: Bordo engrossado ao fogo externamente, corpo de tendência cilíndrica, pé de trompeta ligado à base por esfera maciça. Incolor. Desenho do autor (inérito). **2** - AstLC8.02, Astorga: Bordo engrossado ao fogo, corpo de tendência esférica, asa de rolo com "orelha" horizontal. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inérito).

LSI: Cálice com asas e pé campanular



1

Características

Forma

Cálice de corpo arqueado fundo, bordo engrossado ao fogo e esvasado, base com pé em forma de campânula de bordo engrossado ao fogo e aplicado directamente sobre a parede da base.

Cores

Incolor

Decoração

Fio da mesma cor aplicado horizontalmente junto ao bordo.

Dimensões

Diâmetro 91mm, altura igual ou próxima ao diâmetro.

Observações

Apesar de, numa primeira impressão, parecer igual ao cálice com asas e pé com esfera, pertence, de facto, a uma produção e uma cronologia diferente. Se olharmos atentamente constatamos que são bastante diferentes, sendo fáceis de distinguir mesmo a partir de fragmentos. Diferenciam-se claramente pelo bordo esvasado e com fio aplicado, pelo pé campanular directamente aplicada na base e pelas asas de rolo duplo que não apoiam directamente no bordo.

Datação

Incerta: séc. III

Provém de um estrato datado do Baixo-Império, embora as semelhanças com os cálices sem asas e as taças cilíndricas aconselhem uma cronologia do séc. III.

Distribuição

Raro.

Origem

Provavelmente de Astorga.

Bibliografia

Tipologias: Is 112

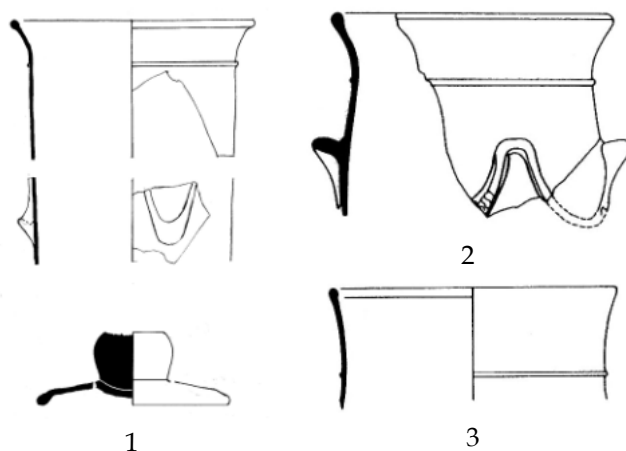
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - AstSC02, Astorga: Cálice quase completo: bordo engrossado ao fogo e ligeiramente esvasado, fio aplicado, corpo hemisférico fundo, asas de duplo rolo verticais com orelha, base de pé em trompeta aplicado. Incolor. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Ourense: Ban19.

LSI: Cálice de fios aplicados e pé com esfera



Características

Forma

Cálice de corpo cilíndrico ou oval, bordo engrossado ao fogo internamente e esvasado, Base convexa com pé aplicado, composto por pequeno prato invertido de bordo engrossado ao fogo, ligado ao resto da peça por esfera.

Variantes

Cálices cilíndricos de paredes retilíneas (1) ou ovais de paredes curvilíneas (2).

Cores

Maioritariamente incolor ou incolor esverdeado, ocasionalmente verde azulado.

Decoração

Fios da mesma cor aplicados horizontalmente, junto ao bordo e por vezes na base, fios ou cordões aplicados em festões no corpo (serpentiformes). Fora do NOP foram registados padrões mais elaborados e com fios de cor contrastante (azul-escuro ou branco opaco).

Dimensões

Diâmetro entre 60-90mm.

Observações

Os bordos são idênticos às taças cilíndricas de fios aplicados, sendo difícil de identificar a forma a partir de fragmentos pequenos.

Datação

2ª metade do séc. II – inícios do III

Distribuição

Pouco comum. Surge quase exclusivamente nas capitais de conventos: Braga, Lugo e Astorga.

Origem

Importado ou do NOP. As análises químicas indicam poder ter sido produzido no NOP, provavelmente Astorga ou Lugo (ponto 2.1.2.1, subgrupo G3.R2).

Bibliografia

Price e Cottam: 104

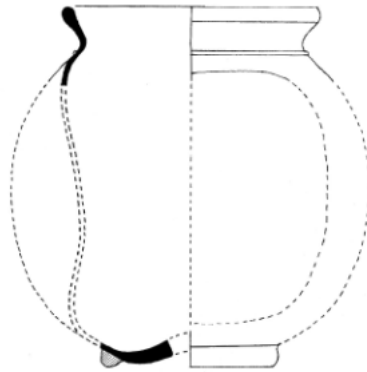
Tipologias: Is 86, AR 99/100

Outras designações: Cylindrical beaker with stem and foot.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – LugPL02, Lugo: Bordo, parede e base de cálice cilíndrico de pé apostado com fios aplicados paralelamente ao bordo e repuxados em festões na parede. Incolor. Desenho do autor (inérito). **2** – BraX02, Braga: Bordo engrossado ao fogo esvasado com fio horizontal e cordões serpentiformes. Incolor. Desenho MDDS (Cruz 2001: 517). **3** – BraCVL046, Braga: Bordo engrossado ao fogo esvasado com fio horizontal. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 518).

LSI: Taça globular amolgada



1

Características

Forma

Taça de tendência globular, bordo engrossado ao fogo e esvasado, constrição entre o bordo e a copa, base reentrante com pé anelar maciço aplicado.

Variantes

A regra deverá ser a forma globular lisa e não a variante amolgada ilustrada.

Cores

Incolor.

Decoração

Fios da mesma cor aplicados junto ao bordo, grandes amolgadelas na copa o que torna a taça grosseiramente quadrangular.

Dimensões

Diâmetro entre 60-80mm

Observações

Apesar de esta variante de taça globular amolgada ser exemplar único, existem fragmentos de bordo com o mesmo perfil (não ilustradas) que poderão pertencer à mesma variante ou a taças globulares sem depressões, do tipo AR 104.2, T 37.

Datação

Incerto: 2ª metade do séc. I – séc. II.

Distribuição

Raro.

Origem

Provavelmente de Astorga.

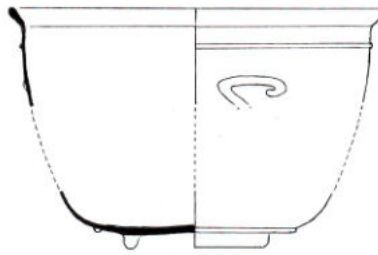
Bibliografia

Tipologias: AR104, T 37

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 - AstLC20, Astorga: Bordo engrossado ao fogo e ligeiramente esvasado, constrição e fio aplicado no arranque do corpo com larga depressão (pelo menos 4); base reentrante com pé anelar maciço aplicado. Tingido de verde azulado. Desenho do autor (inédito).

LSI: Taça convexa com fios aplicados



1

Características

Forma

Taça convexa de paredes curvas, estreitando na base, bordo engrossado ao fogo e esvasado formando pequena aba oblíqua, base plana com pé anelar maciço aplicado.

Variantes

Embora não seja fácil identificar a partir de fragmentos pequenos é provável que exista uma variante lisa ou unicamente com fios horizontais aplicados.

Cores

Incolor.

Decoração

Fios da mesma cor da parede aplicados horizontalmente junto ao bordo e na base, fios mais grossos serpentiniformes na copa.

Dimensões

Diâmetro em torno a 100mm

Datação

Incerta: 3º quartel do séc. II – meados do III

Distribuição

Raro.

Origem

Provavelmente de Astorga.

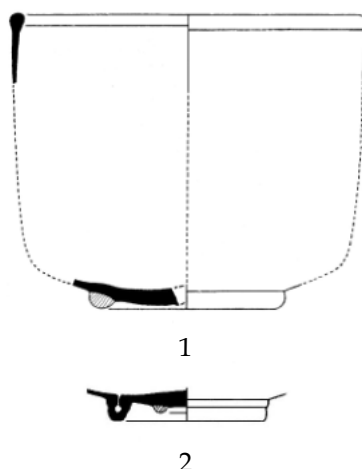
Bibliografia

Sem paralelos exactos.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – AstJS01, Astorga: Perfil quase completo de taça incolor de fios aplicados: bordo engrossado ao fogo esvasado, um fio horizontal aplicado mais abaixo e outro no início da base; um fio grosso em S na copa; base plana com pé anelar maciço aplicado. Incolor. Desenho do autor (inérito).

LSI: Taça cilíndrica lisa



Características

Forma

Taça cilíndrica de bordo engrossado ao fogo (em “cabeça de fósforo”), vertical ou ligeiramente envasado, base plana ou ligeiramente reentrante com pé anelar maciço aplicado.

Variantes

As diferenças manifestam-se sobretudo na base. Normalmente possuem um único cordão maciço aplicado (1), podendo apresentar um duplo pé anelar, sendo um tubular repuxado e outro maciço aplicado. Ao nível do formato são igualmente conhecidos exemplares mais curvilíneos, de corpo tendendo para o oval e bordo inclinado para dentro.

Cores

Incolor ou incolor esverdeado.

Dimensões

A grande maioria possui diâmetros entre 80-100mm. São conhecidos exemplares pequenos (diâmetros entre 60-70mm) e grandes (diâmetros entre 120-140mm).

Observações

Juntamente com a congénere de fios aplicados é a forma de taça para beber mais comum entre o terceiro quartel do séc. II e primeira metade do III.

Datação

Terceiro quartel do séc. II – meados do séc. III

Distribuição

Relativamente comum, com destaque para Braga, Astorga e Banhos de Riocaldo, Ourense.

Origem

NOP. As análises químicas confirmam a existência de uma produção de Astorga (ponto 2.1.2.2, subgrupo G4.3.4), sendo provável uma produção de Braga.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 99.

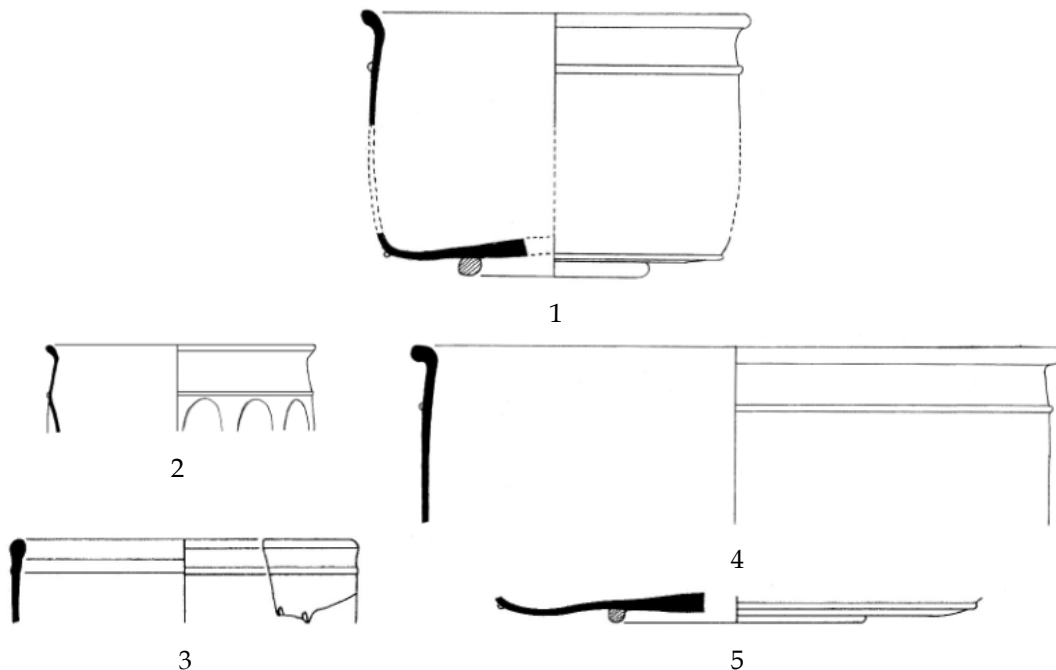
Tipologias: AR98.1, Is 85, T 47a

Outras designações: Cup on base ring, Cylindrical cup with fire-rounded rim

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Ban02, Banhos de Riocaldo, Ourense: Bordo engrossado ao fogo vertical, base com duplo pé anelar maciço aplicado. Incolor. Desenho adaptado a partir da publicação (Xusto 1996: nº 72, Xusto 2001: fig. 49b). **2** – BraT088, Braga: Base convexa com duplo pé anelar. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 521).

LSI: Taça cilíndrica de bordo engrossado ao fogo e fios aplicados



Características

Forma

Taça cilíndrica de bordo engrossado ao fogo (em “cabeça de fósforo”), vertical ou ligeiramente revirada para fora, base plana ou ligeiramente reentrante com pé anelar maciço aplicado.

Variantes

As variações observam-se sobretudo ao nível das dimensões e da decoração. Existem taças pequenas (2), médias (1 e 2) e grandes (4 e 5), embora a grande maioria seja de tamanho médio. Taças só com fios aplicados (1 e 4), taças com fios e depressões verticais (2) e taças com fios e facetas lapidadas (3).

Cores

Incolor ou incolor esverdeado.

Decoração

Fios da mesma cor da parede aplicados. Regra geral possuem um único fio aplicado junto ao bordo e outro junto à base (1). Mais raras são as variantes com depressões verticais (2) e as variantes com facetas lapidadas (3).

Dimensões

Pequenas, diâmetros entre 70-80mm; médias, diâmetros entre 90-110mm e grandes, diâmetros entre 130-180mm.

Observações

Juntamente com a congénere lisa esta é a forma de taça para beber mais usada entre o terceiro quartel do séc. II e primeira metade do III.

Datação

Terceiro quartel do séc. II – meados do séc. III

Distribuição

Bastante comum em todos os sítios com ocupação dos sécs. II e III, com destaque para as capitais de conventos: Braga, Astorga e Lugo.

Origem

NOP. As análises químicas confirma a existência de uma produção Bracarense, (ponto 2.1.2.2, subgrupo G4.1.2) mas é mais que provável a existência de produções em Astorga e Lugo.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 101.

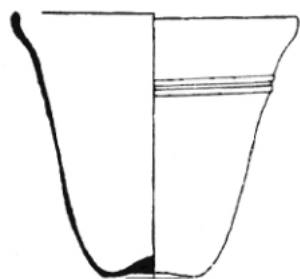
Tipologias: Is 85, AR 98.2

Outras designações: Cylindrical cup with fire-rounded rim and trailed decoration

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

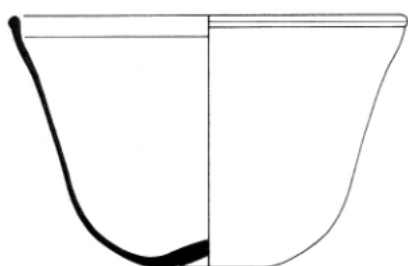
1 – Lan10, Lancia, Leon: Bordo engrossado ao fogo e ligeiramente revirado para fora, parede vertical com um fio aplicado; base plana com pé anelar maciço aplicado e fio aplicado na junção com a parede. Incolor. Desenho do autor (inérito). **2** – AstLC03, Astorga: Bordo engrossado ao fogo e ligeiramente esvasado, corpo convexo com fio aplicado junto ao bordo e depressões verticais ovaladas. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inérito). **3** – BraT015, Braga: Bordo engrossado ao fogo externamente, fio aplicado junto ao bordo facetas lentóides verticais na copa. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 535). **4** – LugVR20, Lugo: Dois fragmentos de UEs diferentes de parede vertical, lábio espessado externamente e fio aplicado a cerca de 1cm. Incolor. Desenho do autor (inérito). **5** – BraT157, Braga: Base plana com pé anelar maciço aplicado e fio na junção com a parede. Incolor. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 530).

TC: Taças campanuladas



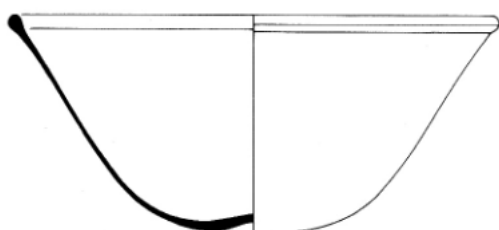
Taça alta

(dm. entre 50-90mm, alt. próxima do diâmetro)



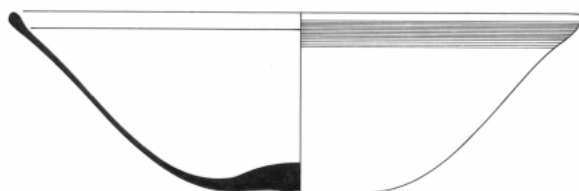
Taça funda

(dm. entre 90-110mm, alt. superior ao raio)



Taça ampla

(dm. 110-140mm, alt. = ou inferior ao raio)



Taça baixa

(dm. 140-180mm ou +, alt. próxima a $\frac{1}{2}$ raio)

Características

Forma

Taças em forma de campânula (sino) com a boca para cima. Corpo tronco-cônico ou desenhando um S muito alongado, bordo engrossado ao fogo (em “cabeça de fósforo”) simetricamente ou com espessura interna, base ápole reentrante com marca de pontel.

Variantes

Tal como as taças arqueadas de bordo em aresta, também estas taças parecem evoluir das variantes altas e mais fechadas para as baixas e abertas, pelo que a dimensão do diâmetro e a indinação da parede são bons indicadores para a catalogação das variantes. Ainda que seja possível estabelecer medidas padrão,

existem sempre exemplares intermédios difíceis de classificar numa ou noutra variante.

Cores

Maioritariamente em cores carregadas, tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado, mas também em tons suaves como verde-claro ou ligeiramente tingido de verde amarelado. Ocasionalmente incolor/incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Lisas, com decoração executada a quente ou a frio. Dentro das formas com decoração executada a quente vamos encontrar os fios e cabuchões aplicados e as caneluras dilatadas. Formas lisas e de fios aplicados são as mais comuns, seguidas de formas com caneluras dilatadas. Menos comuns são as de fios de cor contrastante ou de fios em festões na copa e as decoradas a frio por abrasão. Os fios aplicados fundem-se parcialmente na parede, por vezes ficando quase imperceptíveis.

As caneluras dilatadas são fruto de uma etapa inicial de fabrico em que o balão de vidro é soprado dentro de um molde (canelado pelo interior) sendo posteriormente dilatadas com a continuidade da execução da peça. Como a taça não retém o formato do molde não se deve falar em forma soprada em molde. Encontramos ainda um pequeno grupo com marcas relevadas na base, isoladas ou associadas a caneluras dilatadas. Estas marcas são obtidas por sopro em molde, tal como as caneluras dilatadas e em certos casos com recurso ao mesmo molde, e são geralmente muito singelas e pouco vincadas, por vezes quase imperceptíveis. Embora os exemplos até agora encontrados não sejam suficientemente esclarecedores, sabe-se, a partir de paralelos gálicos, que estas marcas são frequentemente símbolos paleocristãos (crismons, cruzes patadas, etc.)

Observações

Esta é “a” família de formas abertas Tardo-Romanas por excelência. Não será exagero dizer que de dois fragmentos de vidro encontrado em sítios Tardo-Romanos um será certamente de uma taça campanulada.

A opção pelo termo “campanulada” em detrimento do seu sinónimo “campaniforme” teve como objectivo evitar a confusão que pudesse vir a criar com o período, ou cultura, Proto-histórica assim designada.

Datação

Segunda metade do séc. IV – séc. VII

A regra observada no caso da cerâmica *terra sigillata* tardia, segundo a qual quanto mais aberta e baixa mais tardia é a forma, parece também aplicar-se às taças campanuladas. As mais antigas são indiscutivelmente as taças altas e fundas, bem representadas em necrópoles como Paredes, Astúrias, e as mais recentes as taças baixas, completamente ausentes das necrópoles de Paredes e de La Olmeda. As taças amplas poderão ser de uma fase intermédia, embora mais próxima da taça baixa.

Distribuição

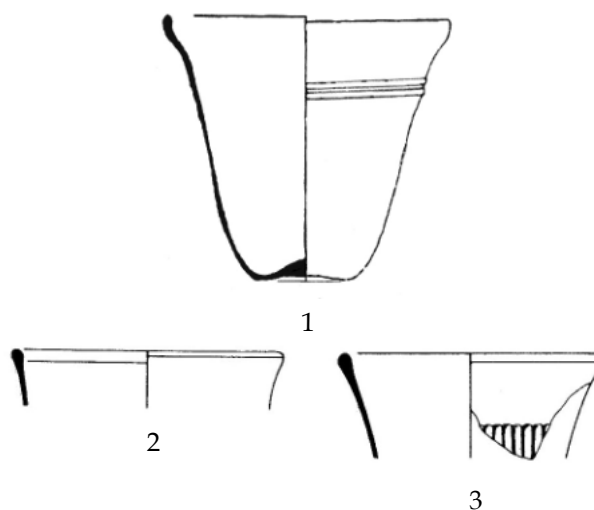
Virtualmente todos os sítios com ocupação Tardo-Romana, quer em habitat, quer em necrópoles.

Origem

NOP. Provavelmente todas as oficinas em laboração no NOP entre os finais do séc. V e o séc. VI produziram taças campanuladas.

Se há família de formas que não deixa dúvidas quanto a uma produção local é esta. Bastariam dois dados para o comprovar: o número esmagador que vamos encontrar em todos os sítios com ocupação Tardo-Romana no NOP e a sua raridade ou a quase inexistência de paralelos fora do NOP. No entanto, também aqui, as análises químicas vieram comprovar uma origem local das taças campanuladas, feitas em vidro do grupo 1 e grupo 3 (pontos 2.1.2.1, 2.1.2.3 e 2.1.2.4)

TC: Taça campanulada alta



Características

Forma

Taça tronco-cónica alta e estreita, bordo engrossado ao fogo na continuidade da parede ou ligeiramente envasado, base estreita e reentrante.

Cores

Maioritariamente em cores tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde-claro, ocasionalmente incolor esverdeado.

Decoração

Lisa (2), com fios aplicados em espiral junto ao bordo (1), com caneluras dilatadas, verticais e bastante cerradas (3).

Dimensões

Diâmetro entre 50-90mm, altura próxima do diâmetro.

Observações

Em fragmentos de bordo é a dimensão do diâmetro que identifica a forma. No entanto, poder-se-á confundir com pequenas lâmpadas de base protuberante e bordo engrossado ao fogo. No fundo trata-se de uma taça campanulada funda, mais funda e tronco-cónica que as restantes.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. IV – inícios do V.

Distribuição

Muito rara, maioritariamente de Braga.

Origem

NOP ou importação hispânica.

O seu aparecimento na Necrópole de Paredes, nas Astúrias, e os paralelos provenientes da Necrópole de la Olmeda, Palencia (Abásolo, Cortes e Marcos 2004: 53) levam-nos a pensar numa produção do norte da Tarraconensis.

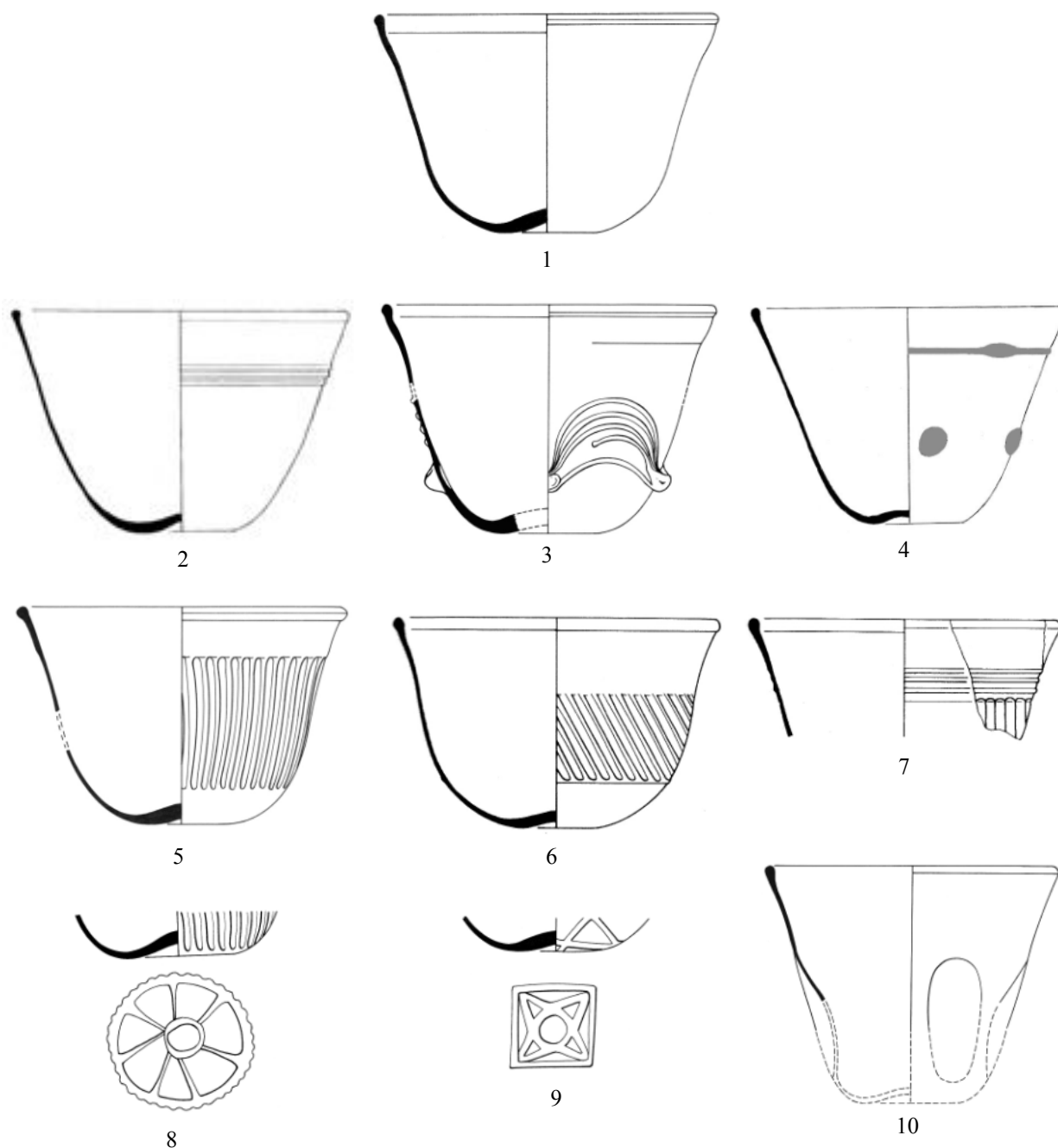
Bibliografia

Abásolo, Cortes e Marcos 2004: 53.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Par12, Necrópole de Paredes, Astúrias: Taça campanulada alta, restaurada, com fios da mesma cor aplicados junto ao bordo em espiral de 2 voltas. Verde amarelado. Desenho do Gabinete de Arqueologia do Ayuntamiento de Siero (inérito). **2** – BraCS04, Braga: Bordo engrossado ao fogo, liso. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 566). **3** – BraT113, Braga: Bordo engrossado ao fogo, corpo cónico e caneluras verticais. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 872).

TC: Taça campanulada funda



Características

Forma

Taça tronco-cônica de paredes rectilíneas ou ligeiramente arqueadas, bordo engrossado ao fogo, base reentrante com marca de pontel.

Variantes

Existem basicamente duas variantes formais: uma mais atarracada de linhas curvas (por exemplo a 6); outra mais esguia e de linhas direitas (exemplo 4).

Cores

Maioritariamente em cores carregadas, tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado, mas também em tons suaves como verde-claro ou ligeiramente tingido de verde amarelado. Ocasionalmente incolor/incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Existem basicamente 3 variantes decorativas: lisas, de fios aplicados e de caneluras dilatadas. As taças lisas e as de fios aplicados são as mais comuns, seguidas pelas taças de caneluras dilatadas.

A esmagadora maioria das taças de fios aplicados possui fios da mesma cor, aplicados em espiral horizontal, de uma ou várias voltas, junto ao bordo (2). Estes fios, aplicados numa fase anterior ao acabamento dos bordos ao fogo, fundem-se parcialmente na parede, restando, por vezes, umas suaves ondulações ou caneluras horizontais. Excepcionais são os exemplares com fios aplicados em festões na copa (3) e os exemplares com fios de cor contrastante seguidos de cabuções (4).

Dentro dos exemplares canelados temos: os de caneluras verticais (5), de longe os mais comuns, e os de caneluras oblíquas ou torcidas (6). Pouco comuns são os exemplares que conjugam caneluras verticais com fios da mesma cor aplicados junto ao bordo (7), ou que conjugam caneluras verticais com marcas na base (8).

Pouco comuns são também os exemplares lisos no corpo e com marcas sopradas em molde na base (9) e os exemplares com depressões verticais (10).

Dimensões

Diâmetros entre 90-110mm, altura superior ao raio.

Observações

A distinção entre taças campanuladas amplas e baixas, a partir de fragmentos de bordo, faz-se pela indinação da parede e pela medida de diâmetro.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. IV – séc. V

Em termos de variantes decorativas, as taças com marcas na base deverão ter surgido unicamente na segunda metade do séc. V.

Distribuição

Bastante comum. Presente em quase todos os sítios com ocupação tardo-romana, quer em habitat, quer em necrópoles.

Origem

NOP. Provavelmente fabricada em todas as oficinas do NOP em laboração durante o séc. V. Seguramente em Braga, Lugo, Tui e Vigo.

A produção de Braga é reconhecível pelas linhas curvas (por exemplo 1, 3 e 6). No interior norte (provavelmente não em Astorga) terá existido uma produção caracterizada pelas linhas direitas (por exemplo 2 e 4).

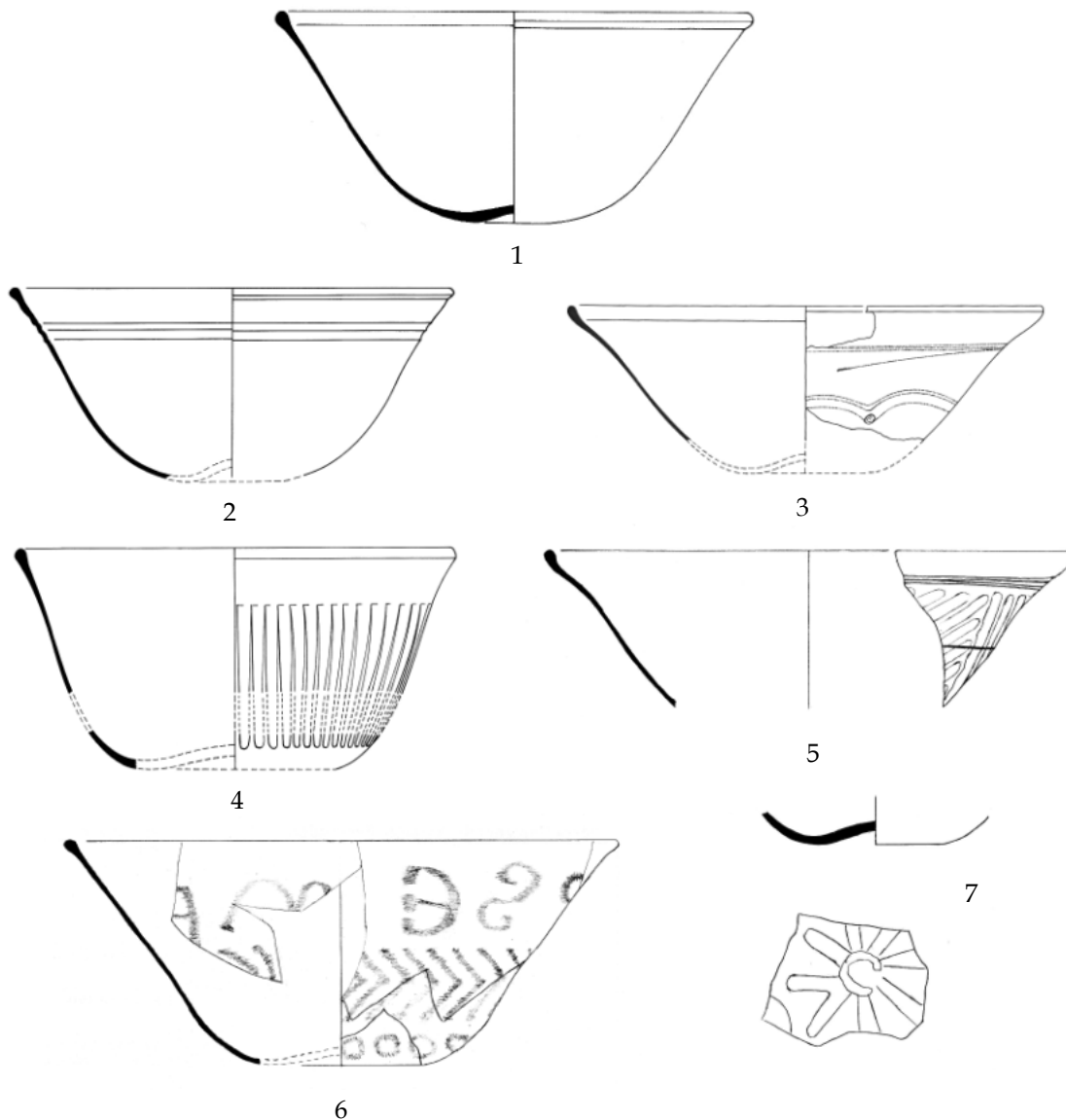
Bibliografia

Alarcão *et alii* 1976 nº 226; Fuentes 1990: tipo III C; Ortiz 2001: 324; Sternini 1995: 258; Xusto 2001: 347-366

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraMIS, Braga: Perfil completo de taça funda, lisa. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 563). **2** – Par02, Necrópole de Paredes: Taça campanulada funda partida mas completa: bordo engrossado ao fogo, base reentrante e fios em espiral de 3 voltas junto ao bordo, sendo visível a união das pontas. Verde acastanhado. Desenho do autor (inérito). **3** – BraCVL026, Braga: Perfil completo de taça funda com festões de vidro aplicados e repuxados na parte inferior da copa. Verde escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 893). **4** – Par04, Necrópole de Paredes: Taça campanulada partida mas completa: bordo engrossado ao fogo de lábio virado para dentro, base reentrante, decoração a fio e cabuchões em vidro verde azulado escuro. Verde amarelado. Desenho do autor (inérito). **5** – BraCARV259, Braga: Bordo engrossado ao fogo com arranque de caneluras dilatadas verticais na copa. Verde amarelado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 868). **6** – BraCS12, Braga: Perfil completo de taça funda tronco-cónica com ondulações oblíquas. Verde claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 891). **7** – BraSAP58, Braga: Bordo engrossado ao fogo com fios aplicados horizontais e ondulações verticais na copa. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 888). **8** – BraFUJ205, Braga: Base côncava com cicatriz de pontel e marca de uma argola; caneluras verticais na copa. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inérito). **9** – BraX20, Braga: Desenho MDDS (inérito). **10** – BraFUJ204, Braga: Bordo engrossado ao fogo, depressão vertical na copa. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inérito).

TC: Taça campanulada ampla



Características

Forma

Taça tronco-cônica muito aberta, de paredes retilíneas ou ligeiramente arqueadas, bordo engrossado ao fogo internamente, base reentrante com marca de pontel.

Variantes

Tal como no caso das taças fundas, também nas amplas é possível observar a existência de duas variantes formais: uma de linhas curvas, com transição suave entre o corpo e a base (exemplo 1 e 2); outra de linhas mais direitas e transição entre corpo e base mais abrupta (exemplo 6).

Cores

Maioritariamente em cores carregadas, tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado, mas também em tons suaves como

verde-claro ou ligeiramente tingido de verde amarelado. Ocasionalmente incolor/incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Tal como no caso das taças fundas, existem basicamente 3 variantes decorativas: lisas, de fios aplicados e de caneluras dilatadas. As taças lisas e as de fios aplicados são as mais comuns. Pouco comuns são as taças de caneluras dilatadas e ainda mais incomum as variantes com caneluras em espinha, as com marcas paleocristãs ou com decoração por abrasão.

No grupo de taças com fios aplicados encontramos ainda muitos exemplares com fios da mesma cor aplicados (2) mas já aparecem em grande quantidade os fios brancos opacos aplicados, em espiral junto ao bordo e/ou em festões no corpo (3). Estes fios brancos são característicos de finais do séc. V – 1ª metade do VI (Foy 1995: 2004). Muito raros são os fios de cor azul.

Dentro dos exemplares canelados continuam a dominar as caneluras verticais (4), seguidas das caneluras oblíquas.

Pouco comuns são os exemplares que conjugam fios brancos aplicados com caneluras em espinha, de Vigo (5) e os exemplares com marcas paleocristãs na base (7).

Em Vigo parece ter existido uma produção de taças decoradas a frio, por abrasão, com inscrição grega. Para além do exemplar ilustrado (6) existem outros fragmentos provenientes de diferentes escavações de Vigo, bem como de Cidadela, A Corunha, que nos permite dizer que este não é um caso isolado, mas sim uma verdadeira série de taças saídas seguramente das mãos do mesmo artífice. Os motivos são sempre os mesmos: renque de pequenos círculos junto à base, seguidos de uma larga banda em espinha, rematando com inscrição grega (por identificar) junto ao bordo.

Dimensões

Diâmetro entre 110-140mm, altura igual ou inferior ao raio.

Observações

É nitidamente uma forma intermédia, ou de transição, entre as taças fundas e as taças baixas, pelo que nem sempre é possível classificar alguns exemplares. A comprová-lo está o facto de encontrarmos as variantes com fios da mesma cor (muito comuns no grupo de taças fundas e ausentes das baixas) ao lado das variantes com fios brancos (maioritárias no grupo de taças baixas e ausentes das fundas). Por exemplo, a taça com decoração por abrasão (6) possui as dimensões de diâmetro das taças baixas com a profundidade das taças amplas.

Datação

Incerta: séc. V

Não deverá ter tido origem no séc. IV, entre outras razões por estar ausente da Necrópole de Paredes (2ª metade do séc. IV – primeiras décadas do V), ao contrário da variante funda, e não deve ter passado para o séc. VI, substituída que foi pela variante baixa.

Distribuição

Bastante comum em contextos do séc. V, à imagem da variante funda.

Origem

NOP. Provavelmente fabricada em todas as oficinas do NOP em laboração durante o séc. V. Seguramente em Braga, Lugo, Tui e Vigo.

À imagem das taças fundas, a variante formal mais curvilínea caracteriza a produção de Braga, enquanto que a produção de Vigo, nomeadamente a decorada com inscrição grega (6), possui linhas mais rectilíneas.

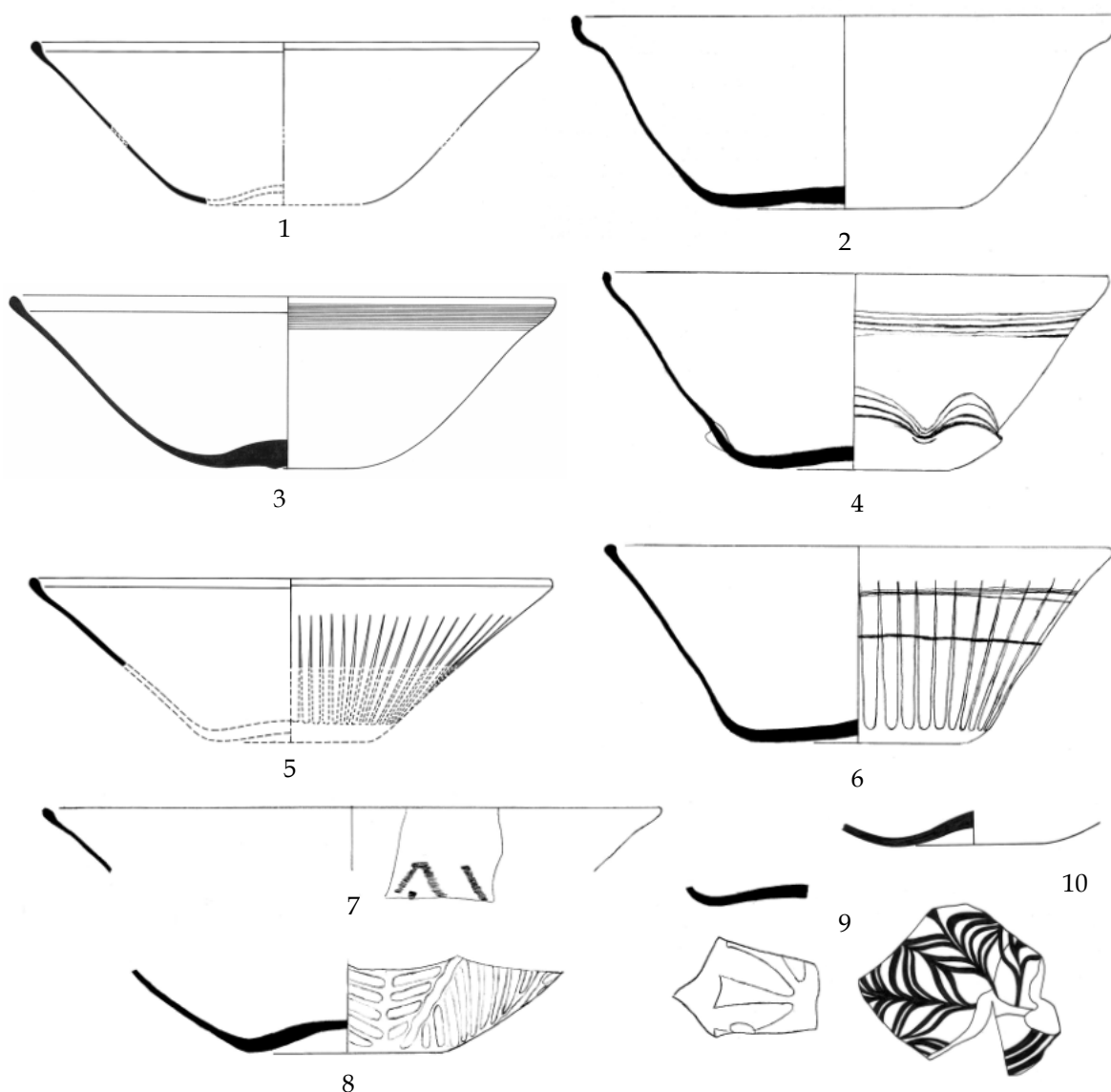
Bibliografia

Alarcão *et alii* 1976 n° 227; Foy 1995: Fuentes 1990: tipo III B1; Ortiz 2001: 324; Sternini 1995; 258; Xusto 2001: 347-366

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraCVL019, Braga: Perfil completo de taça funda tronco-cónica, lisa. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: n° 562). **2** – BraCARV013, Braga: Perfil quase completo de taça funda tronco-cónica com fios aplicados junto ao bordo. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: n° 773). **3** – BraCVL090, Braga: Bordo engrossado ao fogo com fios brancos espiralados junto ao bordo e em festões na parte inferior da copa. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (Cruz 2001: n° 889). **4** – BraCCC08, Braga: Bordo engrossado ao fogo externamente, ondulações verticais na copa. Verde amarelado. Desenho MDDS (Inédito). **5** – VigRCd20, Vigo: Bordo engrossado ao fogo, corpo arqueado amplo com caneluras em espinha e fios brancos aplicados em espiral. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inédito). **6** – VigRCb01, Vigo: Perfil quase completo de taça campanulada com decoração por abrasão: inscrição em grego na parte superior, banda de traços em espinha e banda de pequenos círculos junto à base. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inédito). **7** – VigMV02, Vigo: Base reentrante com marca e cicatriz de pontel: espécie de estrela de 8 pontas. Verde azulado. Desenho do autor (inédito).

TC: Taça campanulada baixa



Características

Forma

Taça tronco-cônica muito aberta e baixa, de paredes rectilíneas ou ligeiramente arqueadas, bordo engrossado ao fogo internamente, base reentrante ou aplanada, com marca de pontel.

Variantes

Tal como no caso das taças fundas e amplas também nas baixas é possível observar a existência de duas variantes formais: a primeira característica da produção de Braga, de paredes mais curvilíneas e base reentrante (1, 3 e 5); a segunda típica da produção de Vigo, com transição entre corpo e base mais abrupta e base plana grossa (2, 4 e 6).

Cores

Maior equilíbrio entre cores carregadas, como verde amarelado, verde amarelado escuro e verde acastanhado, e cores suaves como amarelo esverdeado ou ligeiramente tingido de verde amarelado. Ocasionalmente incolor/incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Tal como no caso das taças fundas e amplas, existem basicamente 3 variantes decorativas: lisas, de fios aplicados e de caneluras dilatadas. As taças lisas e as de fios brancos aplicados são as mais comuns. As taças de caneluras dilatadas são raras e as variantes com caneluras em espinha, com marcas paleocristãs e com decoração por abrasão são bastante raras.

No grupo de taças com fios aplicados deixamos de encontrar as taças com fios da mesma cor da parede para encontrar quase exclusivamente as taças com fios brancos opacos aplicados em espiral junto ao bordo (3) e/ou em festões no corpo (4). Estes fios brancos são característicos de finais do séc. V – 1ª metade do VI (Foy 1995: 2004). Existe ainda uma variante, de finais do séc. V – inícios do VI, em que os fios se fundem completamente na parede, sendo posteriormente repuxados em festões (10) ou torcidos.

Dentro dos exemplares canelados continuam a preponderar as caneluras verticais (5 e 6), por vezes em conjugação com fios brancos aplicados (6). Pouco comuns são os exemplares com caneluras dilatadas em espinha (8) e os exemplares com marcas paleocristãs na base (9).

A decoração por abrasão, caracterizada na variante anterior ampla, ocorrem também na variante baixa (7).

Dimensões

Diâmetros entre 140-180mm ou superiores, altura próxima a ½ raio.

Observações

Ao contrário da taça funda, para a qual não existem paralelos exactos fora da Península Ibérica, as taças campanuladas baixas são uma forma verdadeiramente internacional, muito comum na Gália, por exemplo.

As taças de Vigo (2, 4 e 6) possuem um ar “tosco” porque na verdade são exemplares de refugo ou rejeições que não chegaram a ser comercializados (ver vol. I, ponto 5.2.1), porém são os exemplares mais completos que possuímos, o que justifica o seu uso neste manual.

Datação

2ª metade do séc. V – meados do VI

Distribuição

Bastante comum em contextos do séc. V e VI.

Origem

NOP. Provavelmente fabricada em todas as oficinas do NOP em laboração durante o séc. V. Seguramente em Braga, Lugo, Tui e Vigo.

À imagem das taças fundas e amplas, a variante formal mais curvilínea e de paredes mais finas caracteriza a produção de Braga (1, 3 e 5), enquanto que a

produção de Vigo possui linhas mais retilíneas, ângulos acentuados e base plana grossa (2, 4 e 6).

Bibliografia

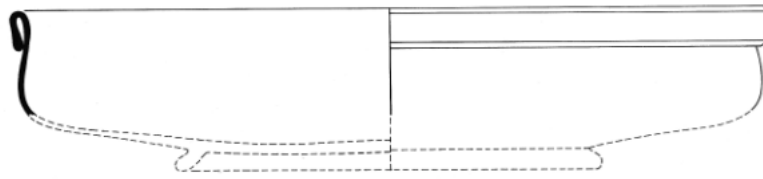
Alarcão 1965: 171-188; Alarcão *et alii* 1976: n° 203-212; Alenus-Lecerf 1995: 58; Foy 1995; Ortiz 2001: 328;

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraFUJ, Braga: Perfil quase completo de taça campanular lisa. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inérito). **2** – VigCC07, Vigo: Exemplar quase completo, liso, bordo formando um degrau. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito). **3** – BraCVL094, Braga: Perfil completo de taça baixa e aberta de bordo engrossado ao fogo com fios brancos espiralados. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 997). **4** – VigCC06, Vigo: Exemplar quase completo, fios brancos aplicados em espiral na metade superior da copa e em festões na parte inferior. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito). **5** – BraCVL095, Braga: Bordo engrossado ao fogo internamente, ondulações verticais na copa. Verde amarelado. Desenho MDDS (inérito). **6** – VigCC08, Vigo: Exemplar quase completo (disperso em duas instituições): caneluras verticais e espiral de fios brancos aplicados na metade superior da copa Castanho esverdeado. Desenho do autor (inérito). **7** – Cid03, Cidadela, A Corunha: Bordo com parte de inscrição grega executada por abrasão (AV?). Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inérito). **8** – VigRCc16, Vigo: Base reentrante e corpo amplo com caneluras em espinha. Verde azulado. Desenho do autor (inérito). **9** – VigRCd16, Vigo: Base reentrante com decoração soprada em molde: motivo central em estrela de braços patados. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito). **10** – BraLSP08, Braga: Base ligeiramente reentrante com fios brancos opacos aplicados em festões. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inérito).

1.3.3. Bordos tubulares

Prato de bordo tubular e paredes verticais



1

Características

Forma

Prato de bordo dobrado para fora e para baixo, formando uma pequena gola tubular, paredes verticais rectilíneas ou ligeiramente curvas, base plana com pé anelar tubular repuxado, a meio da base ou próximo ao ângulo com a parede.

Cores

Cores tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro; ocasionalmente incolor esverdeado.

Dimensões

Diâmetro entre 180-200mm

Observações

Embora os bordos tubulares sejam fáceis de identificar, os fragmentos pequenos não permitem a identificação precisa da forma.

Datação

Incerta: finais do séc. IV – séc. V

Embora seja conhecida uma produção Alto-Imperial (2ª metade do séc. I d. C.) destes pratos, cuja forma geral pouco mudou, os exemplares aqui apresentados são nitidamente tardios. A melhor forma de os distinguir é através da cor: os exemplares Alto-Imperiais são, por regra, verde azulados ou de cores fortes (azul escuro) enquanto os do Baixo-Imperio são em cores tardias: verde amarelado ou verde amarelado escuro.

Distribuição

Relativamente comum.

Origem

NOP ou importação hispânica.

Bibliografia

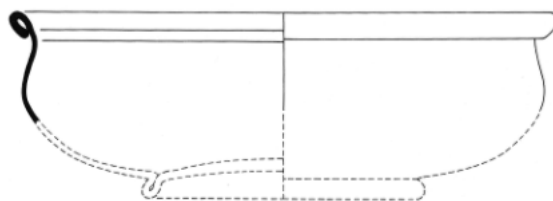
Price e Cottam 1998: 77 (Alto-Imperiais); Sternini 1995: 284 (Baixo-Imperiais)

Tipologias: Is 45/48

Exemplares ilustrados (desenhos à escala $\frac{1}{2}$)

1 – BraMISA20, Braga: Bordo tubular externo de grandes dimensões, parede vertical e inflexão na junção com a base. Verde amarelado. Desenho MDDS (inérito).

Taça de bordo tubular e paredes curvas



1

Características

Forma

Taça de bordo tubular externo, esvasado, corpo de paredes curvas formando um S invertido, base com pé anelar tubular repuxado.

Cores

Verde amarelado e verde acastanhado.

Dimensões

Diâmetro entre 140-180mm.

Observações

Embora os bordos tubulares sejam fáceis de identificar, os fragmentos pequenos não permitem a identificação precisa da forma.

Datação

Incerta: em uso na 2ª metade do séc. IV

Distribuição

Pouco comum, apenas identificada em Braga.

Origem

Provavelmente de Braga.

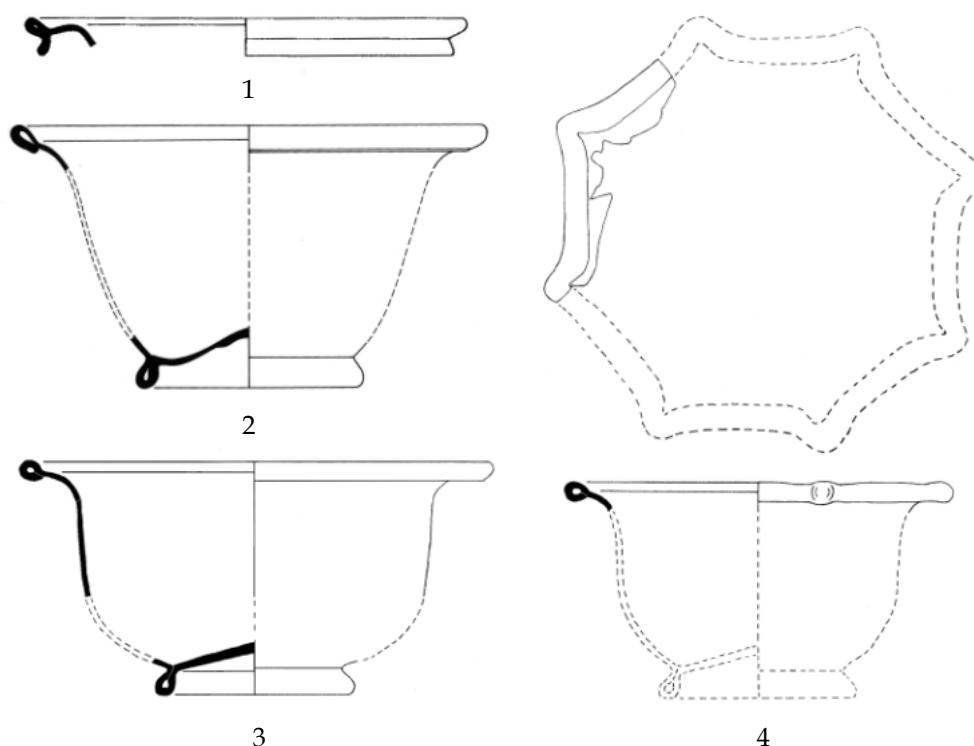
Bibliografia

Price e Cottam 1998: 131

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraCARV503, Braga: Bordo tubular com constrição e parede curva. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 938).

Taça de bordo tubular em aba



Características

Forma

Taça de bordo tubular externo formando aba oblíqua ou horizontal, corpo de tendência cilíndrica ou tronco-cônica, base reentrante de pé anelar tubular repuxado para baixo e ligeiramente para fora.

Variantes

Simplex de tendência cilíndrica (3), simplex de tendência tronco-cônica (2), com bordo tubular e lábio pendente (1) e com bicos repuxados (4).

Cores

Maioritariamente em cores carregadas tardias: verde amarelado e verde acastanhado, ocasionalmente tingido de verde amarelado.

Decoração

Aba com repuxados (4).

Dimensões

Diâmetros variáveis, entre 100-180mm,

Observações

Forma de fácil identificação, mesmo a partir de fragmentos de bordo, apesar de alguma confusão que possa haver com algumas formas de grandes boiões. A inclinação da aba depende do formato do corpo, corpos tronco-cônicos dão origem a bordos oblíquos, corpos cilíndricos a abas horizontais.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. IV – meados do V.

Tal como os pratos de bordo tubular e paredes verticais também estas taças conheceram duas fases, uma pertencente à segunda metade do séc. I - séc. II (Is 42) e outra tardia (Is 115). A avaliar pela cor e pela cronologia, os exemplares catalogados e ilustrados pertencem todos à fase tardia.

A variante de bicos repuxados deverá ser de pleno séc. V.

Distribuição

Relativamente comum, com preponderância para Braga.

Origem

NOP, seguramente Braga e Lugo.

As análises químicas sugerem que Lugo teve a sua produção (ponto 2.1.2.4, subgrupo G2.1.3). A produção de Braga reconhece-se pelo corpo de tendência tronco-cónica (2) enquanto que a de Lugo pelo corpo de tendência cilíndrica (3).

Bibliografia

Arveiller-Dulong e Nenna 2005: nº 965 (com bicos repuxados) Foy 1995: tipo 16 (de bicos repuxados), .

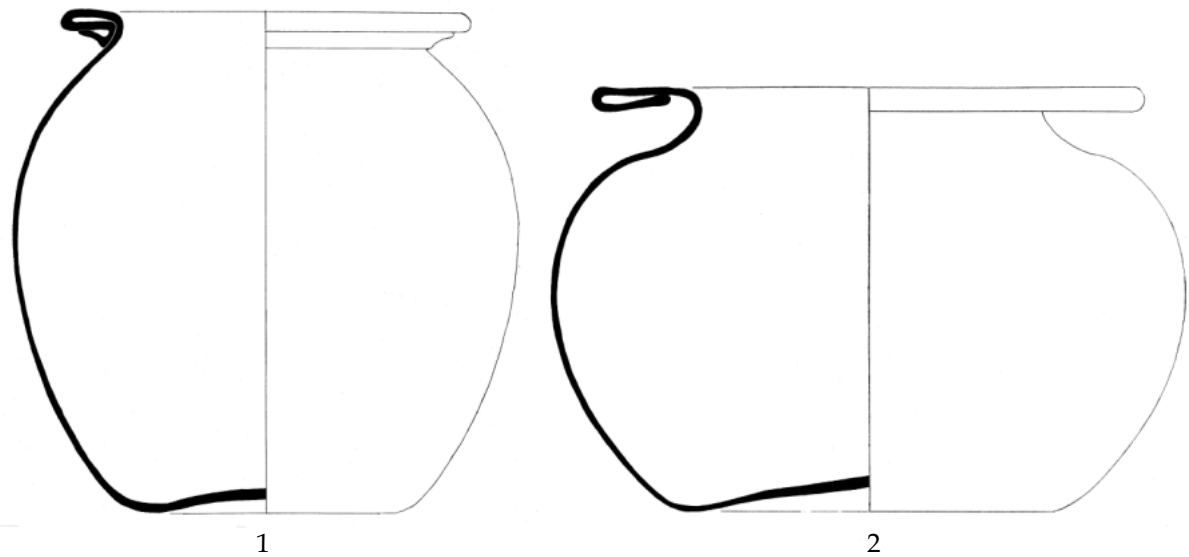
Tipologias: Is 115, AR 109.2

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraCARV323, Braga: Bordo em aba arqueada e lábio pendente. Verde. Desenho MDDS (Cruz 2001: 948). **2** – BraSE33, Braga: Bordo tubular externo em aba arqueada e oblíqua, base reentrante com pé anelar, tubular, repuxado. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inérito). **3** – Vdg37, Castra de Viladonga, Lugo: Bordo tubular externo e virado para fora formando aba oblíqua; base reentrante com pé anelar tubular repuxado. Verde amarelado. Desenho adaptado a partir do original do Museu do Castro de Viladonga (Cruz 2007: Vdg37). **4** – Vdg39, Castro de Viladonga, Lugo: Bordo tubular externo em aba oblíqua com bicos repuxados. Verde amarelado. Desenho adaptado a partir do original do Museu do Castro de Viladonga (Cruz 2007: Vdg39).

2. Vasos para guardar alimentos: frascos e boiões

Boião (urna) de bordo em aba de dobra horizontal



Escala 1/3

Características

Forma

Grande boião, também conhecido por “urna”, de corpo ovóide ou globular achatado, bordo em aba horizontal dobrada, base ápode ligeiramente reentrante.

Variantes

Em termos de formato geral parece existir uma forma tendente para o ovóide (1) e outra para o globular (2). Em termos de bordos, estes podem ser de dobra simples para baixo (2) ou de dupla dobra (1). Também estão documentados casos de dobra para cima.

Cores

Verde azulado.

Dimensões

Diâmetro do bordo entre 140-200mm, altura entre 200-250mm.

Observações

São normalmente designadas como urnas por terem sido frequentemente usadas como urnas cinerárias em contextos funerários, porém, esta não terá sido a sua função original. Trata-se no fundo de verdadeiros boiões de uso doméstico. Nos enterramentos surgem por vezes protegidas dentro de caixas de chumbo (o caso do exemplar de Astorga, nº 1) ou de pedra.

Datação

Meados do séc. I d. C. – séc. II

Distribuição

Relativamente comum, usualmente encontrada em sepulturas.

Origem

Importação.

Bibliografia

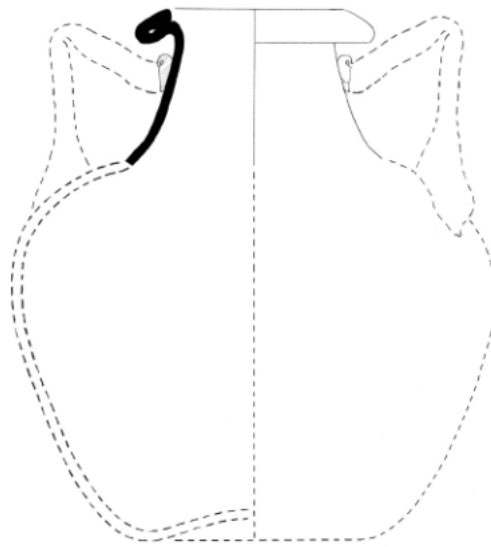
Price e Cottam 1998: 140

Tipologias: Is 67a, AR 117, T 147a

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/3)

1 – Ast03, Astorga: Urna inteira, bordo em aba horizontal com dupla dobra externa, corpo globular, base simples ligeiramente reentrante. Encontrava-se dentro de pote de chumbo com tampa. Aquisição do Museu Arqueológico e Histórico da Corunha. Desenho do autor (Macias 1903, 175). **2** – Sol01, El Soldán, Sta Colomba de Somaza, Leon: Exemplar completo de grande urna globular de bordo em aba dobrada horizontalmente para baixo e para dentro, base simples ligeiramente reentrante. Verde azulado. Desenho do autor (inérito).

Boião (urna) com asas



1

Escala 1/3

Características

Forma

Grande boião de corpo tendencialmente globular ou ovóide, bordo dobrado para cima, formando aba oblíqua, colo alto afunilado, base ápolede ligeiramente reentrante, duas asas verticais apoiadas no colo e junto ao bordo.

Variantes

Existe uma variante com asas verticais em forma de M, apoiando unicamente no colo (Is 63).

Cores

Verde azulado.

Dimensões

Diâmetro do bordo entre 80-130mm.

Observações

Tal como os seus congêneres sem asas, também estes boiões são normalmente designados como urnas por terem sido frequentemente usadas como urnas cinerárias em contextos funerários.

Apesar do perfil dos bordos lembrar o das garrafas cilíndricas e quadrangulares, as grandes dimensões e o perfil do gargalo permitem a sua distinção.

Datação

Flávios – 2ª metade do séc. II

Distribuição

Raro, usualmente encontrada em sepulturas.

Origem

Importação.

Bibliografia

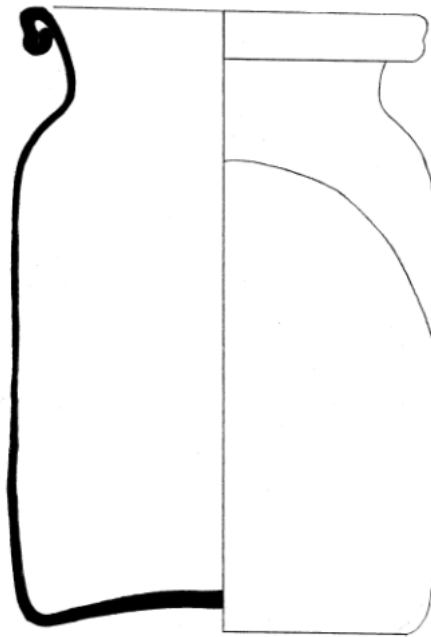
Arveiller-Dulong e Nenna 2005: n°s 467 e 870

Tipologias: Is 65, T148/152

Exemplares ilustrados (desenho à escala 1/3)

1 - LeoEP01, Leon: Gargalo de grandes dimensões com bordo dobrado obliquamente e arranque de asas junto ao bordo. Verde azulado. Desenho do autor (inédito).

Frasco quadrangular de bordo em gola



1

Características

Forma

Frasco soprado em molde de secção quadrangular, bordo vertical ou ligeiramente esvasado, repuxado para fora e para baixo formando uma gola, base plana ou ligeiramente reentrante, com marca ou lisas.

Variantes

A maioria dos frascos quadrangulares possui marcas em relevo na base, iguais às das garrafas quadrangulares, com que quase sempre são confundidos. No entanto também existem exemplares sem marca, como o caso ilustrado (1).

Cores

Verde azulado.

Decoração

Lisos ou com marcas em relevo na base.

Dimensões

Diâmetro 50-120mm, altura entre 100-260mm.

Observações

Forma difícil de identificar, a partir de fragmentos isolados, dado que o corpo e a base são iguais às garrafas quadrangulares (Is 50), enquanto que os bordos são iguais ao boiões de gola (Is 67b).

Datação

Meados do séc. I – inícios do II (talvez todo o séc. II)

Distribuição

Relativamente comum, sobretudo em necrópoles, porém difícil de identificar a partir de fragmentos.

Origem

NOP ou importação.

Bibliografia

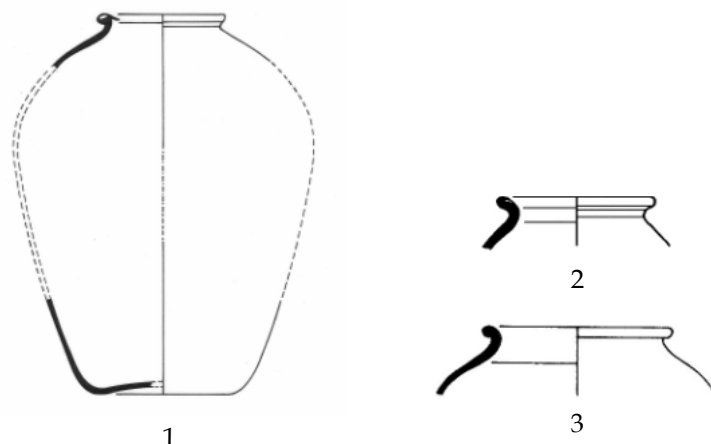
Price e Cottam 1998: 135

Tipologias: Is 62, AR 119, T 102

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – Sol02, El Soldán, Sta Colomba de Somoza, Leon: Exemplar inteiro de boião quadrangular, sem marca, com bordo dobrado exteriormente formando uma gola. Verde azulado. Desenho do autor (AA.VV. 1995b, 278).

Frasco ovóide de bordo dobrado



Características

Forma

Frasco de corpo ovóide, bordo de aresta repuxada para dentro e dobrada sobre si, com ligeira constrição ou colo baixo, base aplanada ou ligeiramente reentrante, sem marca de pontel.

Variantes

Dimensões pouco uniformes.

Cores

Incolor, incolor esverdeado, ocasionalmente verde azulado ou verde amarelado.

Dimensões

Diâmetros entre 30-50mm.

Observações

Os bordos assemelham-se muito a bases de cúpula interna e pé anelar repuxado para fora, invertidas (ver copos de paredes finas), com os quais poderão ser confundidos. No entanto, apesar de em alguns casos a aresta ficar ligeiramente saliente (caso do nº 1), criando a ideia de uma fractura, há outros exemplares em que essa aresta é completamente rematada, tornando-se quase imperceptível (2 e 3).

Datação

Incerta: finais do séc. I – séc. II

Distribuição

Pouco comum, maior concentração em Braga.

Origem

Braga ou de importação hispânica.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 143; Arveiller-Dulong e Nenna: nºs 461

Tipologias: Is 67

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraCVL085, Braga: Perfil quase completo: bordo em aba horizontal com lábio dobrado para dentro, constrição ou colo baixo, corpo cilíndrico e base plana. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 965). **2** – BraCARV167, Braga: Bordo com lábio dobrado para dentro e constrição ou colo baixo. Verde-claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 964). **3** – BraT126, Braga: Bordo horizontal dobrado sobre si, colo baixo quase inexistente. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 963).

Frasco cilíndrico de bordo em aba



1

Características

Forma

Pequeno frasco cilíndrico e alto, bordo engrossado ao fogo em aba tendencialmente horizontal, base ligeiramente reentrante.

Cores

Cores suaves: incolor esverdeado ou tingidos de verde amarelado.

Dimensões

Diâmetro entre 40-50mm, altura aproximada 100mm.

Observações

Não se descarta a possível existência de pequenos frascos de tendência globular. Estes frascos destinam-se a conter unguentos, podendo ser designados com toda a propriedade de unguentários cilíndricos.

Datação

Incerta: séc. III – séc. IV

Apesar das tipologias Is e AR apontarem para finais do séc. III – séc. IV, o exemplar agora ilustrado provém de um estrato datado de finais do séc. II/inícios do séc. III. Também a cor aponta par uma cronologia ainda do séc. III.

Distribuição

Raro.

Origem

Braga ou importação.

Bibliografia

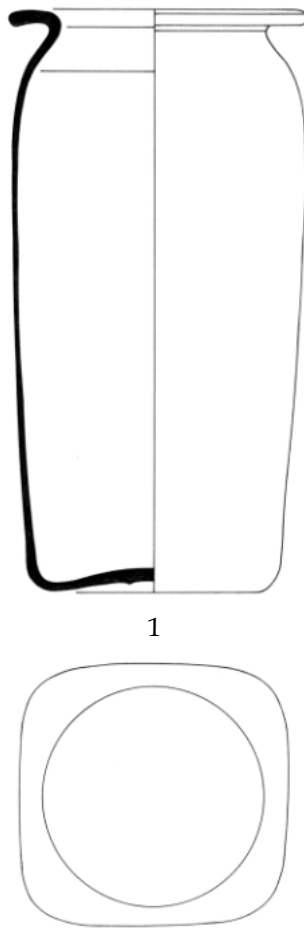
Abásolo, Cortes e Marcos 2004: nº 79.

Tipologias: Is 130, AR 116.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 - BraT084, Braga: Bordo engrossado ao fogo horizontal, colo baixo e largo, corpo cilíndrico. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 968)

Frasco quadrangular de bordo em aba



Características

Forma

Frasco quadrangular de ângulos arredondados, bordo engrossado ao fogo e esvasado, formando aba horizontal, colo baixo, base plana ou ligeiramente reentrante, sem marca.

Cores

Verde azulado.

Dimensões

Diâmetro entre 60-80mm

Observações

Apesar do formato quadrangular não é de supor que tivesse sido soprado em molde mas antes soprado livremente e espalmado. A ausência de marca na base, os ângulos arredondados, a igual espessura das paredes e a ligeira assimetria dos lados, assim o indica. Para além do bordo, são precisamente estas as características que o distingue das garrafas e frascos quadrangulares soprados em molde (Is 50 e 62 respectivamente).

Perante fragmentos de bordo é extremamente difícil distinguir a forma dado que os bordos em aba horizontal são comuns aos frascos e boiões. A cor verde azulada pode ser uma boa indicação.

Datação

Incerta: séc. II/III

Distribuição

Raro.

Origem

NOP, provavelmente de Braga.

Bibliografia

Sem paralelos exactos

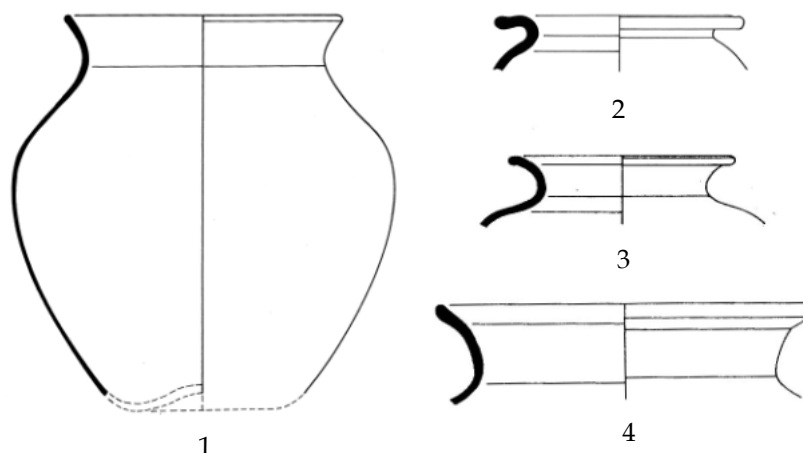
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraJMS04, Braga: Peça completa. Frasco de secção quadrangular com bordo em aba horizontal, colo baixo e base plana ligeiramente reentrante. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 985).

Exemplares não ilustrados

BraCC31, BraMAX19, BraCARV025, Lan31

Boião de bordo em aba



Características

Forma

Boião de corpo ovóide ou globular, bordo engrossado ao fogo e esvasado, formando aba horizontal ou oblíqua, base ápole reentrante.

Variantes

Embora não se conheçam muitos exemplares inteiros no NOP, pelos paralelos das necrópoles “tipo Douro” é possível adivinhar formas de tendência globular (exemplares 2 e 3) ao lado de formas de tendência ovóide (1), podendo mesmo existir uma relação entre a inclinação do bordo e a forma: bordo e aba horizontal (2) corresponderia a boiões mais atarracados, de tendência globular, e bordos oblíquos (1 e 4) a boiões mais esguios, de tendência ovóide. No entanto, também vamos encontrar bordos de perfis intermédios (3), difíceis de catalogar.

Cores

Maioritariamente em cores carregadas, tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, verde acastanhado. Ocasionalmente verde azulado ou incolor esverdeado.

Decoração

Embora os exemplares catalogados não o revelem, sabe-se que, para além das formas lisas, existiram boiões com depressões verticais (Fuentes 1990: tipo IIC)

Dimensões

Diâmetro entre 60-80mm

Observações

As análises químicas vieram confirmar o que a forma e as associações estratigráficas deixavam adivinhar, que esta é uma forma estreitamente aparentada com as taças campanuladas (ponto 2.1.2.3, subgrupos G1.1 e G1.BV.2). Saíram seguramente das mesmas oficinas.

Datação

Incerta: séc. IV - V

Não se confunde com a forma Alto-Imperial Is 67, em primeiro lugar pelo bordo distinto e em segundo lugar pela cor do vidro. Esta é uma forma nitidamente tardia. Os exemplares de bordo em aba oblíqua deverão pertencer ao final da produção, já em pleno séc. V.

Distribuição

Relativamente comum, sobretudo em Braga e na fachada atlântica do NOP. Muito frequente em necrópoles.

Origem

NOP, seguramente Braga.

As análises químicas demonstram inequivocamente a existência de uma produção bracarense, com recurso a vidro do grupo de composição 1 (vol. I, ponto 2.1.2.3, subgrupos G1.1 e G1.BV.2)

Bibliografia

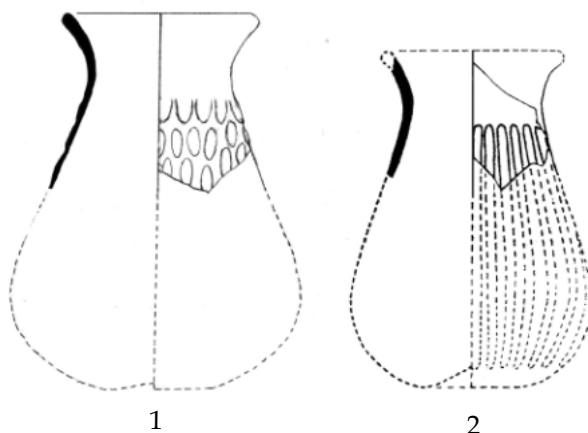
Abásolo, Cortes e Marcos 2004: n.ºs 43, 51, 52, 76; Fuentes 1990: tipo IIB.

Tipologias: Is 94/131.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraTR075, Braga: Perfil quase completo de boião de bordo engrossado ao fogo em aba oblíqua, colo baixo e corpo ovóide. Amarelo acastanhado. Desenho MDDS (inérito). **2** – BraCARV025, Braga: Bordo em aba horizontal e constrição ou colo baixo. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 974). **3** – BraSST01, Braga: Bordo em aba, colo baixo e corpo globular. Tingido de verde-claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 973). **4** – BraCARV156, Braga: Bordo em aba oblíqua e constrição. Verde-claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 990).

Boião piriforme com decoração soprada em molde



Características

Forma

Pequeno boião piriforme (em forma de pêra ou bolbo), bordo engrossado ao fogo e esvasado, formando aba oblíqua, base reentrante.

Cores

Cores suaves: verde azulado ou ligeiramente tingido de verde amarelado.

Decoração

Decoração soprada em molde, tendo sido registado dois padrões: pequenas gotas justapostas (1) e caneluras verticais dilatadas (3).

Dimensões

Diâmetros em torno de 50-60mm

Observações

Esta é nitidamente uma forma aparentada com as taças campanuladas, uma vez que partilha as mesmas técnicas e padrões decorativos. A decoração em relevo é fruto de uma etapa inicial de fabrico em que o balão de vidro é soprado dentro de um molde (com as caneluras ou outros desenhos no interior) e posteriormente dilatada com a continuidade da execução da peça. Apenas a decoração é soprada em molde, não se podendo dizer que a forma o seja porque não retém o formato do molde.

Embora não tenham sido ainda claramente identificados no NOP, é bastante provável a existência de exemplares lisos, como o demonstra o paralelo hispânico de La Morterona (Fuentes 1990: tipo IVC).

Datação

Incerta: séc. IV – V.

Distribuição

Raro.

Origem

Braga ou Vigo.

Forma aparentada com taças campanuladas.

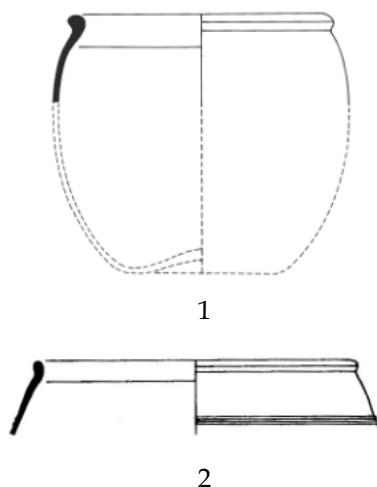
Bibliografia

Sem paralelos conhecidos

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - Cas01, Castromão, Orense: Bordo engrossado ao fogo em aba oblíqua, arranque de corpo piriforme com decoração soprada em molde em forma de gotas. Verde azulado. Desenho adaptado do autor (Xusto 1996: nº 270). **2** - Luc04, Lucenza, Orense: Colo de perfil em C invertido, corpo de tendência piriforme com molduras verticais. Verde azulado. Desenho adaptado do autor (Xusto 1996: nº 269).

Boião ovóide de bordo simples envasado



Características

Forma

Boião de corpo ovóide ou globular, bordo engrossado ao fogo externamente e envasado, base ápode reentrante.

Cores

Maioritariamente em cores tardias: verde amarelado, verde-claro, ocasionalmente verde azulado.

Decoração

Lisa (1) ou com fios da mesma cor da parede aplicados em espiral junto ao bordo (2). É bastante provável que existam igualmente exemplares com caneluras dilatadas.

Dimensões

Diâmetros entre 70 e 80mm.

Observações

Forma nitidamente aparentada com as taças campanuladas fundas.

Datação

Incerta: 2^a metade do séc. IV – inícios do V.

Distribuição

Relativamente rara.

Origem

Braga.

Bibliografia

Abásolo, Cortes e Marcos 2004: n.º 74; Fuentes 1990: tipo IIA.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraCARV458, Braga: Bordo engrossado ao fogo externamente e perfil em C. Verde-claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 509). **2** – BraCARV331, Braga: Bordo engrossado ao fogo externamente, fios aplicados em espiral.

Exemplares não ilustrados

Braga: BraT129, BraCCN31, BraTR084.

3. Recipientes para unguentos, óleos, cosméticos ou perfumes.

Unguentário tubular



1

Características

Forma

Unguentário em forma de tubo. Bordo esvasado, de aresta cortada à tesoura ou de lábio enrolado para dentro, gargalo tubular estreito, constrição a meia altura da peça, depósito tubular, base convexa ou ligeiramente aplanada. Parede mais espessa na base que no gargalo e bordo.

Variantes

As variações são sobretudo ao nível da altura da constrição, ausente nalguns casos, e da forma do depósito que pode assumir uma forma mais bojuda, em gota.

Cores

Verde azulado.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 20-30mm, altura entre 60-120mm.

Observações

Pelas suas dimensões, formato e espessura das paredes, esta é uma forma de unguentário relativamente fácil de identificar, sobretudo a partir de fragmentos de base.

Datação

Séc. I d.C.

É difícil, ainda que possível, afinar um pouco mais as datações relativamente a diferentes variantes. No entanto, existe um limite, na medida em que essas “variantes” podem ser um simples reflexo da técnica de fabrico (não devem existir dois exemplares exactamente iguais), não reflectindo uma evolução cronológica.

Distribuição

Relativamente comum, sobretudo em necrópoles.

Origem

Importação (pelo conteúdo), provavelmente da Lusitânia ou da Bética.

Bibliografia

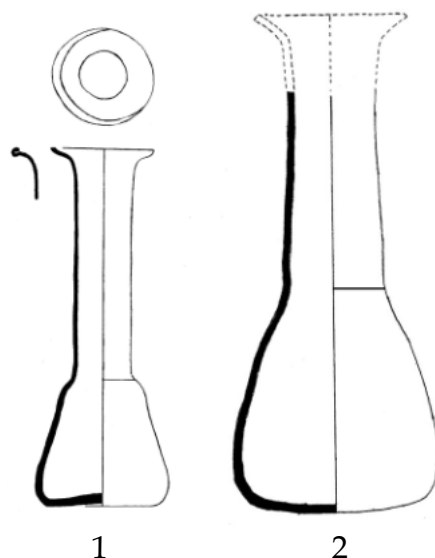
Foy e Nenna 2001: 155; Miguélez 1989: grupo III; Price e Cottam 1998: 169.

Tipologias: Is 8, AR 129, T 66

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – AstEF01, Astorga: Unguentário tubular inteiro, bordo em aresta, esvasado, constrição a meio, base espessa e ligeiramente aplanada. Verde azulado. Desenho do autor (Amaré Tafalla 2003: 25; AA.VV. 1995b: 277, Unguentário a).

Unguentário tronco-cônico



Características

Forma

Unguentário com depósito tronco-cônico. Bordo em aresta cortada à tesoura ou de lábio enrolado para dentro, gargalo tubular estreito e constrição na separação entre gargalo e depósito, base plana.

Variantes

As variações dentro da forma ocorrem sobretudo ao nível das dimensões e da altura do depósito relativamente ao gargalo. Isings distingue entre unguentários com depósito a meia altura (Is 28a) e com depósito a 1/3 da altura (Is 28b, o nosso nº 1), embora nem sempre seja fácil calcular esta relação, nomeadamente em exemplares incompletos (2).

Cores

Verde azulado.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 20-30mm, altura entre 90-130mm.

Observações

O exemplar nº 1 vem mais uma vez demonstrar que não existe grande diferença entre bordos de corte “limpo”, feito à tesoura, a quente, e bordos de lábio enrolado para dentro, uma vez que o mesmo exemplar pode apresentar os dois tipos de bordo. Na verdade, tudo depende da perícia do vidreiro e do cuidado posto nos acabamentos.

Datação

Finais do séc. I d.C. – séc. II

Distribuição

Raro.

Origem

Importação (pelo conteúdo).

Bibliografia

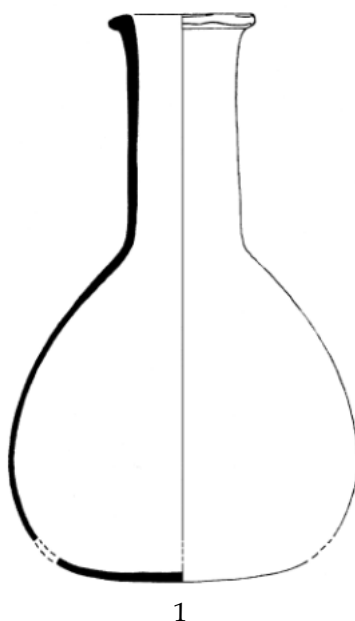
Foy e Nenna 2001: 155; Price e Cottam 1998: 172

Tipologias: Is 28, AR 135, T 73

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Sol05, El Soldán, Sta Colomba de Somaza, Leon: Unguentário inteiro de corpo tronco-cónico, base plana, constrição na junção com o gargalo, bordo esvasado em aresta cortada a quente e parcialmente enrolada para dentro. Verde azulado. Desenho do autor (AA.VV. 1995b, 277, Unguentário B). **2** – Rub01, Las Rúbias, Truchas, Leon: Unguentário de alto gargalo tubular e corpo tronco-cónico, falta o bordo. Azul esverdeado. Desenho do autor (inérito).

Unguentário piriforme



Características

Forma

Unguentário de grandes dimensões com depósito piriforme. Bordo de lábio dobrado sobre si, formando pequeno rebordo biselado externo, gargalo cilíndrico e base plana

Cores

Verde azulado.

Decoração

Alguns exemplares apresentam finas caneluras horizontais gravadas no depósito.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 35-50, altura entre 150-220mm.

Observações

Forma difícil de identificar a partir de fragmentos. O bordo é igual ao de certas garrafas cilíndricas ou prismáticas.

Datação

Finais do séc. I a.C. - inícios do II d.C.

Distribuição

Raro.

Origem

Importação (pelo conteúdo).

Bibliografia

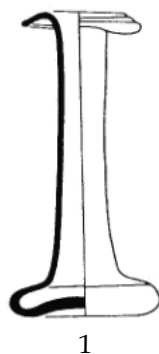
Foy e Nenna 2001: 158; Price e Cottam 1998: 171

Tipologias: Is 16, AR 141, T 71

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – San78, Santomé, Ourense: Perfil quase completo de unguentário de bordo em bisel, aplanado, gargalo alto e estreito, depósito piriforme, base convexa ligeiramente aplanada. Azul esverdeado. Desenho de Xusto 1996: nº 283.

Unguentário candelabro



Características

Forma

Unguentário de depósito em forma de disco achatado. Bordo de lábio enrolado para dentro, esvasado, por vezes exageradamente, gargalo alto e estreito, base plana ou ligeiramente reentrante.

Variantes

Sendo uma forma executada a sopro livre, pode variar muito ao nível do tamanho e achatamento do depósito, bem como na altura e inclinação do gargalo.

Cores

Verde azulado.

Decoração

Embora o exemplar ilustrado seja liso, regra geral possuem marca soprada em molde na base.

Dimensões

Diâmetro entre 30-40mm, altura entre 70-90mm.

Observações

O exemplar ilustrado foi encontrado numa sepultura juntamente com outro unguentário quase igual e dois unguentários quadrangulares, todos os quatro ostentando o mesmo tipo de bordo, estes factos levam-nos a pensar numa origem comum.

Forma fácil de identificar a partir de fragmentos de base.

Datação

Séc. II

Distribuição

Raro. Presente sobretudo em necrópoles.

Origem

Importação, provavelmente Bética.

Bibliografia

Foy e Nenna 2001: 159; Price 1977: grupo 1; Price e Cottam 1998: 175

Tipologias: Is 82a2/b2, AR 136/137/140, T 72/74

Outras designações: Cadlestick unguent bottle

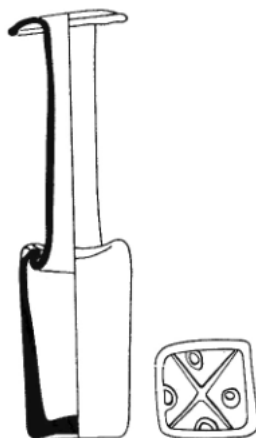
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraLCA02, Braga: Exemplar inteiro de unguentário candelabro pequeno. Verde azulado. Sepultura II da Necrópole do Largo Carlos Amarante. Desenho MDDS (Martins 1993: nº 58; Moreira 1997, est. X, nº 34).

Exemplares não ilustrados

BraLCA03, BraCARV165

Unguentário quadrangular (ou de Mercúrio)



1

Características

Forma

Unguentário com depósito soprado em molde de secção quadrangular. Bordo de lábio enrolado para dentro, esvasado, por vezes exageradamente, gargalo alto e estreito.

Cores

Verde azulado, incolor esverdeado ou tingido de verde amarelado.

Decoração

A maior parte dos exemplares apresentam marcas sopradas em molde na base (1) mas são conhecidos exemplares lisos.

Dimensões

Diâmetro entre 25-45mm, altura entre 100-200mm.

Observações

Também designado unguentário de Mercúrio porque os primeiros exemplares publicados apresentavam uma marca na base com o busto do deus romano Mercúrio.

Forma fácil de identificar a partir de fragmentos de base.

Datação

Incerta: 2ª metade do séc. II, talvez posterior

Distribuição

Raro. Presente sobretudo em necrópoles.

Origem

Importação, provavelmente Bética.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 179

Tipologias: Is 4, AR 144, T 105

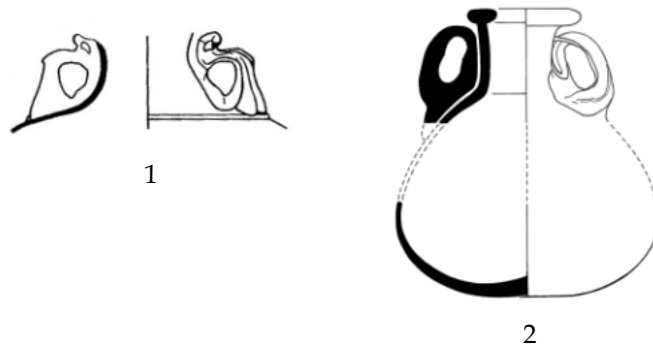
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - BraLCA04, Braga: Exemplar inteiro de unguentário quadrangular com marca na base: quadrado subdividido em quatro triângulos com círculo central. Tingido de verde amarelado. Sepultura II da Necrópole do Largo Carlos Amarante. Desenho MDDS (Martins 1993: nº 56; Moreira 1997, est. X, nº 32).

Exemplares não ilustrados

BraLCA01

Aríbalo



Características

Forma

Frasco de corpo globular, bordo dobrado, gargalo curto, base convexa ou ligeiramente aplanada. Duas pequenas asas simétricas, em argola, por vezes com as extremidades repuxadas lembrando um golfinho de cabeça para baixo (asas delfiniformes).

Variantes

Embora a forma conheça uma grande variabilidade na forma, tamanho e cor, pode-se identificar dois grandes grupos: os aríbalos de paredes finas (1), usualmente os maiores e mais antigos, e os aríbalos de paredes grossas (2), os mais pequenos e mais recentes.

Cores

Maioritariamente em vidro verde azulado, ocasionalmente incolor esverdeado. A variante de paredes finas possui normalmente cores fortes, como amarelo acastanhado (âmbar) ou azul-escuro translúcido. Raros os exemplares bicromáticos.

Decoração

Normalmente lisos, ocasionalmente com decoração lapidada ou com fios aplicados (1). Alguns exemplares de paredes finas podem apresentar asas de cor diferente.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 30-40mm, altura entre 50-110mm

Observações

Forma de fácil identificação devido à presença das distintivas asas delfiniformes.

Estes frascos eram sobretudo destinados ao transporte de óleos para uso nas termas, pelo que também são conhecidos por frascos de banhos ou termais. As asas serviam justamente para fazer passar uma corda, cinto ou corrente e assim poder ser preso à cintura. É uma das formas de maior sucesso e longevidade.

Datação

Meados do séc. I d.C. – meados do III

A variante de paredes finas é característica de meados do séc. I d.C.

Distribuição

Relativamente comum.

Origem

NOP e importação.

A variante de paredes finas poderá ser ainda de importação. No entanto, a variante de paredes grossas, pela sua abundância e rusticidade, deverá ser já de produção local.

Bibliografia

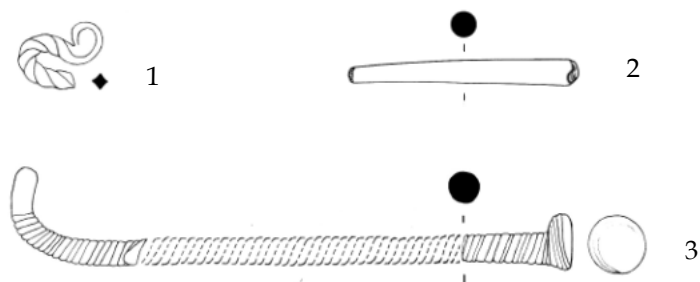
Price e Cottam 1998: 188; Stern 2001: nº 10-15 e 35, 36.

Tipologias: Is 61, AR 151, T 135

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraCCC27, Braga: Asa delfiniforme e fio de vidro aplicado horizontalmente junto da asa. Tingido de verde-claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1231). **2** – BraALB007, Braga: Forma quase completa: bordo dobrado horizontalmente, gargalo baixo e corpo esférico de base plana. Duas asas vagamente delfiniformes. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1228).

Cânula



Características

Forma

Pequenas varetas de vidro para manipulação de unguentos.

Variantes

A forma mais comum é a da cânula rectilínea de pontas achatadas formando um pequeno botão, no entanto são também frequentes as cânulas que combinam uma extremidade em botão e outra em gancho, podendo terminar em ponta lisa simples (3) ou espalmada, formando uma pequena colher (1). Raras são as cânulas lisas e rectilíneas (2). São igualmente conhecidas cânulas com uma das extremidades em argola.

Cores

Maioritariamente monocromáticas em cores suaves: vidro verde azulado, tingido de verde amarelado ou incolor esverdeado; ocasionalmente Polícromas, combinando fios de duas ou mais cores torcidos conjuntamente.

Decoração

A grade maioria das cânulas é constituída por dois ou mais fios torcidos em espiral (3), de uma só cor ou polícromos, sendo igualmente frequente a variante de cordão de secção quadrangular torcido (1). A variante lisa (2), sem acabamentos nas pontas, é muito rara. A extremidade mais grossa encontra-se boleada e desgastada, o que demonstra que foi efectivamente usada para misturar ou esmagar cosméticos, unguentos ou mesmo tintas.

Dimensões

Comprimento entre 150-220mm

Observações

Varetas executadas por torção de um ou mais cordões.

A sua função não é inteiramente conhecida. No entanto, tudo aponta para que tenham sido usadas para mexer ou retirar pequenas quantidades de unguentos de dentro dos unguentários de gargalo estreito e alto. As pontas achatadas sugerem igualmente o seu uso para esmagar e misturar pós e unguentos.

Datação

Incerta: séc. I d.C. - II

Distribuição

Relativamente comum, com maior expressão em Braga.

Origem

NOP ou importação.

Bibliografia

Nolen 1994: n^os vi 109-111

Tipologias: Is 79

Outras designações: Stirring-rod

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

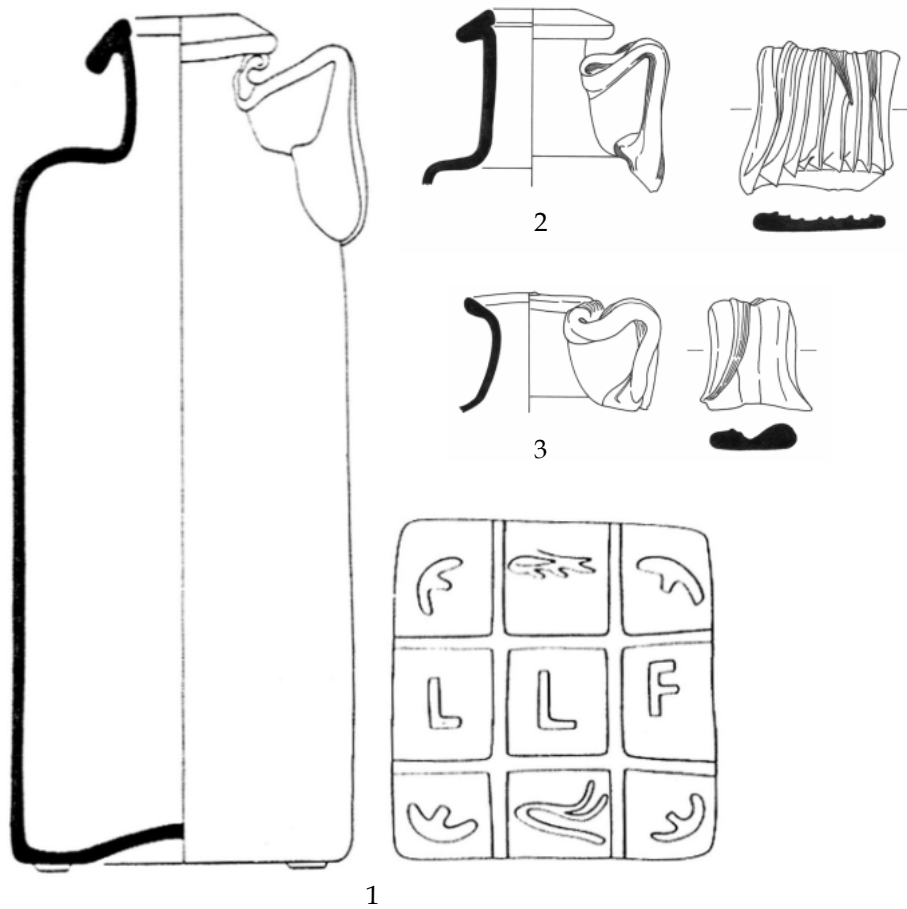
1 - Sol07, El Soldán, Sta Colomba de Somaza: Gancho de cânula de secção quadrangular retorcida, terminando em espécie de pequena "orelha" repuxada. Incolor acastanhado. Desenho do autor (inérito). **3** - BraFUJ241, Braga: Fragmento de cânula ou vareta lisa com uma extremidade mais grossa e arredondada, evidenciando sinais de uso na extremidade. Verde azulado. Desenho MDDS (inérito). **3** - LugPL07, Lugo: Duas extremidades de cânula torcida em espiral, sendo uma achatada e outra em gancho pontiagudo. Verde azulado. Desenho do autor (inérito).

Exemplares não ilustrados

Braga: T206, CARV198, SG02, MAX28, CCC13, FUJ030, CSC03.

4. Vasos para guardar e servir bebidas: garrafas, jarras e jarros

Garrafa quadrangular



Características

Forma

Garrafa com corpo de secção quadrangular soprada em molde, bordo dobrado sobre si, formando dobra oblíqua, gargalo estreito, colo horizontal, base plana com marca em relevo.

Variantes

Estas garrafas possuem uma enorme variabilidade de tamanhos, espessura do vidro, altura do corpo, acabamento dos bordos e das asas. Existem basicamente garrafas pequenas e baixas, normalmente de paredes finas (Is 50a) e garrafas grandes e altas, de vidro espesso (Is 50b). Os bordos são em regra dobrados (1 e 2), mas podem ter uma ligeira prega resultante do enrolamento do lábio (3). As asas são normalmente de fita larga e grossa, com finas caneluras verticais (2) ou de fita de duplo rolo (3).

Cores

Verde azulado. Ocasionalmente incolor esverdeado.

Decoração

Bases com marcas em relevo que podem ir dos simples círculos concêntricos a composições mais elaboradas, conjugando elementos geométricos com figurativos e inscrições, como no caso presente (1).

Dimensões

Diâmetro do bordo entre 40-70mm, diâmetro do corpo entre 50-150mm.

Observações

A par das taças caneladas esta é das formas mais recorrentes em contextos Alto-Imperiais e de fácil identificação, constituindo, por isso, um bom fóssil director. No entanto, como forma robusta e de longa vida que é, pode por vezes ser encontrada, de forma residual, em contextos tão tardios como o séc. IV. Surge em grande quantidade em montes de casco de vidro para reciclagem, nas oficinas locais.

Datação

Forma de longa vida: séc. I d. C. – séc. III. Teve o seu apogeu na época Flávia e durante todo o séc. II

Distribuição

Muito comum. Presente em quase todos os sítios com ocupação Alto-Imperial.

Origem

NOP e importação.

As análises químicas evidenciam a existência de exemplares de importação, nomeadamente da Lusitânia (marca LLF, como o exemplar ilustrado, nº 1), embora a grande maioria seja de produção local, com produções em Braga, Astorga e Lugo (vol. I, ponto 2.1.2.1).

Bibliografia

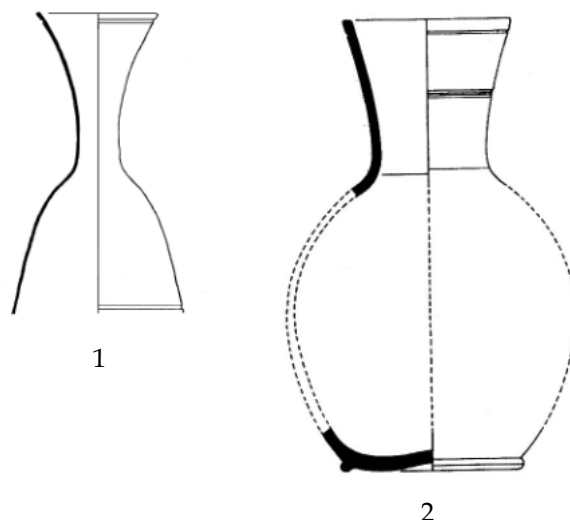
Price e Cottam 1998: 194

Tipologias: Is 50, AR 156, T114/119

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - Moz06, Monte Mozinho, Penafiel: Garrafa quadrangular alta com marca: 4 linhas formando quadrícula com 4 pequenas âncoras nos quadrados dos cantos, um peixe e uma figura indeterminada nos laterais e a inscrição LLF nos centrais. Verde azulado. Desenho de Alarcão 1975 (Alarcão 1975: nº 50; Soeiro 1984: CXLI, nº 5; Moreira 1997: VI, nº 19). **2** – BraCVL047, Braga: Bordo dobrado obliquamente, asa de fita larga canelada e gargalo. Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1033). **3** – BraDG08, Braga: Bordo engrossado ao fogo e esvasado, gargalo, colo e asa de fita de lisa (rolo duplo). Verde azulado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1051).

Jarras de bocal afunilado e bordo em aresta



Características

Forma

Jarras de bocal afunilado de bordo em aresta polida, corpo de tendência ovóide ou globular, base ligeiramente reentrante, ápode ou com pequeno pé anelar aplicado.

Variantes

Jarra de paredes finas, bocal afunilado longo e estreito, com corpo ovóide, ápode (1: Is 92); jarro de paredes grossas, de bocal afunilado, baixo e largo, com corpo globular ou ovóide, ápode ou com pé anelar (2: Is 104).

Cores

Incolor, incolor esverdeado.

Decoração

Linhas horizontais gravadas ou bandas de riscos, tanto no bocal como no corpo.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 30-70mm.

Observações

Formas relativamente fáceis de identificar e de distinguir entre variantes, a partir de fragmentos de bordo, pela particularidade do bocal afunilado, pela cor, pela aresta polida e pela decoração de linhas gravadas.

Datação

Séc. II – Inícios do IV

A variante de paredes finas e bocal estreito e longo (Is 92) é a mais antiga, de inícios a meados do séc. II, enquanto a variante de paredes grossas e bocal baixo e largo (Is 104) é mais tardia, do séc. III a inícios do IV. No entanto, é difícil perceber se há continuidade ou não entre as duas variantes.

Distribuição

Rara.

Origem

Importação.

Bibliografia

Price e Cottam 1998: 174 e 182.

Tipologias: Is 92 e 104, AR 153, T95/101

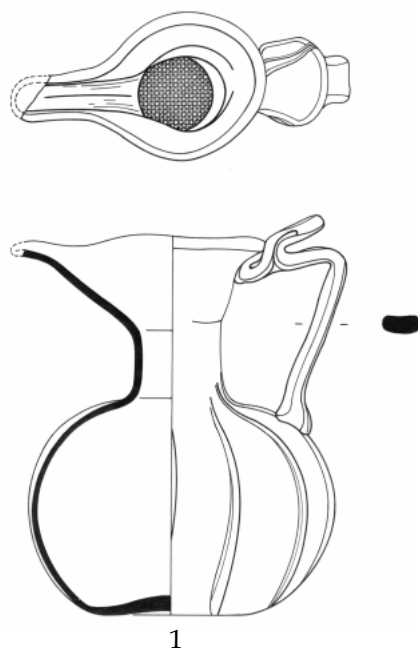
Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Sol03, El Soldán, Sta Colomba de Somoza, Leon: Bocal afunilado alto e estreito com bordo em aresta polida e fina canelura externa, corpo de tendência cônica com fina canelura a meio corpo. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inérito). **2** – BraT167, Braga: Bocal alto e afunilado de bordo em arestas polidas com ranhuras gravadas, base ligeiramente reentrante com pequeno pé anelar em alto-relevo lapidado. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1195).

Exemplares não ilustrados

LugVR06

Galheta de bico repuxado



Características

Forma

Pequeno jarro de depósito globular achatado, bocal afunilado com bico repuxado, bordo enrolado para dentro, gargalo curto e estreito, base ápode, plana ou ligeiramente reentrante, asa vertical com orelha larga horizontal.

Cores

Incolor esverdeado e verde azulado.

Decoração

Lisos ou com nervuras verticais espaçadas no corpo (1).

Dimensões

Diâmetro boca entre 30-40mm, altura entre 100-150mm.

Observações

Existem igualmente galhetas com bico rebatido lateralmente, mais antigas que as de bico repuxado.

A designação “galheta” é aqui usada por se tratar de um pequeno jarrinho de serviço de mesa. No entanto, numa mesma sepultura de Braga foram encontradas duas galhetas exactamente iguais, cuja função ainda se desconhece. Estaremos perante um verdadeiro galheteiro?

Datação

Incerta: séc. II – III.

Distribuição

Rara.

Origem

Importação

Bibliografia

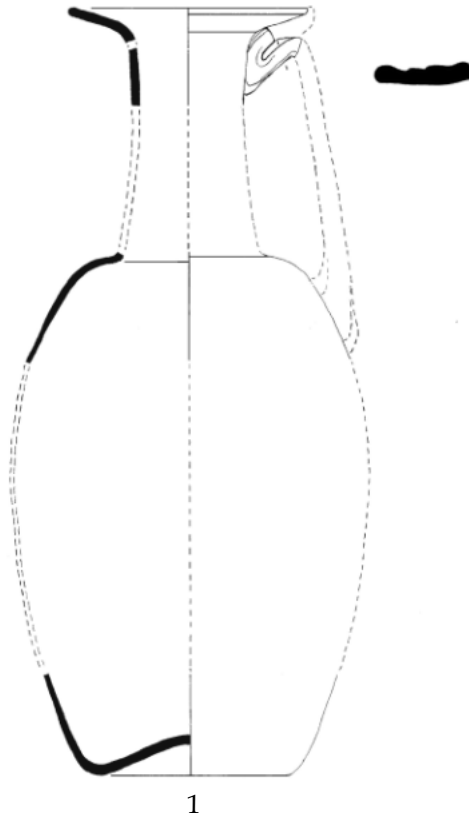
Price e Cottam 1998: 159

Tipologias: Is 88b, AR 169

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraACN01, Braga: Exemplar quase completo (falta bico) de pequeno jarro ou galheta de bico repuxado, gargalo e corpo globular com suaves ondulações verticais, base plana e asa vertical com orelha horizontal. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 1109).

Jarro ovóide ápode de bocal afunilado



Características

Forma

Jarro de corpo ovóide, bocal afunilado, liso, de bordo engrossado ao fogo, gargalo alto e colo vincado, base ápode reentrante, asa de fita larga canelada.

Cores

Maioritariamente em cores carregadas tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro, ocasionalmente incolor esverdeado.

Decoração

Não se descarta a possibilidade de existirem jarros ovóides ápodes com cordões aplicados no bocal. No entanto, tal não foi possível determinar até agora, dado o estado muito fragmentário dos exemplares.

Dimensões

Diâmetro entre 50-80mm

Observações

Forma difícil de identificar a partir de fragmentos, dado que os bocais afunilados, lisos ou com cordões aplicados, são comuns a outras formas.

Datação

Incerta: séc. IV

Distribuição

Relativamente comum.

Origem

NOP.

Bibliografia

Não existem paralelos exactos para a forma.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Vdg55, Castro de Viladonga, Lugo: Bocal afunilado e bordo enrolado para dentro. Verde amarelado. Desenho adaptado a partir de original do Museu do Castro de Viladonga (Cruz 2007, Vdg55).

Jarro piriforme ápole de bocal afunilado



Características

Forma

Jarro de corpo piriforme, bocal afunilado de bordo engrossado ao fogo, rebatido lateralmente de modo a formar um largo bico vertedor, gargalo e colo pouco vincado, base larga reentrante, asa de fita larga canelada.

Variantes

É bastante provável que a regra seja a dos bocais afunilados simples, sendo o exemplar ilustrado, com largo bico rebatido, uma exceção.

Cores

Cores carregadas tardias: verde amarelado e verde acastanhado.

Decoração

Cordão da mesma cor da parede aplicado no bocal.

Dimensões

Diâmetro da boca cerca de 60mm, altura cerca de 200mm

Observações

Forma difícil de identificar a partir de fragmentos, dado que os bocais afunilados, lisos ou com cordões aplicados, são comuns a outras formas.

Datação

Incerta: séc. IV

Distribuição

Raro.

Origem

NOP, provavelmente Braga.

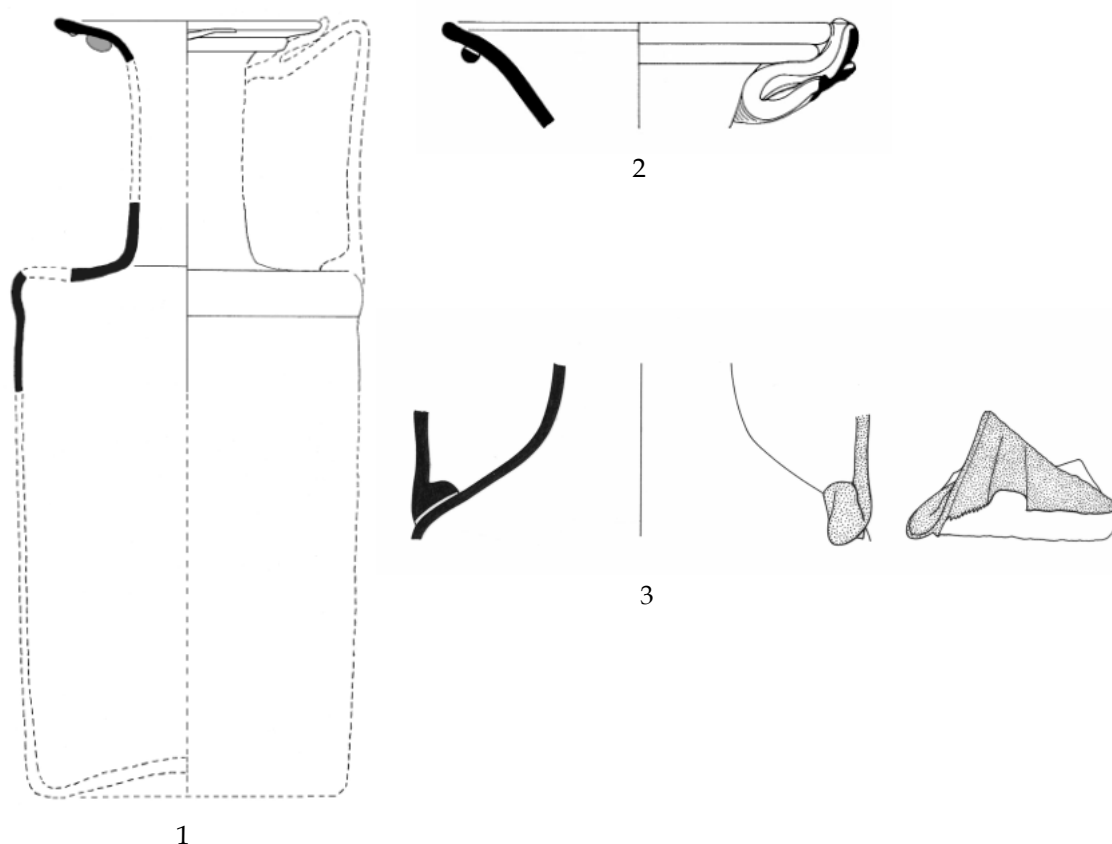
Bibliografia

Sem paralelos conhecidos

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraCARV258, Braga: Jarro fracturado mas quase completo, base reentrante, corpo circular, gargalo alto, asa de fita canelada e bocal afunilado com bico e cordão aplicado. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1191).

Garrafa cilíndrica de bocal afunilado



Características

Forma

Garrafa de corpo cilindro, bocal afunilado de bordo engrossado ao fogo ou de lábio enrolado para dentro, gargalo alto e estreito com colo horizontal bem marcado, base reentrante e asa de fita, aplicada.

Variantes

Existe uma grande variedade de tamanhos. Para além das garrafas de tamanho normal (1) existem garrafas de grandes dimensões (2), possuindo normalmente duas asas simétricas (3).

Cores

Maioritariamente em cores carregadas tardias: verde amarelado, verde acastanhado, ocasionalmente verde azulado, tingido de verde amarelado ou incolor esverdeado associados a cordões e asas azuis.

Decoração

Cordão aplicado no bocal, regra geral da mesma cor da parede. Existe uma produção de vidro de boa qualidade em tons suaves com cordões e asas de cor contrastante (3), azul-escuro translúcido ou azul esverdeado. Alguns exemplares podem apresentar decoração geométrica por abrasão, no corpo.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 50-80mm, altura entre 150-250mm.

Observações

Forma difícil de identificar, a partir de fragmentos de bordo, uma vez que os bocais afunilados, lisos ou com cordões aplicados, são comuns a outras formas. Só na presença de fragmentos de corpo se pode ter a certeza quanto à forma.

Datação

Finais do séc. III – 1ª metade do V.

Distribuição

Comum em todo o NOP, tanto em cidades como em ambiente rural.

Origem

NOP e importação, seguramente de Braga.

As análises químicas apontam para uma produção bracarense de jarros e garrafas de bocal afunilado e cordão aplicado com recurso a vidro do grupo 4, e do grupo 1 (pontos 2.1.2.2 e 3 do vol. I).

Bibliografia

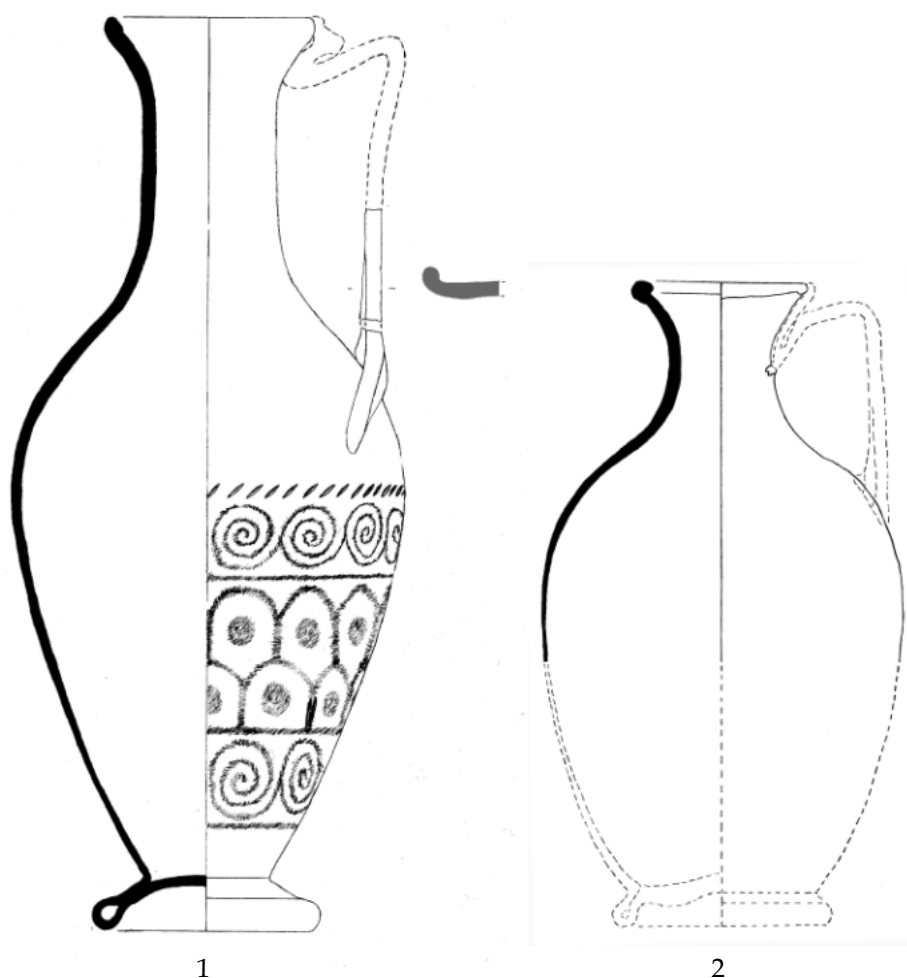
Price e Cottam 1998: 204, Foy 1995: tipo 6 e 7

Tipologias: Is 126/127, AR 171/175, T125/141

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – Vdg52, Castro de Viladonga, Lugo: Bocal afunilado com cordão aplicado, gargalo e parede vertical com inflexão do colo. Verde amarelado escuro. Desenho adaptado a partir de original do Museu do Castro de Viladonga (Cruz 2007, Vdg55). **2** – BraCCN27, Braga: Bordo engrossado ao fogo, bocal afunilado com cordão espiralado aplicado e asa de fita canelada. Tingido de verde claro. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1155). **3** – BraT106, Braga: Gargalo e corpo cilíndrico com duas asas verticais. Verde amarelado escuro com asas azul translúcido. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1108).

Jarro ovóide de pé anelar e bocal afunilado



Características

Forma

Jarro de corpo ovóide, bocal afunilado, bordo de lábio enrolado para dentro, base de pé anelar tubular repuxado. Asa de fita larga vertical.

Variantes

Jarro alto e esguio com gargalo bem marcado (1) jarro baixo com gargalo apenas esboçado (2).

Cores

Cores carregadas tardias: verde amarelado, verde amarelado escuro.

Decoração

É provável a existência de exemplares decorados com cordões aplicados em espiral no bordo, apesar de não ter sido identificado com segurança no NOP. O exemplar decorado por gravação e abrasão (1) parece inscrever-se na tradição das taças arqueadas paleocristãs de Braga, de meados do séc. IV.

Dimensões

Diâmetro do bocal entre 40-60mm

Observações

Forma difícil de identificar a partir de fragmentos pequenos. Todavia, o bocal afunilado, não muito aberto, o lábio enrolado para dentro e a transição suave entre o gargalo e o corpo, poderão ser bons indicadores.

Datação

Incerta: séc. IV - V

Distribuição

Relativamente comum.

Origem

NOP

Bibliografia

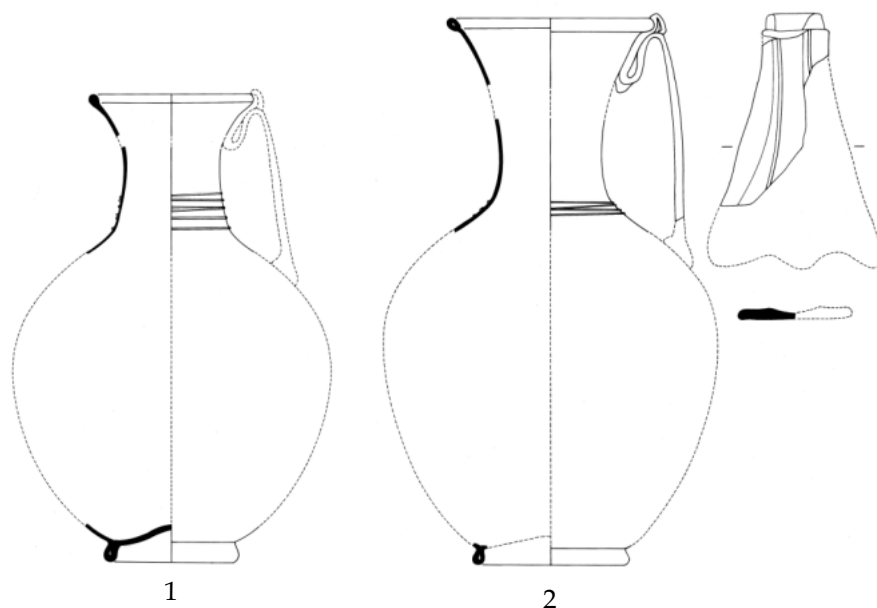
Price e Cottam 1998: 161

Tipologias: Is 120a

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/3)

1 – Ver24, Villa de Veranes, Gijón, Astúrias: Exemplar fragmentado mas com perfil reconstituível. Jarro ovóide com bocal afunilado liso, asa de fita larga, base de pé anelar repuxado para fora e decoração geométrica por gravação e abrasão na parte inferior do corpo. Verde amarelado escuro. Desenho do autor (inérito). **2** – Vdg57, Castro de Viladonga: Bocal afunilado e bordo enrolado para dentro, gargalo curvo e corpo ovóide; arranque de asa. Verde escuro. Desenho adaptado a partir de original do Museu do Castro de Viladonga (Cruz 2007, Vdg57).

Jarro de bocal afunilado e fios aplicados



Escala 1/3

Características

Forma

Jarra de corpo ovóide, largo bocal afunilado sem diferenciação entre bocal e gargalo, bordo de lábio enrolado para dentro, base reentrante com pé anelar tubular repuxado, asa de fita larga aplicada. Paredes finas.

Cores

Maioritariamente em cores suaves: tingido de verde amarelado, de amarelo esverdeado, incolor esverdeado, mas também em verde amarelado.

Decoração

Fios aplicados no bocal e/ou na parte superior do corpo. Na maioria dos casos os fios são da mesma cor da parede ou brancos opacos, ocasionalmente de cor azul.

Dimensões

Diâmetro de boca entre 70-90mm

Observações

Forma difícil de identificar a partir de fragmentos pequenos. Bons indicadores são: as paredes finas, o bocal afunilado largo e fundo e os fios aplicados em espiral de várias voltas na junção do bocal com o corpo. A forma surge normalmente associada às taças campanuladas amplas e baixas.

Datação

Incerta: séc. V

Distribuição

Relativamente comum.

Origem

NOP, provavelmente de Braga.

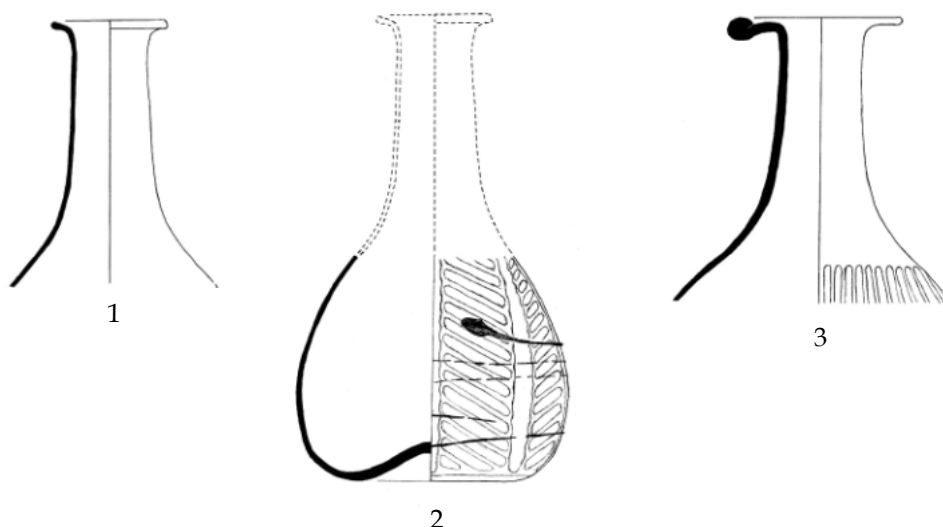
Bibliografia

Foy 1995: tipo12

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/3)

1 – BraLSP06, Braga: Bocal afunilado com bordo de lábio enrolado e engrossado ao fogo, gargalo alto, asa de fita larga, base reentrante com pé anelar tubular repuxado, fios da mesma cor aplicados no colo. Tingido de amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito). **1** – BraFUJ198, Braga: Bocal afunilado com bordo tubular interno (aberto) com asa de fita larga; gargalo alto e estreito, fios aplicados no colo; base de pé anelar tubular repuxado. Tingido de verde azulado. Desenho do autor (inérito).

Garrafa piriforme



Características

Forma

Garrafa de depósito piriforme ou globular, bordo engrossado ao fogo ou de lábio enrolado para dentro, esvasado, formando uma aba horizontal, gargalo alto e colo suave, base ápole ligeiramente reentrante.

Variantes

O formato dos depósitos pode variar entre o globular achatado e o piriforme. Também os bordos oscilam entre bordos ligeiramente polidos ao fogo e esvasados e bordos de lábio revirado para dentro e esvasado, formando aba horizontal.

Cores

Tons suaves: verde azulado, tingido de verde amarelado e incolor esverdeado.

Decoração

Lisas (1), com caneluras em espinha (2), com caneluras dilatadas (3). Os fios aplicados surgem indistintamente em exemplares lisos ou com decoração soprada a molde (2).

Dimensões

Diâmetro de boca entre 25-50mm.

Observações

A técnica de corte à tesoura e posterior acabamento ao fogo pode originar indistintamente bordos perfeitamente polidos/engrossados ao fogo e bordos grosseiramente acabados, de lábio enrolado para dentro. O exemplar nº 3 dá testemunho disso mesmo, uma vez que metade do bordo ficou perfeitamente polido ao fogo, enquanto a outra metade ficou com o lábio enrolado para dentro.

Datação

Incerta: finais do séc. IV – séc. VI

Distribuição

Raro.

Origem

NOP, provavelmente Braga e Vigo.

Nitidamente aparentados com as taças campanuladas, com as quais partilham os mesmos moldes, de caneluras dilatadas e caneluras em espinha (de Vigo).

Bibliografia

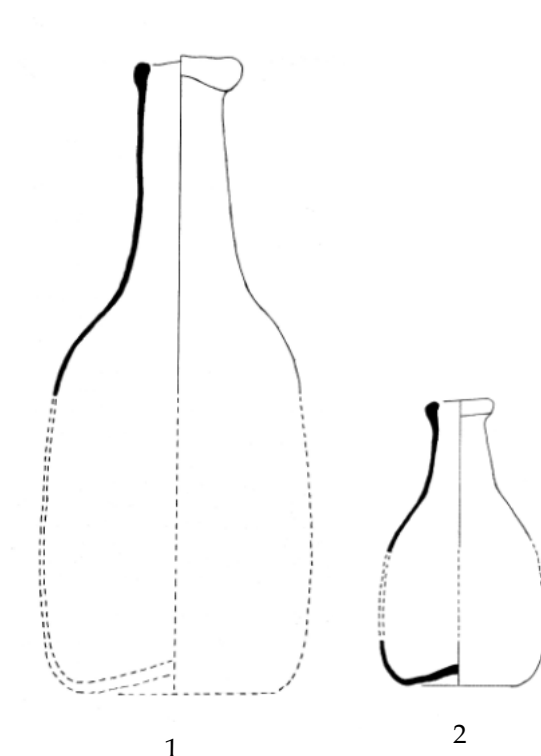
Depraetere-Dargery e Sennequier 1993: n^os 296 a 3001; Foy 1995: tipo 8

Tipologias: Is 133

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – AstAH10, Astorga: Gargalo alto e estreito, bordo em aba oblíqua polido ao fogo, arranque de corpo de tendência globular. Incolor. Desenho do autor (inérito). **2** – VigRCd17, Vigo: Base reentrante e corpo piriforme com caneluras em espinha, muito esbatida, fios brancos aplicados em espiral. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inérito). **1** – AstEA08, Astorga: Gargalo alto com bordo em aba larga horizontal e lábio enrolado para cima e para dentro, arranque de corpo globular com finas caneluras verticais. Verde azulado escuro. Desenho do autor (inérito).

Garrafa cilíndrica de bordo espessado



Características

Forma

Garrafa de corpo tendencialmente cilíndrico, gargalo alto e estreito, bordo enrolado para dentro e irregularmente espessado, base ápole reentrante.

Variantes

Dois tamanhos: garrafa (1) e garrafinha (2).

Cores

Cores suaves tardias: amarelo esverdeado e amarelo acastanhado.

Dimensões

Diâmetro da boca entre 15-25mm.

Observações

O ar tosco e os bordos irregularmente espessados podem dever-se ao facto de estarmos perante exemplares de refugo, uma vez que foram encontrados numa fossa de despejo da oficina de vidreiro do colector Colón, Vigo.

Datação

Incerta: séc. VI – inícios do VII

Apesar da tipologia de Foy indicar uma datação da segunda metade do séc. VI a inícios do VII, pelo contexto arqueológico diríamos que os exemplares ilustrados são ainda da primeira metade do séc. VI.

Distribuição

Raras.

Origem

De Vigo.

Os dois exemplares ilustrados surgem numa fossa de despejo de uma oficina vidreira de Vigo (Colector Colón) associadas a restos de fabrico, vidro broto e outras peças de refugo.

Bibliografia

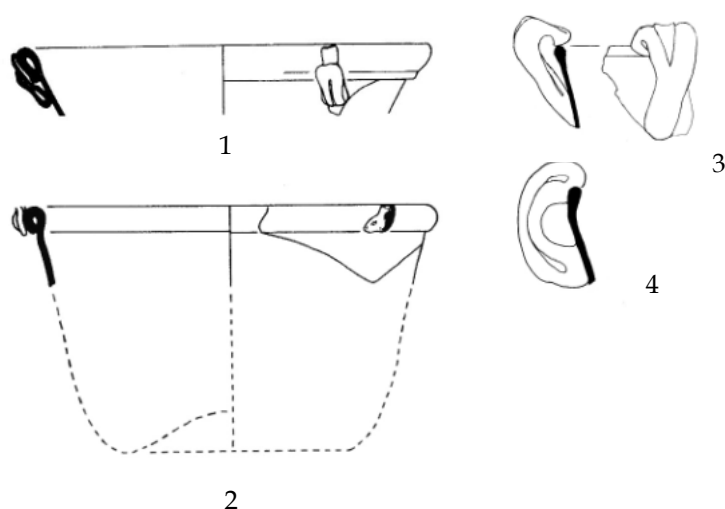
Foy 1995: tipo 25/26

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 - VigCC15, Vigo: Gargalo estreito com bordo enrolado para dentro e engrossado ao fogo, colo suave e corpo de tendência cilíndrica. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito). **2** - VigCC14, Vigo: Perfil quase completo de garrafinha de bordo enrolado para dentro e espessado ao fogo, corpo de tendência cilíndrica e base reentrante. Amarelo acastanhado. Desenho do autor (inérito).

5. Lâmpadas

Lâmpadas de pegas



Características

Forma

Lâmpadas em forma de taça tronco-cônica, de base reentrante, bordo tubular ou engrossado ao fogo e pequenas asas ou pegas verticais junto ao bordo, num mínimo de 3, para dar estabilidade ao serem suspensas. Poderiam ter um tubo interno, ao centro da base, para prender o pavio.

Variantes

De Braga: lâmpadas tronco-cônicas (1) ou de tendência cilíndrica (2), de bordo tubular externo e pequena pega aplicada sobre o bordo, que por vezes não é mais que um cordão achatado e repuxado. De Vigo: lâmpadas de bordo engrossado ao fogo e pequenas asas verticais aplicadas directamente sobre o bordo, umas vezes repuxadas de modo a ultrapassar o bordo (3), outras de forma semicircular (4).

Cores

Cores carregadas tardias: verde amarelado escuro, verde acastanhado e amarelo esverdeado.

Dimensões

Diâmetro do bordo entre 100-110mm

Observações

Lâmpadas de azeite ou lamparinas destinadas a serem suspensas pelas pegas.

Datação

Incerta: finais do séc. IV – VII

Pela cor e qualidade do vidro, as taças de bordo tubular de Braga deverão ser anteriores às de bordo engrossado de Vigo. Possivelmente as primeiras do séc. V e as segundas do séc. VI.

Distribuição

Relativamente raras, unicamente detectadas em Braga e Vigo.

Origem

NOP, nomeadamente Braga e Vigo.

As duas variantes, de bordo tubular e bordo engrossado ao fogo, poderão efectivamente corresponder a duas produções locais.

Bibliografia

Foy 1995: tipo 22

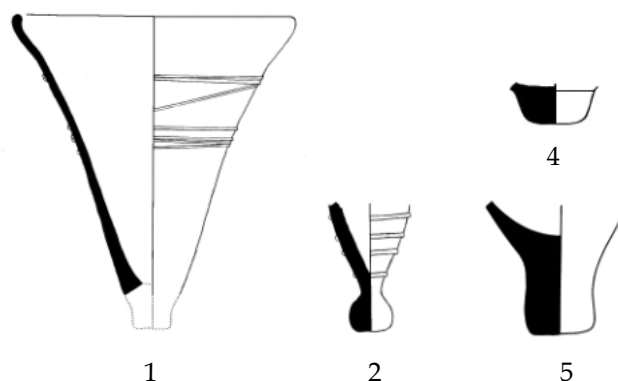
Tipologias: Is 134

Outras designações: Lamparinas

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – BraCARV186, Braga: Bordo tubular externo com pequeno pingó repuxado e parede oblíqua. Verde amarelado escuro. Desenho MDDS (Cruz 2001: 1244). **2** – BraCARV430, Braga: Bordo tubular externo com pequeno pingó repuxado e parede oblíqua. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: 1243). **3** – VigRCd12, Vigo: Bordo engrossado ao fogo, pequena asa de rolo vertical aplicada. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito). **4** – VigRCc09, Vigo: Bordo engrossado ao fogo, corpo de tendência tronco-cónica, pequena asa de rolo vertical aplicada sobre o bordo. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inérito).

Lâmpadas cónicas de base protuberante



Características

Forma

Lâmpada cónica de bordo em aresta ou engrossado ao fogo, base protuberante, em forma de botão.

Variantes

Embora os fragmentos não sejam suficientemente esclarecedores, deveremos estar perante duas variantes de lâmpadas: uma de bordo engrossado ao fogo (1) outra de bordo em aresta (talvez o caso dos nºs 4 e 5)

Cores

Cores carregadas tardias: verde amarelado escuro, verde acastanhado.

Decoração

A variante de bordo em aresta é por vezes decorada com pingos ou cabuchões azuis aplicados, à imagem das taças tronco-cónicas de bordo em aresta, enquanto que a forma de bordo engrossado ao fogo é normalmente decorada com fios aplicados em espiral (1 e 2), da mesma cor da parede ou brancos opacos.

Dimensões

Diâmetro da boca em torno de 75mm

Observações

Também estas são lâmpadas de suspensão. Porém, ao contrário das lâmpadas com pegas, estas destinam-se aos grandes candelabros de teto. A base protuberante servia para dar estabilidade à lâmpada, mantendo-a na vertical. Estes candelabros eram constituídos por uma grande roda metálica, suspensa do teto por correntes, com buracos em toda a sua circunferência onde eram enfiadas as lâmpadas, contendo azeite e um pavio. Era um equipamento muito usado nas igrejas paleocristãs.

Não foram até agora detectadas lâmpadas com pequena base sólida, convexa, sem chegar a desenvolver uma protuberância (Foy 1995: tipo 22), nem as lâmpadas campanuladas com carena (idem: tipo 21b), tão comuns noutras partes do Império.

É de supor que as bases protuberantes com cicatriz de pontel pertençam a lâmpadas de bordo engrossado ao fogo.

Datação

Incerta: finais do séc. IV – meados do VI

As lâmpadas de bordo em aresta pertencem ao séc. V enquanto que as lâmpadas de bordo engrossado ao fogo e fios aplicados são de finais do séc. V a meados do VI.

Distribuição

Relativamente comuns, com maior expressão em Braga, Vigo e na fachada atlântica do NOP.

Origem

Braga e Vigo.

No caso do exemplar ilustrado (1), não restam dúvidas quanto ao seu fabrico em Vigo, uma vez que provêm da fossa da oficina de vidreiro do colector Cólón.

Bibliografia

Alarcão 1965: 130; Depraetere-Dargery e Sennequier 1993: nºs 319 e 321; Foy 1995: tipo 11 e 21c; Stern 2001: nº 158

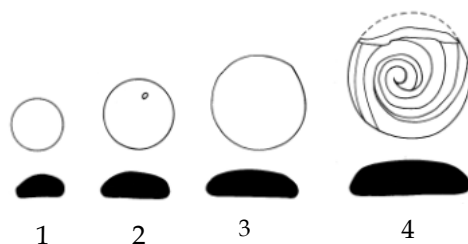
Tipologias: Is 106d

Exemplares ilustrados (desenhos à escala ½)

1 – VigCC16, Vigo: Perfil quase completo de lâmpada cónica com bordo engrossado ao fogo e ligeiramente envasado, espiral de fios brancos na parte superior. Amarelo acastanhado. Desenho do autor (inérito). **2** – VigRCd14, Vigo: Perfil quase completo de lâmpada cónica com bordo engrossado ao fogo e ligeiramente envasado, espiral de fios brancos na parte superior. Amarelo acastanhado. Desenho do autor (inérito). **4** – BraCVL045, Braga: Base protuberante em forma de botão simples. Verde acastanhado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 1247). **5** – BraTR199, Braga: Base em botão protuberante reaproveitada para patela de jogo (parede lascada). Verde amarelado escuro. Desenho do autor (inérito).

6. Fichas de jogo

Fichas de jogo em forma de botão



Características

Forma

Fichas de jogo redondas, em forma de botão cego ou de pequeno biscoito, achatado numa das superfícies.

Cores

Maioritariamente pretas e brancas, mas também coloridas, sobretudo em azul opaco, verde azulado e verde amarelado. As fichas pretas constituem perto de 50% do total das peças analisadas, enquanto que as brancas não chegam a 15%. Uma vez que a relação entre fichas pretas e brancas está muito longe de 1 para 1 presume-se que as restantes fichas coloridas possam ter substituído as fichas brancas.

Dimensões

Parece ter existido 4 tamanhos padrão, embora com muitos exemplares intermédios. Diâmetros (médias): 1 – 14mm, 2 – 16mm, 3 – 18mm, 4 – acima de 20mm. As mais comuns são as de tamanho médio (2 e 3). As mais pequenas são por vezes de difícil identificação e catalogação uma vez que se confundem com pedras de anel, sobretudo as coloridas.

Observações

Trata-se de fichas, ou “pedras”, usadas em jogos de tabuleiro, semelhantes aos actuais jogos de damas como o jogo das doze linhas (*duodecim scripta*), o jogo do soldado (*ludus latruncularum*) e jogo do moinho.

Quanto à técnica de fabrico, não poderia ser mais simples. As fichas mais pequenas eram obtidas pelo derrame de um pingo de vidro, em “ponto de caramelo”, sobre uma superfície plana, enquanto que para as maiores era necessário deixar escorrer um fio de vidro em espiral (4).

Datação

Romano.

O carácter rudimentar da forma, aliado à sua durabilidade, torna quase impossível uma datação mais precisa.

Distribuição

Bastante comum em todos os sítios com ocupação romana.

Origem

NOP ou importação.

O seu reduzido tamanho, forma rudimentar e resistência, faz com que seja um objecto de fácil fabrico, fácil transporte e grande durabilidade. Estas características tornam difícil a identificação de uma origem e servem tanto para argumentar uma origem externa (pela facilidade de transporte) como uma origem local (pela facilidade de fabrico). É provável que as fichas brancas e algumas pretas sejam de importação, enquanto que a maioria das fichas pretas e as fichas azuis e verde azuladas seriam de produção local.

Bibliografia

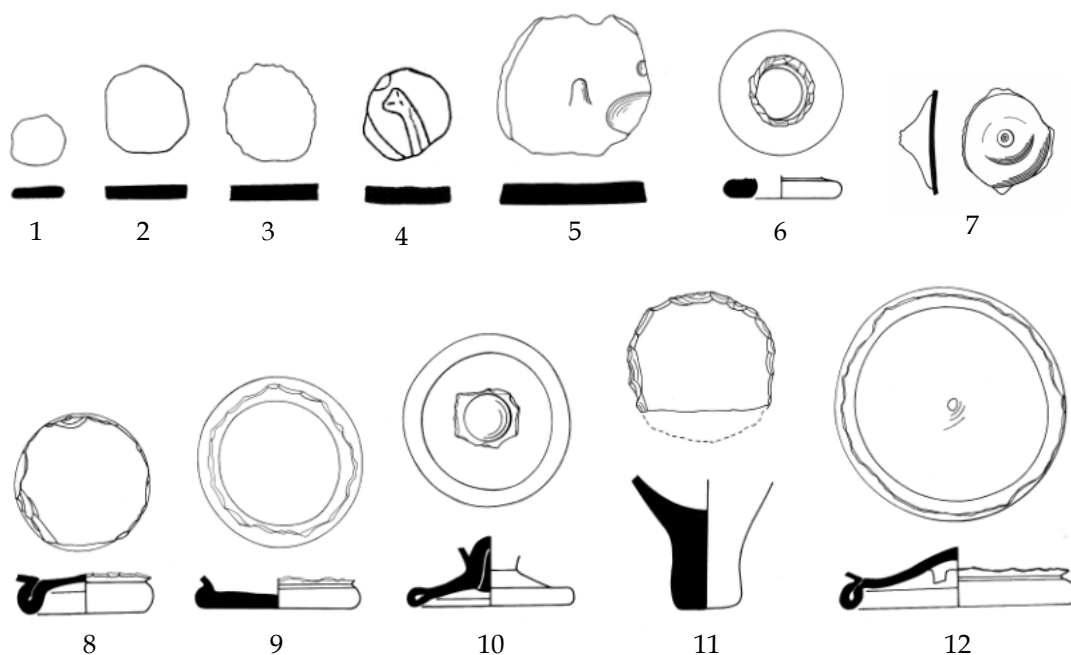
Ponte 1986.

Outras designações: Pedras de jogo, latrunculi ou latrones.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala $\frac{1}{2}$)

1 – BraCVL032, Braga: Ficha preta. Sinais de uso intenso. Desenho do autor (inérito). **2** – BraSAP08, Braga: Ficha branca. Usada. Desenho do autor (inérito). **3** – BraFCB03, Braga: Ficha preta, superfície inferior polida. Sinais de uso intenso. Desenho do autor (inérito). **4** – BraCARV436, Braga: Cerca de 4/5 de ficha de jogo verde azulada com filamentos de impurezas corantes em espiral, indicando a técnica de fabrico. Desenho do autor (inérito).

Fichas de jogo improvisadas



Características

Forma

Fichas de jogo redondas, improvisadas a partir de fragmentos de vidro ou bases reaproveitadas.

Variantes

- Fichas que reaproveitam fragmentos de parede plana (1 a 5). Na maior parte dos casos trata-se de vidro de janela, onde por vezes é mesmo possível ver as marcas de fabrico (2, 3 e 5). Também se podem encontrar fragmentos de garrafas quadrangulares e até das próprias bases com marca (4).
- Fichas que reaproveitam bordos de garrafas (6).
- Fichas que reaproveitam elementos decorativos, como um cabuchão mamilar (7).
- Fichas que reaproveitam bases, sendo as mais comuns. Encontramos maioritariamente bases de pé anelar tubular repuxado (8 e 12), mas também, bases maciças em pé de bolacha (9), pés de cálices (10) ou até mesmo bases protuberantes de lâmpadas (11).

Cores

As das formas originais: incolor, incolor esverdeado, verde azulado, verde amarelado, verde acastanhado, etc.

Dimensões

No caso das fichas que reaproveitam fragmentos de parede plana (1 a 5) as dimensões são idênticas às das fichas em forma de botão. No caso das restantes fichas as dimensões são naturalmente condicionadas pela forma original, sobretudo no caso das bases.

Observações

Quando se tratava de improvisar fichas para jogo era comum lançar mão de qualquer caco de cerâmica, sendo abundantes os exemplares em cerâmica comum ou mesmo em *terra sigillata*. No entanto, os fragmentos de vidro, embora mais difíceis de trabalhar, possuíam a aliciante da cor e do brilho. De entre todos os fragmentos eram as bases as mais procuradas por possuírem, à partida, o formato desejado, bastando lascar e desbastar as arestas. Estas fichas poderiam ser usadas em jogos de tabuleiro ou em jogos de terreiro, riscados no chão. As grandes fichas, ou patelas, feitas a partir de bases grossas e resistentes seriam particularmente indicadas para jogos de terreiro, embora se admitam outros usos, por exemplo como um pequeno pratinho.

Na maior parte dos casos as fichas são apenas lascadas, com o auxílio de uma torquês ou mesmo com um martelo ou uma pedra. Nalguns casos são grosseiramente polidas (1 e 2), possivelmente friccionando as arestas numa pedra áspera.

Datação

Romano.

Tal como no caso das fichas em forma de botão, é difícil precisar uma cronologia. Porém, a forma original pode servir de importante indicador cronológico *post quem*. Observa-se que a maioria das fichas reaproveitam vidros tardios, nomeadamente dos sécs. IV e V. No entanto, também encontramos vidros Alto-Imperiais, como os vidros de janela planos e as garrafas quadrangulares, pelo que o reaproveitamento de fragmentos de vidro para fichas de jogo deverá ter sido uma prática que acompanhou o uso do vidro desde o séc. I d.C.

Distribuição

Bastante comum em todos os sítios com ocupação romana e medieval, surgindo frequentemente no meio do casco de vidro recolhido para reciclagem, o que dá prova da sua banalização.

Origem

Local, provavelmente feitas pelos próprios jogadores.

Bibliografia

Morais 2005: vol. II, 14-19.

Outras designações: Marcas, patelas

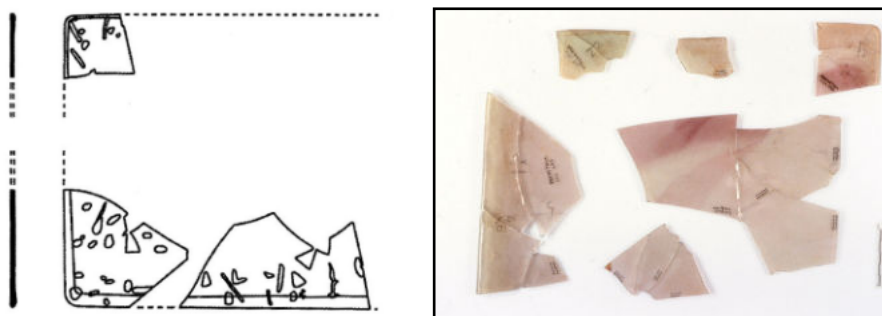
Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraALB034, Braga: Ficha de jogo feita a partir de um fragmento de parede plana (provavelmente uma garrafa prismática), lascada e polida. Verde azulado. Desenho do autor (inédito). **2** – BraCARV475, Braga: Fragmento de vidro de janela lascado e grosseiramente desbastado em rodela. Incolor. Desenho do autor (inédito). **3** – BraDAH15, Braga: Fragmento de vidro de janela lascado em rodela. Incolor. Desenho do autor (inédito). **4** – BraX18, Braga: Fragmento de base de garrafa quadrangular com marca, lascado e

grosseiramente desbastado em rodela. Verde azulado. Desenho do autor (inédito). **5** – BraSE17, Braga: fragmento de vidro de janela lascado em rodela. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inédito). **6** – BraTR168, Braga: Bordo horizontal de unguentário, reutilizado como ficha de jogo ou adorno; gargalo lascado e grosseiramente polido. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inédito). **7** – BraALB023, Braga: Cabuchão mamilar com parede aparada. Desenho MDDS (Cruz 2001: 1203). **8** – BraFUJ235, Braga: Base com pé anelar tubular repuxado, lascado para reutilização como patela. Verde amarelado. Desenho do autor (inédito). **9** – BraCSC05, Braga: Base em "pé de bolacha" cuja parede foi partida e grosseiramente desbastada. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inédito). **10** – BraFUJ164, Braga: Base anelar tubular repuxada e de modo a constituir um pé destacado mas baixo. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inédito). **11** – BraFUJ164, Braga: Base anelar tubular repuxada e de modo a constituir um pé destacado mas baixo. Tingido de verde amarelado. Desenho MDDS (inédito). **12** – BraTR199, Braga: Base em botão protuberante reaproveitada para patela de jogo (parede lascada). Verde amarelado escuro. Desenho do autor (inédito). **13** – BraFUJ196, Braga: Reaproveitamento de grande base reentrante com tampa de pontel aderente, pé anelar tubular repuxado. Lascada. Amarelo esverdeado. Desenho do autor (inédito).

7. Vidro arquitetónico

Vidraça quadrangular plana



1

Desenho à escala 1:4

Características

Forma

Vidraça ou vidro de janela plano, podendo ser quadrada ou rectangular. Apresenta uma superfície rugosa e outra lisa, com marcas de ferramenta.

Cores

Maioritariamente incolor, incolor esverdeado/acinzentado ou tingido de verde amarelado, ocasionalmente verde azulado. As “nuvens” violeta do exemplar ilustrado são uma excepção à regra e resultam do excesso de manganésio, o decolorante usado nos vidros do grupo de composição 3 (vol. I, 2.1.4.2).

Dimensões

Até ao momento não nos foi possível reconstituir um painel completo, sendo previsível que as vidraças obedeceriam à medida do módulo do próprio edifício a que se destinavam. Pelos paralelos conhecidos pensamos que as medidas mais frequentes seriam de um pé quadrado (cerca de 30x30cm), pé e meio (45x45cm) e dois pés (60x60cm).

Observações

A técnica usada para o fabrico destes primeiros vidros de janela era a da estiragem sobre molde (ver vol. I, 4.3.2.2), uma moldagem rudimentar que dá origem a uma superfície inferior rugosa e uma superior lisa e com marcas de ferramentas. O efeito geral é o de uma vidraça “fosca”, não completamente transparente.

Datação

Incerta: séc. I d.C. – IV

A partir do final da Antiguidade, em data difícil de precisar, teriam sido introduzidos os vidros de janela soprados, segundo as técnicas da manga e da coroa, que viriam a substituir gradualmente os moldados. Infelizmente não nos foi ainda possível identificar e caracterizar com precisão estes novos vidros de janela.

Distribuição

Relativamente comuns. Quase sempre associados a termas, quer públicas, quer privadas, em cidades ou em *villae*.

Origem

NOP

Ainda que haja provas de um comércio marítimo de vidraça, como existe de vidro bruto e louça de vidro, é seguro pensarmos que a maior parte do vidro de janela seria de produção local. Existindo produção local de outros objectos de vidro, de maior exigência técnica e artística, seria difícil imaginar uma importação maciça de rudimentares painéis de vidro. O exemplar ilustrado, com a sua descoloração mal conseguida, reforça esta certeza. Que sentido faria importar vidraças com tais defeitos de fabrico?

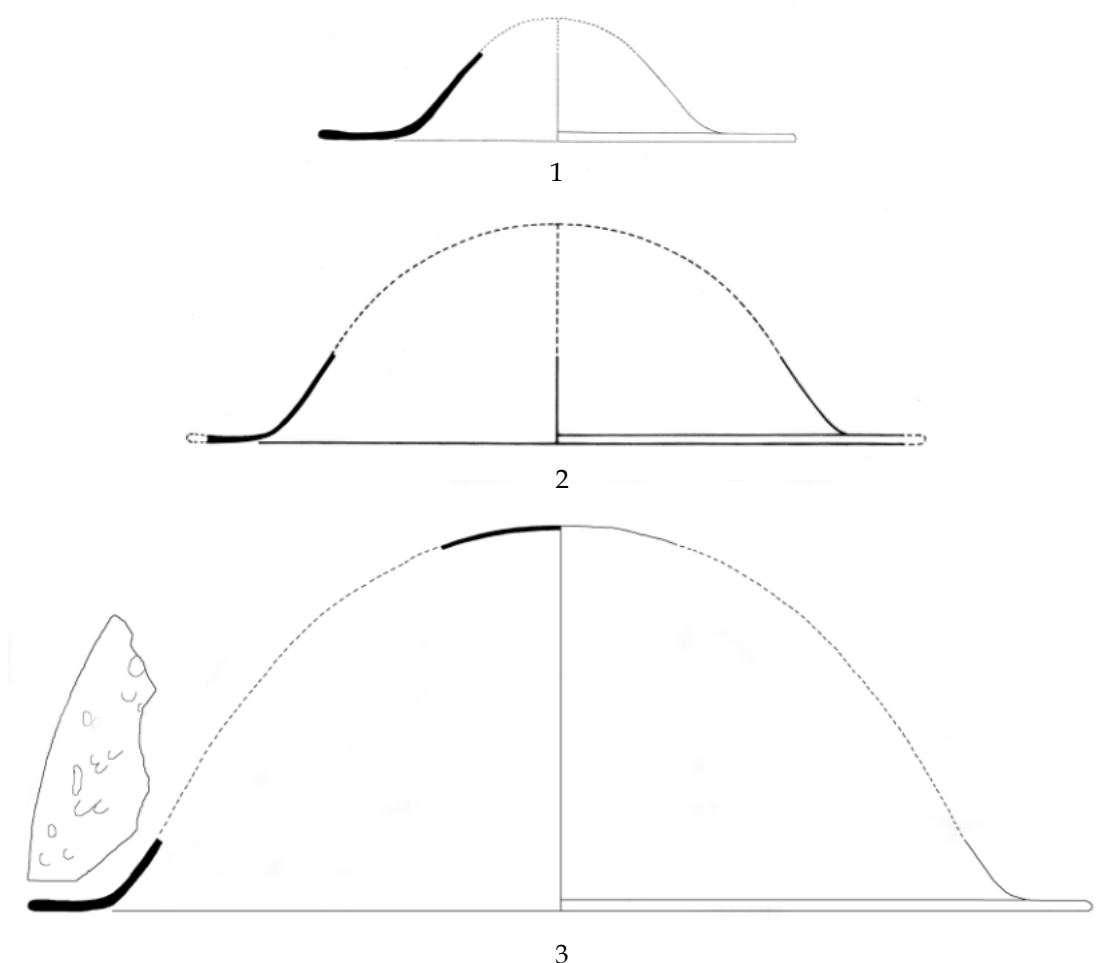
Bibliografia

Fontaine e Foy 2005a, AA.VV. 2005

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:4)

1 - Termas do Alto da Cividade, Braga. Vários fragmentos de um painel quadrangular. Incolor com nuvens violeta devidos à presença de óxido de manganésio. (Cruz 2001: F30)

Vidraça circular redonda



Escala 1:4

Características

Forma

Vidraça ou vidro de janela em forma de chapéu de coco, constituído por calote hemisférica e bordo em aba horizontal, boleado. Tal como a vidraça plana, também esta possui a superfície interna rugosa e a externa lisa com marcas de ferramentas. Parede mais grossa na aba horizontal que na calote.

Cores

Maioritariamente incolor, incolor esverdeado/acinzentado ou tingido de verde amarelado, ocasionalmente verde azulado.

Dimensões

Tal como no caso da vidraça plana as dimensões das vidraças redondas variam consideravelmente. No entanto, parece terem existido 3 calibres aproximados, correspondendo aos 3 exemplares ilustrados: um pequeno, em torno de 25cm de diâmetro (1); um médio, em torno de 35cm (2) e um grande, em torno de 55cm (3).

Observações

Vidro destinado às pequenas janelas circulares (*oculi*), usualmente em cúpulas de termas. Eram presas directamente na argamassa com a calote direccionada para o exterior.

A técnica usada para o seu fabrico é a mesma dos vidros de janela planos, diferenciando unicamente no molde. O vidro fundido seria vertido num molde em forma de calote hemisférica e estendido com o auxílio de ferramentas. Como se trata de um molde redondo o vidro escorre mais para a aba horizontal o que a torna mais grossa que o resto da calote.

Datação

Incerta: finais do séc. I d.C. – IV.

Distribuição

Rara, ainda só identificada em Astorga, Lancia e Braga. Tal como a sua congénere plana, também a vidraça redonda está normalmente associada a termas. É seguramente esse o caso de Braga.

Origem

NOP.

Provavelmente produzidas em conjunto com as vidraças planas.

Bibliografia

Fontaine e Foy 2005b; AA.VV. 2005

Outras designações: Oculus, “olho de boi”

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:4)

1 – Lan17, Lancia, Leon: Bordo e parte da calote. Guarda restos de argamassa na parte plana, tanto interna como externamente. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inérito). **2** – BraCCC36, Braga: Fragmento de parede rugosa na parte interna e lisa na parte superior com inflexão na ligação com o bordo e curvatura da copa. Incolor esverdeado. Desenho do autor (inérito). **3** – AstPG01, Astorga: Fragmento de bordo boleado em aba horizontal e de corpo em calote hemisférica em forma de chapéu de coco, superfície interna rugosa e externa lisa com marcas de ferramenta. Tingido de verde amarelado. Desenho do autor (inérito).

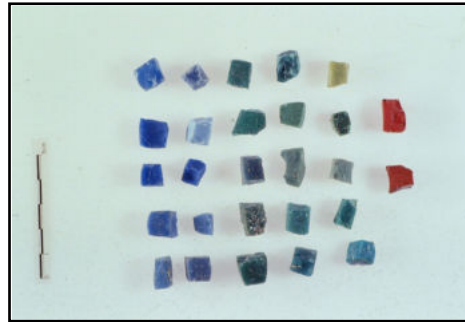
Exemplares não ilustrados

AstAH19 (dm indeterminado), AstPB01 (dm: 330mm).

Tesselas de mosaico



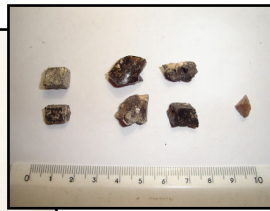
1



2



3



4

Características

Forma

“Pedras” talhadas em pequenos cubos e usadas na composição de mosaicos.

Cores

As cores mais procuradas em vidro são naturalmente as cores difíceis de obter em pedra, como as várias tonalidades de azul e verde (2). Menos comuns são as tesselas vermelhas, amarelas ou cor de laranja. Ainda mais incomum é o uso de vidro negro (3) e vidro incolor esverdeado (4).

Observações

O vidro colorido opaco era importado, em bruto, e talhado no local da montagem do mosaico. É a este mesmo vidro colorido opaco que os vidreiros recorrem para executar pequenos pormenores decorativos, como fios aplicados, pelo que é frequente encontrar vidro bruto colorido e tesselas soltas em contextos de produção local (1).

Num mosaico Alto-Medieval de Dume, Braga, podemos observar um curioso caso de reaproveitamento de vidro bruto negro (3), provavelmente vindo da oficina de Braga especializada na produção de objectos de adorno em vidro negro e de vidro de janela incolor esverdeado (4). O que terá motivado esta prática é ainda uma incógnita. Talvez pelo brilho, resistência ou abundância desta matéria-prima, uma vez que a cor não parece ser um argumento válido.

Datação

Romano, Medieval.

Sendo difícil uma precisão cronológica, quanto ao uso do vidro em mosaicos, observa-se, de um modo geral, que os mosaicos romanos usavam o vidro em pequenas quantidades, em mosaicos de pavimento, enquanto que nas basílicas paleocristãs o vidro era usado em grandes quantidades em mosaicos parietais.

Distribuição

Relativamente comum, sobretudo nas principais cidades do NOP, surgindo frequentemente de forma residual.

Origem

Os lingotes ou blocos de vidro bruto colorido opaco seriam importados dos centros de produção primária no Mediterrâneo Oriental, sendo as tesselas talhadas no local de construção do mosaico.

Exemplares ilustrados

1 - Oficina de Maximinos, Braga: Esquírolas e pequenos blocos de vidro bruto da. Verde azul e vermelho opaco. (Cruz 2001: F19). **2** - Várias proveniências, Braga: Tesselas em vidro verde, azul, amarelo e vermelho. (Cruz 2001: F20). **3** - Dume, Braga: Tesselas de vidro negro opaco. (inérito). **3** - Dume, Braga: Tesselas de vidro de janela, incolor esverdeado. (inérito).

8. Adornos de vidro negro

AVN: Adornos de vidro negro bracarense



1

Cadinho de cerâmica para fusão de vidro negro

Características

Produção bracarense de objectos de adorno em vidro negro opaco, maioritariamente constituída por braceletes, lisas ou decoradas, mas também por contas de pulseira e de colar, pendentes, anéis e pedras de anel imitando Nícolo.

Procura imitar as jóias de azeviche, um tipo de lenhite fóssil bastante apreciado no NOP pela crença nas suas propriedades protectoras contra o “mau-olhado”. Este é claramente um dos primeiros casos de “falsificação” em massa da História.

Datação

Incerta: segunda metade do séc. IV – séc. V.

Embora os dados não permitam ainda uma maior precisão cronológica, a maioria dos exemplares provêm de contextos arqueológicos dos séculos IV e V ou mesmo posteriores. O indício de produção mais antigo, até agora datado, provem de um estrato datado entre a segunda metade do séc. IV e os inícios do V.

Distribuição

Muito comum em todos os sítios com ocupação Tardo-Romana, sobretudo as braceletes.

Origem

Oficinas do Fujacal e dos CTT, Braga.

Não se descartando a possível existência de produções de objectos de adorno em vidro negro noutras cidades do NOP, a de Braga é bastante expressiva e permite uma boa caracterização da sua produção. Além de grande quantidade de objectos acabados vamos encontrar todos os indícios de produção, que vão desde o vidro bruto a pequenos cadinhos, exclusivos desta produção (1), passando por restos de fabrico e peças deformadas e inacabadas.

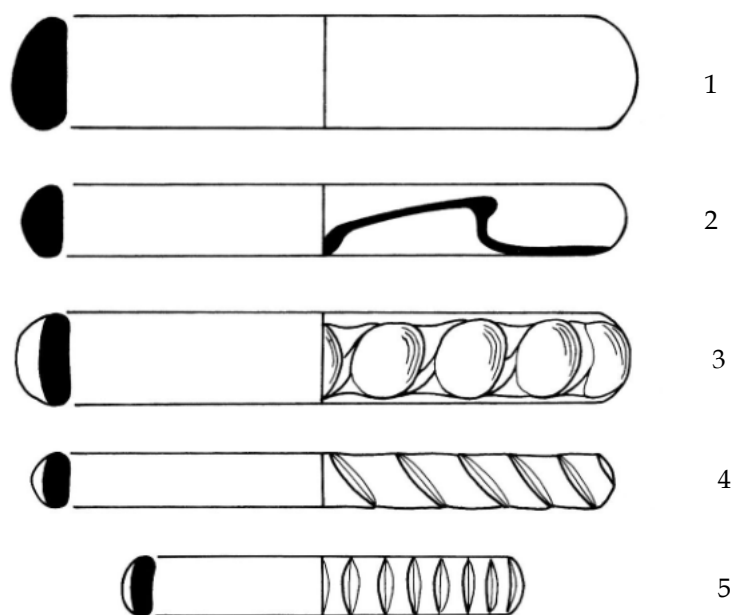
Bibliografia

CRUZ, Mário (no prelo) "Black glass jewellery from *Bracara Augusta*", *Anales du 17e congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraFUJ277, Braga: Pequeno cadinho tronco-cónico de bordo boleado e base plana, em pasta acinzentada, com resto de pasta de vidro negro aderente. Desenho MDDS.

AVN: braceletes



Escala 1:1

Características

Forma

Bracelete maciça, de secção em D, lisa ou decorada. Simples cordão enrolado num pau, sendo quase sempre visível a união das duas pontas.

Cores

Negro opaco. A variante 2 é decorada com fios de vidro amarelo ou verde-claro opaco.

Variantes decorativas

1 – braceletes lisas, 2 – com fios coloridos em ziguezague, 3 – estampilhadas, 4 e 5 – caneladas (caneluras oblíquas e verticais). As mais comuns são, de longe, as lisas, seguidas de perto pelas caneladas. As estampilhadas são menos comuns e as de fios aplicados são raras.

Dimensões

A esmagadora maioria possui o diâmetro médio entre 60/65mm, com alguns exemplares a atingirem 70 ou mesmo 80mm. As pequenas, entre 45-60mm (5), são raras.

Observações

Frequentemente confundidas com braceletes pré-romanas, ditas “celtas”, elas distinguem-se relativamente bem pela cor, pela decoração e sobretudo pelo perfil da secção. As braceletes tardias não apresentam as duas molduras laterais tão características nos exemplares celtas.

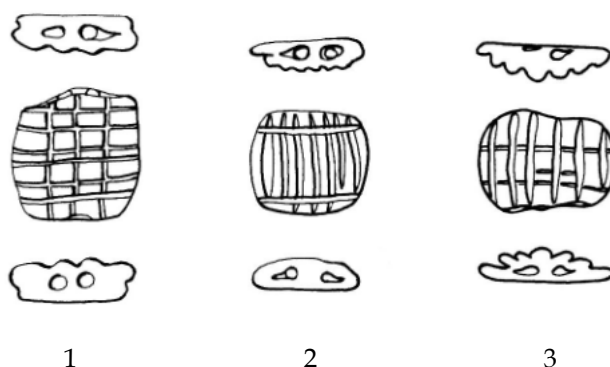
Distribuição

Muito comum em todos os sítios com ocupação tardo-romana.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:1)

1 – BraSG07, Rua de S. Geraldo, nº 34, Braga: Fragmento de bracelete lisa e grossa. Sinais de uso intenso. Desenho MDDS. **2** – BraFUJ163, Quinta do Fujacal, Braga: Fragmento de bracelete com fio serpentiforme verde opaco, fundido. Usada. Desenho MDDS. **3** – BraSG01, Rua de S. Geraldo, nº 34, Braga: Fragmento de bracelete com estampilhado ovalado. Usada. Desenho MDDS. **4** – BraCCN02, Colina da Cividade Norte (Teatro), Braga: Fragmento de bracelete canelada com finos sulcos oblíquos. Sinais de uso intenso. Desenho MDDS. **5** – BraT054, Termas do Alto da Cividade, Braga: Fragmento de bracelete canelada com sulcos serrados e pouco profundos. Sinais de uso intenso. Desenho MDDS.

AVN: contas quadrangulares de dois furos



Escala 1:1

Características

Forma

Contas quadrangulares achatadas de dois furos transversais, decoradas. Cordão pousado sobre superfície lisa, dobrado sobre dois arames e achatado.

Decoração

Simple sulcos ou caneluras executados à mão livre, na face externa. O padrão mais comum é constituído por um número variável de sulcos verticais rematados por dois sulcos horizontais, um de cada lado (2 e 3). Também poderemos encontrar a variante reticulada (1). O nº 3 é um exemplar rejeitado, que não chegou a sair da oficina. Repare-se na forma mal conseguida e na obstrução de um dos furos.

Dimensões

Medida de lado entre 11-17mm, espessura 4-5mm.

Observações

Os dois furos, as duas faces diferenciadas e o desgaste que algumas apresentam unicamente na face decorada são bastante reveladores da sua função. Trata-se seguramente de secções de pulseira articulada, com paralelos em exemplares de azeviche.

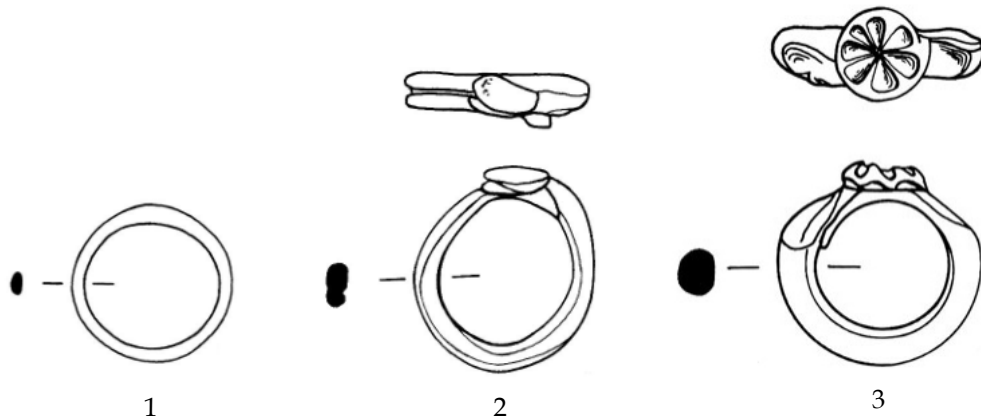
Distribuição

Relativamente raras.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:1)

1 - BraFUJ71, Quinta do Fujacal, Braga: Conta quadrada, achatada, de duplo furo e decorada numa das caras com rede de 3x6 sulcos. Usada. Desenho MDDS. 2 - BraCARV515, Carvalheiras Leste, Braga: Conta quadrada, achatada, de duplo furo e decorada numa das caras com rede de 7x2 sulcos. Usada. Desenho MDDS. 3 - BraFUJ303, Quinta do Fujacal, Braga: Secção de pulseira quadrangular decorada numa das faces com linhas incisadas formando quadrícula, deformada e rejeitada (orifício obstruído). Desenho MDDS.

AVN: anéis



Escala 1:1

Características

Forma

Anéis feitos a partir de simples cordão enrolado num pau, sendo quase sempre visível a união das duas pontas, por vezes disfarçada por uma mesa aplicada.

Variantes decorativas

1 – simples, 2 – com mesa rudimentar, 3 – com mesa estampilhada.

Dimensões

Diâmetro interno entre 15-18mm

Observações

Embora nos cause estranheza o uso de anéis num material tão frágil como o vidro, o certo é que a maior parte dos exemplares apresentam sinais evidentes de uso.

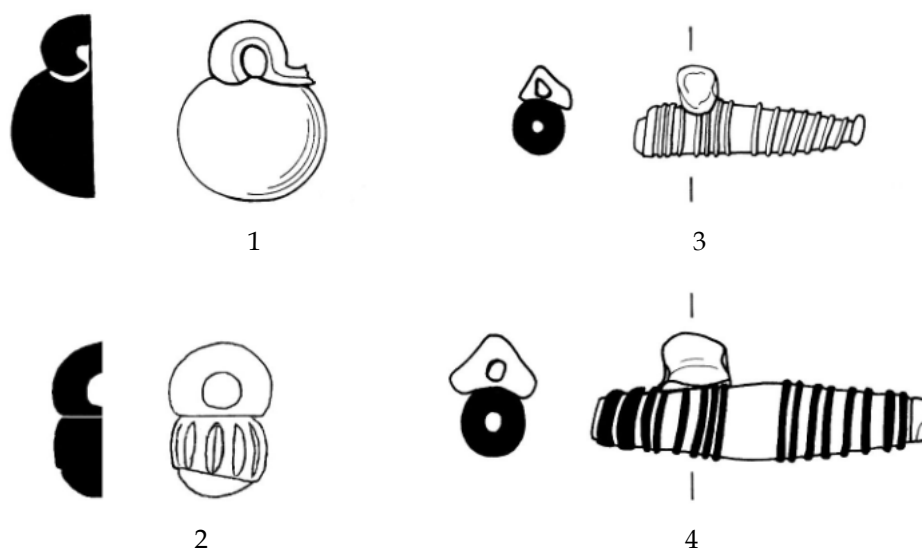
Distribuição

Relativamente raros, encontrados sobretudo em contextos funerários.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:1)

1 – BraSE11, Sé, Braga: Anel inteiro liso. Pouco usado. Desenho MDDS. **2** – BraFUJ222, Quinta do Fujacal, Braga: Anel inteiro de secção em D, mesa pequena e tosca, oblonga. Sinais de uso intenso. Desenho MDDS. **3** – BraMAXN03, Necrópole de Maximinos, Braga: Anel inteiro de secção em D, mesa circular aplicada e com estampilha em rosácea. Pouco usado. Desenho MDDS.

AVN: pendentes



Escala 1:1

Características

Forma

Pendentes esféricos e fusiformes com argola de suspensão.

Variantes

Pendentes esféricos: lisos (1), canelados (2). Pendentes fusiformes: com fios da mesma cor aplicados (3), com fios de vidro amarelo opaco aplicados.

Decoração

Caneluras no caso dos pendentes esféricos e fios aplicados em espiral, no caso dos pendentes fusiformes.

Dimensões

Pendentes esféricos: diâmetro entre 18-24mm. Pendentes fusiformes: comprimento entre 7-11mm.

Observações

Não existindo dúvidas quanto à função dos pendentes esféricos, ficamos com dúvidas quanto à simbologia e seu significado específico. Parece tratar-se de representações de frutos, talvez uvas ou glândes no caso dos pendentes lisos e bolotas no caso dos canelados.

O caso dos pendentes fusiformes é ainda mais complexo. Se por um lado possuem uma pequena argola de secção triangular, essa argola encontra-se descentrada, o que torna difícil aceitar uma função de pendente para colar. Por outro lado, esse furo é relativamente pequeno e vem secundado por um segundo furo longitudinal. Poderemos ver nesta forma uma miniatura de um barril estilizado ou de um canudo destinado ao transporte de rolos de papiro, mas talvez tenha uma função mais simples que ainda não foi possível descortinar. Poderá tratar-se de um botão ou de outro elemento destinado a ser cozido ao vestuário ou como adorno em toucados.

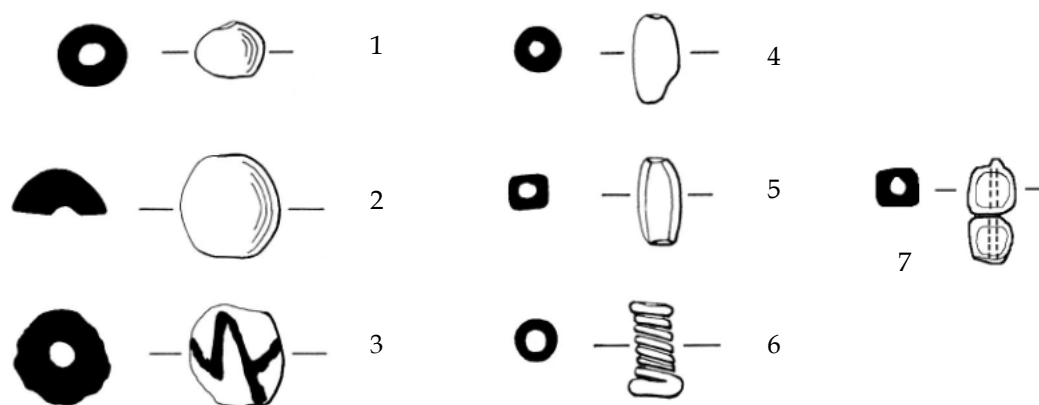
Distribuição

Os esféricos são mais abundantes que os fusiformes, ainda que nenhum dos dois seja muito comum.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:1)

1 – BraTR218, Teatro romano, Braga: Pendente esférico intacto. Usado. Desenho MDDS. **2** – Cid09, Cidadela, Sobrado dos Monges, A Corunha: Pendente esférico canelado. Desenho do autor (inédito). **3** – BraSG16, Rua de São Geraldo, nº 34, Braga: Amuleto quase inteiro em forma de tubo bicónico com fios em espiral e argola de suspensão descentrada. Pouco usado. Desenho MDDS. **4** – BraSST02, Cerca do Seminário de S. Tiago, Braga: Amuleto inteiro em forma de tubo bicónico com fios de vidro amarelo opaco em espiral e argola de suspensão descentrada. Usado. Desenho MDDS.

AVN: contas de colar



Escala 1:1

Características

Forma

Contas de colar maciças com orifício central.

Variantes

1 e 2 – esféricas, 3 – esférica com fios coloridos, aplicados em ziguezague, 4 – cilíndricas, 5 – paralelepípedicas, 6 – espiraladas, 7 – quadrangulares.

Dimensões

Esféricas com diâmetro entre 4-13mm; cilíndrica/paralelepípedica/espiralada com comprimento entre 6-12mm.

Observações

Apesar da variedade de formas quase todas as variantes estão representadas por um único exemplar proveniente de um contexto de produção local. O caso das contas quadrangulares (7) é paradigmático. Elas provêm de um contexto de produção local, neste caso da oficina dos CTT, e encontram-se coladas uma á outra, o que deixa supor tratar-se de um defeito de fabrico ou simplesmente de contas inacabadas.

Estes factos, aliados ao conhecimento da existência de contas negras talhadas, usadas em colares Tardo-Romanos, leva-nos a pensar que poderemos estar perante um produto semi-acabado, destinado ás oficinas de joalharia de Braga, onde as contas seriam talhadas e montadas em colares.

Distribuição

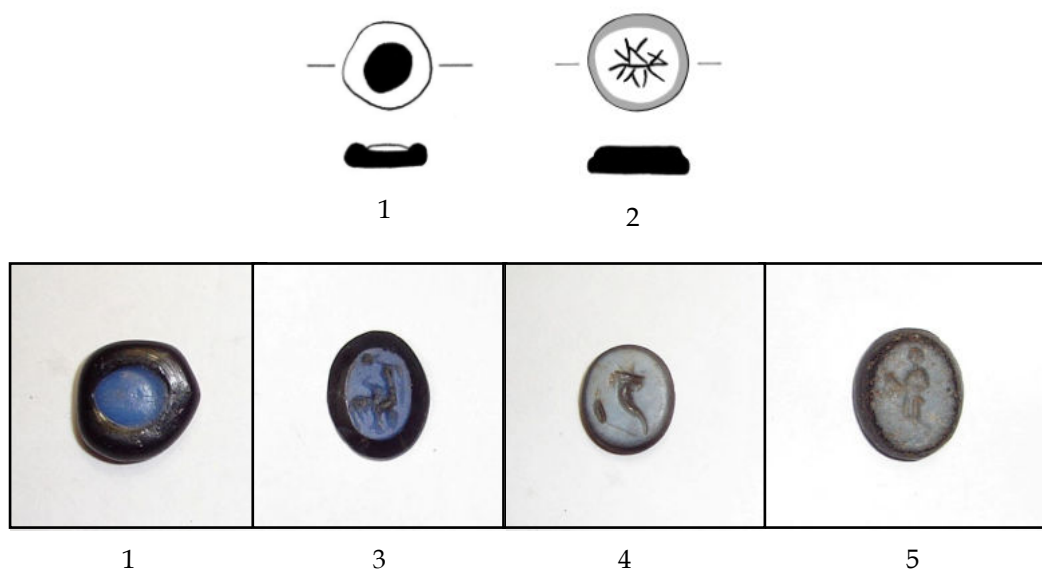
Raras, quase que exclusivamente limitadas a contextos de produção local.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1/2)

1 – BraCAR453, Carvalheiras, Braga: Pequena conta esférica ligeiramente achatada com furo central. Pouco usada. Desenho MDDS. 2 – BraCSF22, Colégio da Sagrada Família (Fujacal), Braga: Meia conta esférica lisa com um furo central. Pouco usada. Desenho MDDS. 3 – BraFUJ305, Quinta do Fujacal, Braga: Conta esférica com ziguezague de fio branco amarelado opaco fundido.

Superfície lascada. Desenho MDDS. **4** – BraFUJ255, Quinta do Fujacal, Braga: Conta cilíndrica com perfuração central. Sem sinais de uso. Desenho MDDS. **5** – BraFUJ300, Quinta do Fujacal, Braga: Conta paralelepipédica com perfuração central. Pouco usada. Desenho MDDS. **6** – BraFUJ257, Quinta do Fujacal, Braga: Conta fusiforme constituída por fio muito fino torcido em espiral e furo central. Sem sinais de uso. Desenho MDDS. **7** – BraCTT05, CTT, Braga: Duas contas quadrangulares coladas uma à outra e inacabadas. Desenho do autor.

AVN: pedras de anel imitando Nícolo



Características

Forma

Pedra de anel ovalada, de secção trapezoidal imitando Nícolo, uma variedade de Ágata mas cores negro e azul.

1 – pedra de anel em bruto, 2 – pedra de anel talhada e gravada, 3 – pedra de anel com as mesmas cores do exemplar bruto, 4 – pedra de anel talhada e gravada, em Nícolo autêntico, 5 – pedra de anel em vidro com as mesmas cores do autêntico.

Cores

Duas camadas sobrepostas: uma primeira de vidro negro opaco, outra de vidro azul claro opaco.

Decoração

Talhadas e gravadas com personagens mitológicas ou seus atributos.

Dimensões

Diâmetro máximo entre 10-13mm, espessura entre 2-4mm

Observações

A pedra de anel em bruto (1) é o elo que nos permite estabelecer uma ligação entre a produção de objectos de adorno da oficina do Fujacal e as oficinas de joalharia de Braga, uma delas estaria provavelmente localizada na ínsula das Carvalheiras. Curiosamente, o único exemplar de autêntico Nícolo (4) provem do mesmo contexto de produção local de objectos de adorno do Fujacal.

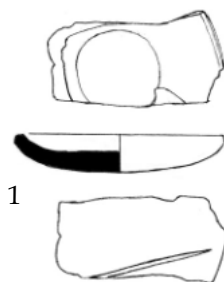
Distribuição

Relativamente frequente em todo o NOP bem como de um modo geral em todo o ocidente do Império Romano.

Exemplares ilustrados (desenhos à escala 1:1)

1 – BraFUJ215, Quinta do Fujacal, Braga: Pedra de anel em bruto destinada a ser talhada e gravada, circular com pingo azul claro opaco no centro formando uma depressão. Desenho MDDS. **2** - BraCARV412, Carvalheiras, Braga: Pedra de anel talhada e gravada: figura estilizada de Marte, no tipo de *Mars Gradivus* ou *Tsopaesophoros*. Vidro negro e azul claro opaco. Desenho MDDS. **3** – BraX09, Braga: Pedra de anel talhada e gravada: Leda e o cisne. Vidro negro e azul claro opaco. **4** – Quinta do Fujacal, Braga: Verdadeiro Nícolo: cornucópia ladeada por uma espiga. **5** – BraX10, Braga: Pedra de anel talhada e gravada: Teseu contemplando a espada dada por seu pai Egeu. Vidro negro e azul claro opaco.

9. Exemplares únicos ou muito raros



Escala ½

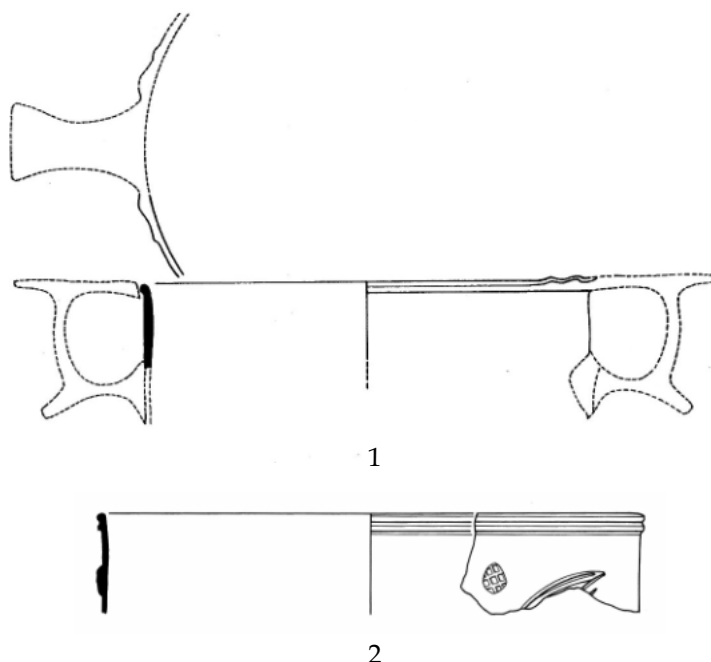
Pratinho de vidro negro

Primeira metade do séc. I d.C.

AR 1, T 2

Pratinho baixo, ápode, de bordo polido em bisel.

1 – Ros09, Rosinos de Vidriales (*Petavonium*): Espécie de pequeno prato ou cutícula (?) de base plana e bordo polido em bisel ligeiramente alteado com fina incisão gravada na parte inferior. Negro opaco. Desenho do autor (inérito).



Escala 1/2

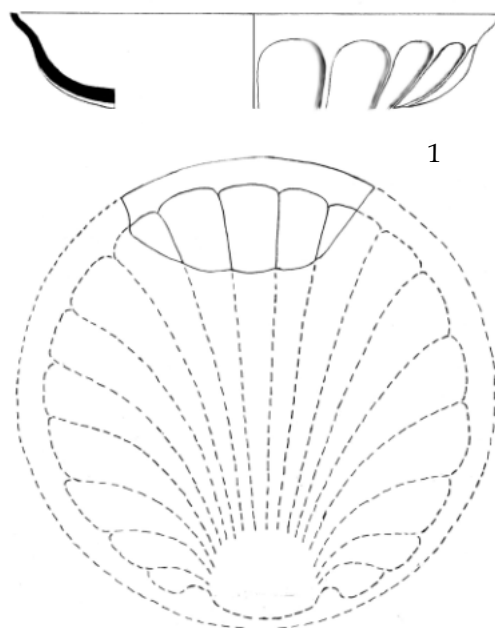
Taça moldada biasada (*Skyphus*)

Segunda metade do séc. III (ou 2ª metade do séc. I d.C.)

Tipo Is 39. Harden 1987: nº 99.

Taça cilíndrica incolor moldada, base plana com pé anelar direccionado para fora, bordo vertical na continuação da parede com pequeno lábio externo realçado. Apresenta duas asas verticais rematando em aba horizontal alinhada com o bordo. Geralmente lapidada e polida ao torno, pode apresentar decoração lapidada em alto-relevo (2). Procura imitar o cristal de rocha e as formas metálicas, sobretudo em prata.

1 – BraMAX36, Braga: Bordo com aba recortada. Incolor esverdeado. Diâmetro +/-120mm. Desenho MDDS (Cruz 2001, nº 100). **2** – BraTR033, Braga: Bordo e parede rectilínea vertical com decoração em altos-relevos lapidados; duas finas molduras junto à aresta e um motivo indefinido no corpo, constituído por um pequeno botão quadriculado e duas linhas arqueadas. Incolor esverdeado. Diâmetro: 125mm. Desenho MDDS (inérito).



Escala ½

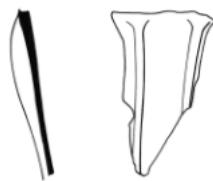
Taça em forma de concha (vieira)

1ª metade do séc. IV

Stern 1995: nº137; VV.AA. 2008: 20

Taça soprada em molde, incolor, em forma de concha vieira. Bordo em aresta viva esvasado. Paredes grossas. Origem provável em Colónia.

1 - AstLC21, Astorga: Bordo em aresta viva ligeiramente esvasado, corpo soprado em molde em forma de concha. Incolor. Contexto arqueológico do séc. III. Desenho do autor (inédito).



1

Escala ½

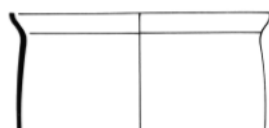
Copo com arcadas

Último terço do séc. I d.C.

Is 33, AR 49; Price e Cottam 1998: 83.

Copo alto tronco-cónico com “arcadas” constituídas por nervuras verticais ou oblíquas. Bordo de aresta polida, vertical ou ligeiramente esvasado, com finas caneluras lapidadas externas. Base côncava com pé anelar repuxado. Em vidro verde azulado, incolor/incolor esverdeado ou azul-escuro.

1 - BraDG05, Braga: Corpo rectilíneo com nervuras verticais. Azul escuro translúcido. Desenho MDDS (Cruz 2001, nº115).



1



2

Escala 1/2

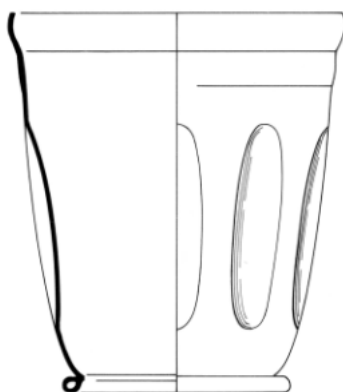
Copo de base sólida e cúpula interna

Décadas de 40 a 70 do séc. I d.C.

Is 34, AR 37.1; Price e Cottam 1998: 73.

Copo alto e cilíndrico com base sólida, em pé de bolacha, com cúpula interna. A forma Is 34 possui bordo em aresta polida ligeiramente esvasado em S alongado, paredes grossas e finas caneluras horizontais lapidadas no corpo. Maioritariamente em vidro verde azulado mas também em amarelo esverdeado pálido.

1 - BraCCN13, Braga: Bordo em aresta polida, esvasado. Tingido de azul esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001, nº 157). **2** - BraCARV275, Braga: Base sólida, plana na parte externa e convexa na interna, em pé de bolacha saliente. Verde azulado. Diâmetro da base: 44mm. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº128).



1

Escala ½

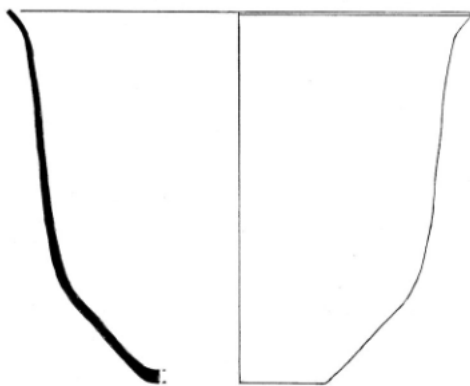
Copo com depressões e pé anelar tubular

Incerta: 65 – inícios do séc. II

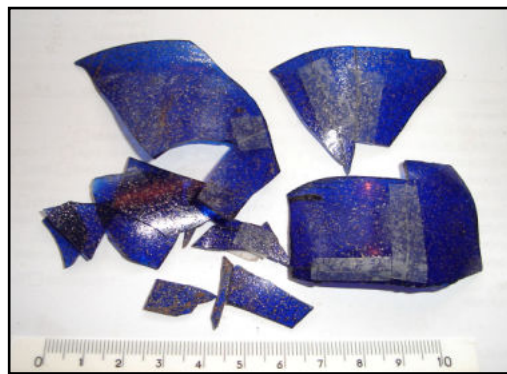
Is 35; Price e Cotam 1998: 86.

Copo tronco-cônico com depressões verticais, oblongas, no corpo, bordo em aresta polida de perfil em S alongado e base côncava com pé anelar tubular repuxado. Maioritariamente em vidro de cores suaves, incolor ou verde azulado, e mais raramente em vidro de cores fortes, azul escuro, como é o presente caso.

1 – BraALB022, Braga: Bordo em aresta polida de perfil em S, corpo rectilíneo com depressões e pé anelar aplicado. Azul escuro translúcido. Diâmetro 88mm, altura 100mm. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº116).



1



Escala ½

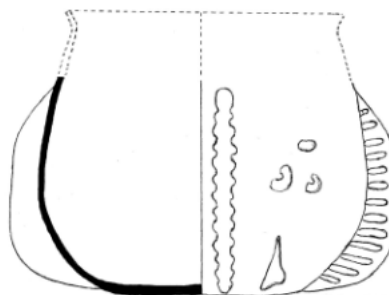
Taça azul de reflexos prateados

Incerto: Séc. VI – VIII*

Taça tronco-cônica com carena suave ou inflexão no terço inferior da copa, bordo em aresta polida e esvasado. Base desconhecida.

*Apesar de não conhecermos paralelos exactos para a forma, pelas afinidades formais e pela cor diríamos tratar-se de uma taça do séc. I d. C.. No entanto, as análises químicas revelaram pertencer ao grupo de composição 2, tardio, dos séculos VI a VIII (ponto 2.1.2.4).

1 – Ver29, Villa de Veranes, Astúrias: Perfil quase completo de taça carenada. Azul-escuro translúcido com reflexos prateados. Diâmetro 114mm, altura aproximada 90mm. Desenho do autor (inédito).



1

Escala ½

Taça com repuxados

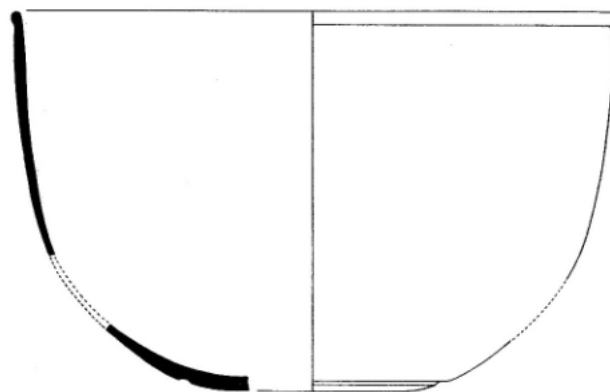
2ª metade do séc. II – 3º quartel do III

AR 61

Taça convexa, em forma de saco, bordo em aresta, esvasado e com constrição, base plana ápode. Decoração constituída por uma espécie de crista vertical, canelada e repuxada, acompanhando toda a copa, alternada com mamilos repuxados, dispostos ao acaso.

Sendo exemplar único no NOP possui paralelos na forma AR 61. Pelo aspecto algo tosco poderá tratar-se de uma tentativa de imitação de modelos importados, por parte de uma oficina de Astorga.

1 – AstLC14, Astorga: Corpo e base de taça em forma de saco, decorada por repuxados: base plana, corpo convexo, repuxado em crista canelada vertical intercalado com mamilos repuxados. Incolor esverdeado. Diâmetro do corpo (sem repuxados) 85mm, altura aproximada 70mm. Desenho do autor (inérito).



1

Escala 1/2

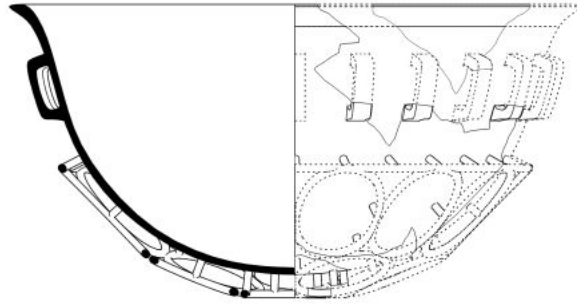
Grande taça arqueada, incolor, polida ao torno

Incerto: finais do séc. III – séc. IV

AR 56/57

Taça em forma de arco de meio ponto ultrapassado, bordo em aresta polida, na continuidade da parede, base convexa ligeiramente aplanada. Acabamentos ao torno que inclui uma canelura horizontal externa junto à aresta e outra na junção da copa com a base.

1 – BraCS13, Braga: Perfil quase completo, bordo em arestas polidas, vertical, com canelura externa, corpo hemisférico, base plana com fina canelura na junção do corpo com a base. Incolor esverdeado. Diâmetro 160mm, altura aproximada 100mm. Incolor esverdeado. Desenho MDDS (Cruz 2001: nº 232).



1

Escala ½

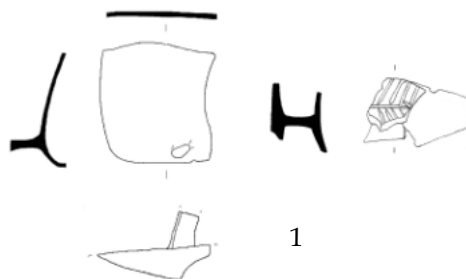
Taça *diatretra*

1ª metade do séc. IV

Harden 1987: n.ºs 134-136;

Taça arqueada hemisférica, ápode, de base convexa e bordo esvasado. Decoração lapidada “em rede” (*diatretra* em latim, cage-cup em Inglês). Banda de argolas ou “is” junto ao bordo, malha de círculos secantes apoiada em pequenas pontes, na copa e base.

1 – BraCCC11, Braga: Fragmentos de bordo, copa e base, suficientes para uma restituição em desenho. Incolor esverdeado. Diâmetro 150mm, altura 75mm. Desenho MDDS (Cruz 2001: 239).



Escala 1/2

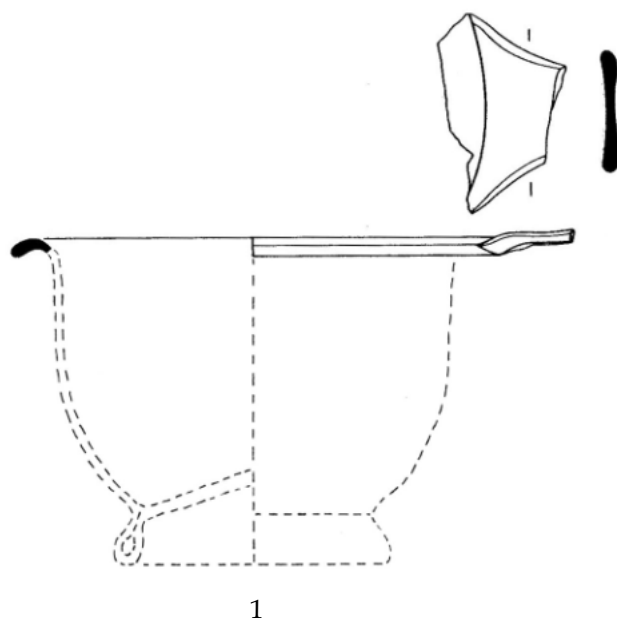
Frasco (?) *diatretra* figurativo

Finais do séc. III – inícios do IV

Harden 1987: nº 138.

Forma desconhecida, muito provavelmente fechada (frasco, jarro), com decoração lapidada vegetalista.

1 – Vdg50, Castro de Viladonga, Lugo: Dois fragmentos de parede curvilínea num sentido e quase rectilínea no outro; no primeiro uma ponte isolada, no segundo uma ponte com parte de uma folha. Incolor. Desenho do autor (Cruz 1997).



Escala ½

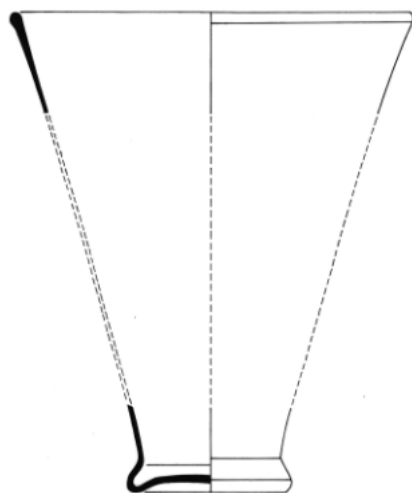
Molheira (*Trulla*)

Finais do séc. I – inícios do II

Is 75b, AR 4; Arveiller-Dulong 2005: nº 36.

Taça tronco-cónica ou cilíndrica, de bordo engrossado ao fogo revirado para fora formando aba arqueada. Base reentrante ápode ou com pé anelar tubular. Pega larga e horizontal, aplicada directamente sobre o bordo.

1 – BraSAP60, Braga: Bordo engrossado ao fogo em aba arqueada e pega larga horizontal aplicada sobre o lábio. Verde azulado. Diâmetro 130mm. Desenho MDDS (Cruz 2001: 504).



1

Escala ½

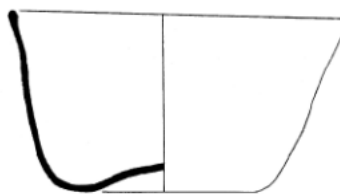
Copo tronco-cônico de base saliente

Incerta: séc. IV - V

Copo tronco-cônico de paredes perfeitamente retilíneas, bordo engrossado ao fogo, base com pé anelar saliente não chegando a formar um verdadeiro pé tubular.

Exemplar único, sem paralelos até ao momento. Provem de um contexto de produção local, da oficina do Fujacal, associado a formas de cronologia variada mas com preponderância para o séc. IV. No entanto, a cor do vidro sugere poder ser posterior.

1 – BraFUJ169, Braga: Bordo engrossado ao fogo, corpo tronco-cônico e base plana ligeiramente saliente, como um falso "pé de bolacha". Castanho esverdeado.



1

Escala 1/2

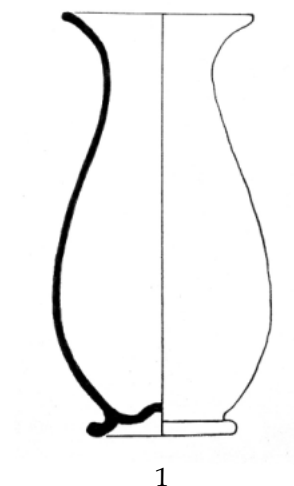
Taça tronco-cônica de bordo engrossado ao fogo

Finais do séc. IV – princípios do V.

Pequena taça tronco-cônica, lisa, de bordo engrossado ao fogo e base reentrante. Assimétrica e de aspecto “tosco”.

Exemplar único. Aparentada com as taças campanuladas fundas, devendo tratar-se de um exemplar de refugo de uma oficina próxima, talvez mesmo de Leon.

1 - Mar01, Marialba de la Ribera, Leon: Taça tronco-cônica baixa de bordo engrossado ao fogo e base reentrante, inteira. Verde azulado. Diâmetro 87mm, altura 47mm. Contexto arqueológico de finais do séc. IV – princípios do V. Desenho do autor (inédito).



Escala 1/2

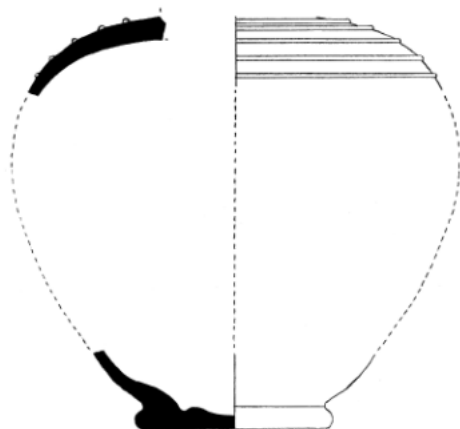
Vaso piriforme

Segunda metade do séc. IV

Is 131

Vaso piriforme, esguio, de bordo engrossado ao fogo e esvasado. Colo alto, base reentrante com pé tubular repuxado. Desconhece-se a funcionalidade exacta (copo, potinho, jarra?) embora tudo aponte para que tenha sido usado como unguentário.

1 - Lanz06, La Lanzada, Pontevedra: Pequena jarra reconstituída, bordo engrossado ao fogo (?), bocal afunilado liso, corpo piriforme, base de pé anelar repuxado (?), sem asa. Castanho? ("pardo oscuro" sic). Necrópole da 2ª metade do séc. IV. Desenho da publicação (Blanco 1967, T19).



1

Desenho à escala ½

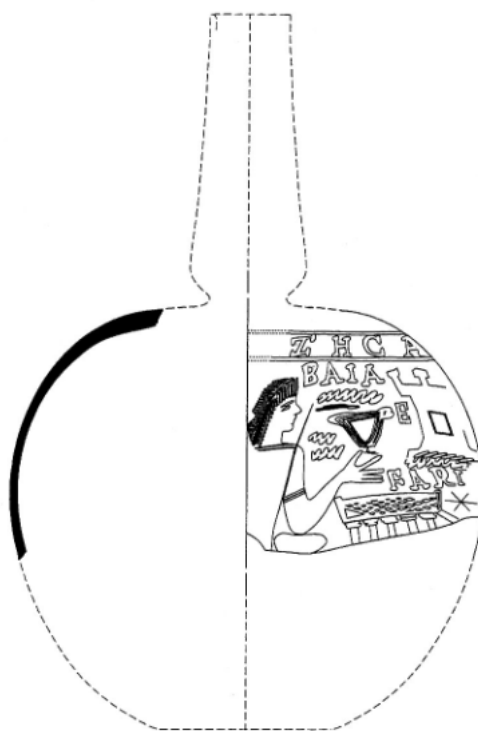
Jarro (?) ovóide de fios aplicados

Incerta: séc. I d. C.

Is 52 (?)

Jarro de corpo ovóide, base plana em pé de bolacha com moldura interna. Paredes espessas. Vidro negro opaco com fios de vidro azul claro opaco, aplicados em espiral na parte superior do corpo.

1 - LeoGF04, Leon: Base em "pé de bolacha", fragmento de corpo de tendência globular com fios aplicados em espiral. Vidro negro opaco (negro violeta) com fios de vidro azul esbranquiçado opaco. Desenho do autor (inédito).



1

Escala ½

Garrafa “puteolana”

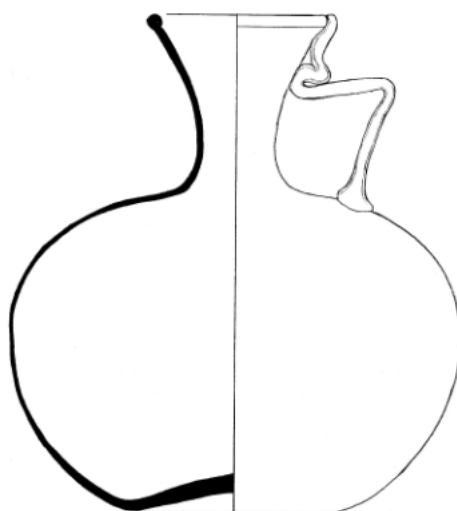
Meados do séc. III

Is 103, AR 154.1, T 93

Garrafa de depósito globular, gargalo alto e estreito, bordo em aresta polida e constrição na ligação com o depósito, base ápode plana. Lisa ou com cenas gravadas.

Pensa-se que as garrafas “puteolanas” (de *Puteoli*) eram garrafas trazidas como “souvenir” das estâncias termais de *Puteoli* e *Baiae* (actual Puzzoles e Baia na Campânia, Itália).

1 - AstPB03, Astorga: Fragmento de corpo globular com decoração gravada: cena de banquete com inscrições em latim e grego sobre fundo de edifícios da cidade de *Baiae*. Incolor. Desenho de A. Blanco, retirado da publicação (Amaré Tafalla 2003).



1

Escala 1/2

Galheta globular de bocal afunilado, liso

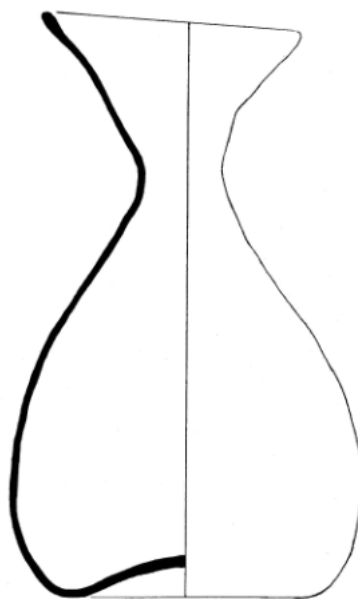
Incerta: séc. II – IV

(O tipo T 116 é datado dos séculos I e II d. C., no entanto o exemplar ilustrado provêm de uma necrópole de 2ª metade do séc. IV - 1ªs décadas do V)

T 116; Depraetere-Dargery e Sennequier 1993: nº 141.

Jarro de depósito globular, bocal afunilado liso, de bordo enrolado para dentro, base ápode reentrante, asa de rolo, vertical.

1 – Par03, Necrópole de Paredes, Siero, Astúrias: Forma inteira mas muito fragmentada e mantida na terra. Verde amarelado. Diâmetro da boca cerca de 50mm, altura 130mm. Desenho do autor (inérito).



1

Escala ½

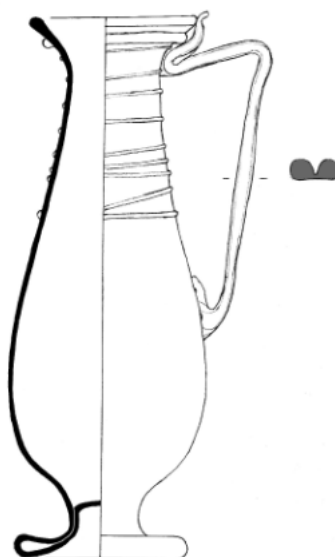
Jarra piriforme de bocal afunilado

Séc. III - IV

Is 104b; Arveiller-Dulong e Nena: nº 956 e 1050

Balão de corpo piriforme, bocal afunilado assimétrico de bordo engrossado ao fogo, base reentrante.

1 – Lan25, Lancia, Leon: Exemplar inteiro e completo. Incolor esverdeado. Desenho do autor (AA.VV. 1995b, 282 {Botella}).



1

Escala 1/2

Jarrinho piriforme

Séc. IV

Is 122; Arvailler-Dulong e Nenna 2005: nº 1021

Jarrinho de corpo piriforme e esguio, bocal afunilado de bordo engrossado ao fogo, base de pé tubular repuxado e destacado, asa de rolo duplo, fios aplicados em espiral no bocal e na parte superior do corpo.

1 - Par09, Necrópole de Paredes, Siero, Astúrias: Pequeno jarro piriforme esguio: bocal afunilado, bordo engrossado ao fogo, pé tubular repuxado em disco destacado da base: asa de rolo duplo, cordão junto ao bordo dando lugar a fio enrolado em espiral no gargalo. Verde amarelado, fios e asa em azul esverdeado escuro. Desenho do autor.



Escala 1/1

Aplique de taça, zoomórfico

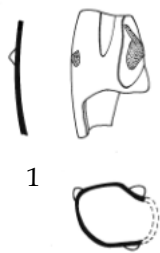
2º terço do séc. IV

Tipologia: T 51b

Aplique oco em forma de peixe nadando para a esquerda. Apresenta a curvatura própria da taça da qual fez parte e as cicatrizes dos dois pontos de apoio. A forma original é a de uma taça tronco-cônica funda, de bordo em aresta e base côncava, com apliques de 3 fiadas de peixes nadando para esquerda.

Com origem provável em Colónia.

1 - AstCS07, Astorga: Aplique de taça em forma de peixe. Incolor. Desenho do autor (AA.VV. 1995b, 277, nº 1).



Escala 1/2

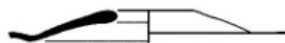
Unguentário zoomórfico

Incerta: séc. III - IV

Is 95; AA.VV. 1967: n.ºs 248 e 249

Provável unguentário zoomórfico de origem egípcia. Um rato?

1 - BraTR190, Braga: Fragmento de corpo de contentor aparentemente zoomórfico (rato), com pingos azuis. Verde amarelado, pingos azuis esverdeados. Desenho MDDS (inérito).



1

Escala ½

Tinteiro (?)

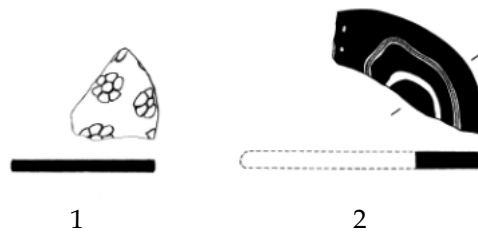
Meados do séc. I – III

Is 77

Tinteiro cilíndrico de boca estreita, alteada, com colo rebaixado em relação ao ombro e ao bordo. Bordo engrossado ao fogo.

Esta poderá ser uma variante local dos tinteiros Is 77 de bordo dobrado (repuxado para dentro e novamente para fora). A boca estreita e o perfil horizontal não parecem deixar dúvidas quanto á forma.

1 – BraSAP07, Braga: Bordo engrossado ao fogo de boca estreita metido dentro. Verde azulado. Diâmetro da boca 20mm. Desenho MDDS (Cruz 2001: 1250).



Escala 1/2

Placas de encastrar (?)

Séc. I d.C.

Pequenas placas circulares ou discos de vidro mosaico colorido. Placa 1 em vidro mosaico *millefiore* de aresta viva, placa 2 em vidro mosaico marmóreo de bordo boleado.

O primeiro caso será certamente uma placa para revestimento parietal ou para encastrar em móveis, já a placa 2 levanta algumas dúvidas, uma vez que apresenta duas micro perfurações superficiais e um maior desgaste na cara superior o que sugere ter sido presa por meio de pequenos ganchos metálicos. Poderá tratar-se de um elemento de broche ou de qualquer outro adorno.

1 – Sol06, El Soldán, Sta Colomba de Somoza, Leon: Fragmento de placa de encastrar circular em vidro mosaico "millefiore": matriz verde com flores de 6 pétalas e corola debruada a amarelo opaco e interior igual à matriz. Desenho do autor (inérito). **2** – BraTR140, Braga: Fragmento de disco irregular negro decorado por filamentos de vidro branco e castanho opaco formando um motivo de duas pétalas concêntricas. Apresenta sinais de uso intenso e dois pequenos buracos pouco profundos (marcas de engaste?). Desenho do autor (inérito)

10. Corpus de marcas

Agora que possuímos uma ferramenta tão útil para o estudo das marcas e assinaturas sobre vidro como é um *Corpus* (AA.VV. 2006), é possível tirar ilações quanto ao significado e repartição destas marcas. Por agora, importa reter uma primeira observação, deveras surpreendente. Contrariamente ao que poderíamos supor, tratando-se de um vasilhame de vidro, a esmagadora maioria das garrafas quadrangulares não viajava a longas distâncias, pelo menos no que ao NOP diz respeito, o que por sua vez significa que os produtos nelas engarrafados se destinavam maioritariamente ao comércio local e regional e não à exportação.

Se analisarmos atentamente a tabela de paralelos para as marcas encontradas no NOP constatamos imediatamente que a esmagadora maioria das marcas identificáveis não possuem paralelos fora do NOP. Das que os possuem, 21% são Hispânicos e apenas 12% são de fora da Hispânia. Mais, das que possuem paralelos fora do NOP, a maioria é referente a marcas com desenhos banais e com paralelos somente ao nível do desenho, o que quer dizer que não saíram do mesmo molde. Possuir paralelo exacto é a única garantia que podemos ter de que a forma saiu do mesmo molde, da mesma oficina. Paralelos aproximados podem indiciar cópias locais de marcas externas.

Por qualquer ângulo que os dados sejam lidos o resultado parece ser sempre o mesmo. Por exemplo, dos dois únicos casos de marcas com inscrição e com paralelos fora do NOP; a de L.L.F. possui paralelos na Lusitânia (para a inscrição, não para o desenho da marca); enquanto que a de *Ampliatius* é a única a possuir paralelos exactos fora da Hispânia (Norte de África e Itália).

Paralelos para as marcas de garrafa quadrangular do NOP, referenciados ao *Corpus des Signatures et Marques sur Verres Antiques* (AA.VV. 2006):

NOP	Hispania	Restantes
Motivos geométricos		
BraFUJ171 e CVL084 (sem significado, não foram tidas em conta para o <i>corpus</i>)		
BraSAT08		
Lan33	P-CAR003	
BraT037		
BraECS04		
Ros13	P-CAR014	
Lan05	P-CAR007	
LugCP25		
LugPL04		
Cal24		
BraT101		
Moz01		
LugSD01		
Arm01		
BraLSP10		
AstGP07	P-CAR049	F-CAR083*, CH24*
Vdg06		
Nov01		
Lan36		
Motivos vegetalistas estilizados		
BraFUJ278		
AstLC17		AUS25*, CH108-110*, MAG-A16, 17*
Leo02	P-CAR025	
Lan16	E-CAR008, P-CAR022	F-CAR115*, D-MZ18*, CH118-120, MAG-A18, M20
BraSAP10		
BraT238		
BraX19		
LugRE05 e 06		
Ver14		
BraT020	P-CAR039*	
BraMis14		
BraCARV506	E-CAR027, 028*	CH124*
Cid01		
Moz04		CH124*
BraSAT03		
BraCS19		
LugPH01	E-CAR023	
AstCS02	P-CAR072	
BraCVL068		
ChaCC03		
Arm02		
Motivos figurativos		
LugVR02		
LeoMC01		
Leo03		
Marcas com inscrição		
AQ04		
BraT217		

LeoMC02		
AstLC12		MAG-M33
Moz06		
BraCCC35	P-CAR061-063#	
Lan34		
Moz07		
AstPG02		
AstCP29		
Lan02 e 28		
LugLB01, AstGP06		
LugPL05 e AstEA06		
BraTR262, BraFUJ145		
e Vdg07		
Motivos indeterminados		
Lan27	E-CAR035	F-CAR012*
AstLC10		
BraLSP07		

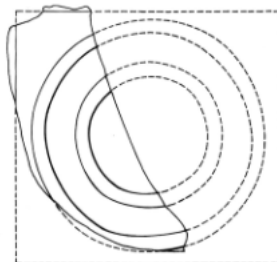
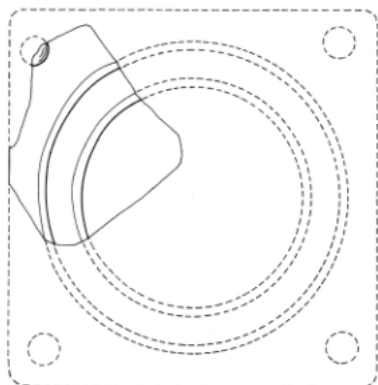
* Desenho igual ou semelhante, molde diferente.

A mesma inscrição, composição e molde diferente

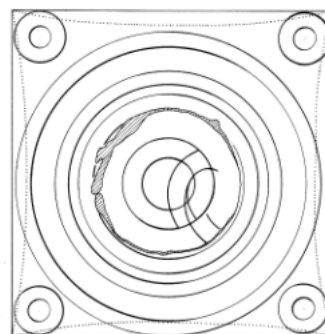
Totais: total de marcas identificáveis – 57; total de marcas sem paralelos – 42 (73%); marcas com paralelos fora do NOP – 15 (26%); paralelos hispânicos – 12 (21%); paralelos no resto do Império Romano – 7 (12%); paralelos exactos (saídas do mesmo molde) – 10 (17%).

Motivos geométricos

Círculos concêntricos em combinação com outras figuras geométricas:

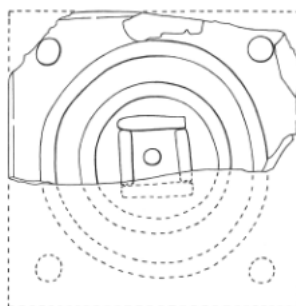
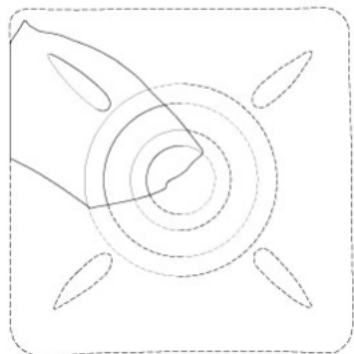


CVL084



BraSAT08

BraFUJ171



BraT073



BraECS04

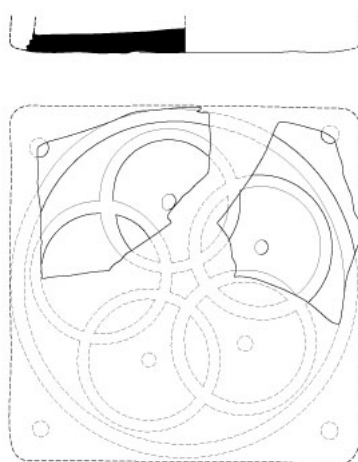
Lan33

Motivos geométricos

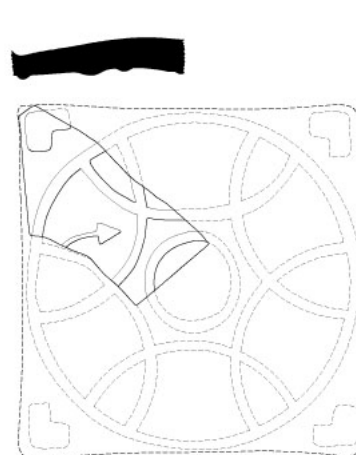
Círculos imbricados e motivo radial:



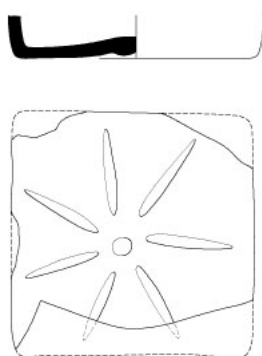
Ros13



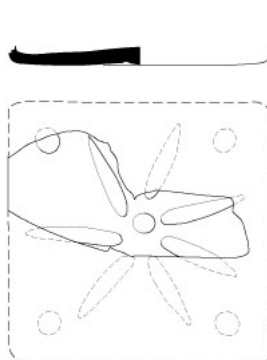
Lan05



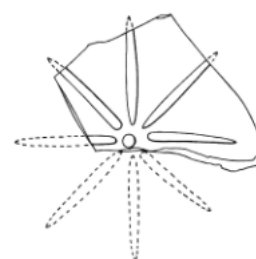
LugCP25



LugPL04



Cal24



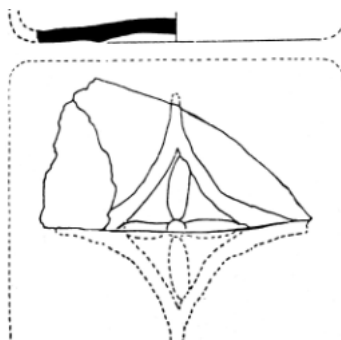
BraT101

Motivos geométricos

Rodas e outros:



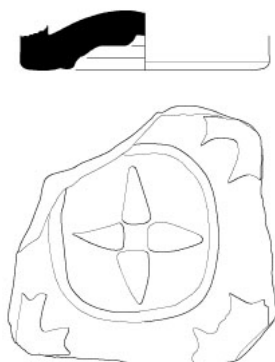
Moz01



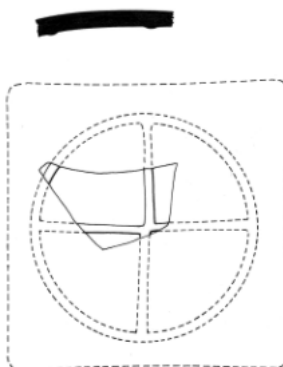
Arm01



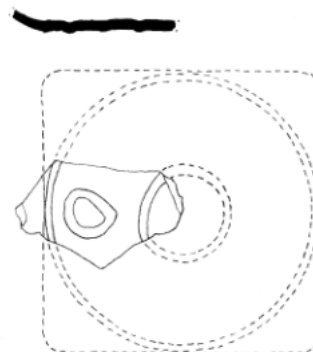
AstGP07



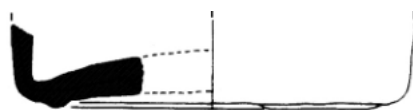
LugSD01



BraLSP10



Vdg06



Nov01



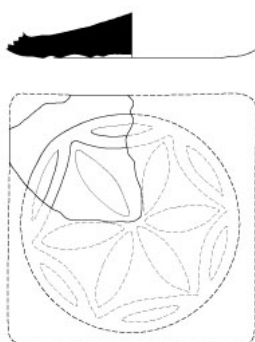
Lan36

Motivos vegetalistas estilizados

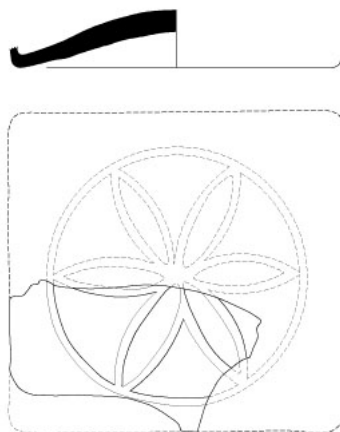
Rosáceas quadripétalas e hexapétalas:



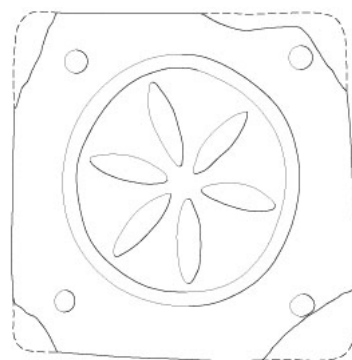
BraFUJ278



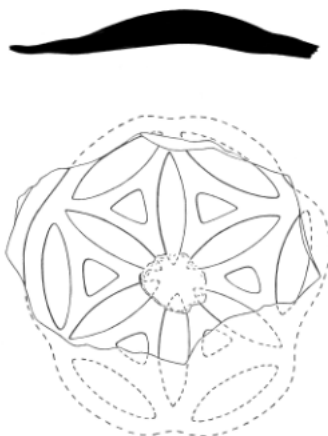
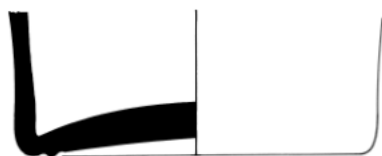
Leo02



Lan16



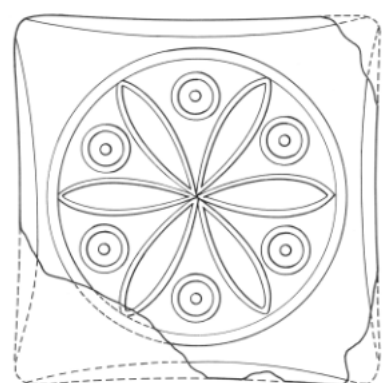
AstLC17



BraSAP10



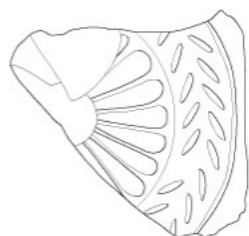
BraT238



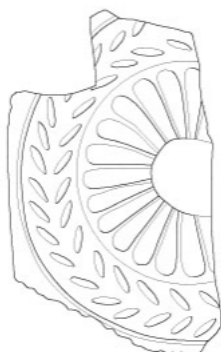
Brax19

Motivos vegetalistas estilizados

Rosáceas com motivo vegetalista inscrito em coroa de louros e coroas simples:



LugRE05



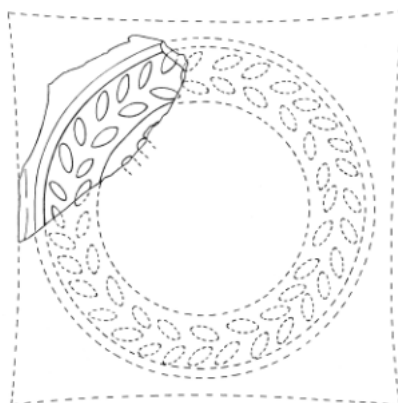
LugRE06



Ver14



BraT020



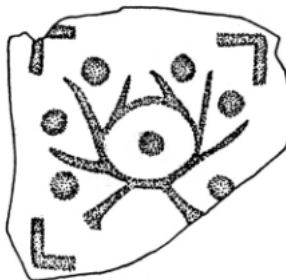
BraMIS14



BraCARV506



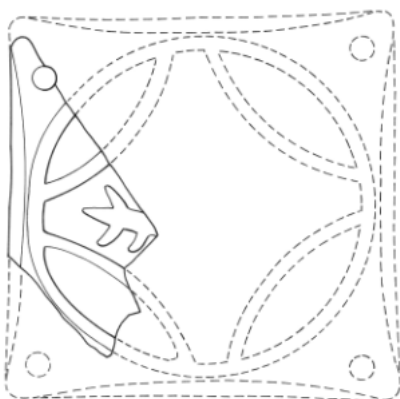
Cid01



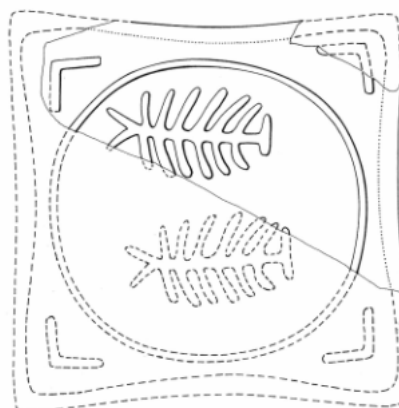
Moz04

Motivos vegetalistas estilizados

Motivos vegetalistas inscritos em círculo, palmas ou árvores e ornatos indeterminados:



BraSAT03



BraCS19



LugPH01



AstCS02



BraCVL068



ChaCC03



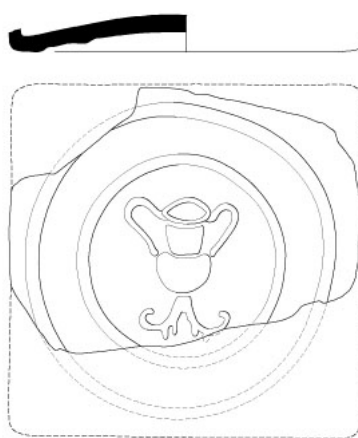
Arm02

Motivos figurativos

Tridente com motivo indeterminado, cântaro inscrito em círculos e escorpião:



LugVR02

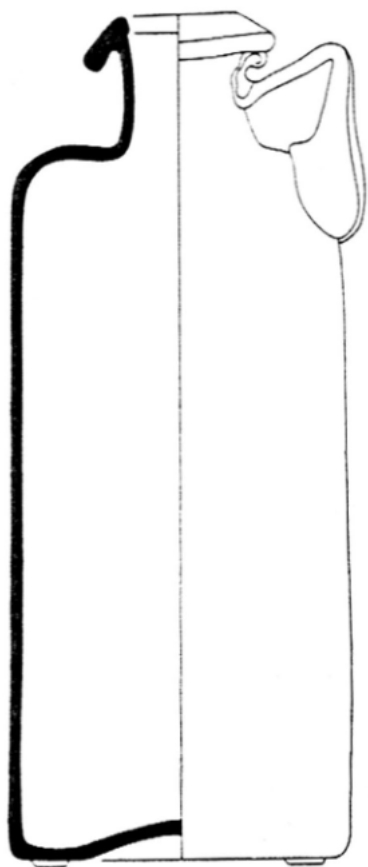


LeoMC01



Leo03

Marcas com inscrição



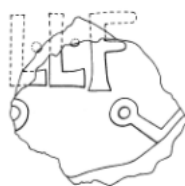
Moz06



AQ04



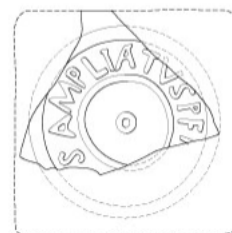
LeoMC02



BraCCC35



BraT217

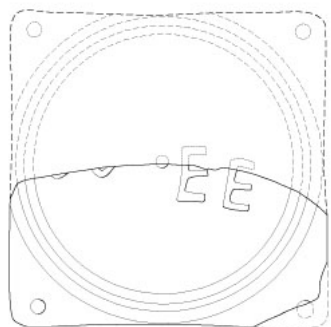
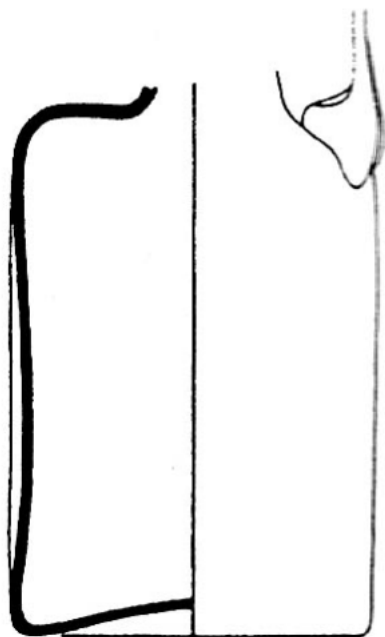


AstLC12

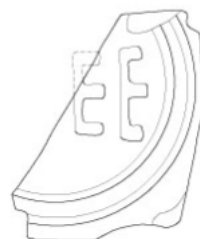


Lan34

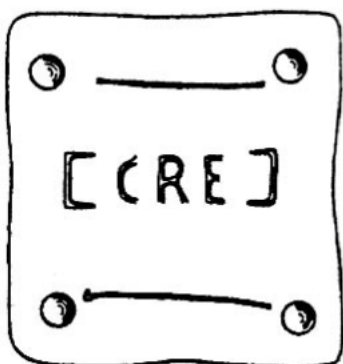
Marcas com inscrição



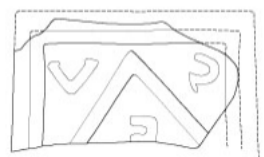
AstPG02



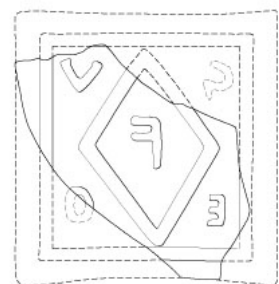
LugCP29



Moz07



Lan02



Lan28

Marcas com inscrição



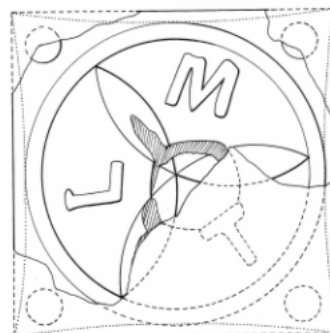
AstEA06



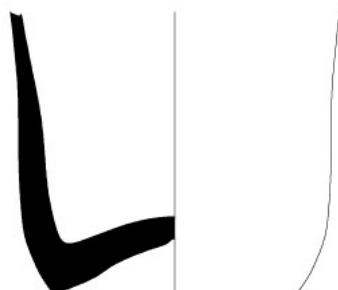
Vdg07



BraFUJ145



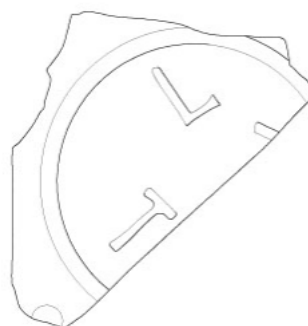
BraTR262



LugLB01

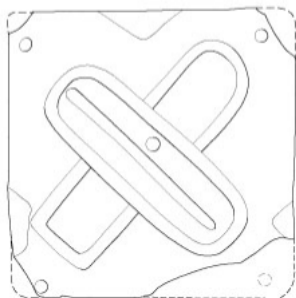


AstGP06

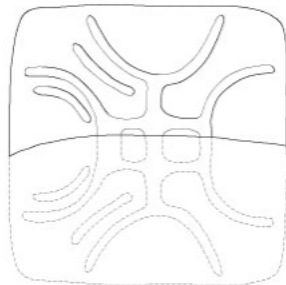


LugPL05

Motivos indeterminados



Lan27



AstLC10

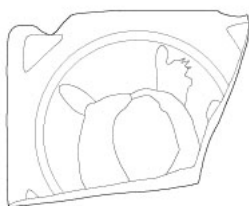


BraLSP07

Motivos indeterminados ou demasiado pequenos



LugPl19



LugVR28



BraSAP27



LugVR18



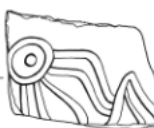
BraSST07



BraFUJA18



BraALB081



BraALB075



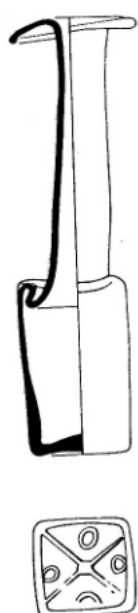
BraFUJ122



CorT02

Marcas em unguentários

As marcas em unguentários são tão raras que a única conclusão que se impõe é a de que seguramente não são de produção local. Curiosamente, os únicos paralelos aproximados que temos para a marca BraLCA01 e 04 pertencem a garrafas quadrangulares provenientes da Gália (F-CAR006 e 007).



BraLCA01



BraLCA04

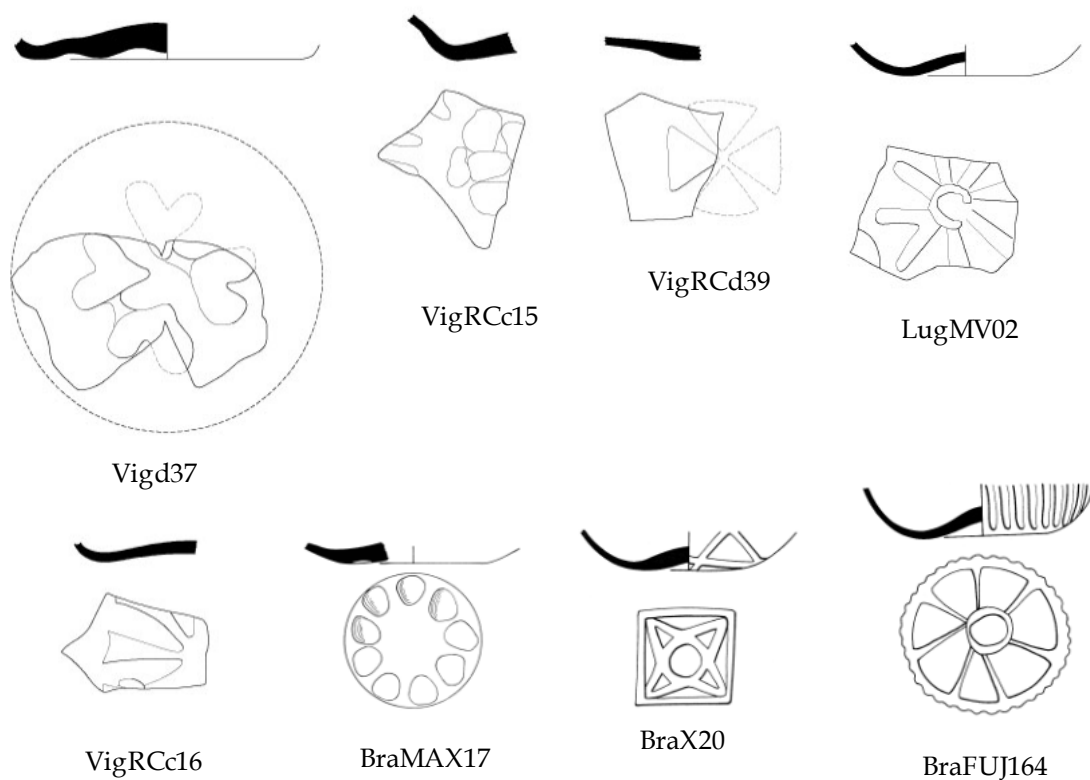


BraCARV165

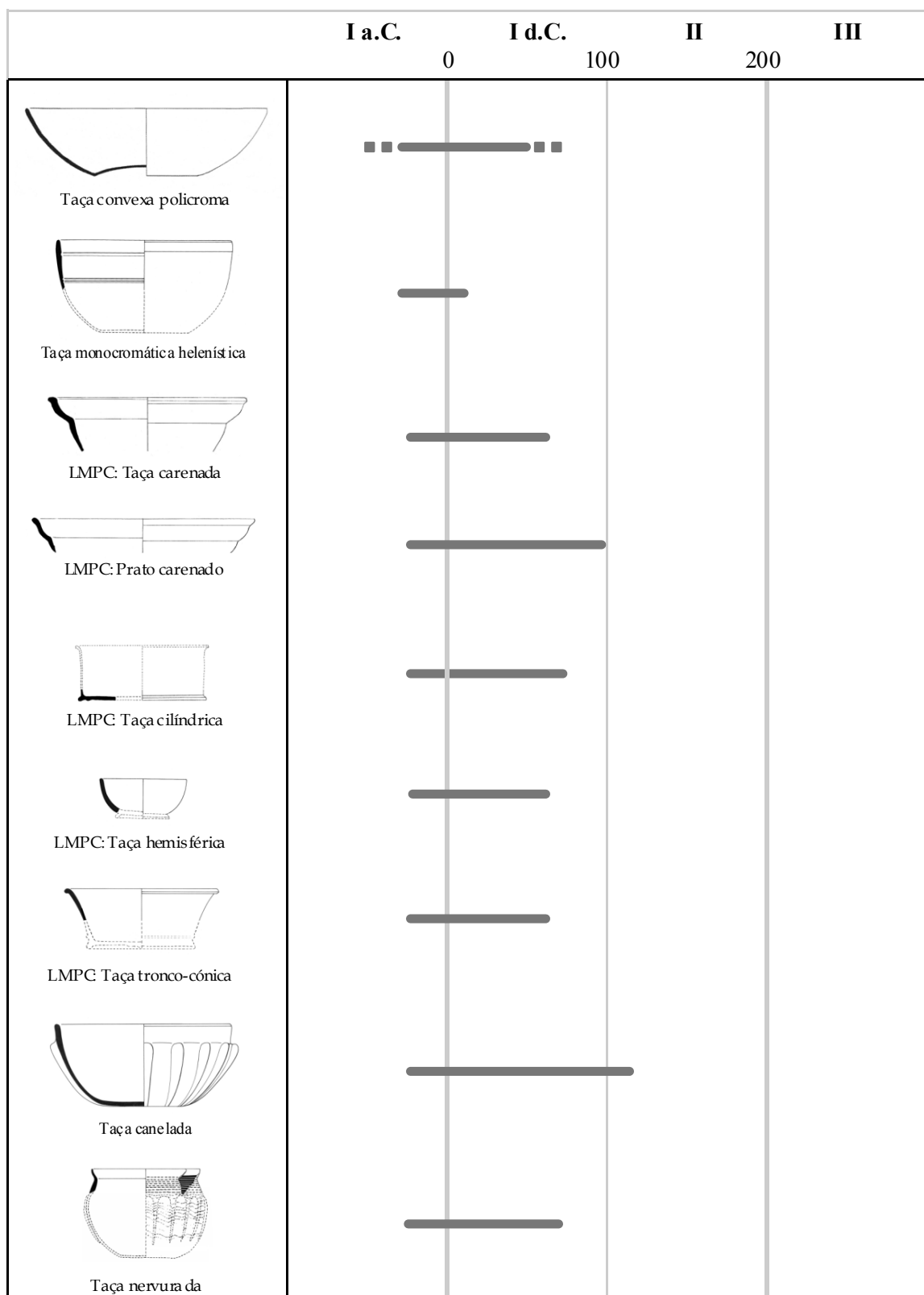
Marcas “paleocristãs” em taças campanuladas tardias

(finais séc. V – meados do VI)



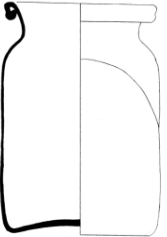

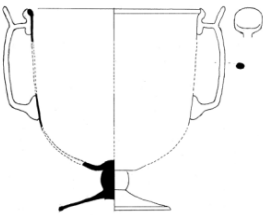

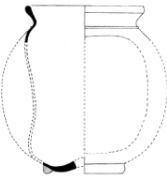

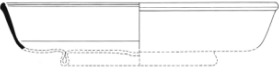

No caso das marcas tardias “paleocristãs” (Foy 1995a: tipo 20), observa-se o mesmo comportamento observado relativamente às marcas quadrangulares. Parece terem existido dois centros produtores, Braga e Vigo, e é nestas duas cidades que se concentram a esmagadora maioria dos achados. As exceções são Tui (TuiCV03, não ilustrada) e Lugo (LugMV02).

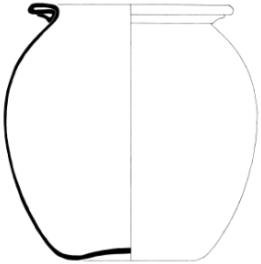



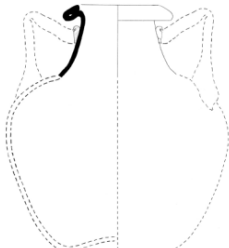

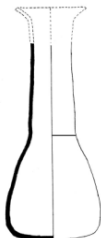







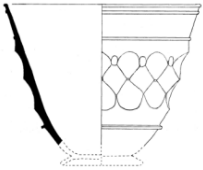

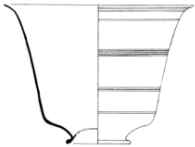

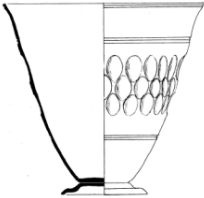





11. Quadro cronológico

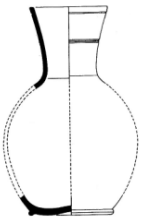

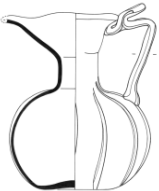



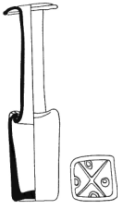



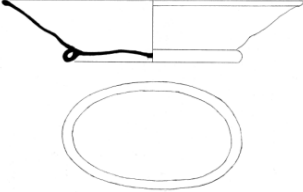



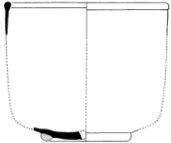

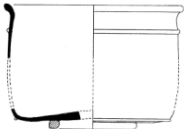



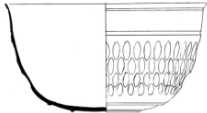
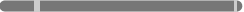
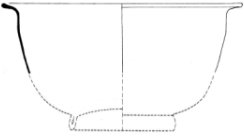

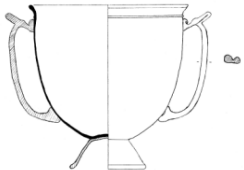

	I a.C.	I d.C.	II	III
	0	100	200	
<p>Taça ápodetipo "Hofheim"</p>				
<p>Unguentário piriforme</p>				
<p>Unguentário tubular</p>				
<p>Cálice com asas e bordo em degrau (<i>anthus</i>)</p>				
<p>Caneca (<i>mal iolus</i>)</p>				
<p>Taça canelada soprada em molde</p>				
<p>Copo tronco-cônico sop. em molde</p>				

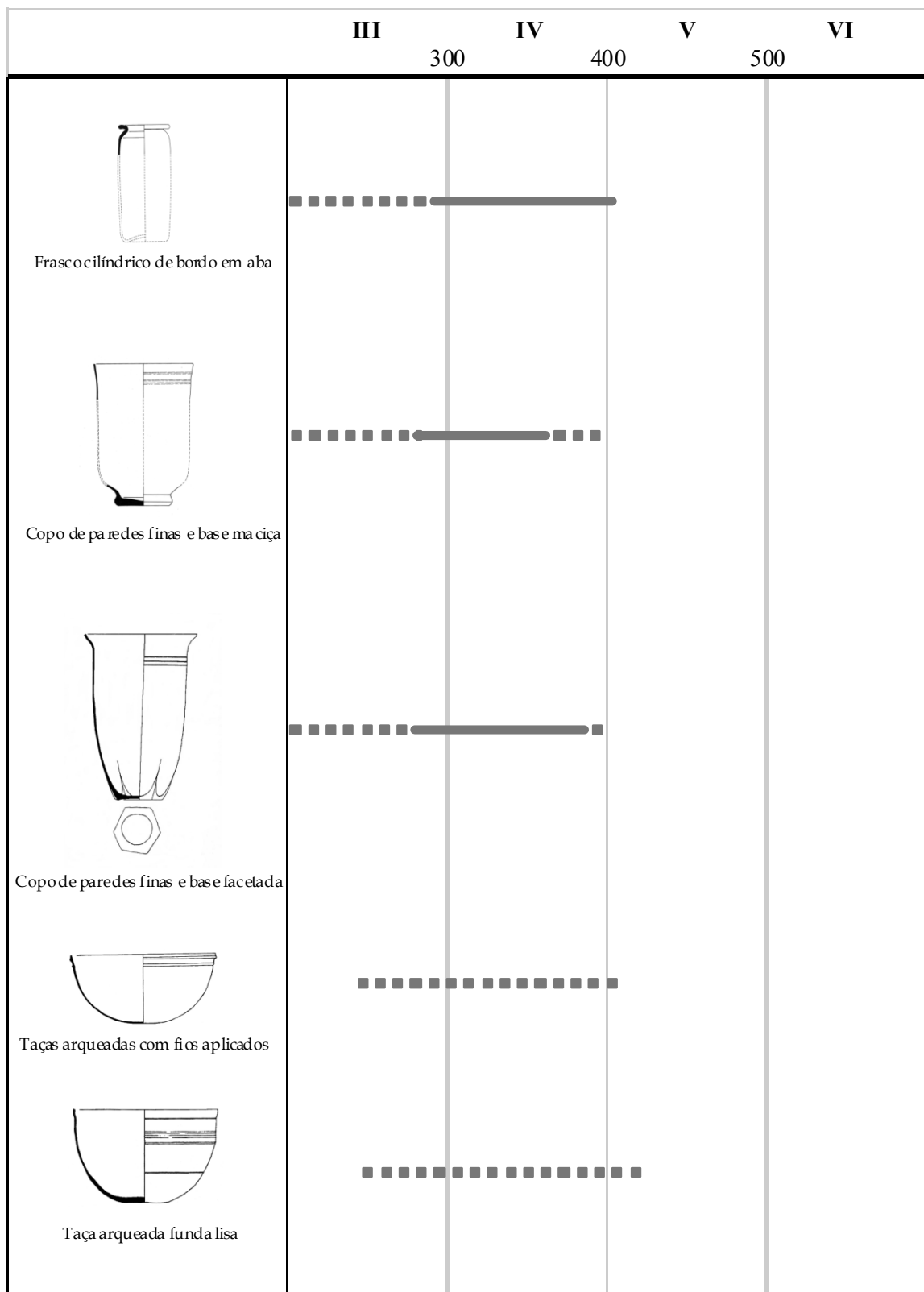
	I d.C.	II	III	IV
	100	200	300	
 <p>Garrafa quadrangular</p>				
 <p>Frasco quadrangular de bordo em gola</p>				
 <p>Cálice incolor com asas e pé com esfera</p>				
 <p>Taça globular</p>				
 <p>Prato de pé tubular e bordo engrossado ao fogo</p>				

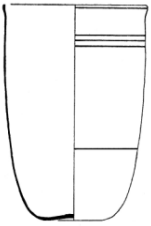

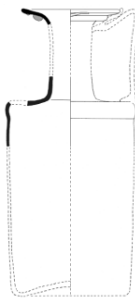





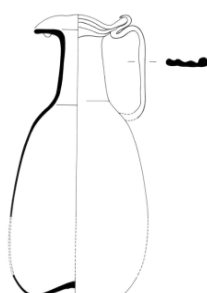

	I d.C.	II	III	IV
	100	200	300	
 <p>Uma de bordo em aba de dobra horizontal</p>				
 <p>Aríbalo</p>				
 <p>Urna com asas</p>				
 <p>Unguentário tronco-cónico</p>				
 <p>Frasco ovóide de bordo dobrado</p>				

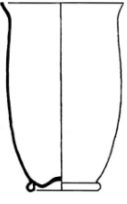

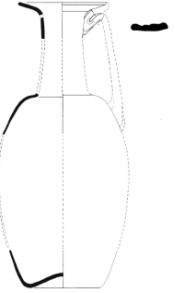




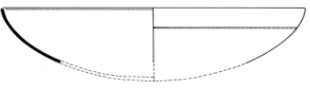

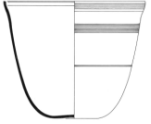






	I d.C.	II	III	IV
	100	200	300	
 <p>Copo de paredes finas e base em cúpula</p>				
 <p>Copo incolor com lapidação em alto-relevo</p>				
 <p>Taça de paredes finas e base em cúpula</p>				
 <p>Copocónico incolor de péaposto</p>				
 <p>Frasco quadrangular bordo em aba</p>				





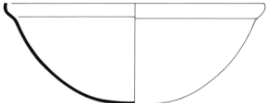



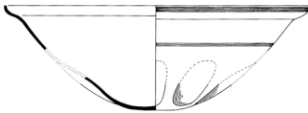



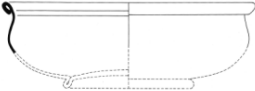

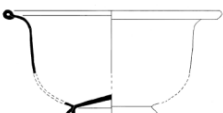

	I d.C.	II	III	IV
	100	200	300	
 <p>Jarra de bocal afunilado e bordo em aresta</p>				
 <p>Galheta de bico repuxado</p>				
 <p>Unguentário candelabro</p>				
 <p>Unguentário quadrangular</p>				
 <p>Cálice incoberto de fios aplicados e pé com esfera</p>				
 <p>Travessa de pé tubular</p>				

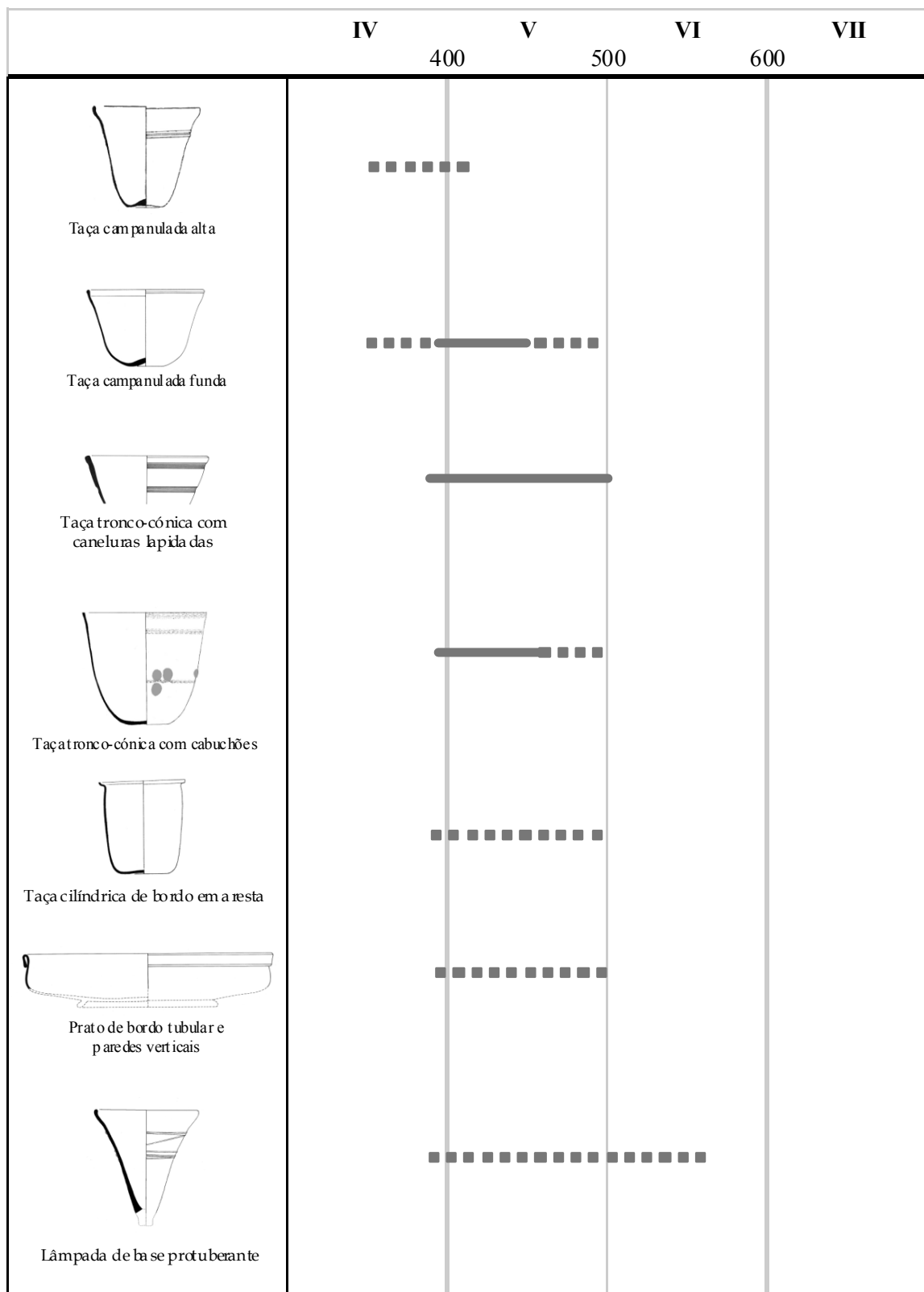
	II	III	IV	V
	200	300	400	
 <p>Taça cilíndrica de bordo engrossado a o fogo, lisa</p>				
 <p>Taça cilíndrica de bordo engrossado a o fogo e fios aplicados</p>				
 <p>Taça convexa com fios aplicados</p>				
 <p>Taças arqueadas com facetas lapidadas</p>				
 <p>Taça de bordo em aba e pé tubular</p>				
 <p>Cálice incobr com pé campanular</p>				

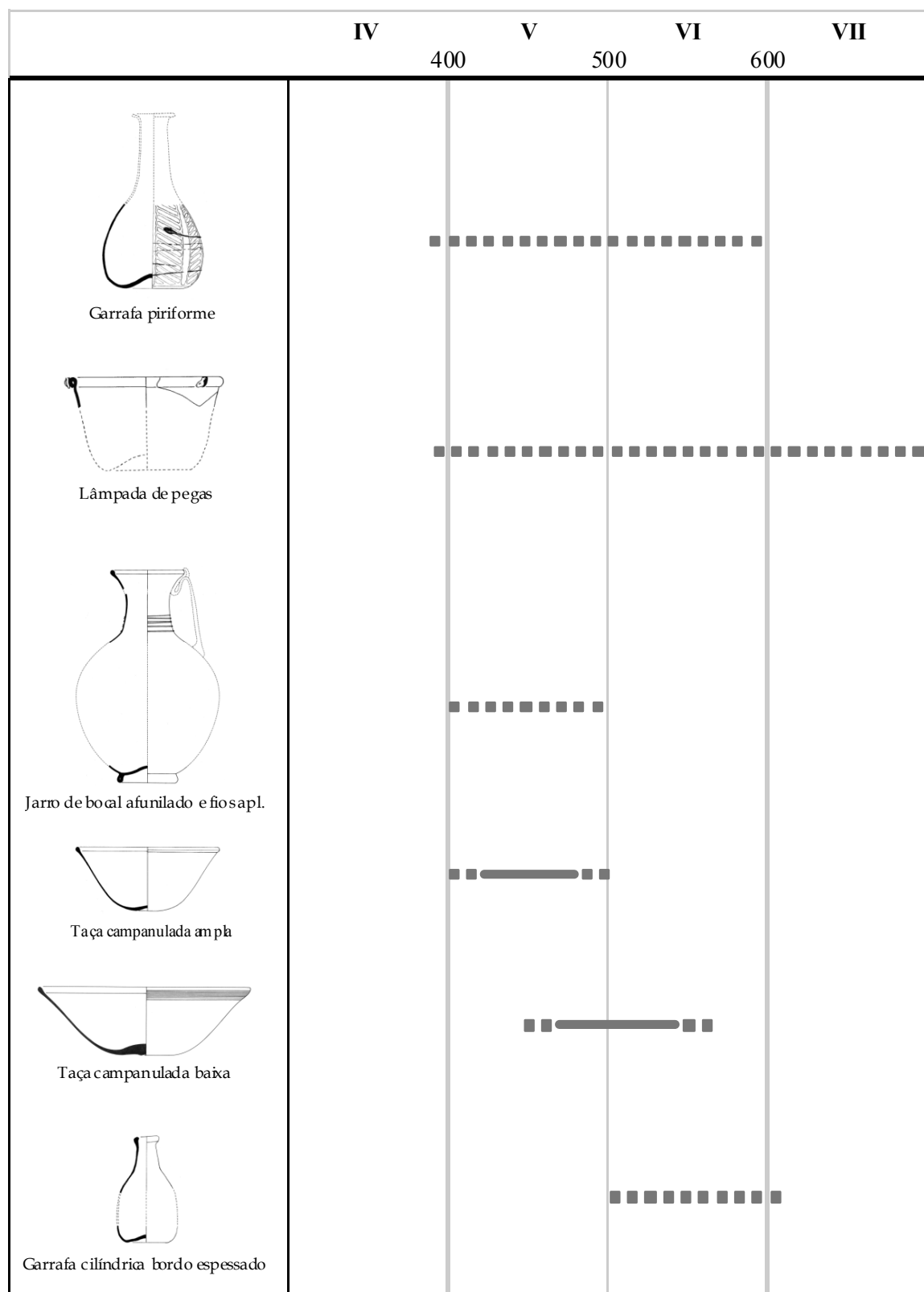


	III	IV	V	VI
	300	400	500	
 <p>Copo de paredes finas ápode</p>				
 <p>Garrafa cilíndrica de bocal afunilado</p>				
 <p>Copo de paredes finas e pé anelar maciço aplicado</p>				
 <p>Boiã o piriforme decorado</p>				
 <p>Jarro p iniforme ápode de bocal af.</p>				

	III	IV	V	VI
	300	400	500	
 <p>Copo de paredes finas e pé anelar tubular</p>				
 <p>Jarro ovóide ápode de bocal af.</p>				
 <p>Jarro ovóide de pé anelar e bocal af.</p>				
 <p>Prato arqueado de perfil em C</p>				
 <p>Taça tronco-cônica lisa</p>		  		
 <p>Boião de bordo em aba</p>				

	III	IV	V	VI
	300	400	500	
 <p>Taça arqueada hemisférica lisa</p>				
 <p>Taças com decoração por gravação e abração</p>				
 <p>Taça arqueada ampla lisa</p>				
 <p>Taça arqueada baixa lisa</p>				
 <p>Taça arqueada com depressões verticais</p>				
 <p>Boião ovóide de bordo simples env.</p>				
 <p>Taça de bordo tubular e paredes curvas</p>				
 <p>Taça de bordo tubular em aba</p>				





12. Quadro sinóptico

<i>Formas</i>	<i>Tipologias</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Origem</i>
Vasos para uso na mesa: formas abertas			
Vidro moldado			
Taça monocromática de tradição helenística	Is 1/18, AR 3.2	Augusto	Costa Sírio-Palestiniana, Itália
Taça convexa policroma	Is 1, AR 3.1, T 5	2ª metade séc. I a. C. – 1ª metade séc. I d. C.	Mediterrân. Oriental, Itália
Taças caneladas	Is 3, AR 2, T 3	Augusto - Trajano	
Taça canelada baixa	Is 3a, AR 2.1, T 3a	Augusto - Trajano	NOP, importação
Taça canelada funda	Is 3b, AR 2.2, T 3b	Augusto - Trajano	NOP, importação
Taça canelada com gomos curtos	Is 3c, AR 2.3	Inícios de Augusto - Flávios	Importação
LMPC: Louça moldada de perfil cerâmico		Augusto – Flávios (27 a. C.–96 d. C.)	Itália
Taça carenada	Is 2, AR 6.2, T 17	Augusto – Nero (27 a. C. – 68 d. C.)	Itália
Prato carenado	AR 6.1, T 7	Augusto – Flávios (27 a. C.–96 d. C.)	Itália
Taça cilíndrica	AR 9.2 e T 9.2	Augusto – Nero/inícios dos Flávios	Itália
Prato cilíndrico	Is 22, AR 9.1	Augusto – Nero/inícios dos Flávios	Itália
Taça hemisférica	Is 20, T 18	Augusto – Nero (27 a. C. – 68 d. C.)	Itália
Taça tronco-cônica		Augusto – Nero (27 a. C. – 68 d. C.)	Itália
LMI: Louça moldada incolor		Finais do séc. I d. C. – 3ª década do II	NOP, importação
Taça de bordo em aba oblíqua	AR 15, T 25	Incerta: finais séc. I d. C. – inícios do III	NOP, importação
Taça ampla de bordo em aba oblíqua	AR 14	Incerta: finais séc. I d. C. – meados do III ou IV.	NOP, importação
Prato de bordo em aba oblíqua	AR 13/14	Incerta: finais séc. I d. C. – meados do III ou IV	NOP, importação
Taça de bordo em aba e lábio pendente	AR 16.2, T 23	Incerta: finais séc. I d. C. – meados do III	NOP, importação
Prato fundo de bordo em aba, lábio e pend.	AR 16.1	Incerta: finais séc. I d. C. – meados do III ou IV	NOP, importação
Pequeno prato de bordo em aba lábio pend.		Incerta: finais do séc. I d. C. – séc. II	NOP, importação
Travessa de bordo em aba canelada	AR 24.1, T 12	Incerta: finais séc. I d. C. – meados do III ou IV	NOP, importação
Taça de bordo simples	AR 18	Incerta: finais do séc. I d. C. – inícios do III	NOP, importação
Prato de bordo simples	Is 47, AR 18	Incerta: finais do séc. I d. C. – inícios do III	NOP, importação
Taça tronco-cônica, bordo simples canelado	Is 80, AR 20.2	Incerta: finais do séc. I d. C. – inícios do III	NOP, importação
Vidro soprado em molde			
Copo tronco-cônico .soprado em molde	Is 31, AR 33.1	65/70 – 75/80 d.C.	Importação
Taça canelada soprada em molde	AR 30.1	Décadas de 40 a 80 do séc. I d.C.	Importação

<i>Formas</i>	<i>Tipologias</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Origem</i>
Vidro soprado			
Bordos em arestas			
Taça nervurada	Is 17, AR 28, T 4	Augusto - Nero	Importação
Taça ápole tipo "Hofheim"	Is 12, AR 34, T 30	Inícios de Augusto - 75 d.C.	Importação, local ?
CUL: Copos incolores lapidados			
Copo incolor com lapidação em alto-relevo	Is 21, AR 45, T 35	Flávios - 1º terço do séc. II	Importação
Cálice incolor com lapidação em alto-relevo	Is 36	Incerto: 2ª metade do séc. I d.C.	Importação
Copo cónico incolor de pé apostado	Is 21	Finais do séc. I d.C. - inícios/meados do II	NOP ou importação
Copo bicónico incolor de pé apostado	AR 39	Séc. II	Importação
PF: Copos e taças de paredes finas			
Taça de p/f e base em cúpula	Is 34	Finais séc. I d.C. - meados do II	Importação hispânica
Copo de p/f e base em cúpula	Is 34, AR 37.2	Último terço do séc. I d.C.	Importação hispânica
Copo de p/f e pé anelar tubular	Is 109a, AR 71	Incerta: séc. IV	NOP
Copo de p/f e pé maciço aplicado	Is 109a, AR 72, T58	Incerta: finais do séc. III - IV	NOP ou importação hispânica
Copo de p/f ápole	Is 106, AR 64, T 53	Finais séc. III - IV	NOP
Copo de p/f e base maciça		Incerta: séc. III - IV	NOP
Copo de p/f e base facetada		Incerta: séc. III - IV	NOP
Taça tronco-cónica com caneluras lapidadas		Finais do séc. IV - V	Braga ou Mediterrâneo Oriental
TA: Taças arqueadas			
Taça tronco-cónica lisa	Is 96a, T 53a	Incerta: séc. IV	NOP
Taça tronco-cónica com cabuchões	AR 66.2	Finais do séc. IV - V	NOP ou importação
Taça cilíndrica de bordo em aresta		Incerta: finais do séc. IV - V	NOP
Taça arqueada funda lisa	Is 96a, AR 60, T 49a	Incerta: meados do séc. III - inícios do V	NOP
Taça arqueada hemisférica lisa	AR 59.1, T 27a	Incerta: 2º quartel do séc. IV - inícios do V	NOP
Taças arqueadas com facetas lapidadas	Is 96b, AR 60.1	Incerta: finais do séc. II - III	NOP ou importação
Taças arqueadas com fios aplicados		Incerta: 2ª metade séc. III - inícios do V	NOP
Taça arqueada ampla lisa		Incerta: 2ª metade do séc. IV - V	NOP
Taça arqueada canelada		Incerta: séc. IV - V	NOP
Taça arqueada com depressões verticais	Is 117, AR 59.2	Incerta: 2ª metade do séc. IV - V	NOP
Taça arqueada baixa lisa	Is 116, T 15	Incerta: 2ª metade do séc. IV - V	NOP

Taças com decoração por gravação e abrasão		Décadas de 40 a 80 do séc. IV	Braga
Prato aqueado de perfil em C, lisos	Is 116, AR 55, T 14	Incerta: séc. IV – meados do V	NOP
Prato com decoração lapidada geométrica	Is 116b, AR 58	Incerta: 2º quartel do séc. II – meados do III	Astorga (?)
Pratos de perfil em C e decoração figurativa	Is 116b	Séc. IV	Renânia ou Itália
Bordos polidos/engrossados ao fogo			
Cálice com asas e bordo em degrau (<i>cantharus</i>)	Is 38a, AR 91, 92	Décadas de 40 a 60 do séc. I d. C.	Norte de Itália
Caneca (<i>modiolus</i>)	Is 37, AR 90	Décadas de 40 a 60 do séc. I d. C.	Importação ou Lugo
Prato de pé tubular e bordo eng. externamente	Is 47	Incerta: 2ª metade do séc. I – séc. III	NOP ou importação hispânica
Travessa de pé tubular	Is 97b	Incerta: meados do séc. II - III	Astorga
Taça de bordo em aba e pé tubular	Is 42a, AR 80	Incerta: finais do séc. II – III	NOP, talvez Astorga
LSI: Louça soprada incolor, cálices e taças			
Cálice com asas e pé com esfera	Is 38/39, AR 97, T29b	Incerta: 2ª metade do séc. I d.C. – séc. II	Astorga (?)
Cálice com asas e pé campanular	Is 112	Incerta: séc. III	Astorga (?)
Cálice de fios aplicados	Is 86, AR 99/100	2ª metade do séc. II – inícios do III	NOP ou importação
Taça globular amolgada	AR 104, T 37	2ª metade do séc. I d.C. – séc. II	Astorga (?)
Taça convexa com fios aplicados		Incerta: 3º quartel do séc. II – meados do III	Astorga (?)
Taça cilíndrica lisa	Is 85, AR 98.1, T47a	3º quartel do séc. II – meados do séc. III	NOP
Taça cilíndrica com fios aplicados	Is 85, AR 98.2	3º quartel do séc. II – meados do III	NOP
TC: Taças campanuladas			
Taça campanulada alta		Incerta: 2ª metade do séc. IV – inícios do V	NOP ou importação hispânica
Taça campanulada funda		Incerta: 2ª metade do séc. IV – séc. V	NOP
Taça campanulada ampla		Incerta: séc. V	NOP
Taça campanulada baixa		Incerta: 2ª metade do séc. V – meados do VI	NOP ou importação
Bordos tubulares			
Prato de bordo tubular e paredes verticais		Incerta: finais do séc. IV – V	NOP ou importação hispânica
Taça de bordo tubular e paredes curvas		Incerta: em uso na 2ª metade do séc. IV	Braga (?)
Taça de bordo tubular em aba	Is 115, AR 109.2	Incerta: 2ª metade do séc. IV – meados do V	NOP, Braga e Lugo

<i>Formas</i>	<i>Tipologias</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Origem</i>
Vasos para armazenar alimentos: urnas			
frascos e boiões			
Boião (urna) de bordo em aba de dobra horizontal	Is 67a, AR117, T147a	Meados do séc. I d. C. – séc. II	Importação
Boião (urna) com asas	Is 65, T148/152	Flávios – 2ª metade do séc. II	Importação
Frasco quadrangular de bordo em gola	Is 62, AR 119, T 102	Meados do séc. I – inícios do II (talvez séc. II)	NOP ou importação
Frasco ovóide de bordo dobrado	Is 67	Incerta: finais do séc. I – séc. II	Braga ou importação hispânica
Frasco cilíndrico de bordo em aba	Is 130, AR 116	Séc. III – séc. IV	Braga ou importação
Frasco quadrangular de bordo em aba		Incerta: séc. II/III	NOP, Braga (?)
Boião de bordo em aba		Incerta: séc. IV - V	NOP, Braga
Boião piriforme com decoração soprada em molde		Incerta: séc. IV - V	Braga ou Vigo
Boião ovóide de bordo simples envasado		Incerta: 2ª metade do séc. IV – inícios do V	Braga
Recipientes para ungentos, óleos, cosméticos ou perfumes			
Unguentário tubular	Is 8, AR 129, T 66	Séc. I d.C.	Importação
Unguentário tronco-cônico	Is 28, AR 135, T 73	Finais do séc. I d.C. – séc. II	Importação
Unguentário piriforme	Is 16, AR 141, T 71	Finais do séc. I a.C. – inícios do II d.C.	Importação
Unguentário candelabro	Is 82a2/b2	Séc. II	Importação, Bética?
Unguentário quadrangular (ou de Mercúrio)	Is 4, AR 144, T 105	Incerta: 2ª metade do séc. II ou posterior	Importação, Bética?
Aríbalo	Is 61, AR 151, T 135	Meados do séc. I d.C. – meados do III	NOP e importação
Cânula	Is 79	Incerta: séc. I d.C. - II	NOP e importação
Vasos para guardar e servir bebidas:			
garrafas, jarras e jarros			
Garrafa quadrangular	Is 50, AR 156, T114	Séc. I d. C. – séc. III	NOP e importação
Jarras de bocal afunilado e bordo em aresta	Is 92 e 104, T95/101	Séc. II – Inícios do IV	Importação
Galheta de bico repuxado	Is 88b, AR 169	Incerta: séc. II – III	Importação
Frasco cilíndrico de bordo afunilado	Is 102, T110b	1ª metade do séc. IV	Importação
Jarro ovóide ápode de bocal afunilado		Incerta: séc. IV	NOP
Jarro piriforme ápode de bocal afunilado		Incerta: séc. IV	NOP, provavelmente Braga
Garrafa cilíndrica de bocal afunilado	Is 126/127	Finais do séc. III – 1ª metade do V	NOP e importação

Jarro ovóide de pé anelar e bocal afunilado	Is 120a	Incerta: séc. IV - V	NOP
Jarro de bocal afunilado e fios aplicados		Incerta: séc. V	NOP, provavelmente de Braga
Garrafa piriforme	Is 133	Incerta: finais do séc. IV - séc. VI	NOP, provavelmente Vigo
Garrafa cilíndrica de bordo espessado		Incerta: séc. VI - inícios do VII	Vigo
Lâmpadas			
Lâmpadas de pegas	Is 134	Incerta: finais do séc. IV - VII	Braga e Vigo
Lâmpadas cónicas de base protuberante	Is 106d	Incerta: finais do séc. IV - meados do VI	Vigo
Fichas de jogo			
Fichas de jogo em forma de botão		Romano	NOP ou importação
Fichas de jogo improvisadas		Romano	Local
Vidro arquitectónico			
Vidraça quadrangular plana		Incerta: séc. I d.C. - IV	NOP
Vidraça circular redonda		Incerta: finais do séc. I d.C. - IV.	NOP ou importação
Tesselas de mosaico		Romano, Medieval	Importação e local
Adornos de vidro negro			
Braceletes, contas, anéis, pendentes e pedras de anel		Incerta: segunda metade do séc. IV - V	Braga